





Como se viver fosse assim

Copyright © 2009, by Domingas Econgó de Almeida, vários autores
& União dos Escritores Angolanos

Capa

Foto da Daisy Dias

Projecto Editorial da Direcção da UEA

Revisão

Jurema Oliveira

Design Gráfico e Impressão

Imprinta Express

Depósito Legal nº 4625/09

Tiragem

1000 Exemplares

1ª Edição: Luanda, 2009

Colecção: «Sete Egos» nº 10

Todos os direitos desta edição à UEA

Site: www.uea-angola.org

Tel : 222-322421/323205 Fax: 222-323205

E-mail da organizadora: nanaalmeida2@hotmail.com

Domingas de Almeida

Como se viver fosse assim



União dos Escritores Angolanos

<< Sete Egos >>



A Deus minha luz e força que
a cada dia me protege e conduz.
Ao Vasconcelos, AB. pela amizade e incentivo.
À Dra. Jurema pela força e apoio.
Aos meus pais e os meus seis irmãos que tanto me ajudaram.
E a todos os amigos que directa ou indirectamente me apoiaram.



SUMÁRIO

Arnaldo Santos	15
<i>As Estórias de Kuxixima</i>	
1 Tesouro de quianda	17
Carmo Neto	25
<i>Degravata</i>	
2 Degravata	27
3 A garina da marginal	31
4 Ai, a minha herança	35
Dario de Melo	37
<i>E Agora André</i>	
5 Senhora das sete idades	39
6 E agora, André?...	45
Fragata de Moraes	51
<i>Momentos de Ilusão</i>	
7 O filho	53
8 Traição	59
Henrique Abranches	67
<i>Gente que Anda Por Aí</i>	
9 Orapto das cidades	69
Henrique Guerra	73
<i>Três Histórias Populares</i>	
10 Os dois filhos de Dom Pételo	75
11 O Sassa-Lukalu	87
Isaquiél Cori	93
<i>O Último Feiticeiro</i>	
12 Cristina	95
13 Porque comi o meu mestre?	101
14 Na curva do tempo	109

João Melo	117
<i>O Dia em que o Pato Donald Comeu pela Primeira Vez a Margarida</i>	
15 Violência	119
 <i>Imitação de Sartre e Simone de Bovo</i>	
16 O fato azul escuro	127
17 E de repente as flores murcharam	131
 João Tala	135
<i>Os Dias e os Tumultos</i>	
18 A camisa	137
19 Marquita tem um romance	141
20 O caso do Chenju	147
21 Georgina	151
 José Eduardo Agualusa	159
<i>Catálogo de Sombras</i>	
22 A bigger splash	161
23 Discurso sobre o fulgor de língua	165
24 Falsas recordações felizes	171
 José Samwila Kakweji	175
<i>Gira-Bola na Selva</i>	
25 Por que o cão odeia os outros animais	177
26 Conversas de cães	181
27 Vozes de animais	183
28 O esperto e o ignorante	185
 Manuel Rui	187
<i>Saxofone e Metáfora</i>	
29 601 pares de sapatos com metáfora	189
30 Eu também posso cantar	197
 Marta Santos	211
<i>Gita e Outros contos</i>	
31 Carta para sua <i>dez</i>	213
32 Joana Maluca	217

Ondjaki	221
<i>Os da Minha Rua</i>	
33 Pássara Ritita, a nuvem	223
Pepetela	225
<i>Contos de Morte</i>	
34 Estranhos pássaros de asas abertas	227
Roderick Nehone	233
<i>Uma Bóia na Tormenta</i>	
35 Catrapus!	235
36 O malefício	243
<i>Estórias Dispersas da Vida de Um Reino</i>	
37 Bondomínio	255
38 Estórias à volta de bandidos	259
Sónia Gomes	265
<i>Apenas Entre Mulheres</i>	
39 Apenas entre mulheres	267
40 Uma coincidência extraordinária	281
41 Quando falta oxigénio no berçário	301



NUANCES DISCURSIVAS

A contemporânea literatura africana pertence a uma rede de cumplicidade. Rede esta cuja matriz primeira é a tradição, fonte que durante décadas vem alimentando as narrativas africanas. Neste sentido, os escritores estabelecem um pacto com as suas origens e, convocando outras memórias, seguem o percurso dos contadores ancestrais.

O espaço matricial é recuperado em vários níveis, o destaque, no entanto, é para a discursividade oralizada e a materialização de tal discurso, quando o autor modifica, altera a língua portuguesa ao introduzir termos e estruturas frasais oriundas do kimbundu, do kikongu, do umbundu e de outras línguas que representam o lugar da angolanidade. Logo, o conto angolano tem uma tradição oral, constitui-se numa herança ancestral, baseada em lendas, mitos, fábulas e provérbios.

Para esta antologia priorizamos contos de autores que valorizam a cultura tradicional e de temáticas mais contemporâneas. São títulos fora do “grito” anti-colonial, base de muita produção suficientemente divulgada nos períodos pós-independência. Sendo assim, textos como “Sassa-Lukaiu” e “Os dois Filhos de Dom Petelo”, in *Três histórias populares e* “Porque comi o meu mestre?”, in *O último feiticeiro* corroboram esta temática.

Nesta linha de raciocínio, pode-se dizer que o hibridismo matricial - as recordações do autor e da comunidade a que pertence - presentes nos textos de autores como José Eduardo Agualusa, Carmo Neto, Isaquiel Cori, Sônia Gomes, entre outros que compõe esta antologia, constituem um paradigma que busca abarcar as diversas nuances discursivas presentes no cenário literário actual. Por outro lado, verifica-se que as narrativas aqui representadas dialogam também com outras literaturas. Cabe ressaltar, no entanto, que a composição da antologia procura atender também a uma necessidade crescente de materiais acessíveis para atender os sectores escolares nos diversos níveis por acreditarmos que a formação educacional dos nossos jovens se dá por meio do acesso aos diversos textos.

Domingas E. de Almeida
Luanda, Fev.2009



ARNALDO SANTOS

Arnaldo Moreira dos Santos nasceu em Luanda aos 14 de março de 1935. Obras publicadas: *Fuga* (1960), *Uíge* (1961), *Quinaxixe e tempo de munhungo* (1965), *Poemas do tempo* (1977), *Kinaxixe e outros poemas* (1981), *Na mbanza do Miranda* (1984), *O cesto de katandu e outros contos* (1986), *Nova memória da terra e dos homens* (1987), *A boneca de Quilengues* (1991), *A casa velha das margens* (1999).



TESOURO DE QUIANDA

Naqueles tempos, mesmo quando Rita Cafifi já conhecia de cor todos os caminhos que iam dar na lagoa; mesmo quando, de olhos fechados ele podia correr sem susto, qual o vento livre, o exuberante chão quinaxílico; mesmo quando nos seus sonhos já tinha aprendido a sobrevoar os caminhos todos dos matos e muxitos das margens da lagoa; nesses tempos, havia um mistério que lhe escapava desvendar.

A princípio era apenas uma vaga desconfiança, mas depois tinha virado uma certeza. Havia algo na lagoa de que se fazia grande segredo, e quem lhe conhecia bem eram as donas-quimamães do Quinaxixe.

Eram sempre elas que mais lhe procuravam. Eram sempre elas que estavam sempre precisando ir na lagoa em busca de ajuda.

Mas o que é que a lagoa lhes estava a oferecer? Esse é que era o grande mistério para Rita Cafifi.

Rita Cafifi pensava, pensava, até que então lhe veio na cabeça uma ideia. E adivinhou; era um tesouro.

Na lagoa havia um tesouro que as quimamães iam buscar quando precisavam, e só mesmo elas dispunham do segredo que lhes permitia chegar a esse tesouro.

E nesse seu convencimento, ele espiava os movimentos das pessoas nas margens da lagoa.

E mais de uma vez lhe foram queixar na Nga Manda, lhe disparatando de mona sem educação.

Uma vez, quem ficou mesmo muito zangado foi sô Tomaji, funileiro-canalizador que se sentiu insultado:

– Xé! Miúdo... fidacaxi...

Vociferou, lhe perseguindo, enquanto Makongo, filha jingongo de Sá Luzária, com quem ele estava a namorar atrás das quissassas, amarrava os panos nas pressas.

Desde essa vez, Rita Cafifi ficou apenas sabendo no Quinaxixe também se passavam muitos outros casos estranhos, mas aqueles nem sequer eram os mais misteriosos. As cerimónias de pôr mesa nas margens da lagoa para oferecer comida na lagoa é que lhe intrigava demais, mas esses ele evitou continuar a espiar-lhes.

Não deviam conhecer os segredos da lagoa, senão não lhes estavam a cambular com as comidas boas de quitande, bombó, milho da canjica e tudo mais.

Não eram aqueles mistérios que ele procurava, e queria desvendar. Perguntar em Nga Manda, sua mãe, não valia a pena. Ela ia-lhe só ralhar. A sentença definitiva já estava preparada: – Criança não se mete nos assuntos dos mais-velhos... mesmo você é muito assanhado...

Rita Cafifi nunca conseguira mesmo esquecer a impressão que lhe causaram as palavras receosas de Nga Manda, quando um dia ele lhe pediu para lhe deixar acompanhar na lagoa.

– Não me trás azar... Você mesmo também és filho dela... Não vais, se não vais ver... Quem é que te está a meter essas coisas na cabeça...? – ela estava mesmo zangada quando lhe ralhava.

Foi mesmo essa proibição terminante que, certo dia, lhe levou a seguir de longe sua mãe Nga Manda, quando ela no cedinho da manhã se esgueirou sorrateira e foi ao Quinaxixe.

Na véspera ele já tinha desconfiado do que iria acontecer. Antes de dormir, Nga Manda falou ainda com o fogo das massúica, mexendo e remexendo nas lenhas, soprando nas cinzas, parece atiçando o fogo. Essa sua fala baixinho era uma conversa que só mesmo o fogo lhe ouvia. E a cantiga que ela depois se embalava era sempre a mesma. Sempre acontecia assim, quando ela se sentia muito abandonada e precisava de ir no Quinaxixe.

Espiar uma mãe é feio mas, nesse dia, o candengue Rita Cafifi seguiu mesmo atrás de Nga Manda, aplacando no capim e protegendo-se atrás das árvores, até que ela chegou na lagoa.

E depois, detrás de um muxito do Quinaxixe qual mangusso escondido, viu tudo. E não acreditou no que estava vendo.

Nga Manda parecia estava a acender um fogo dentro das águas da lagoa. Mesmo sem vela, nem nada, só com as mãos. Ele não podia acreditar. Mesmo, nesse momento, os seus olhos nem que piscaram uma única vez, a admiração lhes abriera desmesuradamente.

A mãe tinha acendido o pequeno fogo em cima das águas da lagoa. Ele tinha visto tudo.

Nga Manda entrara devagar nas águas da lagoa e se curvara lentamente. As águas estavam tão escuras e serradas que as pernas de Nga Manda pareciam enterradas na lama até nos panos.

Então nessa posição, curvada, ela cavou em cima das águas com a mão em concha, abrindo uma brecha enquanto ia encerrando sua reza lenga-lenga, ele ouvia a música, a cantiga era sempre a mesma.

Foi, então, que o fogo aconteceu. Na pequena cova aberta na água, um túnel começou a clarear, transluzente e o canto-confissão de Nga Manda foi descendo como uma semente luminosa, fagulha de fogo brando, descendo, descendo até que caiu no fundo da lagoa. Ali ficou, era então já uma estrela-de-fogo, sua luz se apagava e se acendia, qual um coração a bater.

Quando, por fim, Nga Manda parou de rezar suas malambas de mulher traída, as águas de barro voltaram a fechar-se sobre si mesmas e a estrelinha desapareceu.

Desde esse dia, aquele túnel de luz, a estrelinha-de-fogo qual um coração a bater no seu compasso certo no fundo da lagoa não saíram mais da cabeça do miúdo Rita Cafifi.

Ele receava contar aos amigos do Quianaxixe, não lhe iam acreditar, eles eram mais velhos e nunca tinham encontrado nenhuma estrelinha assim, iam duvidar. E todo aquele maravilhoso segredo ficou no seu coração pequenino, que queria murchar debaixo do peso de tanta emoção e quase não lhe deixava respirar.

E o Rita, filho-candengue de Nga Manda, afamada quitandeira de maquezo, e que também lhe conheciam por Rita cafifi, começou a ficar magrinho e tristonho.

Afligida com a doença do seu filho-único, cassule, Nga Manda correu nos quimbandas. Adivinha aqui, adivinha mais ali, os quimbandas não descobriram a origem do mal, até que disseram:

– É espírito que lhe agarrou... – e assim lavaram suas mãos.

Nessas aflições, Nga Manda pediu então ajuda em Quianda, que sempre lhe ouviu. Ela não sabia se espírito da lagoa, era espírito-de-homem ou espírito-de-mulher, mas esse espírito sempre lhe tinha ouvido. Fora sempre testemunha do amor que desde os primeiros dias, ela, Nga Manda, mulher traída, tinha nesse filho-da-muxima que lhe deixaram na barriga.

Também, dessa vez, Quianda não lhe abandonou. E lhe respondeu só embora nos seus silêncios liquidiosos:

– Trás então a criança ...para eu lhe arreceber também dentro de mim...

Essas palavras finais Nga Manda não entendeu direito. Mais obdeceu.

Era enfim, o momento, que Rita sempre tinha desejado. Ir na lagoa com sua mãe Nga Manda .

Mesmo quando já estavam nas margens sobreveio na cabeça de Rita, uma lembrança muito antiga. Não era a primeira vez, que ele ia com a mãe na lagoa. A velha cantiga da mãe, afinal ele sempre conhecera, nunca que tinha esquecido, talvez mesmo ainda estivesse na barriga de sua mãe quando lhe ouviu pela primeira vez. Reconhecia-lhe apenas.

Ele já lhe ouvira também quando faz muitos anos Nga Manda lhe embalava nos panos das costas, e então aquela luz intensa da estrelinha-de-fogo no fundo da lagoa lhe tinha feito piscar os olhos.

Agora regressava embora com sua mãe, já monacandengue, mas pelo seu braço para ela no espírito da lagoa.

– Vê... está então aqui o filho que pediste... – disse ela assim, ao entrar na lagoa.

Ainda a mãe estava a começar a pedir na Quianda, e lhe seguava com força no braço quando Rita Cafifi começou a sentir que estava a flutuar, igual sumaúma do pau-de-mufuma. O peso que an-

tes lhe cobria o coração e que não lhe deixava respirar, num instante tinha desaparecido.

E ele ficou tão leve que já não sentia nada. Num momento, ele já não sabia se era o ar que lhe entrava no peito, ou se ele mesmo já era o próprio ar, o vento.

Aliviado, Rita Cafifi virou-se feliz para mãe para lhe dizer que já estava bom, mas ficou só calado, admirado. O que é que se estava a passar?

Nga Manda levava as mãos na cabeça e gritava para toda gente:

– Aiué! mom’ami, aiué mon’ami... me levaram embora o meu filho...

Ele não percebia o que estava a passar, porque Rita Cafifi estava a ver a mãe, ali, ao pé dele, a gritar seus gritos de aiué! mon’ami... mas ele estava ali mesmo e estava-lhe a ver. O que é que a mãe dele tinha?

Essa cena porém ia ficando cada vez mais distante e os gritos de Nga Manda foram diminuindo até que deixaram de se ouvir. O que é que poderia ter acontecido?

A admiração do Rita Cafifi demorou pouco. A sua atenção tinha-se voltado para o que estava a suceder na frente dos seus olhos.

No meio da lagoa uma luz vinda do fundo das águas começou a tentar romper, borbulhava, a princípio como uma mancha redonda leitosa no seio das águas barrentas, mas depois sempre e sempre mais viva e luminosa.

Rita Cafifi no seu espanto caté pensou: – Cada vez, hoje, o sol vai amanhecer no fundo da lagoa....

No entanto, não sentiu medo. Nem mesmo quando no meio da lagoa a água começou sua dança circular, girando, girando, qual dança de bungulamento. E foi num redemoinho das águas bungulamento que surgiu e se ergueu acima do leito da lagoa, algo parecido como grande cabeça sem rosto e cabelos revoltos, crespos pelos barros, e agitados pelas plantas vivas, quais pequeninas serpentes do fundo da terra. Era Quianda.

No entanto, Rita não sentiu medo. Nem mesmo quando percebeu que tinha sido humedecido pelo olhar líquido de Quianda que lhe ciciou:

– Andavas na minha procura...? – a voz de Quianda era só o marulhar das águas, mas mesmo assim Rita entendeu.

– O que é que me queres... Quais são os teus desejos...? – Quianda novamente lhe perguntou sem descerrar as pequenas ondas suspensas que lhe cobriam como pálpebras.

Então, dessa vez, o monandengue Rita, filho alheio da Nga Manda, na sua inocência respondeu:

– Quero também ver todas as riquezas da lagoa... o tesouro da lagoa...

– Então vem...– foi só o que disse Quianda quando começou a descer e as águas lhe obedecendo chamaram o miúdo Rita para o redemoinho.

Assim, Rita Cafifi foi afundando nas águas, afundando, afundando, mas a medida que ia entrando cada vez mais no interior da lagoa, a luz tornava-se mais intensa, por fim era mesmo qual o próprio fogo do sol. Tinha pousado no fundo da lagoa.

Ali, então, e estendido em panos dourados brilhava o tesouro. O tesouro, eram todos os jingondos que alguma vez se podia imaginar no mundo. Os ouros das gargantilhas, colares dos pulsos e dos tornozelos, os ouros dos dinheiros antigos, onças, peças, patações; eram mais os colares de mindangala, anéis de malaquites, corralinas, turquezas, e as opalas espelhos das cores das outras jóias; eram os rosários, eram vestes douradas, peles, penachos, tangas e panos de seda e veludo, almofadas rendilhadas em jinjiquita com fios de ouro e prata, e as pérolas e diamantes.

– Todas elas estão a estremecer como a estrelinha-de-fogo...– Rita, admirou-se. Era como se cada jóia tivesse sua vida própria.

Foi então que Quianda lhe falou no ressoar das águas do fundo da lagoa:

– Quizeste conhecer o meu tesouro... então, agora já lhe podes ver. Aí estão as jóias...e é mesmo o que estás a pensar... Todas elas têm sua vida própria...

E explicou ainda: – Cada jóia destas que estás a ver, conta uma estória... são todas as malambas que me contaram...as rezas de dor...

as queixas, os segredos de amor. Me ofereceram nas margens da lagoa enquanto as pessoas estavam a chorar. Essas lágrimas, eu depois lhes transformei assim nessas jóias...

E ainda quando o Rita Cafifi mudo de espanto não sabia o que falar, Quianda se foi diluindo, dizendo:

– Agora que já conheces as jóias do meu tesouro, nunca mais vais poder te esquecer delas... e vais viver na sua luz.

O brilho de todas aquelas jóias eram tão intenso, emitiam tanta luz que os olhos da Rita não mais se tornaram a fechar.

Quando, três dias depois, Nga Manda lhe recebeu de novo em casa, foi assim que lhe viu. Os seus olhos já não piscavam. Estavam sempre abertos, iluminados por uma luz, que nunca iria desaparecer. Estava cego.

Nessa ocasião, sem saber o que tinha acontecido, mas adivinhando uma desgraça, Nga Manda começou a chorar alto seu azar, lamentando a sorte:

– Aiuê! Meu filho Rita, minha desgraça... Quem me mandou só levar meu cassule na lagoa...Aiuê! meu azar...

Foi então que Rita lhe acalmou, dizendo:

– Mamã, não chora... Eu venho-te dizer que assisti o aparecimento de Quianda. Pareço que estou cego, mas não estou... Mesmo minha riqueza, a que recebi de Quianda é essa... de estar a ver melhor que os outros.

Mas como Ngana Manda não lhe entendia assim, e sempre chorava mais, ele continuou:

– Vamos sentar na esteira... Logo vou-te contar tudo o que se passou.

E depois de ter contado a estória, disse no fim:

– Agora então já estás a perceber...? Minha riqueza é esta... A riqueza de poder ver tudo o que o povo pensa... A riqueza de poder conhecer desejos das pessoas, para lhes compreender e... ajudar também... então dentro de mim, vai também nascer um tesouro igual ao de Quianda...



CARMO NETO

Carmo Neto nasceu em Malange aos 16 de Outubro de 1962. Obras Publicadas: *A forja* (1985), *Meu Réu de Colarinho Branco* (1988), *Muhézu* (2000), *Joana Maluca* (2004) e *Degravata* (2006).



DEGRAVATA

Ontem, ao desfolhar as manhãs do antigamente, revi o homem degravata a passar, bem parecido, pele brilhante e lisa, Kota João Faztudo, casado com a alegria e de voz cristalina.

Víamos passar o Kota, enquanto conversávamos à sombra das mangueiras. Oh! Novas e velhas mangueiras, seus troncos dançavam e assobiavam e, para regalo da garotada, as mangueiras deixavam cair as mangas. Oh! Mangueiras da Missão Católica!

Mesmo senhoras com tambores e cabaças a oscilar na cabeça inclinavam e curvavam o pescoço pra ver o Kota João Faztudo passar – oh!, com que charme! Trabalhava no hospital. De afazer concretamente desconhecido, era, no entanto, tratado por Sôtor, degravata. Toda a gente olhava em sentinela para o Kota João Faztudo.

Com espanto, incredulidade na cara e desdém, Manuel Viagem disse ao Zé Kamauindo que o homem era uma mentira. Os olhares restantes entristeceram. Ninguém concordava. João Faztudo era o único nativo não submaltratado.

E Adalberto, matulão, esperto e zombeteiro elevou a voz e disse com energia:

– É dagravata!

Degravata ou não, o homem era Sôtor respeitado. Mais vezes amontanharam a desconfiança.

Ante a acentuação pontuada sempre com um “não é verdade”, Kota João Faztudo nunca denunciou, no entanto, o fingimento da sua gravata, tampouco a dor por alguma da provocação bisbilhoteira, até um dia ser descoberto, por unanimidade e aclamação, criado do Hospital, lavador de bacios, sem blindagem nas narinas!

Houve gracejo e troça. Beto Canivete, um gajo nem bonito nem feio e com um ar de visão romântica, decidiu roubar a experiência.

Era vê-lo plantado nos passeios da cidade, degravata a olhar pra colegas e amigos refractários a enxamearem camiões, e, ele, com a isenção militar na gravata, saudado em continência rigorosa, por oficiais superiores.

Decidido a casar, culpara a falta de sorte na escolha, na falta de uso da gravata, com terror estampado nos olhos. Nunca abandonava a paciência e quando se decidiu...

Agora, degravata, tinha a esperança e os olhos pra Eunice. Aguardava por um sinal, mas nunca veio, depois de lhe ter entregue um ramo de flores e confessado juras de amor. Alguns dias depois, ela apareceu e quis saber se era rico ou pobre degravata?

A segunda, a Joana Flor, em resposta passou suas mãos suaves e frescas na nuca do Beto Canivete e pediu-lhe com ternura dinheiro pra fraldas e leite do seu novo bebé!

O homem, condoído, exilou-se no quarto com os cotovelos sobre a cómoda. O rosto entre as mãos espalmadas, olhou-se pró espelho e viu a cara da Minga. Parecia querer agarrar o tempo mais depressa. Continuar a batalhar exausto pràquilo parecido às cartas de amor assimiladas na escola primária Setenta e Quatro. O tempo parecia fazer vibrar as fibras do peito a sangrar de saudades, mas os olhos brilhavam de satisfação.

Confessou o seu último desejo ao Manuel Viagem. Ao invés de encorajá-lo, explodiu de risos até acalmar-se com o habitual tossicar, desejando-lhe sorte.

Minga, elegante, ancas largas de olhar ingénuo, usava cabelos esbranquiçados por madeixas e bubus com largos decotes. Simpaticamente quis saber se Beto Canivete era chefe.

O homem degravata, enxovalhado na sua honra, questionava-se: “As cartas de amor eram uma mentira?”

Lembrou-se, no entanto, já ter sido chefe, mesmo sem credencial ou nomeação: – um dia, diante de uma bicha na loja dos chefes, toda a gente meteu-se em sentido. Deixaram-lhe entrar com prioridade e foi

aclamado como chefe na loja dos ministros, porque ele estava ricamente vestido de fato de bom corte, feito por medida, com uma impecável camisa branca, degravata!

Mahézu, Ngana!



A GARINA DA MARGINAL

Sabia-se que Sô Salvador gramava de desferrar seu tempo de despreguiça, redemoinhando pelos atalhos, ruas e ruelas do bairro. Mas, que o homem servia de referência, também era por demais consabido. Quando ele chegava, o sapateiro ao lado sabia que eram exactamente doze horas e trinta minutos. E foi sempre assim, porque o velho sapateiro, apesar de cabelo grisalho, não possuía relógio. Era um profissional desenrascado.

Quem não gabava a verticalidade do Sô Salvador, pá?! Hoje, tem estado a mudar espontaneamente. Mostra-se inflamado de emoções. Dizem que anda sonâmbulo desde quando fora a uma missa do galo e conheceu uma menina vestida de viúva. Embora o olhar não parecesse enlutado, a cor preta das meias de vidro e da blusa e mais a mini-saia da mesma tonalidade, provocavam um frenético bater das ancas – fê-lo não resistir ao pedido da boleia.

Nada conformaria o homem, por estar a transportar uma viúva “Menina, jovem, boa de olhares sedutores, que, logo ali, mostrava as ancas todas e que só poderia estar a viubar um namorado ou um noivo matulão vadio, porque caso fosse antigo marido, talvez um velho morto pelos odores a bolor do dinheiro, não necessitaria da minha boleia!”, monologava intimamente Sô Salvador. A suspeita avolumava-se mais que a certeza. Mas, encolheu os ombros e quis, então, saber como se chamava:

- Estrela.
- Nome de artista.
- Ó kota, és um chatão!
- Kota não, esse nome não, pá, sou o Antonito. Vamos dar uma volta.

Então, muito prazer, prefiro que passemos antes em minha casa.

Entraram em casa, onde estava sentada, na sala de visitas, uma senhora gorda, com o sovaco húmido de suor, bochechuda, que foi apresentada ao Antonito como madrasta e que, mal se concluíram cumprimentos, começou logo por gabar-se de que estava ali a ver a televisão, que naquele dia mesmo um genro seria nomeado ministro, até despedirem-se, como se já tivessem estabelecido alguma ponte de amizade.

De regresso à porta, a madrasta chamou Estrela e deixou que ele se distanciasse o suficiente pra meticulosamente borboletar os ouvidos da enteada.

E, de regresso e num ápice, relampeja: “Ó filho, tou a precisar de cem dólares pra deixar com a mãe, querido”. Quase mudou e a disfarçar a surpresa e a evitar enrugar a face, meteu a mão no bolso da camisa de seda, tirou uma nota de cem dólares e entregou: “Ah! És um amor”, suspirou a menina de satisfação, que lhe beijou fogosamente antes de levar o dinheiro pra casa, enquanto sô Salvador, como um pato a sair da água, atarantado que nem uma barata tonta, convencencia-se sobre o que ouvia de si falar: “ Um homem charmoso, de maneiras finas”.

Continuava a ondular na escuridão das noites, colonizado pelo prazer. Eram dias e noites que ela sempre vinha e sumia como nuvem, mas achava ele normal. Um dia, porém, decidiu impor um confessionário:

– Olha, Estrela, tu não me dizes nada sobre teu local de estudo, de trabalho, vá, anda lá, desembucha.

– Estudo na Faculdade de Economia. Sou finalista.

A resposta lhe atazanou a paciência, já pela terceira vez dizia a mesma coisa e nunca vira a menina Estrela lá, pelo que replicou em voz alta e desdenhosa:

– Faculdade de Economia?

– Sim, já deixei de trabalhar naquela empresa estrangeira, Antonito.

– Ora bolas, granda lata, amanhã trazes o meu carro.

Os sonhos e a tristeza se misturavam na cabeça do Sô Salvador. Apesar de sua altura eucalíptica, não via luz pra solução. Tudo se fossilizava mais, pois quem trouxe o carro de volta, apresentou-se como noivo da Estrela, feito o proprietário da viatura.

Numa manhã baça de domingo fresco, pralém da cidade, na companhia do seu amigo João de Deus e, sentados numa mesa de bar a contar todos os arrotos das (des) venturas dos últimos tempos, seu amigo correspondeu, alegando que já perdeu trinta e seis mil dólares nesta brincadeira.

Mahézu, Ngana!



AI, A MINHA HERANÇA

É uma quitandeira que usa um recheado estojo de toilette, sapatos rasos da moda e finos lenços de seda, a combinar com a cor dos sapatos, e kimono, que ela veste garbosamente, a Nga Manda.

Recebeu recado do primo adoptivo do falecido marido que, sábado, o almoço seria em casa. Primo Lambreta iria almoçar naquela casa espaçosa, que nem vivendas herdadas e nacionalizadas, que Nga Manda construiu com as receitas do mercado de produtos “made in” fora de Angola.

Nada reudara sobre alguma intenção do primo a propósito. Quem sabe, fosse para mais uma conversa anedótica que tanto cultivava. Não faltariam jinguinga e o uce de que ele gostava. Os caranguejos do Namibe e as mangas do Quéssua, verdes e com sal, seriam a sobremesa.

De repente, batendo palmas sonoras, o visitante fez-se anunciar e, logo-logo, foi recebido pela sobrinha, uma rapariga que crescia entre o turbilhão das dificuldades da sobrevivência da mãe e a localização incerta do pai certamente ceifado por uma bala perdida. Hoje, porém, sua medicina calara a tristeza da Nga Manda. Primo Lambreta, de gestos largos, voz comedida e olhar brilhante, acomodado no cadeirão em direcção à mesa posta, ao certo, imaginava a quantidade e a qualidade de vitaminas e proteínas de que se proveria, para uma semana, quando fosse convidado a sentar para o ataque. O almoço estava perfumado.

Seu pouco-à-vontade, de voz cascalhada, à medida que servia o whisky, atraía cada vez mais a atenção da menina Vivi, sua sobrinha, que se sentou ao seu lado e perguntou pesarosa:

– Quê que foi, tio?

– Tou a pensar muito. Ai, desde que o primo Chico foi, cada vez mais aperto no coração vem.

Trémulo como uma vara de bambú verde, o homem alagou o rosto de lágrimas, parecendo até apagar fogueira espirituosa. Nga Manda

não se conteve e lá veio, da cozinha pra sala, dar umas palmadinhas ao primo Lambreta, para que se acalmasse, e convidou-lhe a sentar e almoçar.

Durante a refeição, o homem mexia atabalhoadamente os talheres. De olhar perdido na comida, conservou-se em silêncio, apenas interrompido pelo movimento dos maxilares.

No fim, de ventre inchado e olhos vidrados, primo Lambreta a endireitar o nó da gravata, num largo gesto de esgares, disse em voz alta:

– Ó prima, o mano deixou muito dinheiro, muita coisa. É tempo de vermos o assunto e a minha parte.

Sua intervenção gerou silêncio e uma onda de amargura e revolta, que fez, logo de seguida, Nga Manda responder:

– Aqui teu primo não deixou nada. Trabalhei tudo sozinha. E, você, cuidado, porque és primo emprestado. Cuidado mesmo, que o noivo da Vivi é advogado que trata de heranças, ouviu?

Lambreta, que entrou sorridente naquela casa espaçosa, que nem vivenda herdada e nacionalizada, procurava um voo... lhe apanharam na contracurva...

Mahézu, Ngana!

DARIO DE MELO

Dario de Melo nasceu em Benguela aos 02 de Dezembro de 1935. Obras Publicadas: *Quem vai buscar o futuro* (1982), *Quem se gaba* (1982), *Quem gosta de cantar só* (1983), *A estrela sozinho* (1986), *Um comandante sem arma* (1983), *O galo e a rola* (1984), *Estórias do leão velho* (1985), *Vou contar* (1988), *Queres ouvir?* (1988), *No país da brincadeira* (1988), *Inaldino, policial* (1986), *Quitubo, a terra do arco-iris* (1990), *Os riscos mágicos* (1993), *Onda dormida* (1991), *Quando os meses tinham nome* (2001), *Aqui mas do outro lado* (2000), *A quarta idade* (2002), *A senhora dos passarinhos* (2005) e *E agora, André?* (2005).



SENHORA DAS SETE IDADES

Esparramada no cadeirão, gorda, baixinha, quadrada – tanto de largura de ombros, como de altura – pés que não chegavam ao chão, a balançar ao ritmo da música, ninguém diria que a senhora fosse uma técnica efficientíssima numa companhia de petróleos.

A sua vida tinha duas partes distintas: a profissional que levava a companhia a aceitá-la apesar do ar estranho da senhora – faz parte da eficiência profissional a presença agradável do funcionário – e uma outra que evitava que ela sofresse de *stress*, depressão e outras demais moléstias – o local dos sonhos em tinha quinze anos e era menina, dezoito a despertar mulher, vinte e um, primavera do feminino, vinte e cinco a trinta, mãe, trinta e cinco a mulher esplendorosa, e às vezes, quarenta ou cinquenta a seguir os namoricos e casamento dos filhos, sessenta em tempo de ser avó.

Raramente chegava a estas idades. Quando atingia o limite da juventude regressava, gostosamente diga-se, aos quinze – a sua idade preferida, tempo de inocência à espera das surpresas do futuro. Havia uma forte cumplicidade entre a música e o que ela sentia por dentro, a dançar, balançando as pernas – flácidas, curtas, gordas e disformes que nem chegavam ao chão.

Não há música para os sessenta anos nos bailes de hoje. A música, a verdadeira música, é sempre jovem – tem ritmo, tem barulho, tem cerveja que bebe calmamente. E aí está ela, com quinze anos agora, apesar de imensa, diríamos mesmo: aflitivamente gorda, gordíssima, diríamos até: gordentérrima.

Claro que a palavra não existe e o amor como o dela também não. Ele é um rapaz bonito, doce, ligeiramente tímido. Aliás, ela gosta desta timidez – quase medo – com que lhe toca no braço. Sente um arrepio a percorrê-la, entre o prazer e o receio de pecado, de um limite, como

quem está à beira do abismo. Cai, ou não cai? O seu medo é que os homens tímidos, podem por vezes tomar decisões absolutamente inesperadas: agarra-la, beija-la, tentar outras coisas. Sente as mãos dele a aflorarem-lhe os seios. Depois a tentativa de lhe abrir a blusa. Depois...

Um gole de cerveja amarga e bem gelada para evitar ter de lhe ralar com dureza. Aliás a música já não é aquela trepidação maluca de adolescente. É mais adulta e ela tem dezoito anos e ele, um pouco mais velho, com o mesmo medo e timidez. Beija-a. Tacteia-a. Estão bem escondidos no vão da porta. Ela deixa. O papá e a mamã saíram com demora. Ele apareceu como que por milagre. E sente as mãos quentes dele a subirem-lhe pelas pernas. Diz não. Ele insiste. Tão bom que está, e tão perto que as mãos estão! Ela afasta-o: «*Quem julgas tu que eu sou?...*» E ele, ofegante, crispado, tonto de desejo: «*O amor da minha vida*». E ela virtuosa e digna: «*Então aprende a respeitar-me. Quantas vezes já te disse que não quero...*» E a música apaga-se e ela fica num silêncio interrompido, profundo e tenso, sentindo-o ainda à sua frente. Bebe um gole – amargo e frio como que para esconder a vergonha, como se tudo se tivesse passado ali e à frente de todos.

Ela gosta imenso de vir a estes bailes. As pessoas nem sempre a entendem. O sacrifício que ela faz a subir escadas, agarrada ao corrimão, cansada, ofegante, asmática, parando a cada dois degraus, impedindo os de baixo de subir e os de cima de descer, e principalmente, os olhos de lástima de quem tem consciência de como aquele corpo imenso embaraça tudo e todos... E também, os olhos envergonhados dela, postos no chão, pesados, como que a fugir àquele espectáculo que a magoa por dentro, que grita na impaciência dos outros... Os olhos dela, humildes e sem revolta, a pedirem mudamente: “*Por favor desculpem. Não tenham pena de mim, mas mesmo que tenham, por favor desculpem...*”

Há pessoas que procuram entender. “*Coitada! Com aquele corpo imenso, desajeitado e imenso, flácido, esparramado e a cair por todos os lados, tem de ter algum passatempo*”. Aliás, e para que se saiba, ela só vai a bailes e festas de colegas. Todos a convidam. Primeiro, porque à parte as subidas e as descidas, ela não dá chatice nenhuma. Se lhe

pussem a cerveja, bebe. Se a esquecerem, não reclama. Se lhe derem de comer, come – um quase nada que todos admiram como ela sustenta aquele corpo.

Depois, porque a alegria infantil dos olhos dela quando a convidam é tão grande, tão visível, tão tocantemente agradecida que quem tenha no peito um coração por pequeno que seja, não resiste a convidá-la. É sempre a primeira a ser convidada – não só pelo gosto que lhe fazem, como por reconhecerem que ela é uma mão poderosa dentro da companhia. Sempre pronta a ajudar, diga-se.

Os directores passam e ela permanece. Num primeiro olhar o director que vem fica pessimamente impressionado com esta gordura descomunal. Gordura que significa suor, mas nunca ninguém viu que ela suasse. Depois a eficiência prevalece: ela sabe onde está tudo, sem recorrer ao computador, pode dizer de cor qualquer ponto de um contrato, o teor de cada carta, em que fase está ou estava, o projecto tal ou tal – tudo isto dito e respondido num impecável e doce inglês num surpreendentemente sensual francês que aprendeu não se sabe aonde, num alemão enérgico e mais, até: polaco, espanhol, sérvio, e outras surpresas – porque esta mulher é sempre feita de surpresas.

Os directores que vêm e passam, consideram-na pouco tempo depois como imprescindível, recusam-se magoá-la, atendem-lhe qualquer pedido. Como dizia um director com algum sentido de humor: *“Esta senhora é como a droga...Três ou quatro meses depois, estamos tão dependentes dela, que acabamos por não saber se somos nós que dirigimos, se é ela que dirige e o que é pior... É que sem ela não sabemos como dirigir”*.

Disso não sabem os colegas, mas calculam. Disso e das músicas que a fazem viver os vinte e um anos que já teve e agora, os vinte e cinco, quando nasce o seu primeiro filho e a menina que nascerá aos trinta e dois. Claro que é uma gravidez de risco. Quantas vezes já não discutiu o assunto com as colegas, com a esposa do director, com o marido que não queria, embora desejasse tanto como ela. Mas fora firme: dois filhos só, não chegam. Teriam de tentar a menina. Se viesse outro rapaz, paciência. Seria bem vindo de qualquer maneira. O risco

não é nenhum, quando se tem cuidado, um bom médico, e uma saúde de ferro como a dela.

Estava ela com trinta e cinco anos, quando o homem – um bonitão de quarenta, ou por aí – se sentou ao lado. Mais do que dar conta, sentiu a sua presença. Mais do que sentir, ouviu a sua voz.

– “*Tão sozinha!... O que faz uma mulher como você isolar-se desta maneira?...*”

Primeiro, pensou em sair da idade que tinha. Depois confundiu tudo – aquela voz profunda, tocava-a mais que o álcool. Não disse palavra. Olhou só o homem para se certificar de que não era sonho. De que ele falava com ela. E mais que falava: Debruçado sobre ela olhava-a com um carinho imenso. Rapidamente regressou à idade que deveria ter – vinte e um.

– “*Se me permite vou acompanhá-la a casa. Não é conveniente que vá sozinha para casa. Nunca se sabe, há sempre perigo. Espero por si lá em baixo. No meu carro eu serei a sua escolta. Até já...*” Sorriu e ela, sentiu-se frágil pela primeira vez em tantos anos. Teve medo.

O homem levantou-se e, como se por acaso, a mão dele pousou na sua mão. Sentiu um fogo um fogo doido subiu-lhe pelo corpo acima: “*Estou maluca. Isto não pode estar a acontecer...*” E levantou-se. Sem se despedir começou a descer a escada, rápido, quase a correr – como se ela pudesse correr! – a gritar por dentro: “*Estou doida!... Isto não pode estar a acontecer...*”

Mas acontecia que ela tinha vinte e um anos. Entrou no carro rapidamente. Arrancou. Olhou o espelho retrovisor, viu que outras luzes a seguiam: “*É ele...*” Aos vinte e um anos quem se importa de saber quem ele é?...

Parou. Ele esperava-a já à porta de casa. Abriu-a a tremer. Ele deu-lhe a primazia. Sentiu que a porta se fechava de mansinho atrás de si. Não se virou com medo que o sonho se desvanecesse. Calçou o primeiro degrau da escada, depois o segundo, sentiu as mãos dele na sua cintura. Deu mais um passo e ele atrás. Sentia o seu hálito quente sobre o pescoço. Mal deu conta que lhe desapertava a blusa. Subiu, cansada

de excitação, ofegante quando as mãos dele, ainda no escuro, lhe despertaram o *soutien*. Deixou-o caído no chão. No cimo da escada, ela própria o ajudou a tirar a roupa que ainda sobrava. E ele começou a despir-se. Encarou perfeitamente o facto de ter um homem nu à sua frente e da carpete servir para o que a cama deveria ter servido, se a urgência não fosse enorme, imensa, avassaladora.

Acordou, apalpou a almofada e ele não estava a seu lado. Soergueu-se a medo. Teria sido um sonho? O lençol descaiu e mostrou-a nua. Nunca em qualquer sonho estivera assim. Saltou da cama sem se importar com a nudez que lhe cachimbava os ossos. O corpo doía-lhe. A alma exultava. Olhou para os destroços do seu vestuário.

Afinal o que acontecera?...

Preferiu não saber. Preferiu não responder. Içou-se para a cama e recomeçou a sonhar este sonho novo. Quantos anos teria?...

Quarenta – o marido fora apanhado por uma dessas guerras aí. O marido, sabia-o agora, era Brigadeiro. Tanto que chorara!... Tanto que pensara que não seria capaz de sobreviver!... Mas os filhos precisavam dela e sobrevivera. Aparecera-lhe agora este companheiro. Vocês acham que as crianças – que já não são tão crianças assim – vão aceitar como pai, o padrasto que lhes arranjava?...



E AGORA, ANDRÉ?...

À Rosalina Pombal

Rosa tinha vinte e um anos, um filho de meses e um casamento feliz, quando, ao descer a Rua da Missão um camião militar a atropelou. Morreu logo. Não deve ter sentido a morte. Andará por aí, ou pelo céu, à procura de saber onde fica a sua casa.

O marido de Rosa tornou a casar passados dois anos. Além do filho que tinha e os avós tomaram conta, tem agora, passados estes anos todos a Hermínia, o José, a Vera e o Rodrigo.

Se a Rosa se tem atrasado um minuto só, sessenta segundinhos pequeninos apenas, caminhão tinha passado e além do filho que tinha – o Raúl – teria agora e também o André. Porque sabido que Rosa não tinha vocação para famílias numerosas. Dizia, para escândalo dos mais velhos: *“Dois filhos chega. Com azar três”*. Azar de quê, que é ter filhos?... Resmungava a avó. *“Olhe mãe, a vida está cara. Isto não é como antigamente: ter filhos, ter filhos...”* se eu fosse como você, agora tu, minha neta não estavas aqui. Teu pai é o quinto filho homem. *“Pois é, mãe, mas eu tenho a minha carreira. Não quero ficar só assim, mulher de fogão e lavadeira”*.

Se o *camion* não lhe tem quebrado a carreira, Rui seria hoje mais parecido com a mãe: determinado, estudioso, menino que cresceu e se fez homem, tirou o seu curso, foi para o casamento na altura própria, com a mulher certa, bem instalado na vida – umas vezes com praia, outras com campo na fazenda do compadre. Rui tem dois filhos: a Joana, que ele gostaria que se chamasse Rosa, mas para isso a menina tinha de levar o nome da outra avó que se chamava Jingongo. Rosa Jingongo é, como sabeis, nome de lavadeira, criada ou coisa que o valha. Posto isto preferiu ficar por Joana Andreia, enquanto o rapaz se baptizou na igreja de Nazaré – como era de uso e chique – e tomou o nome de Frederico Estêvão.

André, o desnascido irmão de Rui, era um corisco de inteligência. A quem saía ele ninguém sabe. Apanhava as coisas no ar. Como se soubesse antes de ser ensinado. Irrequieto. Brillhante. Não fez nunca o que os outros esperavam que fizesse. Os pais queriam-no formado em direito. Abandonou o curso no último ano e foi fazer matemática – um curso que, como sabeis não dá aquele gabarito, aquele nível que a outra licenciatura daria. Direi: é uma licenciatura menor, entre as grandes que são medicina e engenharia de máquinas. Isto sim, é que são cursos!... Dizia o pai. E um curso vale para quê?... Perguntava o filho. E perante o pasmo dos pais – coitada da mãe que quase só aos trinta anos conseguira completar o seu: trabalho, estudo, casa, e isso graças ao marido que tinha – perante o pasmo dos pais em vez de dar aulas num colégio: Senhor Doutor isto, Senhor Doutor aquilo, foi se enfiar num jornal onde toda gente é tu-cá, tu-lá: Ó André vai ali, ó André vai acolá.

Vocês não sei se conhecem os jornais?... Aquilo não têm sossego: metem-se com toda a gente. Não têm respeito por ninguém. Eles são as autoridades, eles são os governos, ele é também a Igreja – batem em todos. Aquilo é um fim de mundo sem rei nem roque e o André com eles...

Andou nisto dez anos, ganhando mal, vivendo pior – ainda por cima em vez de estar na casa dos pais onde o espaço chegava e sobrava, não senhor, pagava renda num apartamento.

Namoros sérios como a mãe queria e aconselhava, nada. Era um namorico aqui e outro acolá, que paleio e figura nunca lhe faltaram.

Um dia – ainda para mais num dia de semana, podia ter escolhido um sábado ou um domingo para a gente beber uns copos –, chega a casa dos pais com uma raparigota aflita, envergonhada e dispara:

–“Velhos: esta é a Verónica. Acabamos de casar mesmo agora. E mais: vocês vão ser avós...”

Senta-se à mesa e começa a servir-se dos restos que ainda havia. A mãe aflita manda sentar a miúda: “Senta-te, minha filha. Sejas bem vinda. Espero que botes juízo no desmiolado do meu filho. Vou te buscar um prato...”

Repararam então «os velhos» na barriga da moça e ficaram com a certeza de que iam ser avós. Aliás eles já eram avós por parte do Rui.

Comeu o André como gostava: com as mãos. Serviu-se timidamente a miúda que até então não abrira a boca. Aconselhava a mãe: “*Vê se tomas juízo. Tens quase quarenta anos. É preciso ter responsabilidade...*”

E ele que sim, a chupar os ossos da galinha. E o pai, olhando a juventude da nora, a pensar maroto: “*Burro velho, capim novo*”.

Lá assentou um pouco depois do nascimento do filho: continuava no jornal e dava meia dúzia de aulas num colégio. Continuava a não ter dinheiro, mas tinha prestígio. Filho fora, filho dentro, já ia com cinco e não sabia quando iria parar.

Um dia acordou a pensar: vou escrever um livro. Escreveu, dois. Três, quatro, cinco e cada livro era um escândalo. Dizia: Num ano faço um filho, no outro escrevo um livro. Tanto um como o outro com a regularidade matemática de dois anos.

Um dia à beira-mar reparou no filho mais velho – um rapagão. “*Qualquer dia vou ser avô e nem casa tenho para receber os netos...*”

Isto amargurou-o durante meses: “*Gostava de não morrer antes de conhecer todos os meus netos...*”

Passou tempos e tempos atormentado por esta preocupação: “*Que tens tu, homem que nem falas?...*” Ele grunhia ou dava uma resposta torta: “*Nem casa tenho que se veja...*”, criticava-se por dentro. O irmão, sim. Vivia num palacete. Cada sobrinho seu carro. A cunhada outro. Ele próprio de Mercedes. E eu, a pé... Sabem como lhe chamavam? O doutor sapati-lhas... Ora então comprou uma motorizada para maior escândalo de todos: Compre um carro. Em segunda mão que seja, mas andar nisso ficasse mal... E porquê? Onde é que já se viu um Senhor Doutor numa motorizada? O próprio irmão veio ter com ele: “*Mais valia que andasses a pé. Se for preciso compro-te o carro. Claro que tu és orgulhoso: empresto-te dinheiro e pronto. Pagas quando puderes*”. “*Obrigado. És um gajo porreiro*”. “*Não sou porreiro, sou teu irmão, porra!... Custa-me, ver-te viver assim...*” “*Custa-te, ou tens vergonha?...*” “*...Ora, vai à merda. Não se pode falar contigo*”. “*Pois não!... Se não podes falar, vais ter de ouvir falar de mim...*”

Por aqui e por acolá, meteu-se na política. Em dois tempos era assunto de primeira página. Escandalizava as gentes. Dava entrevistas, botava discursos e era abordado com boas palavras ora da oposição, ora do governo. Secretário para isto ou para aquilo do Partido quê e quê... Que tal Ministro desta ou daquela pasta?... Precisamos de um homem aberto, um homem sem papas na língua... Nem sim nem não, procurava pousar em sítio seguro. Um dia tirou-se dos seus cuidados, fez um empréstimo ao Banco: “*Por quem é, Doutor, basta-nos a sua assinatura...*” – Bastava uma ova. Era a sombra tutelar do irmão – . E deu-se para reconstruir o casarão da família. A mãe já muito velhinha tinha passado para um apartamento. Ficou quase um Palácio. Um Palácio humilde e metido no meio do musseque. Ali conseguiu meter a sua biblioteca que era imensa. Fez o seu escritório e era metade do edifício. No resto morava ele, a mulher e os filhos. Aumentou a admiração do Mundo: “*Se visses, livros tem tantos como a Biblioteca Nacional*”. Ali estava ele, numa mesa corrida e grande que lhe servia de secretária. Dois *maples*, que compunham uma sala de estar e sobrava sala. Só não sobravam paredes. Até ao tecto eram livros. Chegava-se lá cima por uma escada que rodiziava num varão de ferro e se empurrava de um para o outro lado. Foi aí, quando tudo corria pelo melhor que teve necessidade de uma certidão de nascimento...

Foi à Conservatória e nada de registo. O conservador era até amigo: durante dois dias buscou nos livros de registo e veio com uma espantada constatação:

- “*Ó Doutor, você desculpe, mas perante a lei o Senhor não existe*”.
- “*Não existo como?...*”
- “*Ora veja...*”

E o conservador procurava a melhor maneira de lhe dizer toda a estranheza que encontrara.

– “*O meu amigo não está registado aqui, o que não quer dizer nada. Lá porquê achei estranho e fui à procura de outros registo: o do seu irmão está; o do casamento dos seus pais está, com uma anotação que o registo de sua mãe confirma – ela morreu há quarenta e quatro anos, três anos, pre-*

cisamente antes do senhor ter nascido...” Uma embrulhada de todo o tamanho...

– *“Essa agora!...”* Admirava-se André. Vou a casa dos velhos a ver se decifro a charada.

Foi. Achou a cidade estranha e diferente. O local aonde deveria estar o prédio de apartamento de seus pais, era um imenso quintalão devoluto e cheio de sucata. Procurar aonde?... Desconfundir as ideias e ir para casa. Chegou e encontrou-se com um casarão enorme a cair de velho. Perguntou ao vizinho da frente:

– *“Olhe, esta casa é do Senhor Raúl de Freitas. Um unhas de fome que a herdou quando os velhos morreram. A mãe, coitadinha da senhora, foi atropelada aí para mais de quarenta anos. Era uma mulher e pêras. Lembro-me bem dela. O marido tornou a casar e a partir daí fecharam a casa e foram viver para um apartamento. Não arranjam, não vendem, não fazem nada. Ou melhor: criam ratos e a gente é que se lixa”.*

E agora André?...

O que deve fazer um homem que nunca nasceu?... Que não existe?... Que só estaria aqui se a mãe se tivesse atrasado sessenta pequeníssimos segundos?...

E agora André?...

O que vamos fazer destas memórias que são as tuas e nunca existiram... Memória dos teus livros, dos teus jornais, dos teus discursos, da tua mulher e dos teus filhos... Em que dimensão do possível viverão tudo e todos. E tu?... Viverás a sessenta segundos de poderes ter nascido?...

E agora André?...



FRAGATA DE MORAIS

Manuel Fragata de Moraes nasceu na Província do Uíge aos 16 de Novembro de 1941. Obras Publicadas: *Terreur en Verzet* (1972), *Inkuna-minha terra* (1991), *Jinduguiques* (1999), *Sumaúma* (2005) e *Memórias da ilha* (2008).



O FILHO

*E viu-se outro sinal do céu;
e eis que era um grande dragão vermelho...
e o dragão parou diante da mulher
que havia de dar à luz, para que, dando à luz,
lhe tragasse o filho.*

S. JOÃO – APOCALIPSE 12

Há sete longos anos que o filho lhe remexia as entranhas. Não havia dúvida, há sete anos que a criança a apalpava por dentro, que lhe falava em silêncio penoso.

No início da gravidez os médicos observavam-na cuidadosamente, todavia, à medida que os meses passavam, insinuaram uma gravidez psicológica.

Ao décimo sétimo mês, uma amiga, insidiosa, propôs-lhe a possibilidade de uma barriga de água.

“Não sabes o que é, eu explico-te?...”, ofereceu-se.

As íntimas propuseram os remédios da terra, a visita aos kimbadas, aos adivinhos. Não haveria nada a perder, que não tentasse esconder o que é da terra. Mulher grávida há sete anos só pode ser curada com a tradição, com o debicar engasgado do galo.

Angustiada, cruzou as longas pernas, vestia o robe de chambre azul cor das águas e reclinou-se no cadeirão de couro da vasta sala de visitas de sua casa.

Acendeu, silenciosa, um cigarro. Não queria ser apanhada em kimbadas. Isso não. Seria o perder do pudor, sabia que os rótulos arquitectam-se nos vastos silêncios sociais.

Atirou, com displicência, o fósforo para o cinzeiro e serviu, da pequena mesa ao lado uma bebida, levando-a à boca em longos e melancólicos sorvos.

Olhou para o quadro pendurado na parede oposta. Paisagem típica africana, o capim em movimento, fustigado pela brisa da tarde. Suspirou nostálgica, sentindo a paisagem embrenhar-se nos poros das paredes da sala, e o corpo da bebida estremeceu na mão, à carícia do vento melódico que soprava do norte. O fumo nervoso do cigarro esvaiu-se no ar, rumo às nuvens onde pairavam as águias das palmeiras, enquanto que, contemplando o momento de ilusão, acabou por tombar adormecida, anestesiada pela angústia do desassossego, ao badalar dos pios angustiados do mocho ora desperto na árvore soberba.

O marido entrou na sala, olhou o rosto tranqüilo e ainda fumegado do cigarro meio perdido de cinza, e retirou-o da mão palpitante.

As águias das palmeiras gritaram estrídulas.

Como todos, igualmente pensara que a estória da gravidez fosse passageira, e por essa razão acarinhara os anseios da esposa, nunca a desfalcando de amor e compreensão.

“Olha a criança mexeu, o nosso filho mexeu, não viste ?”, dizia-lhe, mão no ventre ofegante.

E com este acanhamento vestido de verdades aparentes, foi contando aos parentes e amigos as vicissitudes de futuro pai.

Por volta da gravidez psicológica começou a não conseguir pôr cobro à chacota mal disfarçada, aos ditos apenas sussurrados à sua passagem.

O desânimo aproximou-o mais da esposa e passaram horas de deleite encontrando nomes para a criança, para o filho.

“Sim, só poderá ser um menino.”

Inventaram creches e escolas.

Mas quando qualquer dúvida renascia, quando o terror se lhe assenhorava da alma, fugia tihoso para a amante, pronta e aberta, que o compensava pela gravidez inexplicável, mesmo se, no expirar do tempo, partia mais triste do que viera e mais vazio do que chegara, revertido criança nas estórias meio contadas dos adultos, de ser ele o filho do dragão, o fruto do pecado e da vergonha sempre eterna que lambe as labaredas dos inferno.

Seu pai era tio de sua mãe.

E na descendência dos mal amados, os antepassados obrigá-lo-iam a carregar, até aos fins do caminho, a sarna que há sete anos passara para o ventre frutificado da esposa.

Só poderia ser isso.

Agarrou o sufoco e embrenhou o medo nos seios flácidos da amante.

Regressou a casa encontrando a mulher ainda no mesmo lugar, adormecida. Pensou em acordá-la, não o fez, sentou-se no caldeirão e teve a leve sensação de sentir a carícia do vento no rosto.

No véu da memória que não era a sua, o cadeirão de couro da sala era o tronco seco já meio apodrecido no capim onde sua mãe, ainda mulher-meia, tentava agarrar a brisa suave com as mãos, enganando o desespero que a cingia porque, em breve, seria a época das queimadas, a derruba do nicho incestuoso do amor, e assim não poder encontrar-se com o tio para as rezas suplicantes da carne.

No tempo do cacimbo, a terra reveste-se de castanho seco, a mata ressequida é chama lambedora do fogo-posto, impúdico em labaredas devoradoras. De um momento para o outro, o que era abrigo e escondia momentos prazerosos, nada mais seria do que um descampado com nascente capim verde, pasto das seixas, dos veados, até mesmo das pacaças mais afoitas.

Na espera do tio, deitou-se não longe do tronco e pressentiu que alguém se sentara. Soergueu-se com ansiedade mas não, não fora o tio chegara, aliás tê-lo-ia visto.

Recordou o momento acre-doce de devaneio, da entrega rendida ao latejo do desejar. Tinha quinze anos e o tio vinte e oito. Verdadeiramente nunca conseguira explicar por palavras ou pensamentos conscientes como tudo começara, o que a dominara, possuía, feita animal envolva nos perfumes do cio manifestado.

Uma tarde de calor, o capim alto observando-a, aconchegando-a, excitando-a ao âmago, foi a carícia que fez jorrar a água das fontes internas do desejo. Abriu a blusa e expusera os seios negros e luzidios ao beijar da brisa, ao restolhar das folhas próximas das árvores.

Mulher feita, mulher desejando, arfando sem motivo aparente. Mulher fêmea em aromas vaporosos, ainda que não sabendo.

E quando o tio apareceu feito vadio, como que não conhecendo das tardes de calor da sobrinha, ela fez que não sabia do desejo e do ardor, pretendendo que nunca desejara o que então estava pronto e sacrificial.

E talvez até tivesse sido assim.

Na escuridão da eterna culpa e no despir da razão vacilante, em jeito de despedida, sem saberem ou desejarem, na morte da alma entregaram-se arfantes um ao outro.

Deram-se a carne perante os olhares nunca adormecidos dos que eternamente vigiam, dos que vivem nos fundos dos rios e das lagoas. E dos que percorrem os caminhos tortuosos dos matos nas noites de luar cheio.

Quando se sentiram saciados, lambuzados do mel e da água viscosa que brevemente os unira na perdição, ficou como marca do diálogo que os corpos mantiveram a brusca revoada das perdizes assustadas com o lancinante grito de dor do conhecimento que ganhara.

O sangue virginal no capim não foi chorado nem cantado pelas mulheres, como deveria, em afirmações honrosas. O último pingo da seiva amorosa que escorrera e envergonhado das carnes já marcadas pela maldição teimosamente agarrou-se à pequena espiga dobrada, até que a hiena sequiosa o lambeu em gargalhada esdrúxula do pôr do sol.

Nunca mais se falaram, quase nunca mais se olharam, mas nos momentos inseparáveis em que ambos sonhavam com as águas do rio transbordando raivoso pelas margens, nesses momentos, como que por acção fatídica, encontravam-se para o amor, para a troca de fluidos, sempre sob a vigilância acesa dos olhares albinos dos que nunca adormecem, dos que vivem com os caranguejos doces.

Aos dezessete anos engravidou. Pérola lançada no chiqueiro.

O tio, em fuga para terras longínquas e inacessíveis, lugares inenarráveis, ninguém mais dele soube.

“Acusa o padre da missão, já tem dois filhos”, recomendou-lhe ainda.

Aos dezessete anos engravidou minutos quando foi derrubada a árvore ainda verdejante dos sonhos.

“Acusa o padre da missão, não sejas parva”.

Engravidou horas, dias, semanas, até o aterrador compasso do tempo não permitir mais aquele esconder do inevitavelmente inescandível.

Engravidou desesperos e raivas ancestrais obscuras que desconhecia.

Das mãos paternas, medrou chicotes cavalomarinados em sulcos ardentes fendidos no corpo tenro, na ira sempre justa e profunda da família secular, e na dança das kiandas injuriadas.

Foi fechada, desterrada para o convento das madres carmelitas até o fim do pernoitar do pecado, para o nascer alvoroso do dragão encarnado, já que a noite não é para ser vista com os olhos do dia.

No parto-morte clamou por vingança no nome daquele que fustigara sua inocência, que saciara seu desejo de virgem-fêmea não conhecedora das regras com que a natureza joga o jogo dos calores e dos suores.

Pois que a natureza se vingasse.

Gemeu as entranhas até o filho nascer e, ao sustentá-lo brevemente nos braços para lhe inculcar todo o fundo tenebroso de sua alma, cuspiu com o olhar embaciado pela dor a maldição perpétua e autófaga. Só então sentiu a força das lagoas profundas a puxar, feliz e liberta.

Na sala, o marido notou a esposa a arfar em agonia no sono, sentiu-a febril ao tomar-lhe a mão. Tacteando, beijou-a com culpa insaciável, nem se lavara ao sair da amante. Esta, grata pela carícia, levou-lhe a mão ao ventre e puxou-o a si, ardendo não da febre mas do desejo. Penetrou com a língua sedosa o bacio da orelha do esposo e vasculhou-lhe os putrefactos segredos da alma.

A vontade renascida entumeceu-lhe as calças, tentou ignorar.

“Que situação ridícula, não posso.”

Todavia os lábios, os lábios femininos insulflaram a não mais o estertor do delírio. E quando a penetrou desvairado, sentiu a criança agarrar-lhe a força máscula, o pênis, e a levá-lo para o ventre materno no momento supremo do prazer, da agonia, no explodir tumultuoso do plasma.

Em seguida veio a paz e o ruído meigo das cataratas deslizando sobre as rochas em musgo.

Foi, na sala de visitas espaçosa, ao lado do sofá de couro onde repousava o corpo inerte e putrefacto da companheira, que os vizinhos o encontraram sete dias mais tarde.

Do carcomido ventre da esposa saiu assustado um sardão vermelho que desapareceu por trás do cadeirão tronco de árvore, restolhando as folhas secas das tristezas.

O corpo da mulher exalava todo o perfume e aromas mornos das festas das divindades aquáticas.

Ele, coitado, anunciava feliz aos rostos contritos de ansiedade, que o contemplavam em silêncio, que o filho finalmente nascera.

Agora que o desculpassem, teria que ir buscar mel às colméias e leite às tetas das cabras para o alimentar.

TRAIÇÃO

Felisberto Matias, oficial das forças armadas, olhos colados do écran de televisão, admirava as famosas pílulas azuis, reputadas de moderna tesão do fim do século e milénio. Se o mundo acabar no ano 2000 como predizem certo imbecis, pensava ele, iremos todos de pau em pé.

Consigno encontrava-se Osmar Martins, piloto aviador, amigo de infância, com quem havia conferido medidas, calibres e planos de voo nos idos anos da ingenuidade infantil, em mútuas e arrojadas descobertas eróticas.

“Afinal”, dizia ele ao amigo, “essa pílula para a bazuca não é senão o pau de Cabinda”, referindo-se ao órgão sexual, por muitos também chamado de extrovenga, aquilo, verga, pila, bacamarte ou simplesmente de Alberto, Joaquim, Muntu, conforme o gosto, o momento ou a situação. Felisberto assim o denomina por ter sido bazuqueiro em duas das guerras angolanas.

“Como sabes?”, perguntou Osmar Martins com um sorriso.

“Não é preciso ser muito inteligente para saber.”

“Eu nunca vi!”

“Porque nunca perguntaste. Vende-se numa embalagem toda bonita, eu já o comprei.”

Da cozinha do pequeno apartamento, a voz de Benilde Matias, esposa de Felisberto, fez-se ouvir.

“Já querem jantar, ou vai mais um uisquezito?”

Felisberto olhou inquiridor para Osmar e ao aceno afirmativo, retorquiui.

“Agüenta mais um pouco, nós ainda vamos tomar outro. Também queres?...”

“Não; obrigada”, veio a resposta da cozinha.

Osmar olhou firmemente para Felisberto, que desviou os olhos, como que envergonhado. Cada vez que Osmar o olhava assim, sentia-se desprotegido. O pior de tudo é que esse sentimento agradava-lhe, havia ali uma declaração que ele apenas intuía e lhe era positiva.

“Quando é que voas outra vez?”, perguntou Benilde que entrava na sala com uma travessa de comida na mão, poisando-a na mesa.

“Talvez daqui a uns quinze dias, tenho horas a mais e vou reclamá-las, preciso de um descanso.”

“Vais a Portugal?”

“Para onde querias que ele fosse?”, indagou Felisberto. “Só voamos para lá e Joanesburgo.”

“Isso é falso”, retorquiu Osmar.

“Se ficam ai na conversa o jantar vai esfriar”, informou Benilde, fazendo um sinal para se virem sentar à mesa.

Os três para lá se dirigiram. Benilde abriu as tigelas fumegantes, para revelar um apetitoso repasto.

“Que cheiro maravilhoso!...”, disse Felisberto, enquanto passava a garrafa de vinho ao amigo, para a abrir.

“Não admira que o Felisberto não te deixe, boa na cozinha, boa na caminha, lá diz o velho ditado.”

“Nunca ouvi esse ditado”, respondeu Benilde.

Sentiu-se entristecida e tentou esconder. O marido há mais de cinco meses que se mantinha alheio às obrigações conjugais. Chegado o momento, a bazuca, como ele em tempos idos tão apropriadamente chamava ao apêndice, não mais disparava porque amorfo. A mulher bem tentava todas as tácticas que nos anos da recruta nupcial ele lhe ensinara, incluindo o “avanço por fileiras”, mas sem resultado. Felisberto, o famoso bazuqueiro, não conseguia lançar um simples petardo carnavalesco. Ele próprio não se explicava. Abatido, ficava a olhar o penduricalho na mão da mulher, que, desalentada, acabava por lhe dar as costas e, em grosso suspiro, adormecia.

“Não dizes nada?”, perguntou Osmar olhando intencionalmente para o amigo.

“Que queres que diga?”

“É que ficaste com uma cara de alguém injuriado!”, disse.

Benilde, que não estava a gostar do rumo que a conversa tomara e viu o momento para o desviar, retorquiu de imediato.

“Ah!, isso faz-me lembrar que gostas de bacalhau, não é?”

“Assim é, mas o que tem o bacalhau a ver...?”, respondeu Osmar.

“Antes de ires vou fazer-te um prato de bacalhau que nunca comeste”, disse Benilde, fingindo que o não ouvira.

“Qual é?” perguntou Felisberto? Já agora também estou curioso.

A tensão desfeita, Benilde sentiu-se novamente à vontade e pediu um pouco de vinho.

“Que famoso prato de bacalhau é esse, que nunca comi?” quis saber Osmar.

“Pois aposto que nunca comeste; bacalhau injuriado.”

Osmar e Felisberto desataram a rir, de facto nenhum deles ouvira antes falar do dito prato.

“Estão a ver o que dá serem dos mabululus? É isso!...”

“Então explica lá por que é que o bacalhau é injuriado”, pediu-lhe o marido, servindo-se outra vez.

“Porque é cozinhado, ou melhor, adaptado à nossa moda, daí a injúria que lhe é feita.”

“E por se adaptar ao nosso gosto torna-se injúria? E qual é a injúria?” perguntou Osmar.

“O uso do que é nosso, os quiabos e o óleo de palma por exemplo.”

Os dois ficaram a olhar para ela, sorridentes, à espera que continuasse, talvez valesse a pena experimentar o tal de bacalhau.

“Pois Osmar, no próximo sábado estás convidado para vires comer o bacalhau...”

“Alto lá, espera aí!... primeiro tens que nos explicar como se faz, senão quem é capaz de ficar injuriado é o meu estômago...”

Benilde ainda ria quando respondeu.

“Claro que tem que haver o bacalhau, depois os quiabos, o dinhungo, o tomate, a cebola e o jindungo. Há mesmo quem goste com jimboa.”

“Mas isso é funji de peixe!...”, admirou-se Osmar.

“Parece que não teremos nada a perder em tentar”, disse Osmar, dando uma cotovelada no braço de Felisberto.

“Então ficamos combinados, próximo sábado. Pena é que não tenhas mulher, seria mais agradável”, reclamou Benilde.

“Mulher? Nem a brincar, só servem para aborrecer”.

Benilde olhou para o marido, como que pedindo ajuda, solidariedade pronta e inequívoca. Este fez que não entendeu Frouxo!, insultou-o em pensamento.

“Não digas asneiras. Claro que uma mulher é necessária”, atirou, tentando não mostrar a raiva que sentia.

“Pois eu dispenso. E logo nos dias de hoje, uma cambada de interesseiras”.

“Não te conhecia assim tão misógino”, insistiu Benilde, mais calma.

“Até nem o sou, preferi é viver solteiro. Olhem, no outro dia visitei a casa de um paquistanês e sabem o que estava pendurado na parede, em sítio bem visível?...”

“Não!, respondeu o casal.

“Uma chibata! Isso mesmo ou, se quiserem, um chicote.”

“Artesanato?”

“Foi o que eu pensei, mas não. Quando perguntei para que servia, sabem o que me respondeu? Que a chibata estava ali para que a esposa visse. Fez esta afirmação à frente dela e das crianças, dois rapazotes que logo sorriram.”

“Troglodita, troglodita é o que esse homem é”.

“Calma filha, não te zangues”, tentou apaziguar Felisberto.

“Não me zango, achas que é justo?”

“Claro que não...”

Osmar há algum tempo que farejara insegurança no casal. Havia qualquer coisa que não ia bem, Benilde andava nervosa e demasiado susceptível, Felisberto, inseguro e escorregadio.

“Mas isso ainda não é nada...”, continuou.

“Não quero ouvir mais...”

“Pois devias, porque as tuas primas andam com uns libaneses. Elas que se cuidem...”

“O problema é delas”, retorquiu Benilde.

Osmar olhou para Felisberto, na expectativa de uma reacção a favor da mulher. Este limitou-se a baixar os olhos e a virar a cara para o lado para que Benilde não reparasse no sorriso esboçado,

“Rua, todos para a rua, não vos quero cá em casa...”

“Não vês que o Osmar está a brincar contigo, a provocar-te?”

“Pois acho uma brincadeira de muito mau gosto.”

Pouco depois, levantaram-se da mesa e sentaram-se na parte da sala que servia de estar. No cadeirão de dois lugares ficaram Felisberto e Osmar, no cadeirão pequeno, Benilde.

“Por que não vais fazer o café?”, perguntou ao marido.

“E aproveita para trazeres um cheirinho”, solicitou Osmar.

Felisberto dirigiu-se à cozinha. Benilde colocou o seu CD preferido e Osmar acendeu um cigarro.

O ambiente ora descontraído, sentiam-se satisfeitos.

Na cozinha, Felisberto assobiava ao som da música, enquanto vertia a água a ferver no saco de pano. A casa foi invadida pelo aroma doce do café fresco e puro. Momentos depois, apareceu com as xícaras de café numa bandeja. Dirigiu-se a um pequeno armário e retirou uma garrafa de uísque e uma de licor para a mulher.

“Para o mês quero ir à África do Sul”, disse Benilde, depois dos cafés servidos.

“Mas ainda há sete meses estiveste lá!...”

“Estou cansada desta vida que levamos aqui. Nunca se pode fazer nada ou ir a sítio algum. Sabes quando fomos a um cinema pela última vez?”

“Lá isso é verdade, se não são as farras e a praia, embrutecer-se nesta nossa terra”.

Osmar esticou o braço com o corpo para Felisberto servir e, no gesto, manteve o joelho colado ao do amigo.

“Nem a televisão nos serve!... Não consigo sequer ver o telejornal.”

“Não sejas tão exigente!...”

“Não é isso, só se ouvem notícias de guerra”

“Parabólica, filha! PA-RA-BÓ-LI-CA!... ou então não és gente fina”, afirmou Osmar.

“Não me comeces a aborrecer outra vez!”, disse Benilde.

“Pois se quiseres ir vai.” disse Felisberto, para logo sentir a pressão do joelho de Osmar aumentar ligeiramente.

“Penso ficar uns quinze dias.”

Felisberto não conseguia concentrar-se na conversa. Lutava para afastar o seu joelho do do amigo, todavia sentia-se paralisado e, mais uma vez, com aquela sensação de prazer a invadi-lo por completo.

Até conseguiu uma erecção. Atordoadado, deu um pulo da cadeira, o que a todos assustou.

“Santo Deus, o que se passa?”, perguntou Benilde aparvalhada.

“Um rato, um rato, gritou ele.”

“Rato? Nunca tivemos ratos!...”

“Por ali, foi por ali...”, apontou.

Osmar olhou curiosamente para Felisberto. Foi à entrada da cozinha, deu uma vista de olhos, e regressou sorrindo. Olhou para o relógio.

“Olhem, meus queridos, vou-vos deixar com os vossos ratos. Está na hora.”

Despediu-se do casal e desceu as escadas, feliz e contente consigo próprio. Percebera as emoções de Felisberto.

“Ratos!...”, disse, já a entrar para viatura.

Na semana seguinte, houve o esperado almoço, cujo prato principal foi o bacalhau injuriado, comido com bastante agrado pelos quatro. Osmar trouxera uma amiga antiga, Josefina, pela aparência muito mais antiga do que ele. Felisberto, feliz, talvez pelas várias garrafas de um bom vinho alentejano por eles bebido, manteve-se afastado do amigo. Benilde e Josefina riam sobre o nome da iguaria que haviam acabado de comer.

“E se fôssemos para a praia?”

Levaram uma sombrinha e dois luandos para se sentarem, não iriam banhar-se. Na caixa térmica enfiaram umas gasosas e mais duas garrafas de vinho, sem ninguém se preocupar quem seria o volante, todos eles acariciados pelo longo abraço de Baco.

Quando as mulheres foram banhar os pés, Osmar deitou-se ao lado de Felisberto que perscrutava o céu nebuloso. Olhou-o fixamente nos olhos e, para seu espanto, Felisberto não desviou o olhar.

“Tenho que me lembrar da marca deste vinho!”, disse Osmar a brincar.

“O quê?!”, perguntou Felisberto, apanhado de surpresa e sem compreender.

“O vinho! O vinho...”

“O que tem o vinho?!”...

“Pela primeira vez não desviaste os olhos de mim...”, sussurrou.

Felisberto estremeceu como se uma lufada de vento gélido lhe tivesse atravessado a alma. Virou a cara para o lado e tentou não mostrar o nervosismo, a ansiedade.

“Não sei por que tentas fugir das tuas emoções.”

“Fugir de quê?”, quase gritou. “Estás parvo ou quê?”

“Bom, aqui não é o sítio nem o momento para conversarmos. Quando...”

“Não há nada a conversar”, interrompeu Felisberto, agressivo.

Osmar olhou de soslaio para onde as mulheres estavam. Tranquilo, avançou o cavalo, preparando o final do jogo, que sentia já ter ganho.

“Quando a Benilde for à África do Sul, teremos muito tempo para nos explicarmos. Lembras-te das nossas brincadeiras de criança?”

Felisberto sentiu-se desfeiteado e os mecanismos de defesa funcionaram aceleradamente. Nunca se vira numa frente de batalha sem munição para se defender, e ainda por cima com aquela maldita e inesperada erecção da bazuca, que o obrigou repentinamente a deitar-se de bruços. Acreditou que Osmar não tivesse notado, porém este notara e fizera que não, cavalheiro e paciente.

“Éramos crianças, não digas disparates. Todas as crianças brincam de papá e mamã...”

“Todas?...”, cochichou.

As mulheres aproximavam-se e a conversa foi interrompida, para alívio de Felisberto.

Ao cair da noite, regressaram, jantaram, beberam o resto da garrafa do bom vinho alentejano e, ao deitarem-se, Benilde foi agradavelmente surpreendida por uma investida das forças armadas, em gloriosa carga da artilharia ligeira, incluindo o tão almejado “avanço por fileiras”, repetido várias vezes. Horas largas depois, meio adormecida e exausta, abraçada ao marido que já ressonava os alentejanos vapores etílicos, ainda se ouviu a ciciar.

“Temos que fazer mais vezes esse bendito bacalhau injuriado!...”

Duas semanas depois, partiu para a África do Sul, feliz com Felisberto, mais do que nunca seu amantíssimo esposo. Após aquela noite, o nosso bazuqueiro não mais se rendera.

Com inimigo certo a acossá-lo e uma retaguarda a proteger, combatia heroicamente, não obstante a maior parte das vezes assustado.

Benilde nunca se sentira tão lambuzada de tanto e viril amor.

Não imaginam pois a surpresa dos amigos, ao lerem em jornal da urbe que uma mulher, citada como Benilde, havia baleado o seu esposo, Felisberto, oficial das forças armadas, quando ao regressar da viagem à África do Sul, o flagrara em altos voos nos braços de um piloto, Osmar, numa engajada batalha amorosa na cama do casal.

Tresloucada, agarrara na pistola do marido que estava na mesa-de-cabeceira e ferira os dois a tiro.

A esposa foi conduzida ao hospital militar, enquanto balbuciava incessantemente, sobre o efeito dos sedativos:

“Bacalhau injuriado, ai é?!...Bacalhau injuriado, ai é?!...”

HENRIQUE ABRANCHES

Henrique Moutinho Abranches nasceu em Lisboa, aos 29 de Setembro de 1932. Tem nacionalidade angolana. Obras Publicadas: A Konkhava de Feti, (1981), que recebeu o Prémio Nacional de Literatura, O Clã de Novembro que recebeu também o Prémio Nacional de Literatura, Kissoko de Guerra, Diálogos, (1962), Sobre os Bassolongo Arqueologia da tradição oral, (1991), Sobre a Colina de Calomboloca um caderno de poesia, (1961), Titânia, duas novelas, (1966), Caderno de poesia, O Elogio, ganhou também o Prémio Literário da Cidade de Luanda com o manuscrito O Arcano do Leão, Contos Divagantes, ganhou o 2º lugar no concurso de conto e poesia dos Jogos Florais de Xá de Caxinde. Nos últimos anos, faz pequenos trabalhos, entre eles uma comunicação sobre mitologia para uma Conferência Internacional sobre o ensino da História de África (O mito solongo de Diogo Cão), um relatório arqueológico sobre o Chantier da Katila (editado na revista Leba em Coimbra), colaboração com F.A.S num Workshop no Namibe.



O RAPTO DAS CIDADES

Eu andava lentamente, com uma atenção concentrada, procurando fazer tudo para não dar nas vistas. Mas o enorme saco com as cidades todas que me pendiam do ombro contrariava todos os meus esforços. Em todo o caso, olhando para a esquerda e para a direita, lá fui andando ao longo dos labirínticos corredores do edifício que de resto, me eram totalmente desconhecidos. Tinha a ideia que tratava de uma construção térrea prefabricada que lembrava um instinto de pesquisas.

Algumas pessoas, inimigas, evidentemente, apareciam aqui e ali e olhavam para mim um tanto surpreendidas, mas a sua curiosidade não os levava mais longe. Portanto consegui avançar sem que o perigo chegasse a criar uma crise.

Encontrei uma porta aberta. Havia outros inimigos lá dentro que me olharam sem muito interesse. Ninguém, até esse momento, dera uma palavra e eu tão-pouco. Voltei a sair prosseguindo pelo mesmo corredor. Mas agora havia ali um tipo com um ar diferente. Imediatamente me acorreu que, tal como eu, ele estava a tentar fugir.

– Olá. Onde vais? – perguntou ele mais por cortesia do que por outra coisa.

– Vou por aí... – respondi evasivo.

– Vou contigo.

Mau! Pensei. Mas ao mesmo tempo senti-me melhor, acompanhado.

– Queres que leve o saco? – continuou ele, solícito.

– Não, obrigado. De resto tenho de o deixar em qualquer lado. Atrai atenção.

– Sem dúvida. Deixa-o naquele canto.

– Talvez. Mas tenho de levar alguma coisa. É uma carga preciosa.

– O que é que levas no saco?

– Cidades – respondi tranquilamente. – Vou levar pelo menos uma. E foi exactamente o que fiz. Tendo encontrado numa parede um cacifo meio aberto, despejei as cidades lá dentro – todas menos uma –, fechei o cacifo, meti a chave ao bolso e convidei:

– Vamos embora.

Prosseguimos o caminho lado a lado, eu com o saco da cidade ao ombro. Estava bastante aborrecido por abandonar as outras cidades.

Sáímos do edifício e aparecemos num belo jardim. Aqui e ali, árvores frondosas. Um pouco por todo lado, várias pessoas caminhando ou descansando. Mas agora olhavam-nos com mais atenção. Obviamente o meu companheiro e eu tínhamos o ar de pessoas em fuga. Mas como isso não estava escrito com todas as letras nem fora dado nenhum alarme, ninguém nos incomodou.

Chegámos ao limite do jardim. O limite era uma grade de ferro feita de bandas largas verticais colocadas em viés com um espaço entre elas. Largo mas insuficiente para passarmos entre duas bandas. Segurei uma delas e constatei que rodava. Ótimo, alarguei o espaço e parece-me que, apesar de eu não ser nada magrinho, com um esforço conseguiria passar. O meu companheiro, um pouco afastado, já estava a tentá-lo.

De súbito, atrás de nós e à saída do edifício, apareceu um tipo de óculos a dar ordens numa vozinha rouca e infeliz. Reconheci-o logo. Era o Jorge Bombwalanganja, um dos líderes deles. A situação estava portanto mais perigosa porque esse homem não era um peão qualquer. Lembrava-me dele, na juventude. Já fora um garoto pretensioso que frequentava a minha casa e que eu eduquei no Lubango pelos anos cinquenta.

Olhou para mim e não disse nada, nem me reconheceu, mas avançou uns passos. Acho que apesar dos óculos permanecia míope.

Mais apressado tentei passar pelas placas e consegui. O saco com a cidade deu-me mais trabalho. De modo nenhum eu o deixaria ali. Lembrei-me da caça aos macacos em que se põe uma jaula com um banana lá dentro. O macaco mete a mão, apanha a banana e depois não consegue tirar a mão porque por nada deste mundo abandona a banana. Eu estava a ser caçado da mesma maneira. O tal Bombwalanganja

vinha já na minha direcção. Com certeza achou que não era normal o que eu estava a fazer. E claro que tinha razão. Foi um momento difícil, mas quando ele chegou eu tinha conseguido retirar o saco. Uf! O homem olhou para mim silencioso. Tive vontade de lhe dizer “tchau!” mas pareceu-me vulgar demais.

Agora sim, estava em território livre, mas havia ali uma data de gente. Perguntei-me o que é que fazia lá um edifício da “outra parte” com um ar pouco militar. Talvez fosse garantido por algum daqueles acordos de paz que já assinámos com eles.

Montes de gente por todo o lado! Claro. Havia um comício. Fui andando com o meu saco ao ombro. O companheiro de fuga disseminara-se na multidão. Depois comecei a reconhecer pessoas. Sim, pessoas, a minha gente, céus! Amigos por todo o lado. Num comício, como antigamente. Melhor que antigamente porque não estavam na tribuna. De resto não vi nenhuma tribuna. Talvez não fosse um comício. Na verdade aquilo tudo tinha o ar de um picadeiro. Encontrei logo a Balbina Nunes, a escritora. Ouvi vozes daqui e dali dizendo: “É o Álvaro! Oh! Mas ele não morreu? Não tinha sido apanhado?”, “Parece que sim, mas está ali”. Por fim encontrei-me rodeado de gente acarinhando-me. O meu reaparecimento estava a espantar todo o mundo. Alguém me perguntou:

– E esse saco? O que é que trazes aí?

Abri o saco e mostrei,

– Uma cidade?! Porreiro!

– Sim – respondi. – Antioquia!

Ficaram todos admirados, a ver a cidade dentro do meu saco, brilhando ainda todas as luzes acesas como se fosse de noite – era normal de resto, dentro do saco, a minha cidade não se apercebera da luz do dia.

– Deixei lá ficar as outras. Não podia trazê-las. Mas agora estou com vontade de ir lá busca-las.

– Nem penses nisso, pá! – ralhou a Balbina. – Deixa lá as cidades. Estás aqui, estás livre e são, e ainda por cima com Antioquia! Deixa lá o resto.

– Não posso. Tenho de lá ir.

– Nem penses! Não vais nada.

E não me deixaram ir! Foi uma pena. Era um verdadeiro tesouro que eu abandonava para “os outros”. Lembro-me muito bem que uma dessas cidades era Ndalatando com toda a população lá dentro.

Confesso que fiquei triste. Felizmente para ele, o Governador tinha fugido de lá a tempo. Mas para toda a gente o importante era que eu tinha conseguido escapar recuperando Antioquia.

In: Gente Que Anda Por Aí

Nzila /2004

HENRIQUE GUERRA

Henrique Lopes Guerra nasceu em Luanda aos 25 de Julho de 1937. Obras Publicadas: *A Cubata solitária* (1962), *Quando me aconteceu poesia* (1977), *A tua voz Angola* (1978), *Alguns poemas* (1978), *Estruturas e classes económicas e classes sociais* (1979) e *Três histórias populares* (1980).



II

OS DOIS FILHOS DE DOM PÉTELO

Dom PéteLO vivia perto da grande povoação, junto da grande água que corre para o mar, esses infinitos reinos de Kalunga de onde vieram as casas de madeira dos homens brancos, com os seus fatos cobertos de ferro e as suas longas armas de fogo.

A boa faca de caça de Dom PéteLO já havia cortado dezenas e dezenas de orelhas de elefante e a sua longa lança já se havia enterrado na pele dura de centenas de pacaças. E, atraídos pela fama da sua coragem, muitos homens livres entravam em sua casa, quebravam a sua louça e desta maneira voluntariamente ingressavam como escravos na sua *kanda*(*). As mulheres e os escravos teciam as longas redes de ráfia com que Dom PéteLO mandava cercar os campos da vasta savana. O fogo, ateadado no capim, empurrava os animais para os sítios onde os caçadores os esperavam com setas e moccas.

Dom PéteLO era, pois, um grande caçador. Os habitantes da grande povoação vinham-lhe trazer louças de barro e artefactos de mabela para trocarem pela preciosa carne com que reconfortavam os estômagos ressequidos por fomes seculares. A sua casa enchia-se de objectos valiosos, os currais estavam sempre cheios de gordos animais de criação, as lavras florescia risonhamente. Tudo isso causava contradições entre Dom PéteLO e os mabata, os homens velhos que governavam a povoação e zelavam pelo cumprimento dos costumes do passado: como é que ele, quase um mani, haveria de dar conta dos seus actos aos que zelavam pelo cumprimento dos costumes da antiga democracia comunal,

*Família patriarcal, incluindo o chefe, as mulheres, filhos, parentes e serviçais. Marca talvez a passagem do matriarcado ao patriarcado.

de antes da chegada de Numi-ia-Lukeni? Então Dom Pételo resolveu abandonar aquele local perto da grande água que corre para o mar e ir para a floresta fundar a sua própria mbanza.

Colocou sobre o ombro o rijo arco e atravessou sobre as costas a correia do saco das setas. O sol alongou a sombra dos seus largos ombros na caminhada para a floresta. E as mulheres e os escravos enrolaram os objectos nas esteiras de mateba, colocaram-nas à cabeça ou nas mahambas, e colaram-se às suas pegadas.

Chegados à entrada da grande floresta, Dom Pételo plantou um pé de palmeira-real, símbolo da sua linhagem, pois Dom Pételo julgava-se descender ainda da família de Numi-ia-Lukeni, o caçador e ferreiro que havia fundado o poderoso reino Nkongo. Os homens começaram imediatamente a capinar à volta para erguerem as casas, outros foram procurar sítios bons para abrirem as lavras. E, enquanto construía uma nova povoação, Dom Pételo retirou-se para um sítio escondido na floresta. Com paus e muxingas, construiu um pequeno santuário e aí colocou a imagem de Uíi, o grande deus da caça, feita em boa madeira coberta de resinas.

Nesses tempos remotos, os nossos antepassados pensavam que o destino dos homens dependia dos deuses, que eles pensavam que existissem, e não do seu trabalho e da sua capacidade para dominar a Natureza.

Os ferreiros construíram as suas forjas no chão de argila, com os foles de peles de animais aqueceram as pontas das lanças e das setas dos caçadores. Os artesãos moldaram as louças de barro com lindos desenhos que depois coziam ao fogo, ou construía artísticos tapetes e objectos de uso caseiro em mabela e mateba. As mulheres ficaram mais curvadas ao impulso das pequenas enxadas com que trabalhavam nas lavras. Muitos homens pobres, que viviam sozinhos, dispersos pela grande floresta, vinham quebrar as suas louças e deste modo entravam como escravos para a sua kanda.

E a vida na nova povoação era como as águas escondidas que correm pelos sítios sossegados da floresta, à procura da grande água que segue o seu poderoso caminho para o vasto mar de Kalunga.

A fama de Dom Pételo já havia sido levada para longe. Os emissários do rei, que vivia na grande Mbanza-a-Mbaje, a cidade das palmeiras, ao percorrerem os vastos territórios, vieram propor-lhe aliança e vassalagem. Mas, para o Dom Pételo ficar a governar aquela região e a cobrar tributo em nome do rei, era necessário que a sua força fosse reconhecida pelos poderosos mani; e ainda ganhar a aceitação dos mabata, os homens velhos que dominavam nas assembleias do povo reunidas nos vários povoados dispersos pela orla da grande floresta.

Estas condições talvez só se encontrassem reunidas alguns anos mais tarde, quando os dois filhos de Dom Pételo fossem já crescidos. Pois que, naquela solidão do mundo e enquanto crescia a vida pequena povoação, cada uma das duas mulheres de Dom Pételo havia-lhe dado um herdeiro.

E os dois rapazes iam crescendo no meio dos garotos da aldeia. Mas, à medida que se desenvolviam, tornavam-se diferentes um do outro, tal como o milho se vai diferenciando da madiádia. Um deles, desembaraçado, esperto, saía-se bem de todas as situações difíceis; e por isso chamavam-no de Nsungw'a-Ngango, ou simplesmente a-Ngango.

O outro, calmo, ponderado, de figura apagada, era tomado como um tolo; e por isso chamavam-no de Nsungw'a-Zoa, ou simplesmente Zoa.

A escrita das línguas nacionais é ainda, no nosso país, um problema controverso. Por isso, para não incorrer em possíveis erros e não provocar, talvez, confusões aos possíveis leitores, vamos escrever essas designações da seguinte maneira: Súngua Angango ou simplesmente Angango, e Súngua Zoa ou simplesmente Zoa.

Dois que cresciam do mesmo modo que os outros no meio da aldeia, aquela matumbice própria dos miúdos do mato agradecia-lhes já nas interrogações a lhes nascerem no espírito. Parece que, nessas situações, filho de pessoa ilustre experimenta ficar mais saliente. Onde fica a grande água que corre para os reinos de Kalunga, por onde diziam que haviam chegado homens brancos, em grandes casas de madeira? Depois de se passar as lavras a dormirem à volta da floresta, encontram-se as lavras dos monstros de que falavam as histórias? E se um homem

caminhasse todo o dia, havia de chegar o dia de chegar até ao sítio onde estavam aquelas luzes a brilhar lá no céu?

E então, com essas interrogações a lhes refilar na cabeça, os dois irmãos metem-se a caminho, à procura de encontrar o que ficava depois das lavras. Eles a caminhar cá em baixo nos caminhos do mato, e o Sol a caminhar lá em cima para a sua morada por detrás das nuvens cinzentas. E o Sol já quase a desaparecer no caminho da sua casa, e a fome já a lhes refilar na barriga e o medo do desconhecido a lhes bater no peito.

Estava já tarde-escurecendo e os dois irmãos pensaram em encontrar o caminho de voltar para casa. Encontraram uma velha a colher ginguba de uma lavra. Diz o Angango:

– Mãezinha. Dá-nos qualquer coisa para matarmos a fome.

– Não te dou – diz a mulher – porque tu és esperto e tens fama de que te saís bem de todas as dificuldades. Enquanto que o teu irmão é um tolo por isso ele é que necessita de ser ajudado.

E a velha deu uma mãozoadada de ginguba ao Súngua Zoa.

O Súngua Angango correu à frente do irmão, para se lhe antecipar no caminho, escondeu-se por detrás do alto tronco de uma bêmbuga. E quando o Zoa ia a passar à sua frente, saltou-lhe em cima, derrubou-o de um golpe, tirou-lhe a ginguba e fugiu.

Com lágrimas na voz, o Zoa correu para casa, foi contar ao pai tudo o que se tinha passado.

Dom Pételo juntou os dois irmãos à sua frente e falou-lhes na sua voz de matador de elefantes e pacaças:

– Quem não for valente não pode viver na floresta. Aqui habitam muitas dificuldades e espíritos malignos e quem tem responsabilidades tem de ser forte e justo. Vocês estão crescidos e possivelmente algum dia um de vocês terá de ficar a governar toda esta região. E já que tivestes a curiosidade de ir conhecer o vasto mundo, vou-vos dar uma arma a cada um para se irem exercitando na profissão da caça e assim aprenderem a enfrentar as dificuldades da vida.

E Dom Pételo deu a cada um deles uma daquelas longas armas de fogo trazidas pelos homens brancos, que lhe haviam posto aquele nome de Dom Pételo, nome pelo qual era agora conhecido.

Os dois irmãos partiram, voltaram a apanhar o sol dos longos caminhos do mato.

Chegaram a um local todo coberto de verde, coberto de árvores e de sombra, de calma e frescura, por baixo do qual corre abundante e limpa água. Belo sítio, pensa Angango, para as pacaças virem matar a sede e se abrigarem do calor e da luz forte do Sol.

– Ouve cá, ó Zoa. Este sítio não presta para nada. O melhor é ires para perto daquela sanzala grande. As pacaças vão lá comer o massango das lavras – disse o Angango, pois sabia que as pacaças se desviam dos lugares onde vivem os homens, e desejava afastar o Zoa daquele sítio maravilhoso. Tomou a direcção do vento, agachou-se na terra fofa, descansou encostado a um tufo de itula.

O Angango já quase distraído, a ouvir o silêncio do mato; o estremecer da terra e o partir dos galhos secos anunciam a aproximação de uma manada de pacaças. O esperto Súngua Angango agacha-se melhor, espreita por entre as folhas, e lá estão as grandes blindagens de pele grossa marchando em passadas ágeis e elegantes em direcção à água.

Joelho em terra, arma à cara, um tipo, carrega pela boca, outro tiro. O grande macho dirigente da manada estaca, cabeça levantada, localiza o sítio donde vem o perigo. E, fazendo meia-volta, dispara em fuga na direcção oposta, logo seguido por todos os membros da colectividade.

E para onde se dirigem os rochedos de músculos, envoltos na densa poeira e no barulho que estremece a terra? Não é que se deslocam para o sítio onde se encontra o Zoa?

Na precipitação do medo, o Súngua Zoa mete a arma à cara, um tiro, de novo carrega, outro tiro. Que a múltipla força rolante já quase o esmaga na cega corrida, num salto mergulha o medo para dentro das espinheiras bravas, um braço cobrindo o rosto.

Corpos sólidos, formas ágeis, o matraquear das patas e as lanças dos cornos passam numa onda de barulho e pesadelo, já se distanciam, o mato apaga-os no cinzento – verde da imensidão. Cautelosamente o Súngua Zoa sai de dentro dos espinhos, olhos desvendando todos os

lados, e... ó espanto! A maravilha das maravilhas é estar a ver duas pacaças deitadas à sua frente, atingidas pelos tiros certos. Os rochedos dominados a seus pés, a força bruta tolhida nas teias da morte, dois fios de sangue escorrendo das cabeças blindadas.

E lá vem a correr o Súngua Angango, espumante de raiva.

– Que é que sucedeu?

– Matei duas pacaças – exultante, o Súngua Zoa.

– O quê? Mataste pacaças? Tu és um grande burro, e por isso não sabes matar pacaças. Quem as matou fui eu – berra o Angango.

Empurra brutalmente o irmão, corta as orelhas e a cauda dos animais, e vai a correr mostrá-las ao pai. Gabarolice e mais gabarolice pelo feito que não cometeu. O Zoa chega depois do irmão, na sua atrapalhada e acanhada procura explicar como as coisas se tinham passado.

– Oh! Oh! – zomba do Zoa o Angango. – Ele é um tolo e não consegue arranjar para si um bocado de ginguba, quanto mais matar duas pacaças.

E ninguém mais presta atenção ao coitado do Súngua Zoa.

Dom Pételo ordenou aos escravos que fossem buscar a caça.

No terreiro da povoação defronte da sua casa, num banco de assento de pele de veado, o Súngua Angango recebe os cumprimentos do povo. Já os habilidosos aquecem a boca dos ngomas, tirando as primeiras batidas das canções que lhes nasciam no peito, na alegria do aparecimento de um novo caçador. O Zoa, humilhado, é obrigado a comer no mesmo prato dos escravos.

Passados dias, os dois irmãos voltaram à floresta. Além das armas de fogo, tinham de saber também caçar com a longa lança dos seus avós, com o arco e as setas. Um grande elefante bebia sossegadamente ao pé de um rio.

O Súngua Angango disse baixinho ao Súngua Zoa: – Olha, vai para aquele lugar porque o elefante vai fugir para lá.

E foi rastejando cautelosamente por entre os tufos de madiádia. Na altura de chegar ao pé dele deu de repente um salto para cima, e viu a fuga maluca do elefante, no susto da lança que lhe passou de raspão.

E então para onde foi o elefante? Lá vai ele nas corridas para onde estava o Zoa. Para a calma deste meter a seta no arco, esticar, apontar, disparar. E mais com depressa outra seta, e outra, e mais outra. E o elefante a esmagar com barulho os troncos do mato, suas altas alturas se arrasando sobre o raso do capim. E agora o Súngua Angango a correr, a raiva a brilhar no olhar carregado, na pressa de empurrar o irmão, de cortar a cauda do elefante, de se ir prosapiar no pai da proeza da caçada.

E assim se vão entrançando as matebas daquela esteira onde os dois irmãos vão deitando sua vida de caçadores. O Angango espantando a caça sossegada, o Zoa matando a caça fugitiva. Ngungas, sofas, kubas, ngolungos, kapotas, kabulos, sokos, pacaças, elefantes e demais bicharada dos terrenos da povoação de Dom Pételo.

O Zoa cada dia melhorando suas técnicas e suas manhas de caçador; na paciência e coragem de esperar e de se aproximar da caça, na força de atirar a lança, na segurança de apontar a seta ou de fazer o tiro. Só lhe deixavam guardar aquela dor que lhe crescia no peito, nada de lhe deixarem explicar como é então aquela carne de ngungas e pacaças aparecia nas funjadas do povo. E o Angango no espalhafato de fazer as coisas, era só a vaidade e a arrogância de enxotar o irmão, a pressa de localizar e provocar a caça, certo e seguro de que depois colheria os triunfos da caçada, é o cuco que pôs os ovos no ninho do outro pássaro e vem agora buscar os filhos já crescidos.

E então como a luz do Sol espreita cafofo nas folhas altas das viuas e das bêmбуas, primeiro só mazanza e medroso entra na grande taça de cacimbo e no xuxualho das folhas altas das árvores, deita depois um amarelo de caldo de muzonguê, agora suas gargalhadas de ouro alegam o verde das folhas dos cafeeiros e suas setas de prata invadem a vida fechada das matas, o coração dos muxitos de itula, o sono das punchas e dos mbuiges no buraco das árvores, então assim também a fama do Angango vai entrando na vida do povo, mais primeiro respeitoso nas bocas da sanzala de Dom Pételo, agora nas cubatas dos outros povoados, mais agora forte e alegre na pele dos ngomas, nos batuques à noite à volta da fogueira, porque o povo ama a bravura do caçador, sua coragem de arranjar alimento que aquieta os estômagos.

Um dia o Angango entrou com depressa na casa do irmão de sua mãe. Cumprimentou nos mais velhos, falou no tio:

– Ó tio, vês o pescoço desta cabacinha? E conheces a filha do Kala Munzala? Pois bem, o pescoço dela é mais bem torneado que o pescoço desta cabacinha. Costumas ver de noite o luar sobre aqueles morros? Na noite do meu coração, o olhar dela espalha uma fuba mais branca que o luar sobre aqueles morros.

E o tio materno do Súngua Angango foi à casa do Kala Munzala. As cabaças de malavo transportadas à cabeça duns candengues ajudou-os depois na conversa que tiveram.

E passados dias realizou-se o casamento. As raparigas vão à casa da noiva e tiram todos os seus pertences. O tio do Angango leva a noiva sobre os ombros, o ruidoso bando das amigas com as cargas à cabeça, cabras e bois pela trela. À porta das habitações e casas de reunião, jovens e velhos elogiando as qualidades da noiva, o Angango esperando num banco de assento de pele de onça, e o cortejo a cantar o belo canto da Fadia Iasanswa(*).

Uma voz:

- A noiva vai para tua casa
- Ela saiu da casa da mãe
- Que a criou e ensinou a ser mulher
- Ó noivo trata-a bem

Coro:

- Recebe-a
- Recebe-a
- Recebe-a
- Recebe-a

De noite, o malavo correu pelas gargantas. A luz das estrelas desceu do céu para embebedar-se com a alegria dos homens, os ngomas enxotaram para a galopada dos ventos e para o espanto dos pássaros a monotonia dos dias tristes. A vigilância dos mais velhos cochilava então nas fantasias da liamba ou na pesadez do álcool, os jovens davam gapse nas namoradas para o fofo do capim.

Enfim, a vida parecia correr bem para todos, menos para um. E esse um era o Súngua Zoa, como não podia deixar de ser, a lambar suas magras moambadas no mesmo prato que os cães.

E enquanto todos se divertem o Súngua Zoa afasta-se, vai distrair suas mágoas pela solidão dos caminhos dos campos, filosofando sua tristeza:

– Quando chove, rebentam os troncos. Quando vem a desgraça, o homem fica impotente. Eu que matei os sofos, os elefantes, as pacaças, sou obrigado a comer no mesmo prato que os cães, e o Angango, que nada matou, é festejado como um grande herói, e ainda por cima lhe arranjam mulher? Não! Isto tem de acabar, o esperto só come uma vez.

A raiva arde-lhe no coração como a queimada no capim e o desejo de vingança crava-se-lhe no peito como a lança do guerreiro.

E entretanto os dias vão passando, acabam-se os festejos do casamento, todos voltam às suas preocupações diárias. Só o Zoa não volta ao seu sossego normal. Os ferreiros sentam-se ao pé das forjas, as mulheres dobram-se a capinar nas lavras, os pescadores põem as mzuas nos rios. Só o Zoa não põe de lado aquela ideia, aquela dor que o leva a passear à toa pelos campos.

E então ao passar perto de uma lavra vê aquela escrava dobrada ao curto comprimento da sua enxadinha. Num repente a ideia lhe surge no espírito. No descuido do trabalho a escrava não sabe que, nas suas costas de gazela, a onça já se preparou para formar o salto.

Foi só tempo de o Súngua Zoa se atirar para debaixo de uns muxitos, de se aproximar rastejando com a leveza do jacaré, e a escrava já estava caída no chão, uma forte mão a tapar-lhe a boca, o Zoa que lhe tinha saltado em cima, a derrubara com o peso do salto, amarrando-lhe o corpo com as muxingas da sua raiva.

– Não tenhas medo. Eu não te faço mal – tranquiliza-a em voz baixa –, vais ficar só amarrada durante alguns minutos, mas nada te vai acontecer.

E enquanto a domina e lhe tapa a boca com uma mão o Súngua Zoa arrasta-a com a fúria desesperada da sua mágoa. Arranca muxingas e folhas dos muxitos.

Enche-lhe a boca de folhas, amarra-lhe o corpo com muxingas e prende-a ao tronco cortado de uma árvore ao pé da lavra. Rapidamente,

com a sua faca de caça, corta paus e pés de capim, faz uma pequena coberta que coloca sobre a escrava.

E assim tapada e amarrada, a dar esticões procurando livrar-se da prisão, a rapariga parece mesmo um cabritinho ou um pequeno antílope a querer safar-se de uma armadilha.

E lá vem o Súngua Angango a correr, pensando que o irmão tinha apanhado alguma caça, é o sengue na pressa de destapar os ovos do jacaré.

– Que é que fizeste? – Pergunta, ao ver o vulto coberto de capim, a mover-se, a esticar-se, a soltar gritinhos abafados.

– Nada de especial – o Zoa zoando na sua modéstia. – Apanhei um pequeno sofo com uma armadilha.

– E porque é que o tapaste com aquela cobertura de capim?

– Tapei-o para o proteger do Sol, e para não chamar as atenções dos animais carnívoros, das onças e leopardos. Quero mantê-lo vivo, para dá-lo de presente ao pai.

– Dá-lo de presente?

– Sim, que é para o pai guardá-lo numa jaula lá em casa e assim poder divertir os convidados, quando receber visitas importantes, ou quando as caravanas do rei passarem por aqui.

– Quem vai oferecer o sofo sou eu – e o Angango estatela o Zoa no chão com uma tremenda baçula.

Na sua pressa de se ir gabar ao pai nem se dá ao trabalho de verificar o que estava por debaixo da coberta de paus e capim; leão que vai beber na água que o macaco descobriu não pergunta primeiro como é essa água então.

Ao ouvir aquela novidade Dom Péte-lo fica todo contente, o sofo é aquele elegante antílope de porte médio, é a beleza dos olhos a fugir na velocidade cinzenta do capim, é a habilidade dos marfeneiros e entalhadores de madeira de imitarem o torneado do seu ágil pescoço e a elegância das suas patas.

Dom Péte-lo reúne os seus homens mais chegados, em passo solene se dirigem para o sítio onde os leva o Angango. Manda os escravos

levantarem a coberta de capim tapando o vulto que estica e esperneia e... espanto! Banzados todos, silêncio aflitivo.

– Como é então? – berra Dom Pételo. – Onde está o sofo que o Angango apanhou?

– Como é isso? – todos se interrogam. – Isto é que é um sofo? Então uma pessoa é a mesma coisa que um animal?

– Não fui eu – o Angango cangado na atrapalhação.

– Foi o Zoa que amarrou a escrava.

– Eu, amarrar a escrava? – o Zoa zoando. – Não sou capaz de arranjar ginguba para comer, então era capaz de amarrar uma pessoa e dizer que é um sofo?

– Desamarrem-na – ordena Dom Pételo – e ela que diga quem fez isso.

Com um gesto mudo da cabeça, a rapariga indica o Súngua Zoa.

– Não percebo nada – Dom Pételo nas pételas da confusão. – O Angango traz-nos até aqui a dizer que apanhou um sofo pequeno e a rapariga diz que foi o Zoa que a amarrou?

Então o Súngua Zoa pediu ao pai que lhe deixassem contar como as coisas se tinham passado desde o dia em que haviam encontrado a velha numa lavra de ginguba, como ele matava a caça e o Angango se vinha gabar.

Ao saberem daquela história, os homens velhos das aldeias da região reuniram o povo debaixo das copas das mulembas comunais.

A história do Súngua Agango e do Súngua Zoa foi comentada por toda gente. Como é então Dom Pételo queria que escolhessem para governador da região o seu filho Súngua Angango, esse um que afinal se gabava de arranjar a caça que não conseguia?

Na floresta, um chefe tinha de ser forte e valente. Mas era preferível um homem honesto embora pouco brilhante, do que um vivaço e trapaceiro. Porque quem quer viver na opulência sem grande trabalho, quem procura a fama e a abastança sem se preocupar com o facto de, para o conseguir, ter de atropelar os outros, se um dia for chamado para cargos de responsabilidade, vai então de certeza enganar o povo.

Por toda a parte se discutiu aquele assunto. O Súngua Zoa foi escolhido para governar a região: num banco de assento de pele de elefante, recebeu as demonstrações de apreço dos mabata das várias povoações.

Dizem que foi um governante justo e ponderado.

O Súngua Angango, expulso da mbanza, viu-se obrigado a percorrer os caminhos do reino à procura de trabalho, como um homem sem linhagem.

III

O SASSA-LUKALU

O Sassa-Lukalu é um monstro muito escuro, só metade do corpo: meia cabeça, um só olho, meio nariz, meia boca, um só braço, meio tronco, uma só perna. É do tamanho de uma árvore média, e gosta de se colocar por debaixo das árvores mais altas, confundindo-se com as suas partes mais escuras.

Se alguém, por distração, se vem colocar à sombra de uma árvore sem reparar na sua presença, o Sassa-Lukalu agarra-o e leva-o para a sua lava.

Como todos os verdadeiros tiranos, gosta de arranjar justificações para os seus actos. Assim, propõe adivinhas ou problemas às suas vítimas, e se estas não dão a resposta esperada, devora-as gostosamente. Mas se alguém responde de maneira conveniente, enche-se de raiva e procura nova forma de destruir a vítima.

O Sassa-Lukalu não se dirige para os sítios abertos onde se encontram as habitações dos homens, pois não suporta a claridade. Vive nas matas, destruindo as plantações e as árvores donde os homens tiram sustento, os animais de criação que encontra nos currais, etc., e gosta de se gabar da sua força e impunidade.

Um dia, um camponês regressava de ir fazer compras à loja do povo. Desceu do autocarro da carreira, perto da ponte onde havia combinado encontrar-se com o filho, para este o ajudar a transportar o saco de fuba que tinha ido comprar.

Como o jovem ainda não tivesse chegado ao local do encontro, o camponês dirigiu-se para junto de uma árvore próxima, a fim de descansar à sua sombra. Mas aquela árvore era afinal o Sassa-Lukalu, que o agarrou e o foi arrastando para a sua lava.

Mas enquanto era levado, o homem fez com a sua navalha um buraco no saco de fuba. Assim o rasto que se ia formando iria dar in-

dicações sobre o trajecto percorrido. E enquanto é arrastado, o homem vai discutindo com o Sassa-Lukalu.

– Para onde me levas, ó monstro, e que mal é que eu te fiz para me teres agarrado?

– E porque é que eu não te havia de agarrar? Pois conheces aqui neste sítio alguma coisa que eu não possa fazer, existe alguma coisa vossa que se oponha à minha força? Se fazem uma casa, eu parto a casa. Se plantam uma árvore, eu derrubo a árvore. Se constroem uma ponte ou põem canoas na margem do rio, eu parto a ponte ou destruo as canoas.

– Julgas-te muito forte, ó monstro, mas um dia acabarás por ser destruído.

– Ah! Ah! Ah! – riu-se o monstro, gostosamente. – Então diz-me lá, ó homem. Qual é a árvore que eu não possa destruir? Qual o tronco, qual o pau que eu não possa partir?

O homem não sabia responder, e o Sassa-Lukalu continuou a levá-lo para a sua lavra. Aí chegados, prendeu-o a uma árvore amarrando-o pelo tornozelo, e foi procurar lenha para fazer uma fogueira.

Entretanto, o filho do camponês havia chegado ao local combinado para encontrar-se com o pai. Não o encontrando, procurou-o pelas imediações. Avista afinal o rasto deixado pela fuba no trajecto para a lavra do monstro, e pensando que aquilo fosse alguma indicação, pôs-se a seguir o rasto. E, assim, chega finalmente ao local onde o pai estava amarrado, e encontra já uma panela de água em cima da lenha e o monstro a preparar-se para acender o fogo.

O jovem fica um pouco distante, em local aberto, pois sabe que ali está em segurança. Se o Sassa-Lukalu o quisesse agarrar, bastava correr enviezado em relação à sua direcção, que o monstro, capenga-capenga com a sua única perna, nada conseguiria fazer.

– Porque é que agarraste o meu pai, ó Sassa-Lukalu, e que mal é que ele te fez para o queres comer?

– Que é que tu queres, ó miúdo? O teu pai andava a dasafiar o meu poder. Perguntei-lhe então qual o tronco de árvore que eu não conseguiria partir, e como ele não sabe responder, vou devorá-lo.

– Pois eu consigo arranjar um tronco de árvore que tu, por mais que te matasses, nunca serias capaz de partir.

O Sassa-Lukalu, como todos os opressores, é vaidoso e não gosta de ser posto em causa.

– Ora essa! E que tronco de árvore é esse que consegues arranjar e que eu não posso partir? Dou-te uma semana de prazo para trazes aqui esse tronco, e se não for verdade o que dizes, o teu pai será devorado.

– Dá-me um mês de prazo. E se eu não conseguir trazer o tal tronco, em vez de comeres apenas o meu pai, comes-me também a mim.

– Combinado – disse o monstro, pensando que, esperando um mês, em vez de uma só refeição, conseguiria desse modo obter duas belas refeições.

Então o jovem pôs-se a caminho, a fim de ir cumprir a sua promessa. E o Sassa-Lukalu desamarrou o camponês e fechou-o num quarto da sua cubata, com água, mandioca e bananas para se ir alimentando durante um mês.

O filho do camponês arranjou dinheiro para viajar, e percorreu o país todo das mais diversas maneiras. De avião, de carro, a pé, de comboio.

Foi à província de Cabinda, e aí arranjou um tronco de pau-ferro. Dirigiu-se depois à província do Uíge, e cortou um pé de cafeeiro. Descendo mais para sul, na província de Luanda cortou um tronco de cajueiro. Em Malanje arranjou uma mandioqueira. Na Lunda, um flexível tronco de bambu. No Bié cortou um pé de milho. Indo ao Lubango, obteve um belo tronco de anocha. Em Moçâmedes, robusta pernada de videira. Enfim, o rapaz percorreu todas as dezasseis províncias do país, e em cada uma delas arranjou uma espécie vegetal diferente.

Depois deitou-as ao comprido, umas sobre as outras, e foi-as ajeitando de modo a formarem um corpo homogéneo. Amarrou então aquele conjunto com muxingas compridas, enrolando à sua volta compridas folhas de bananeira. E assim amarrados e envolvidos, todos aqueles paus e troncos, diferentes entre si, parecem afinal um único tronco, um estranho tronco que o jovem carrega às costas.

E agora o rapaz regressa ao sítio onde o Sassa-Lukalu conserva preso o seu pai. Viaja de todas as maneiras possíveis, a pé, de comboio, de automóvel, de barco.

Já se tinha passado um mês, o Sassa-Lukalu põe-se novamente a acender a fogueira, eis que chega o filho do camponês com o seu estranho tronco.

– Que tronco tão esquisito, que eu nunca vi. É esse o tal que não consigo partir? Essa porcaria que trazes aí, já vais ver como o desfaço num instante.

O Sassa-Lukalu agarra o comprido embrulho, coloca-o sobre o joelho, dobra-o com o seu único braço. O tronco torce-se um bocadinho, e mais nada. Força que força o Sassa-Lukalu, e nada de conseguir partir aquele feixe de troncos. Põe-no sobre a cabeça, dobra-o com o braço e com a perna; coloca a ponta no chão, faz força com o braço; deita-se no chão e dobra-o no ar, enfim, o Sassa-Lukalu tenta partir o embrulho utilizando as mais diversas posições; o feixe dobra um pouco aqui e ali, parece que vai estalar uma fibra de um lado ou de outro, mas resiste sempre.

O monstro já está cansado de tanto tentar, o suor escorre-lhe pela cara, e o feixe de troncos amarrados nada de se partir. O Sassa-Lukalu é um monstro muito escuro, mas está tão cansado que começa a ficar verde.

– Que raio de pau é esse que arranjaste por aí? Andas-me a querer enganar, ou quê?

Então o jovem diz-lhe as seguintes palavras:

– Tu, ó monstro, significas a opressão, a miséria e o obscurantismo. São tuas expressões a guerra, a fome, o analfabetismo e a ignorância. Alimentam-te a especulação, o racismo e o tribalismo. Representas, enfim, todas as formas de exploração e de discriminação.

– E este “tronco”, o que representa?

– Repara bem que é feito de troncos de árvores de todos os pontos do país. Alguns dos troncos que aí estão são rijos como o pau-ferro, outros frágeis como o milho. Uns rígidos como a anocha, outros flexíveis como o bambu.

“Onde um é fraco, o outro é forte. Se o nó da mandioca está a partir-se, a elasticidade da fibra do imbondeiro mantém a resistência necessária. E assim combinados todos, juntos num só, as curvas de uns corrigindo-se com as partes direitas de outros, uns lenhosos outros fibrosos, uns vindos do Norte outros vindos do Sul, uns cultivados outros em estado mais natural, uns mais claros outros mais escuros, estes troncos todos unidos num só, representam a unidade do Povo angolano. Disse-te que isso era um tronco de árvore, e essa árvore é a Angola do futuro.

“Se cada um desses troncos estivesse desligado dos outros, cada um isolado no seu lugar de origem, tu com a maior facilidade darias cabo deles todos, um por um. Mas unidos todos num só feixe, juntando suas forças e suas fraquezas, suas qualidades e seus defeitos, suas igualdades e desigualdades, esse tronco representa uma força poderosa, uma força invencível contra a qual nada poderás fazer.”

Ao ouvir aquelas palavras, o Sassa-Lukalu fica cheio de raiva. Tomado de fúria avança contra o jovem, pronto para o destruir. Mas o monstro já está tolhido pelas suas próprias contradições. Tem um ataque de apoplexia e cai para o lado.

Então o filho do camponês liberta o pai da sua prisão. E os dois, seguindo o rasto da fuba, fazem o caminho de regresso.

Ao chegarem à sua aldeia são recebidos com grandes manifestações de alegria, pois todos os aldeões já os consideravam como desaparecidos.



ISAQUIEL CORI

Isaquiél Cristóvão Cori nasceu em Luanda aos 12 de Agosto de 1967. Obras Publicadas: *Sacudidos pelo vento* (1994) e *O último feiticeiro* (2003).



CRISTINA

Cristina estava na flor da vida, na idade em que todos os sonhos são permitidos. Cinco anos mais nova que o seu único irmão, andava atrasada nos estudos, por causa das doenças frequentes que a imobilizavam na cama, quase sempre na época dos exames. Essa coincidência levou alguns parentes a pensarem seriamente na possibilidade de algum feiticeiro estar por trás de tudo. Chegou-se mesmo a aventar o nome de um vizinho, agora falecido, que tinha um olhar inquietante, que feria como a ponta de um punhal afiado. Dizia-se que de noite os seus olhos acendiam como lâmpadas e que o seu corpo se tornava invisível. Mas nada se conseguia provar contra ele. E, para satisfação de todos, com o decorrer dos anos, as doenças abandonaram Cristina por completo.

A tarde sucumbira mas o calor redobrou a sua intensidade. Cristina e o irmão, Álvaro, viam televisão na sala de estar, livres o mais possível das roupas, no limite do pudor.

Ao mesmo tempo que via televisão, Álvaro detinha, amiúde, os olhos nas páginas de um volumoso livro. Televisor e livro eram como que uma barreira à instauração de qualquer diálogo entre os dois, que viviam sozinhos depois da morte do pai. Cristina procurara e encontrara mil e um tópicos para iniciar um diálogo mas a atitude séria e competente do irmão desencorajava-a, fazendo-a renunciar não sem um quê de frustração. Cheia daquele ambiente carregado de tensão, não obstante o excelente programa da televisão, anunciou que se iria retirar. O irmão anuiu, com um grunhido de indiferença.

Desde o seu regresso do estrangeiro, onde concluíra a formação superior, Álvaro mantinha-se apegado à obstinada convicção de que a irmã não possuía valor suficiente para com ele manter um diálogo decente. Com ela conversava apenas nas circunstâncias estritamente necessárias.

Quando essa tendência do comportamento do irmão se estabeleceu, Cristina concluiu, desolada, que o edifício dos seus sonhos, construído à volta do regresso do mesmo, ruía estrepitosamente, sem apelo nem agravo. Sempre fiel à imagem que criara do irmão, conservara-se afastada dos rapazes que a incomodavam com propostas de namoro, atraídos, como moscas, pela beleza e simpatia naturais que se desprendiam da sua pessoa.

Agora, verificando o tempo perdido na sua existência, constatao o imenso logro a que a sua ingenuidade a arrastara, Cristina começou a nutrir pelo irmão uma manifesta atitude de antipatia. Propositadamente passou a desleixar-se dos cuidados quotidianos da lida da casa e o aspecto desta degradava-se a olhos vistos. No quintal, o lixo acumulava-se e na cozinha a loiça elevava-se numa grande pilha. Viam-se ratos a circular em liberdade pela sala desarrumada e à noite as baratas dedicavam-se à acrobacia aérea, saltando e atirando-se dum lado ao outro, em arriscados voos rasantes.

Cristina passou a frequentar, com assiduidade crescente, as poucas discotecas do bairro, mas não tardou muito e o círculo limitado deste já não satisfazia a sua fome de prazeres. Então mudou de rumo, procurando satisfazer essa fome nos mais badalados centros de diversão da cidade. Quem se postasse na rua ao fim da tarde vê-la-ia, de certeza, subir num carro moderno. E ao fim da noite vê-la-ia regressar no mesmo carro, embriagada, com um volume debaixo dos braços. Os comentários, fatalmente, começaram a circular pelo bairro.

“Mas como é que se explica, uma menina tão bem nascida, apesar da mãe ter morrido tão cedo, que teve um pai tão inteligente, lançar-se nessa vida de vender o próprio corpo?” “Coitado do pai, se estivesse vivo morreria de desgosto!”

Cristina não se importava com esses comentários. Quando caminhava pelo bairro deliciava-se com os olhares invejosos dos vizinhos e das vizinhas. O seu andar tinha qualquer coisa de descolagem iminente e o seu olhar ao pousar-se sobre algo ou alguém como que os tornava nulos, inexistentes.

Mais do que as acções de Cristina, os comentários que corriam pelo bairro mortificavam Álvaro, pois referiam-se geralmente a ela como “a irmã do Álvaro”. E essa referência não vinha isenta de um certo ar de reprovação, como se ele fosse o culpado da vida que a irmã levava. Incapaz de se insurgir contra os vizinhos, passou a votar à irmã um ódio sem tamanho. Pensou mesmo em expulsá-la de casa, mas retiveram-no as especificações testamentárias do pai, que ordenavam que devia repartir a posse da casa com a irmã, até que, voluntariamente ou por efeito de casamento, ela arranjasse um novo lar. Por motivo de casamento... Nas circunstâncias actuais, de tão remota essa possibilidade, essas palavras soavam a Álvaro com uma forte carga irónica, de zombaria...

Um dia, sem dar explicações a ninguém, Cristina desapareceu de casa e Álvaro ficou imensamente contente.

Novos rumos, novas perspectivas, em suma, nova vida, delinearam-se, ganhando corpo no seu pensamento.

Com o decorrer dos anos, a vida de Cristina deixou de ser comentada no bairro. Até que um dia, quando outros protagonistas dominavam as histórias que corriam pelo bairro, numa tranquila noite de segunda-feira, ao entrar em casa, Álvaro sofreu um tremendo abalo: um som forte e meio abafado vinha do interior. Escancarou a porta do quarto e acendeu imediatamente a lâmpada. Por momentos, os seus olhos ficaram cegos, daí que não visse logo a pessoa sentada na borda da cama. Mas depois viu. Sentada na cama, sacudida por violentos acessos de tosse, apertando contra a boca um pano sujo de sangue, estava Cristina, ou mais exactamente a ruína daquilo que havia sido Cristina. Debaixo do tecido do seu sujo vestido adivinhava-se facilmente o seu corpo esquelético, de tão desnutrido. Os seus olhos outrora altivos e fascinantes eram agora como que dois buracos vazios.

Álvaro não soube como reagir. Mas depois, com uma atenção concentrada, avançou para o centro do quarto, as mãos na cintura, numa atitude belicosa. A irmã acompanhava a sua evolução com o olhar vagamente interrogador de um moribundo.

– Com que então de volta, hem! – disse lentamente Álvaro, a voz engrossada pelo ódio. – Só que – prosseguiu – nesta casa já não há lugar para ti. Logo, trata de desandar daqui!

Um violentíssimo acesso de tosse tomou conta de Cristina e fé-la prostrar-se na cama. Um sulco sanguinolento escorria-lhe da boca e espriava-se por entre os seios murchos como uma flor seca e descar-nada. Um riacho de lágrimas nasceu-lhe dos olhos semicerrados e jun-tou-se ao sangue que lhe escorria da boca. Reconhecendo a doença que se abatia sobre a irmã Álvaro fugiu do quarto, o horror desenhado na cara, a mente descontrolada.

No quintal, sentou-se numa cadeira e tentou retomar as rédeas de si mesmo. Já sereno, pensou em levá-la ao hospital, mas qualquer coisa de muito profundo revoltou-se no seu íntimo. “Afinal não fora ela que, voluntariamente, desprezando a opinião dos outros, se metera na-quela vida cheia de insegurança? Então, ela que aguento as consequências”... Mas, dada a natureza da doença, contagiosa, resol-veu expulsá-la do seu convívio. Obcecado por essa ideia, irrompeu no- vamente no quarto. Numa pausa dos acessos de tosse, a irmã adorme- cera. Puxou-a para o chão, juntamente com o colchão de espuma, e arrastou-a para um quartinho anexo à casa principal.

No dia seguinte, nas calmas, Álvaro foi trabalhar. Quando des- pertou, Cristina facilmente se deu conta do novo local em que se en- contrava e, instintivamente, sentiu nessa mudança a mão de Álvaro. Pôs-se de pé mas logo a seguir, mais forte que toda a sua vontade, um poderoso espasmo fé-la dobrar-se sobre si mesma. Minutos depois, pas- sado o espasmo, abandonou-se integralmente ao colchão, ao seu pran- to e às suas, não sabia se doces se amargas, recordações.

Durante anos Cristina fora rainha. Reinara nos sonhos de muitos homens que lhe propunham, para inveja das amigas, tentadoras pro- postas de casamento ou de vida em comum. A todas desdenhara. “O

casamento não cabe nos meus ideias”, dizia. Amante de incontáveis homens, a todos satisfizera. Quem é o homem que a tendo visto não alimentara pensamentos lúbricos?

Só que o tempo consome-se. E consumindo-se, o tempo consumia-a, a ela. A partir de certa altura os homens que tão acirradamente a disputavam intencionalmente a evitaram. E, de modo brusco, as ofertas regulares cessaram: baixara de categoria aos olhos dos homens. Por fim, doente, o instinto arraigado de lar actuou nela, levando-a de volta a casa.

Durante toda a manhã Cristina foi acometida de intensas tosses que alertaram a vizinha mais próxima. Não tardou e uma pequena multidão inundou o quintal do ausente Álvaro. Sem delongas Cristina foi transportada ao hospital e lá ficou internada. Teve alta cinco meses depois de aturado tratamento, regressando imediatamente à casa, à sua rua, ao seu bairro.

Apesar de contrariado, Álvaro tolerava a presença da irmã, pois receava a opinião da vizinhança. Mas nem por isso se diluía em gentilezas para com ela. Esta não se importava. De manhã cedo erguia-se da cama, ia à cozinha e fazia qualquer coisa de comer para si própria. Depois sentava-se no quintal, à sombra de uma mangueira e contemplava então o horizonte e captava as vozes e os ruídos que lhe chegavam aos ouvidos.

A meio da manhã de uma quarta-feira, pretendendo descansar no quarto, Cristina foi tomada de vertigens e desequilibrou-se, caindo desfalecida no chão, como uma árvore em plena floresta. Um vizinho encontrou-a estendida no solo e soltou logo a seguir um grito de socorro. No primeiro momento pensou-se que Cristina tivesse morrido e foi essa a informação que alguém transmitiu a Álvaro, no serviço, via telefónica.

Na posse dessa informação, Álvaro esfregou as mãos, cheio de contentamento. Largou o serviço e foi a correr ao banco, onde levantou uma grande quantia de dinheiro. Alugou uma carrinha e partiu logo a seguir para uma agência funerária.

Entretanto Cristina não morrerá. Sofrera tão somente um pequeno desmaio, resultante da fraqueza e da carência que tinha de amor e de carinho. Poucos minutos depois do desmaio e queda já se encontrava de pé, aplacando as inquietações dos vizinhos, que, solícitos, queriam levá-la ao hospital. “Estou bem, foi só um desmaio”, afirmava, recomposta. Quase todo o mundo foi-se embora, ficando apenas os vizinhos mais chegados. Conversaram sobre os mais variados assuntos, evitando sempre o tema da atribulada existência de Cristina. A pretexto de ir descansar esta despediu-se dos bem intencionados vizinhos e já estes se dirigiam à porta de saída e Cristina sustinha a maçaneta da porta da sala quando pressentiu que havia qualquer coisa no ar. O seu coração saltitava descontroladamente e uma inquietação grande paralisava-lhe o raciocínio. Com o espanto no rosto, os olhos e as bocas abertas até não poder mais, os vizinhos permaneciam parados, como espantalhos à entrada das lavras.

Sentindo que acontecera algo de mau, Cristina foi passando por cada um dos estáticos vizinhos e caminhou na direcção do portão aberto do quintal. Não foi preciso cruzar o portão para se dar conta do que se passava. Mesmo defronte encontrava-se estacionada uma carrinha azul. E um caixão preto, brilhante, uma urna funerária de superior qualidade, repousava no chão, mesmo ao lado da carrinha. Ao ver a irmã, Álvaro, que ainda tinha uma das mãos pousadas no caixão, ficou literalmente varado de surpresa, sem saber o que fazer. Cristina olhou fixamente para o irmão, que, sem compreender nada, olhava-a de modo estúpido.

No instante inicial Cristina também não compreendeu nada. Mas depois associou tudo, viu tudo, leu tudo nos olhos atarantados do irmão. Tomada de súbita raiva, o coração em pedaços, os olhos cegos por uma torrente de lágrimas quentes, soltou um grito inumano, de desespero, e refugiou-se no interior da casa. Não tardou voltou a sair, atravessou o portão em disparada e, qual um camião sem condutor, pô-se a correr rua a fora. Desgarrada, como um fantasma, Cristina corria possuída de uma estranha vitalidade. Da vitalidade que só a solidão e o desespero, o ódio e a fúria, podem insuflar. Corria como se o facto de correr, de apenas correr, significasse a sua salvação.

PORQUE COMI MEU MESTRE

A carta que a seguir se transcreve foi encontrada na cela de um condenado à prisão perpétua, que, entretanto, acabou por suicidar-se. Desde já alertamos os caros leitores para os aspectos eventualmente chocantes.

Damos a estampa a referida carta porque em grande medida traduz a essência desse nosso tempo, dominado pela ânsia de se atingir determinados objectivos sem se olhar a meios.

Se para mais não sirva, que pelo menos as pessoas porventura crentes nos poderes da feitiçaria se demovam de tal, ao lerem esse documento pungente.

“Até aquele instante fatídico, o instante em que sucederam os acontecimentos terríveis que mancharam a minha vida, a minha existência não consistira noutra coisa senão na busca incessante do conhecimento supremo, o conhecimento que me permitisse não só descobrir as coisas do passado, reviver os momentos grandes e pequenos que fizeram história, mas sobretudo compreender o presente e prever o futuro em todas as suas variantes. Em suma, o conhecimento cuja posse tornar-me-ia no dono e senhor do Tempo. Ciente das implicações futuras dos factos presentes, por mais complexas que elas fossem, eu seria imortal, pois veria os caminhos susceptíveis de me levarem à morte e saberia como afastar-me deles. Os espíritos vulgares, sempre embebidos na mediocridade do dia-a-dia, rir-se-ão certamente da minha pretensão. Mas apenas eu e Deus sabemos do quão perto estive de alcançar esse objectivo. Nem sequer o tribunal que me condenou à prisão perpétua soube dos reais motivos que me levaram a cometer tão horrendo crime. Desde a instauração do processo às audiências no tribunal mantive-me sempre de boca calada. Via os juízes como se estivesse ausente daí e até sorri no momento em que eles, friamente, pronunciaram a sentença de condenação à prisão perpétua. Mas agora, nesta cela em que me encontro, recobrei a voz e a razão. Agora revejo não só os acontecimentos que me levaram a estar aqui, como também as causas de tais acontecimentos.

Ai meu Deus! De que me vale continuar a viver se a minha vida já não tem sentido? De que me vale continuar a viver se as esperanças que alimentei em toda a minha existência, esboroaram-se? Decidi pôr termo à minha pobre vida. Não por estar aqui, na prisão. Depois do que fiz, nem que continuasse em liberdade não me restaria outra solução senão renunciar à vida. Mas antes de morrer tomo a decisão de escrever estas linhas, para que o mundo saiba quem fui eu, verdadeiramente, e dos propósitos que animaram os meus dias.

Desde que me conheci homem sempre tive um espírito curioso, aberto a todo o tipo de conhecimento. Os meus ouvidos não deixavam escapar nenhum som, por mais insignificante que fosse, e os meus olhos muito cedo treinei-os na arte de fixar os movimentos que se desenrolam à minha volta. Mal aprendi a ler rapidamente lancei-me no mundo dos livros. Desde criança a ciência e a filosofia exerceram uma grande atracção sobre mim. Já que em casa não tinha os livros que pretendia, pus-me a frequentar todas as bibliotecas disponíveis. Por causa da leitura passei fome, andei quase nu. Privei-me da companhia dos meus e, até hoje, por mais estranho que pareça, nem sequer conheço o canto mais sagrado e guardado do corpo de uma mulher. As pessoas que me rodeavam, a princípio, escandalizavam-se comigo, mas depois toleravam-me com condescendência e pena: eu não passava de um pobre louco.

Li enciclopédias inteiras e os livros fundamentais que veiculavam todo o saber científico e filosófico, dos clássicos aos contemporâneos. Graças ao meu próprio esforço aprendi a ler nas principais línguas do mundo. Transformado em autêntico erudito, eu não sabia, paradoxalmente, nada da vida. A ciência não conseguia responder cabalmente às minhas incessantes interrogações e nenhum sistema filosófico deu-me o que, afinal, eu sempre procurara: a chave da vida. Eu andava já frustrado, amargurado, mais solitário do que nunca, quando encontrei aquele que viria a ser o meu mestre, o senhor do meu destino.

Encontrei-o acidentalmente, quando, numa das muitas noites de insónia, abandonei a minha cama ineficaz e meti-me a andar pelas ruas, em plena madrugada. Chovia torrencialmente e nos céus crepitavam

raios e trovões. A chuva molhava-me sem contemplações e eu caminhava sem destino, com o pensamento fixo não sei em que ideia. Nas ruas não me deparava com viva alma e apenas a chuva e as sombras faziam-me companhia. De quando em vez um ou outro relâmpago iluminava-me o caminho e então apareciam-me, fugazmente nítidas, as figuras das árvores e os contornos das casas. Sem saber como, dei entrada no cemitério e encontrei, sentado numa velha campa, um homem completamente nu. Dos seus lábios saía uma canção que eu nunca ouvira e os seus olhos olhavam-me como os de um gato. Mandou-me sentar a seu lado, na campa, depois de me tirar as roupas molhadas. Logo a seguir levantou-se e pôs-se a dançar. Dançava com frenesim, o seu sexo, comprido, baloiçava como um chicote e o seu traseiro remexia como o de uma bailarina. O homem agarrou o sexo com ambas as mãos e começou a masturbar-se. No momento do êxtase soltou um enorme grito e, finalmente, suspirou de satisfação, enquanto o seu sémen era levado pelos regatos formados pela chuva. Fascinado e imbuído da minha habitual curiosidade científica, logo cataloguei o indivíduo de louco, certamente um maníaco sexual. Porém, não tardaria, dar-me-ia conta do engano.

O homem postou-se frente a mim e então, à luz de sucessivos relâmpagos, por entre a cortina de chuva, vi que se tratava de um velho, cheio de rugas mas com a vitalidade de um jovem.

– Sabia que virias, por isso cá estou – disse ele, numa voz quase ininteligível, para depois acrescentar: - Eu sou o velho Dimuka, tenho 399 anos de idade. Já devia ter morrido há muito, mas tenho escapado sempre.

Depois dessa breve apresentação, o velho não parou de falar. Disse que nos últimos anos a morte rondava-o com muita insistência e era-lhe cada vez mais difícil escapar-se. Pressentia que em breve morreria. Mas não queria que a morte o surpreendesse sem que antes depositasse todo o seu saber na pessoa digna de tal. Escolheu-me a mim, disse, porque estava ao corrente dos meus esforços tendentes a apossar-me do Conhecimento. Sabia o que eu queria e ele tinha para me dar

o que eu queria. Eu não cabia em mim de interesse. Escutava-o com uma avidez tal, os meus sentidos estavam de tal modo concentrados nele que nem me apercebi do cessar da chuva.

– Jovem – dizia-me ele. – Eu também percorri os caminhos que tens vindo a percorrer. A ciência não é a solução. A ciência está incapaz de fornecer-nos a chave da vida e da felicidade. A essa conclusão cheguei quando ainda nem sequer um cabelo branco tinha. Nessa altura, então, decidi embrenhar-me noutros caminhos. Embrenhei-me nos caminhos malditos do ocultismo, da magia e da feitiçaria. Tive a sorte de encontrar mestres sinceros e ávidos de transmitirem os seus conhecimentos. Descobri que era cego e abri então os olhos para realidades cuja existência eu nunca suspeitara. Descobri a existência de outros mundos que não o nosso e aprendi a comunicar-me com os mortos. Aprendi a língua das formigas e das moscas e de quando em vez converso com elas e rimo-nos fartamente da ignorância dos homens. Aprendi a decodificar as mensagens transportadas pelo vento, as estrelas dizem-me dos seus sentimentos e soube que, afinal, elas também namoram entre si. Foram elas que me ensinaram a ler os pensamentos dos homens e a agir sobre eles, mesmo à distância. Conheço todos os sortilégios, todo o vocabulário mágico e todos os ingredientes da feitiçaria. Aproximadamente os meus 400 anos de idade e sei que daí já não avançarei.

Velho Dimuka propôs-me então que o passasse a encontrar todas as noites no cemitério, naquela mesma campa, a fim de passar a receber as suas lições. Como não podia deixar de ser, eu aceitei.

A manhã aproximava-se, a passos rápidos. Vestimo-nos e despedimo-nos ainda no interior do cemitério. Desde aquele dia os nossos encontros sucederam-se regularmente, no mesmo local, a altas horas da noite, quando a madrugada começava a despontar. O meu mestre mostrava uma vontade redobrada de me transmitir todo o manancial de sabedoria diligentemente adquirida ao longo dos seus 399 anos de existência na terra. A minha vontade de aprender, de apossar-me de tudo quanto ele tinha para mim era tão grande, tão intensa, que os meus olhos pareciam duas brasas ao rubro, a minha pele tinha a palidez

dos mortos e as minhas mãos tremiam de ansiedade. Acumulando-se os dias e as noites tornava-me tal e qual o meu mestre, mas ainda me faltava o essencial, o conhecimento chave da vida, o segredo supremo cuja posse tornar-me-ia no homem mais poderoso dentre os poderosos.

O dia há tanto esperado, finalmente, chegou. Era o dia em que o mestre faria os seus 400 anos e, conseqüentemente, seria o da sua morte. Mas antes do seu fôlego multiseccular apagar-se definitivamente, já eu teria recebido das suas mãos segredo supremo. Nesse dia não pude conter-me de tanta impaciência. Cheguei mais cedo do que habitualmente ao cemitério e sentei-me na campa do costume. Era noite cerrada e o ar estava pesado. As estrelas, lá no alto, pareciam reunidas para testemunhar o grande acontecimento. Um sonoro farfalhar de folhas e o cantar dos pássaros nas árvores mais pequenas anunciaram-me a chegada do meu querido mestre, que vinha diferente das ocasiões anteriores. Caminhava lentamente, sacudia-o um ligeiro tremor e, em vez de nu, como antes, hoje ele vinha coberto por um pano branco, descalço e com as mãos agarradas à cintura. Pela primeira vez, de facto, apercebi-me do avançado estado de senilidade daquele que eu mais queria no mundo. “Sim, é urgente que ele me passe já o segredo que lhe enche a alma, de contrário morrerá com ele e a humanidade perderá para sempre o elo válido capaz de a pôr em contacto com outras dimensões do universo”.

Enquanto eu assim pensava o velho aproximou-se mais um passo. Fiz questão de ampará-lo, mas ele recusou-se com um gesto firme. O mestre apresentava um ar solene que eu jamais suspeitara nele. Resolvi-me a esperar.

– Meu filho, escolhi-te para herdares tudo quanto sei. Transmiti-te já quase tudo, mas falta o essencial. Dá-me a tua mão.

Dei-lhe a minha mão direita e senti como se a tivesse pousado numa rocha quente.

– Abra a boca!

Fiz o que ele me pedia e ao mesmo tempo a sua mão direita pressionou-me o peito. Ele preparava-se para dar-me o beijo na boca, o

beijo que selaria o nosso contrato, quando, inesperadamente, soprou um vento forte e um grosso galho da árvore sob a qual nos encontrávamos caiu violentamente sobre a cabeça do mestre. Não havia nada a fazer, ele estava morto. O sangue tingiu de escuro largos pedaços do seu pano e a sua fronte, erguida ao alto, conservava um ar de dignidade que, dir-se-ia, preservava para lá da morte. Só minutos decorridos dei-me conta, em toda a sua dimensão, do vazio que representava para mim a morte do velho. Eu estava perdido, não teria jamais a chave do conhecimento supremo. O objectivo máximo da minha vida, apesar de ter estado tão próximo de mim, era agora inatingível. Desnorteadado, dei uns passos em redor do cadáver, o suor banhava-me o corpo todo e o meu olhar fixava-se obsessivamente no vazio. Sem saber o que fazia, esmurrei as campas e pontapeei os vasos e as fotos emolduradas dos mortos.

Foi então que, como um raio, um pensamento terrível atravessou-me a cabeça. Não comem, os caçadores, a carne dos animais ferozes para, expressamente, se apossarem da força e valentia destes? Não são muitas as mães que dão de comer aos seus filhinhos, ossos de leão para que quando cresçam tais filhos sejam tão intrépidos, robustos e indomáveis como aquele animal? Não diz o nosso povo que o espírito dos mortos permanece no interior do cadáver até determinada hora? O que aconteceria se me apossasse do espírito do mestre? Como havia de me apossar?

Com os olhos a arderem de febre aproximei-me mais uma vez do cadáver e, de repelão, descobri-o do pano, peguei num pedaço aguçado de madeira, ligeiramente pesado, e, de vários golpes, abri-lhe o crânio, para depois, literalmente, sugar-lhe a massa cinzenta. Sim. Comendo-a, apossar-me-ia do espírito e da sabedoria que animaram o meu mestre, seria dono de todos os seus atributos. Assim que digeri o cérebro abri-lhe o peito e arranquei-lhe, com força, o coração, aquele coração que pulsara durante quatro séculos. Ergui-o no ar, com cuidado, não fosse deixá-lo cair na areia, e só então preendi-o entre os meus dentes. Os meus dentes afiadíssimos perfuraram o coração do meu amado mestre e despedaçaram-no com todo o vigor. Aos poucos, engoli a maior parte do que fora o coração de um homem.

A reacção não se faz esperar. De repente senti-me como se estivesse a ser elevado para alturas impensáveis. Uma euforia benfazeja enchia-me o espírito, de igual modo que uma lucidez esmagadora, que punha diante de mim significados e aspectos das coisas que jamais me tinham ocorrido. Naquele momento, disse de mim para mim; radiante, que na verdade conseguira o que tanto desejara. Sentia como que o espírito do mestre a impregnar-me, a transformar-se noutra pessoa, numa pessoa clarividente, cheia de sabedoria. Todavia, ai meu Deus, tudo não passou de sol de pouca dura. Passei rapidamente do estado de euforia para o de uma debilidade quase completa, era como se, de repente, me tivesse transformado num velho. As minhas costas encurvaram-se e a minha respiração tornou-se tão pesada que me era difícil mantê-la. Olhei para as minhas mãos e um arrepio de horror percorreu-me o corpo todo: as minhas mãos estavam tão enrugadas, tão frágeis, como se pertencessem a alguém com mais de cem anos de idade. A lucidez que há pouco tinha abandonou-me e a minha mente ficou tão confusa como a de uma criança. Fiquei deprimido e já nem sequer conseguia raciocinar direito. Sentei-me, sem forças, na cama, e pus-me a olhar, como uma máquina fotográfica, o cadáver esburacado do meu mestre. A luz da manhã e com ela os coveiros encontraram-me a dormir, sentado.

– Esse velho é um grande feiticeiro – dizia um dos coveiros. – Amarrem-no!

Sim, apesar de esgotado eu ainda compreendia. As partes do corpo do mestre, em vez de me revitalizarem o corpo e o espírito, pelo contrário, aceleraram o meu processo de envelhecimento. A bem dizer, dos 25 anos passei, sem transição, para os 400 anos de idade...

Amarraram-me e levaram-me rapidamente à cadeia. Seguir-se-ia depois a instrução do processo e o julgamento em tribunal. Condenaram-me à prisão perpétua. Mas, como já dei a entender, por que hei-de continuar a viver se já não tenho motivos para tal? Meus amigos, estas linhas são o testemunho da minha passagem pela terra. O que farei a seguir só a mim diz respeito...”



NA CURVA DO TEMPO

Amavam-se com o mesmo vigor, apesar da grande diferença de idades. Ele era muito jovem, não devia ter mais de vinte e cinco anos. Muito metido consigo mesmo, tinha dificuldades em lidar com os outros, fosse em casa ou na rua. Quando falava era como se estivesse a falar sem vontade, não punha convicção na voz, os seus olhos evitavam o olhar dos outros... mas era excepcionalmente inteligente, tinha ideias e um discernimento notáveis, mesmo nas situações mais obscuras. Apesar disso mostrava uma incapacidade tal de agir que irritava as pessoas que o conheciam intimamente. Ele próprio estava consciente do seu problema, analisava-o racionalmente, via claramente o meio de o resolver mas, incompreensivelmente, na hora de entrar em acção via a sua vontade paralisada, obstruída por uma corrente de energia negativa que o inibia e desencadeava todo um conjunto de pensamentos incoerentes e contraditórios. Nesses momentos Alcides sentia-se à beira duma explosão psíquica, do “big-bang” fatal que, dizem, precede sempre a loucura. Para fugir a isso só tinha duas saídas: refugiar-se no seu modesto atelier e pintar freneticamente durante horas a fio, até quase desmaiar de cansaço, ou, como agora, abrigar-se voluptuosamente nos braços maduros e experientes de Elinga.

Elinga tinha quase o dobro da idade de Alcides, era viúva há dez anos e amava-o como nunca amara ninguém. Incapaz de ter filhos, tratava-o não só com paixão de uma amante mas também com um certo calor maternal. Não viviam juntos e quando ele a procurava ela sabia que o jovem se encontrava em crise. Revelava-se insaciável a fazer amor, podiam passar um dia ou uma noite inteiras sem saírem do perímetro rectangular da cama. Elinga gostava. Gostava e entregava-se toda, deixava-se invadir e dominar pela paixão contagiante do jovem.

Reanimado para mais uma investida amorosa, este agarrou-a nos seus braços trementes de desejo, cobriu-a de beijos, dizia palavras incompreensíveis, acariciava-lhe os seios, as costas, as nádegas, as coxas... De repente Elinga viu o quarto desaparecer, a realidade virou sonho e o sonho realidade, as paredes e o tecto do quarto bailavam, a cama já não era cama mas barco à deriva num rio de águas turbulentas e Alcides não era outra coisa senão um jacaré, um jacaré ora bom ora mau, tão suave como violento, tão doce como amargo... O jacaré apossou-se completamente de Elinga, que o sentia no mais profundo de si mesma, do seu corpo e da sua mente. Incapaz de aguentar mais, ela esperneava, quase entrava em convulsões, gritava e, por fim, esgotada e atordoada, adormeceu. Quando abriu os olhos, relaxada, tudo voltara ao normal. Estava deitada na cama, as paredes e o tecto do quarto olhavam-na, imóveis. Alcides, cansado, dormia a seu lado, mais manso que um pombo, nada faria julgá-lo tão ardente e vigoroso no amor. Carinhosa e reconhecida, Elinga encostou-se mais a ele e aconchegou a cabeça do jovem entre os seus seios macios. Enquanto Alcides dormitava, recobrando energia, Elinga pôs-se a lembrar, com emoção, a circunstância em que se conheceram. Ela vinha do serviço e o destino estava à sua espera, na rua, na paragem de autocarros. O destino era um jovem de óculos de lentes grossas e ar marcadamente intelectual. O autocarro demorava e fazia-se noite. O clima estava ameno e apetecia andar a pé. Elinga tinha vontade de conversar com alguém e convidou o jovem desconhecido a acompanhá-la. Andaram calados durante a maior parte do percurso, quem os visse considerá-los-ia mãe e filho a passearem despreocupadamente naquele princípio de noite, e a gozarem o lindo espectáculo das ruas iluminadas, dos estudantes que iam ou vinham da escola e das longas e barulhentas filas de carros nas estradas.

– Como te chamas, jovem? Diz qualquer coisa! – exclamara ela.

– Alcides – dissera ele com muita naturalidade, sem nenhuma entoação especial.

Concluíram todo o percurso sem dizerem mais nada um ao outro, o jovem canalizava todas as suas emoções para dentro de si mesmo,

o seu rosto estava impassível, os lábios cerrados. Chegados à porta da casa, Elinga convidara-o a entrar.

– Entra, Alcides, eu vivo aqui sozinha, apesar de falares pouco gostei muito da tua companhia. Vamos, entra, não tenhas receio.

Cruzaram a porta e sentaram-se na salinha. Aí, inesperadamente, ele teve a iniciativa. Sem dizer nada passara as mãos sobre os cabelos dela e beijara-a delicadamente na boca. Elinga correspondera. Ela sentia-se muito só, desde a morte do marido tinha um grande vazio por dentro, às vezes tinha a impressão de que não passava de uma carcaça velha a caminho do ferro-velho. Ele também sentia-se só, terrivelmente só, mas não vazio. Sentia-se possuidor de uma enorme força interior que o consumia, que era preciso passar p'ra fora, dar a alguém. Foi assim que caíram nos braços um do outro pela primeira vez e que ambos começaram uma nova vida.

Alcides mexeu-se, já desperto, abandonou a cama e, sem uma palavra, vestiu as calças e pô-se a andar de um lado ao outro do quarto.

As suas mãos agarravam a cabeça como se esta estivesse prestes a quebrar-se e o seu rosto estava deformado por uma terrível expressão de sofrimento. Naquele momento Alcides parecia um possesso, alguém cujo espírito se encontrasse sob o domínio de forças malignas.

Mas esse domínio não era completo, algo de si mesmo lutava, não se deixava submeter, e o reflexo dessa luta tenaz eram as suas mãos sobre a cabeça e a máscara dolorosa do rosto. Alcides girou sobre si mesmo, voltou-se para Elinga, deitada na cama de olhos arregalados, olhou-a então de súplica e abriu a boca querendo gritar, sem o conseguir. Elinga saltou rapidamente da cama e abraçou-o com todas as suas forças.

– O que se passa contigo, Alcides? Estás assim porquê, meu amor? Diz Alcides, o que é que te atormenta tanto? Ai, meu bem, diz alguma coisa, diz...

Elinga chorava e as suas lágrimas lavavam o rosto já descongestionado do jovem. Este sentia a quentura do corpo nu de Elinga colado ao seu, percebia perfeitamente as palavras dela, mas não conse-

guia articular palavra. Os seus braços estavam descaídos ao longo do corpo, sem forças, e mantinha-se de pé graças ao apoio do corpo de Elinga. O seu espírito estava confuso, não conseguia pensar direito e sentia-se sufocar aí, no quarto. Tinha de sair, aspirar o ar livre da rua, pôr as ideias em ordem.

– Elinga, meu amor, eu vou sair um pouco, volto já.

– O que foi que eu te fiz, diz, Alcides, qual é o teu problema, diz?...

– Não é por tua causa, meu amor. Eu próprio não sei a que se deve este meu comportamento. Lá fora, sozinho, hei-de tentar compreender-me melhor. Connosco está tudo bem, não te preocupes.

Alcides desfez o abraço de Elinga, vestiu-se rapidamente, beijou-a devagar na boca e saiu p'ra fora de casa, deixando-a de pé no meio do quarto, sem saber o que fazer ou dizer. Lá fora estava frio e havia pouco movimento. Alcides estava de todo insensível ao ambiente que o rodeava. Os olhos, por trás das lentes, viam apenas os sucessivos lugares por onde os pés pousavam e os seus ouvidos não escutavam outra coisa senão a voz dos seus próprios pensamentos. Tinha uma vontade enorme de chorar, de sentir as lágrimas escorrerem dos olhos e acalentarem a pele do seu rosto. Mas a sua fonte de lágrimas há muito secara e não tinha como chorar de verdade.

Mesmo nas circunstâncias mais tristes e dramáticas, diante da morte de um ente querido ou de outra tragédia qualquer, sentia-se incapaz de derramar lágrimas. A sua maneira de chorar talvez fosse o sentimento de vazio e de impotência que o invadia nos momentos difíceis. Tal como agora, caminhando sozinho, sem forças nem rumo na noite sem estrelas. Não ventava mas o ambiente estava húmido e o nevoeiro cerrado e baixo parecia fumaça parada.

Alcides acomodou-se como pôde no banco estragado do largo, encolheu-se todo e tentou fazer um balanço da sua ainda curta existência. Vinte e cinco anos é pouco tempo de vida. Em circunstâncias normais, ainda podia contar viver mais vinte e cinco anos. Mas Alcides tinha o estranho e inexplicável pressentimento de que não viveria muito tempo. Não pensava em suicidar-se. Também não tinha vícios

debilitantes ou perigosos: não bebia, não fumava e muito menos tomava drogas. Era lento no agir e as pessoas que o conheciam tinham-no, em geral, como um indivíduo calmo. Sentado no banco, Alcides sorriu. Ah, se soubessem à custa de que esforços aparento ter calma! Se imaginassem os vulcões, os terremotos, os relâmpagos, os trovões e os dilúvios que acontecem dentro de mim e a enorme quantidade de energia que dispendo para não explodir... Se pudessem visionar num écran os inomináveis pensamentos que frequentemente me enchem a cabeça e me impedem o sono! Ah, se pudessem medir o grau da minha ambição, a quantidade de ar que necessito para viver e as elevadas alturas em que almejo voar! Ah!, suspirou Alcides, encostando-se mais ao banco, as mãos abertas e a cabeça levantada par o céu escuro.

Vinte e cinco anos! Puxa, estava na flor da idade! Devia sentir-se jovem, infinita e incontidamente jovem, alegre, otimista, invencível. Devia... Devia? Alcides não tinha ilusões, sabia que jamais seria feliz de todo. O motivo principal da sua inquietação permanente era ele próprio, eram as forças que vinham do mais íntimo de si mesmo e que ele não conseguia controlar. Daí que ele se sentisse vítima. Vítima de quê, meu Deus? De quê e porquê? Que mal eu fiz, porquê que não posso ser feliz como os outros? Alcides revoltava-se mas não tinha como exteriorizar essa revolta, senão pintando endiabradamente e fazendo intensamente amor com Elinga.

Antes tentara outras formas, outros modos de estar bem consigo mesmo. Tentara enquadrar-se no meio em que vivia, abrir-se, entregar-se à amizade com franqueza mas não tardara a ter contrariedades.

Os que julgava serem seus amigos tinham preocupações muito diferentes das suas, desconheciam o valor da interioridade, estavam todos virados exclusivamente para o lado material da existência. Incapaz de conciliar-se com os mesmos, Alcides rompeu com eles, provocando um sermão por parte do seu irmão mais velho, o Lemos, um ex-militar que durante longos anos deambulava pelo interior de Angola em guerra: “Alcides, tens de ser mais prático na relação com as pessoas, percebes? As pessoas nunca são aquilo que nós queremos que elas sejam,

estão sempre a desiludir-nos, ou melhor, nós é que estamos sempre a desiludir a nós próprios. Cada um tem o seu sonho e ninguém vive expressamente para corresponder ao sonho deste ou daquele. Hoje, a única moral que conta é a da sobrevivência. Sobreviver o mais possível é o nosso objectivo estratégico e para isso temos de entrar em alianças, agradáveis ou desagradáveis, tácitas ou declaradas, alianças tácticas, percebes? Feche os olhos a tudo o resto, finja, Alcides, finja, finja muito, finja para sobreviver, para não morrer, percebes? Esse é o imperativo dos nossos dias”.

Alcides aprendera então a fingir, a “fazer de conta”, mas para ele isso era como comer comida sem sal ou fazer amor com uma prostituta de menor idade. Passou então a frequentar os meios artísticos da cidade, onde esperava encontrar os seus pares, os seus irmãos de espírito e da arte.

Conheceu muitos pintores, escultores, poetas e escritores, sobretudo jovens. Espantava-o a maneira como tais jovens se exaltavam a si próprios, o carácter absoluto das suas afirmações e a elevada sabedoria de que se julgavam detentores. Alguns, realmente, tinham talento, muito talento. Mas o talento não é nada se nos julgarmos já sabedores de tudo. O talento não é nada sem trabalho, sem vontade férrea, sem auto-sacrifício... Alcides não tinha jeito de falar dos seus quadros e preferia que eles falassem por si próprios. Essa forma de ser contrastava profundamente com a dos jovens artistas que acabara de conhecer e, entre romper com os mesmos ou adoptar uma “táctica de sobrevivência”, decidiu romper e isolar-se. Daí que, aos vinte e cinco anos de idade, Alcides não tinha amigos e convivia plenamente apenas com a sua arte e com Elinga. Estava consciente de que para viver isso era muito pouco e talvez se fundamentasse aí o pressentimento de que não viveria muito tempo. Se pudesse viajar, se pudesse ir até aos confins de Angola, tinha a certeza, a sua vida sofreria uma reviravolta. Conhecendo melhor o país, compreenderia e interpretaria melhor as forças que operavam no seu íntimo. Alcides tinha a sensação de não estar completo e de que partes da sua alma se encontravam espalhadas por Angola fora. Sentia que estava

só, no tempo. Precisava encontrar uma via, um elo que o pusesse em contacto com a ancestralidade, com raízes as de si mesmo.

Houve um momento, apenas um momento, recordava-se, que entrara em contacto directo com os antepassados. Foi no centro do país, no Bié, quando da sua única ida à terra natal do pai, há três ou quatro anos. Afastara-se do caminho para ir fazer cocó no capim, com outro rapaz, quando deu conta da entrada de uma gruta. Curioso, depois de fazer subir as calças, aproximou-se da gruta, com a intenção clara de penetrar nela. Mas foi prontamente impedido de o fazer pelo companheiro, conhecedor dos costumes locais. Era naquele local, dissera-lhe este, que desde tempos imemoráveis eram sepultados os restos mortais dos sobas da região.

Alcides sentira-se como se tivesse apanhado um choque. Era um local sagrado, aquele. Quantos pés, ao longo dos séculos, pisaram aquele local? Quantas lágrimas teriam sido derramadas aí? Como teriam vivido os dignatários aí sepultados? De que forma a morte os colhera? Alcides sentira-se pequeno, muito pequeno, e perdera a noção do tempo, era como se, de repente, passado e presente tivessem confluído aí, naquele local e naquele instante, num ponto único. Começara a ouvir vozes, vozes estranhas, vozes que o empolgavam, que o animavam, que o incitavam... Não sabia se era real ou não, mas o certo é que tivera a percepção de que da gruta se evolava uma espécie de fumaça, que subia lentamente e se diluía no ar. Alcides abriu então os braços e a boca e aspirara com força parte daquela fumaça e sentira-se revigorado, mais apto a enfrentar a vida. Sim, sim, sim, é isso o que me falta, disse, em voz alta, como se tivesse feito uma grande descoberta. É isso o que me falta: aspirar com frequência a fumaça que vem das raízes do tempo, localizar outra vez o ponto exacto onde passado e presente se fundem e confundem. Mas sabia que em Luanda isso era impossível, teria de descer até às profundezas de Angola, não importa em que região. Sim, sim, disse outra vez Alcides, mas agora em pensamento. Viajar... Logo à primeira oportunidade lançar-se-ia à aventura, corresse os riscos que corresse, tinha de ir ao encontro das partes de si que se encontravam es-

palhadas no tempo e no espaço de Angola. Com esse pensamento, Alcides sentiu-se muito mais calmo, era como se tivesse estabelecido uma trégua com as forças íntimas que o atormentavam. Levantou-se do banco e regressou a casa de Elinga. Esta dormia profundamente e parecia uma criança. Alcides deitou-se a seu lado, devagar, para não acordar, acariciou-lhe os cabelos e ela remexeu-se, sem, contudo, abrir os olhos. Alcides encostou-se mais a ela, sentindo toda a quentura do seu corpo nu e dispôs-se também a dormir. O tique-taque do relógio de cabeceira e a respiração ruidosa de Elinga misturavam-se no silêncio do quarto e da noite, diluindo-se cada vez mais, à medida que o jovem ia caindo no sono.

JOÃO MELO

Aníbal João da Silva Melo nasceu em Luanda aos 5 de Setembro de 1955. Obras Publicadas: *Definição* (1985), *Fabulema* (1986), *Poemas angolanos* (1989), *Tanto amor* (1989), *Canção do nosso tempo* (1991), *Jornalismo e política* (1991), *O caçador de nuvens* (1993), *Limites & redundâncias* (1997), *Imitação de Satre & Simone de Beauvoir* (1998), *Filhos da pátria* (2001) e *O dia que o pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida* (2006).



VIOLÊNCIA

Dona Magui estava longe de ser uma cidadã, digamos assim, globalizada, pois viajava pouco, não tinha parabólica e não consultava a Internet, mas tinha a leve sensação de que o mundo estava cada vez mais inseguro e perigoso. Tão-pouco posso afirmar que essa percepção era resultado do chamado boca-a-boca, uma vez que dona Magui, além de praticamente não receber visitas naquele pequeno apartamento na baixa de Luanda, onde morava, era pouco dada a fofocas com a vizinhança. A verdade é que a referida sensação a incomodava sobremaneira, de tal modo que ela passou a adotar cuidados especiais quando tinha de sair de casa, tais como olhar constantemente para todos os lados, mudar inesperadamente de trajecto, andar aos círculos e até mesmo usar disfarces, alguns deles altamente ignóbeis, como uma certa peruca loira, que tornava a sua pele de angolana cafusa ainda mais escura. Com o tempo, as suas saídas foram-se tornando cada vez mais raras, até que um dia cessaram completamente e Dona Magui deixou pura e simplesmente de ser vista na rua. O seu sentimento de medo e insegurança tornara-se insuportável.

Felizmente, a sua afilhada, Sandrinha, vivia com ela, pois caso contrário talvez o narrador tivesse de inventar uma tragédia qualquer, para contar o que sucedeu a Dona Magui. Esta cuidava de Sandrinha desde que a afilhada era uma recém-nascida. A mãe de Sandrinha, que morrera como consequência do parto da filha, era uma velha amiga de dona Magui e convidara-a para comadre logo que soube que estava grávida. Como, entretanto, ela não sabia quem era o pai da criança, por razões que, estou certo, mais tarde compreenderão, Dona Magui foi obrigada a cuidar de Sandrinha mal esta nasceu, na esperança de que a qualquer instante aparecesse algum familiar, ainda que remoto, da amiga

e levasse a menina; contudo, não apareceu ninguém, pelo que Sandrinha acabou por ser a filha que Dona Magui nunca teve.

– *Sempre quiseste um filho, amiga. Cuida da minha bebé como se fosse tua filha!...*, disse-lhe a amiga, no seu leito de morte.

Dona Magui e Sandrinha, agora com quinze anos, moravam naquele apartamento há apenas um ano e três meses. É pouco provável, naturalmente, que os dois factos tivessem qualquer ligação, mas, quando não é capaz de descobrir as causas ditas científicas para as fobias humanas, o espírito tem uma estranha mas compreensível tendência para encontrar para estas últimas justificações aparentemente absurdas e, mais estranho ainda, quase sempre pouco tranquilizadoras, o que talvez explique a tendência da humanidade para a depressão e o sofrimento. O facto é que Dona Magui tinha metido na cabeça que só começara a ter medo do mundo precisamente há um ano e três meses, assim que se mudou com a afilhada para aquela área da cidade. Sensatamente, ela não partilhava essa convicção com ninguém, o que, pelo menos, a poupava de certos rótulos e epítetos pouco abonatórios, que podeis (passe o estilo coimbrão) escolher à vontade.

Impõe-se, entretanto, neste ponto da narrativa, uma breve explicação, a fim de evitar juízos precipitados por parte dos leitores. Luanda, uma velha cidade africana com mais de quatrocentos anos, mas que muita gente confunde com o Uganda, está longe de ser um dos pontos do globo mais violento e problemático, em termos de segurança urbana. Apenas para dar um exemplo comezinho, como se costuma dizer, posso revelar que, nesta esquecida cidade atlântica, ainda se pode dar uma fodinha mais ou menos tranquila e exaltante dentro de um carro em frente ao mar, às duas horas da madrugada. Espero, com esta revelação sincera e, obviamente, bem intencionada, não ofender nenhum pudor moralista mais empedernido nem violar nenhum patriótico segredo de Estado. Aliás, só o risco de ser acusado de estar a levar provocação longe demais me impede de propor que essa preciosa informação seja usada numa grande e criativa campanha internacional para promover a vinda de turistas ao país, a começar pela sua capital, uma

das cidades mais eróticas e libertinas do planeta, pelo menos na avaliação do narrador, o qual, sendo um pouco mais globalizado do que Dona Magui, possui elementos de comparação que lhe permitem fazer essa afirmação.

É verdade que, na altura em que sucederam os factos ora relatados, a maioria dos edifícios e das casas, em Luanda, estava protegida por vetustos gradeamentos de aço, mas isso, a rigor, não passava de uma simples tendência arquitectónica, de profundo mau gosto, aliás. De igual modo, se alguém quisesse, naquela época, calcular o número de guardas privados por metro quadrado existentes na cidade, de certo ficaria abismado com o resultado desse exercício; contudo, isso poderia ser visto meramente como um modismo social típico do novo-riquismo que, de súbito, brotara na paisagem nacional como uma espécie de erva daninha. Enfim, era igualmente verdade que, nos tempos a que me refiro, uma série de fenómenos criminosos estranhos, daqueles que apenas se vêem na televisão, começou também a acontecer em Luanda, como, por exemplo, os resultantes da actividade dos gangues juvenis, mas o público nunca chegou a saber muita coisa acerca dos mesmos, pois os pais de alguns dos jovens que os protagonizavam eram inimputáveis (não me perguntem porquê, pois eu sou um simples escritor e não um pesquisador social).

Dona Magui, portanto, não tinha, em princípio, grandes motivos para se sentir insegura, como os habitantes de outras cidades do planeta, pois Luanda, de um modo geral, ainda podia ser considerada uma cidade tranquila, pensem embora os estóicos e patéticos esforços das televisões lusitanas para denegrir a sua reputação tropical e hospitaleira. Quanto a área para onde ela e a sua afilhada Sandrinha se tinham mudado exactamente há um ano e três meses, também não era especialmente menos sossegada do que o resto da cidade.

Na verdade, a monotonia do lugar apenas era quebrada, de quando em vez, por dois crimes absolutamente ridículos: um deles acontecia sobretudo nos principais cruzamentos, sempre que o fluxo de carros parasse ou pelo menos abrandasse, fracção de tempo que era aproveita-

da pelos falsos vendedores de rua que por ali flanavam para se debruçarem agilmente, como se fossem o Homem Aranha, sobre as janelas abertas dos veículos conduzidos em particular por mulheres, para puxarem os fios de ouro distraidamente exibidos por estas últimas, assim como as suas bolsas incautamente depositadas nos bancos, mesmo à espera daqueles filhos de Deus, que também precisam de comer; o outro consistia no roubo de celulares em plena rua, praticados em especial contra jovens estudantes e raparigas por grupos de adolescentes insuspeitos, igualmente sequiosos de aceder às mais recentes maravilhas das novas tecnologias de comunicação, o que, para quem é implacável e diariamente bombardeado pelas mensagens da predominante ideologia consumista, não deixa de ser compreensível. Crimes deste jaez tão raro não merecem, naturalmente, ser trados pela literatura, pelo que não me alongarei mais na sua descrição. Além disso, tenho plena consciência de que aquilo que os leitores querem saber é por que razão Dona Magui tinha deixado de sair de casa, com pavor de violência, se praticamente ela não a sentia.

Esse mistério – devo dizê-lo – intrigava todos os vizinhos de Dona Magui e da sua afilhada Sandrinha. Tendo em conta os antecedentes – o ar aterrorizado com que ela olhava para qualquer estranho, o hábito de andar aos círculos à volta do quarteirão, as ocasiões em que a viram sair de peruca loira –, todos, sem exceção, já tinham formulado nas suas mentes um juízo definitivo e irrevogável sobre aquela vizinha solteirona, de quase cinquenta anos, que se mudara para ali há precisamente um ano e três meses, acompanhada de uma afilhada de 15 anos de idade, com ar simpático e responsável: ela era maluca. Na realidade, não só formularam esse juízo, como também o expressavam livremente, no interior das suas casas, nos corredores do prédio, na mercearia da esquina ou na cabeleireira do bairro. Isso, porém, não bastava: o que eles queriam saber era o mesmo que os leitores, ou seja, porquê?

A fim de resolver essa gravíssima questão, de que – dependia o próprio equilíbrio daquela comunidade, os vizinhos de Dona Magui fizeram uso de diversas táticas e estratégias. Começaram pela mais co-

mum: a pretexto de lhe fazerem pequenas solicitações domésticas, ainda em uso entre os angolanos, tais como um pouquinho de açúcar, uma pitada de sal ou dois ou três bagos de jindungo, tentaram conhecer a casa dela por dentro, a fim de descobrir, eventualmente, alguma coisa suspeita; a tentativa, talvez demasiado óbvia, fracassou, pois Dona Magui não deixava de atendê-los, mas passava-lhes tudo pelo gradeamento, que se mantinha permanentemente fechado. Em seguida, passaram a aguardar que ela saísse de casa quase furtivamente, todas as manhãs, apenas por alguns minutos, para varrer a entrada do apartamento onde morava, abordando-a, um tanto a despropósito, com conversas sobre o tempo, o preço dos produtos, o governo e outros temas similares, mas ela simplesmente não respondia a ninguém; apenas um dia lhe conseguiram arrancar uma resposta, quando alguém, insensatamente, lhe perguntou pela peruca loira, mas o que escutaram deixou-os ainda mais estupefactos:

– *A senhora pensa que eu sou alguma puta?*

A derradeira tentativa dos vizinhos de descobrir por que razão Dona Magui tinha deixado de sair de casa, com medo da violência e da insegurança, foi aproximarem-se da afilhada dela. A impressão favorável que desde o primeiro dia tiveram de Sandrinha, por causa do seu ar simpático e tranquilo, assim como da maneira com que lidava com toda gente, consolidou-se definitivamente quando se aperceberam de que ela se tinha transformado no verdadeiro sustentáculo da madrinha, na medida em que, a partir do dia em que esta última resolveu ficar dentro de casa para sempre, a afilhada passou a ser o único elo de ligação daquele reduzido microcosmos humano constituído pelas duas mulheres com o mundo exterior. Com efeito, Sandrinha não permitiu em momento algum que a perturbação da madrinha a contaminasse e, aparentemente, assumiu as rédeas da casa. Passou ela a fazer as compras para casa, a deitar o lixo todos os dias no contentor localizado dois quarteirões depois, a comprar os jornais do dia e até a participar nas reuniões da comissão de moradores. Ao mesmo tempo, e apesar de a madrinha já não a levar mais de carro, continuou a estudar no outro lado da

cidade, passando a sair de casa todos os dias mais cedo para apanhar o machimbombo. Os vizinhos passaram a admirá-la genuína e sinceramente.

O que é mais notável é que Sandrinha fazia tudo aquilo aparentemente sem sacrifício. Nada daquilo lhe pesava. Continuava leve e alegre como nos primeiros tempos em que fora viver naquele prédio. Nenhuma sombra escurecia o seu olhar adolescente. Respeitadora, não deixava nunca de cumprimentar os mais velhos e, para os mais novos, tinha sempre uma gracinha e uma palavra de carinho. Mas mantinha sempre a prudente distância os jovens (e não só) que, naturalmente, queriam cercá-la. Por isso, Dona Albertina, a moradora mais antiga do prédio, que lhe dava sempre muitos conselhos sobre a melhor maneira de afugentar os rapazes ansiosos e os velhos abusadores e sem vergonha, não compreendeu nada quando ela começou a chorar convulsivamente, mergulhando num mutismo feroz, apenas por lhe ter perguntado o que se passava, afinal, com a madrinha dela, Dona Magui, que nunca mais saía de casa. Que medo é que ela tinha?

– *A casa da Dona Magui está a precisar de umas fumaças!...*, comentou Dona Albertina com o marido, o senhor Procópio, um mulato gordo e normalmente distraído, mas que, contraditoriamente, desde o primeiro dia considerara a vizinha «muito esquisita» (expressão que utilizou quando disse à mulher que tinha visto a Dona Magui de peruca loira na rua).

Os mistérios mais terríveis e bem guardados quase sempre ocultam outros ainda mais assombrosos. O mistério que rodeava a decisão de Dona Magui de nunca mais sair de casa por causa da violência também não escapou a essa regra. No dia em que a polícia chegou, às seis horas da manhã, prendeu Dona Magui, cobriu com um lençol um corpo totalmente ensanguentado e selou o apartamento, os vizinhos não queriam acreditar naquilo que ficavam a saber.

Afinal, havia um homem na casa de Dona Magui e sua afilhada Sandrinha. Vivia lá praticamente há um ano, à custa das duas. Ninguém o vira entrar, pois ele chegou numa madrugada qualquer, apenas

para dormir uma noite, mas nunca mais se foi embora. Passava os dias no quarto, onde Sandrinha era obrigada a dar-lhe comida e Dona Magui a deixá-lo refastelar-se com o seu corpo maduro mas ainda enxuto e duro, apesar da vida que tinha levado. Vez ou outra, saía, mas sempre de madrugada, voltando invariavelmente antes das cinco, para não ser visto. Quando percebeu que ele, ao contrário do que prometera na noite em que chegara de surpresa, não se iria embora, Dona Magui resolveu ficar para sempre em casa e começou lentamente a enlouquecer. Na noite anterior à chegada da polícia, ela resolveu pôr termo, finalmente, àquele pesadelo.

Conta Sandrinha à Dona Albertina, sua nova mãe:

– A madrinha tinha sido prostituta, como a minha falecida mãe. Quando a minha mãe morreu e ela resolveu criar-me como se fosse sua filha, disse que iria abandonar aquela vida, para poder educar-me. Foi o que fez. Abandonou o chulo dela, mudou de casa e arranjou um emprego como governanta de um casal estrangeiro. A nossa vida, aos poucos, começou a melhorar. Eu consegui entrar para a escola pela primeira vez. Ela começou a fazer negócios e comprou um carro em segunda mão. Foi quando viemos morar para este prédio. Até que o antigo chulo dela apareceu. Não sei como é que ele descobriu a nossa casa!... Ele disse que tinha uns problemas, precisava só de dormir uma noite, pois no dia seguinte viajaria para a Lunda, mas acabou por ficar. Viveu este ano todo à custa de nós! Eu tinha de lhe fazer a comida todos os dias: matabicho, almoço, lanche e jantar... Sim, até lanche!... Todas as noites obrigava a minha madrinha a pôr uma peruca loira e a dormir com ele, ameaçava matá-la, se ela não quisesse dormir com ele ou não aceitasse colocar a peruca. A minha madrinha começou a ficar avariada da cabeça, mas dizia-me sempre para eu ter muito cuidado, para nunca ficar sozinha em casa com ele... Até que tudo aconteceu naquela noite! Eu mesma não sei bem como!... Eu estava a dormir no meu quarto, quando o senti a meter-se na minha cama, mas antes que tivesse tido tempo de gritar, a minha madrinha apareceu e atacou-o com uma faca de cozinha, ele nem resistiu sabe? Também a minha madrinha deu-lhe dezassete golpes...



O FATO AZUL ESCURO

“O fato azul escuro, querida, aquele que eu trouxe há dias da Indonésia”. (Ela tinha-lhe perguntado: “Que roupa vais levar à recepção, André?”).

Lá foi Belita, de novo sem voz, consumir a vida no ferro de engomar. Os olhos, inexpressivos mas, ao mesmo tempo, de uma serenidade que não deixava de ser intrigante, já conheciam o caminho; quanto às mãos, aquelas mãos calosas e sem brilho (“Mãos de fada”, elogiava o marido, apenas depois das almoçaradas que constantemente promovia lá em casa, à custa da habilidade dela, evidentemente), elas estavam informadas (há quantos séculos?) das responsabilidades, digamos assim, histórico-sociais que lhe cabiam.

Pensamentos de Belita: “Este fato é realmente muito bonito; aliás, o André sempre teve muito bom gosto, essa é uma das suas qualidades...”. Lembra-se do lenço exótico que o marido lhe trouxe da sua última viagem de serviço. “Mas, ultimamente, tem-me trazido umas coisas muito à toa...”.

André era director de uma empresa estatal e viajava muito em serviço. “Hoje em dia, um bom emprego é o que dá cabaz e duas ou três viagens por ano, para desanuviar...”, dizia ele, de vez em quando. Ele tinha esse emprego.

“É muito melhor do que trabalhar numa empresa estrangeira”, teorizava. “É verdade que os gringos dão comida, mas, também, isso sai do pelo dos trabalhadores... E, depois, só eles é que viajam!...”.

Ele pouco falava com Belita do seu trabalho propriamente dito. Mas, um dia, no meio de uma sueca com um grupo de amigos, ela ouviu-lhe rir como um porco: “Eu é que estou folgado! Ninguém me chateia, a empresa está praticamente parada mas nem o ministro quer saber e, de vez em quando, ainda faço as minhas viagens da ordem, umas

conferências aqui, ali umas visitas para troca de experiências, enfim, eu sou, reconheço isso, um dos beneficiados da Revolução!...”. A mulher achou a gargalhada dele meio obscena.

Além disso, o cargo de André dava-lhe um certo prestígio. Volta e meia recebia no gabinete algumas garrafas oferecidas por embaixadores estrangeiros, entre elas uma beberagem coreana qualquer, que vinha numa garrafa esverdeada com uma espécie de réptil (parecia-lhe) no interior; aliás, essa era a única que ele se recusava a consumir (“O seguro morreu de velho! Esses orientais são malucos, comem carne de cão, baratas... sei lá que tripa é essa!...”). Frequentemente, também, era convidado para recepções oficiais, a que nunca falhava (“Em tempo de crise alimentar, é preciso aproveitar todas as oportunidades...”).

Belita tinha-se habituado a jamais acompanhá-lo nessas recepções. No dia em que lhe ocorreu perguntar-lhe por que nunca lhe levava, André respondeu que os convites eram estritamente individuais. Desde então, ela não voltou a esperar acordada, na sala, que ele chegasse. Na verdade, o marido nem se importava.

Os dois viviam juntos há três anos, tempo durante o qual tiveram dois filhos (Belita: “Nenhum deles se parece comigo...”). Ele era divorciado, enquanto ela nunca chegara a casar (o noivo morrera carbonizado dentro de um blindado atingido por um lança-chamas sul-africano, perto do Huambo, praticamente na véspera da independência). Por coincidência, ela quis saber, não faz muito tempo, por que motivo eles não se poderiam casar. Resposta de André: “É preciso, meu amor?”. Não era, claro.

Ali está ele, só de cueca, à entrada do quarto de passar a ferro. Não diz uma palavra. Belita entende.

“Calma, querido, o fato está quase...”.

Raramente falavam, os dois. Ou melhor: ele evitava falar com ela. Quando estava em casa (o que não era fácil, mas, enfim, ele era um homem com muitas responsabilidades... Seja como for, nunca dormira fora de casa um dia sequer!...), comunicava-se com a mulher à base de

monossílabos; se utilizasse meia dúzia de frases completas por dia seria motivo para uma farra...

Certo dia, Belita acordou, como diria a avó dela, de rabo destapado. “Porquê que não conversas comigo, homem!?, gritou para os olhos furados do marido. “Estou cansada, ouviste?, cansada... Por amor de deus, diz alguma coisa, homem!...” Ela suspeitou, pela primeira vez, que poderia refazer o mundo.

André argumentou: ele gostava muito dela, mas, no fundo, havia poucas afinidades entre ambos; a prova é que ela não se interessava pela política, perdia muito tempo ao telefone, com as amigas, e, além disso, não sabia jogar às cartas. O que fazer? (Ele tinha visto este título num livro qualquer).

Sexo? Duas ou três vezes por semana, faziam amor. Era assim: ele chegava à cama, dava-lhe um beijo superficial, abria-lhes as pernas e introduzia o membro na vagina dela, sem sentir que a mesma não estava pronta; dois ou três minutos depois, despejava-lhe nas entranhas doridas um visgo inosso, enquanto deixava escapar uns sons ininteligíveis, sem qualquer poesia; após o que, limpava-se mesmo ao lençol, virava-lhe as costas e começava a roncar, feito um animal saciado.

“Para dizer a verdade, até isso é cada vez mais raro. Aliás, tenho notado que, nos últimos meses, o André anda muito esquisito. Dificilmente me procura, na cama, além de que chega cada vez mais tarde... Será que o Partido tem reuniões todas as noites?”

Belita decide que, qualquer dia, falará com o marido. Precisa de escolher a hora mais adequada, ter muito tacto...

“Pronto, André, aqui tens o fato!”

Quando se despede dele, à porta, Belita comenta que, na Indonésia, os fatos são muito bonitos, além de baratos. Julga descortinar no olhar subitamente tenso de André um brilho novo, como se ele não fosse apenas a mais uma recepção, mas sim a uma tomada de posse, por exemplo, era como se ele próprio é que fosse tomar posse de algo que lhe desse uma extrema satisfação, um cargo de ministro, quem sabe. Ela

não pode deixar de sorrir perante uma comparação tão estúpida, mas não diz nada.

Meia hora mais tarde. Belita mal consegue pousar o telefone, aquela voz fatídica nunca mais sairá do seu ouvido: “Tu sabes que o teu marido está a casar-se, neste momento, na Igreja do Carmo?”

Ela não tem tempo sequer de perguntar porquê que o mundo, de repente, ficou tão escuro... Antes de cair para o lado, mal escuta a voz dizer. “Olha, ele está vestido com um fato azul escuro, muito elegante, por acaso...”.

E DE REPENTE AS FLORES MUCHARAM

Enquanto acenava ao marido, que partia calmamente no automóvel brilhante, Júlia olhou inadvertidamente para o jardim e, não sem horror, reparou que as suas rosas de estimação tinham murchado de repente e pendiam agora completamente inertes dos caules esverdeados. Precipitou-se para elas com uma estranha angústia no peito, pensando que um terrível sismo interior estava prestes a rebentar-lhe por dentro. Quando, após ter inspeccionado as flores por baixo, por cima e de lado, decidiu entrar em casa, repetia de si para si, num monólogo demente, que não era possível as suas belas rosas vermelhas terem murchado subitamente e sem qualquer causa lógica ou visível.

O marido tinha voltado à casa para se despedir da filha de quatro anitos. Como fazia sempre todos os sábados, desde que se tinham casado, estava de saída para o Dondo, de onde só regressaria ao princípio da noite. Júlia não tentou descortinar qualquer signo irracional naquele extremo zelo paternal, que o fizera regressar depois de já ter alcançado a saída da cidade, a fim de, com uma ternura melancólica, dar um beijo à pequenita e prometer-lhe chicletes.

– Domingas! gritou ela para a empregada.

Domingas apareceu na sala, vinda não se sabe bem donde. Tinha um olhar cinzento e quase imperceptível, a condizer com a roupa discreta que lhe cobria as formas monótonas, mas, talvez por isso mesmo, era de uma eficiência verdadeiramente automatizada. Trazia nas mãos uma vassoura. A atenção fria com que aguardava as ordens da patroa parecia desinteressada.

– Vai pôr água naquelas flores ali da frente!, indicou Júlia. Não sei como é que elas murcharam...

Durante toda a manhã, foi incapaz de se esquecer das flores. A predilecção particular pelas rosas, adquirira-a no colégio religioso onde

consumira a adolescência. Tinha comprado uns pés numa casa de especialidade, quando se mudaram para aquela vivenda, e não se relaxava um único dia: com um desvelo considerado muitas vezes patológico pelo marido, regava-os, podava-os cuidadosamente, amava-os como só é possível uma viúva amargurada amar um siamês.

A princípio, o marido troçava carinhosamente dela, mas depressa se cansara. Para cada um a sua mania, pensava. Não tinha ele um irmão, o mais novo, autenticamente doido por peixinhos? O quarto dele estava atafalhado de cristais, atrás dos quais vogavam tranquilamente centenas de minúsculos peixes de todas as cores, cujos nomes e hábitos ele recitava de cor, extasiado. De vez em quando, o pai, cuja concepção de utilização do espaço era, evidentemente, distinta da do filho, e a quem a desarrumação exasperava de modo peculiar, destruía violentamente aqueles aquários malditos, no meio de impropérios adequados à situação. Mas logo o miúdo, engenhoso, inventava outros, com garrafões velhos, água, óleo retirado à máquina de costura, um pedaço de barbante e fogo.

Havia também, é claro, os colecionadores de selos, de cápsulas de cerveja ou de gravuras de mulheres nuas. Talvez, portanto, a estimação de Júlia pelas flores não fosse uma coisa tão insensata assim...

O marido ainda se lembrava, orgulhando-se inexplicavelmente de ter sido tão canalha, que, quando a conheceu e descobrira a sua preferência pelas rosas, a tinha surpreendido, um dia qualquer, oferecendo-lhe um ramo cuidadosamente revestido em celofane, e com uma dedicatória de cujo texto já não se recordava, o que, finalmente, abria uma brecha no casulo que ela tecera inconscientemente no colégio, do qual tinha saído há três meses.

Quando Júlia o conheceu, o marido tinha-lhe causado, ao mesmo tempo, fascínio e pavor. A sua segurança e a sua linguagem directa, mas dita sempre de forma digna, embriagavam-na e, simultaneamente, assustavam-na. Queria decidir, irrevogavelmente, que ele era um libertino, mas à noite tinha sonhos monstruosos, nos quais acabava sempre por sucumbir sob uma serpente multicolor e com braços amorosos que se desdobravam até ao infinito.

No dia em que ele, sem motivo aparente, lhe ofereceu as rosas, o ventre dela morreu e renasceu sete vezes, atingiu o cume das montanhas azuis, tocou o sol, embriagou-se de leite e mel até perder a consciência.

Depois de ter regado as flores, Domingas esperou que a patroa saísse do quarto para comentar, sem qualquer inflexão na voz:

– Não sei se elas se hão-de voltar a levantar... Talvez seja melhor comprar outras, na segunda-feira...

Júlia não respondeu logo, mas decidiu que ela mesma, depois de terminada a lida da casa, iria dar um jeito nas flores.

– Não te preocupes!, disse em surdina para Domingas, mas na verdade era para ela própria que falava.

Deu de comer à miúda, que a avô, dali a pouco, iria buscá-la. Arrumou o quarto mecanicamente. Enquanto Domingas limpava o chão da casa de banho, pôs o almoço no fogo.

– Não te esqueças de lavar o quintal!, recomendou à empregada, antes de começar a limpar o pó da sala.

Oxalá o marido voltasse mais cedo. Apetecia-lhe ir ver um filme qualquer. Infelizmente, esquecera-se de avisá-lo. Podia tê-lo feito quando ele regressou para se despedir da filha, mas, com as pressas – ele entrara e saíra logo! –, não lhe tinha ocorrido. Aquelas idas ao Dondo, todos os sábados, já faziam parte da rotina do casamento deles. O marido ia sempre com um grupo de amigos, matabichavam e almoçavam lá, regressando normalmente ao princípio da noite. Uma vez, ela pedira para ir com eles, mas não achara graça nenhuma, pois eles passavam todo o tempo ébrios. Sorriu, quando se perguntou como lhe tinha sido possível adaptar-se ao feitio do marido, e voltou a desejar mentalmente que ele regressasse um pouco mais cedo, para irem ao cinema.

Sem o notar, enrugou gravemente a testa, quando o problema das rosas lhe veio de novo à mente. Continuava a não entender como é que, sem mais nem menos, elas tinham murchado. E ainda por cima aquelas flores, que tanto trabalho lhe tinham dado! Quando acabasse de limpar a sala, teria de ir até ao jardim...

De repente, descobriu que estava febril. A temperatura subira meteoricamente. Foi para o quarto, deitou-se, sem se despir nem tirar as chinelas, por cima da colcha, e começou a chorar baixinho, com um temor crescente de adivinhar por que o fazia.

Domingas ofereceu-se para chamar um médico, mas ela proibiu-a, no meio de terríveis convulsões.

Quando os amigos do marido chegaram e disseram que ele tinha morrido num acidente à entrada de Catete, Júlia já o sabia.

JOÃO TALA

João Tala nasceu em Malange a 19 de Dezembro de 1959. Obras Publicadas: *O Gasto da semente* (2000), Prémio Literário Sagrada Esperança, *Lugar assim* (2004), *Os dias e os Tumultos* (2004), Grande Prémio de Ficção da UEA de 2004, *A vitória é uma ilusão de filósofos e de loucos* (2005), Grande Prémio de Poesia de 2005 e *Surreambulando* (2005).



A CAMISA

Dibengo, *kimbundo*, é rato (Tem mais outro significado?). Tanto vale para um ratinho ou um ratazão. E não muda de género. Não tem nada parecido a nome de gente mas, alguns, esquecidamente, tinham-no aplicado a outros, nomeando-os para a chacota.

A história mundial tão bem regista alguns nomes assim, e o mais famoso é o contado e recontado João Ratão dos contos infantis, fadado ao estrelato casando-se com a riquíssima Carochinha. Mas é diferente, o nosso Dibengo nunca se casou.

Luís Matias deixara de se chatear com a alcunha que lhe colaram na infância. Para quê se chatear se nem B.I. tinha que lhe atestasse a veracidade de nome algum? Proveniente dos Matias do Cacuso, chegara à capital pelos caminhos da fuga, fugido dos tumultos. Em Asa Branca – um bairro de refugiados a contrastar com o nome – buscou sua comunidade: malanjinós. Os seus parentes transitavam da pobreza para a miséria. Toda aquela gente vivia o mínimo: um matabicho que alugue o jantar, *udia u zeka*. Não comeu, faça de conta que sim; durma e cala a voz. Embora assim, uns poucos puderam mesmo angariar fama e ganhar alguns tostões, como é o caso dos Ndengues do Kota Duro, o mais célebre grupo musical da história do Cacuso e, quiçá, de Malanje.

Dos Matias, apenas o Lourenço (Loló), primo directo do nosso Dibengo, chegara a tanto, aproximando-se do Comité Central do Partido da Situação. Dizia-se mesmo que podia um dia franquear as portas da glória. Talvez ele venha e nos cumprimente; poise suas mãos sobre a nossa herança. Herança de um pobre é a sua dívida. Dívida externa/dívida interna, vêm dizer-nos que temos de pagá-lo; aturar problemas. Conceitos que arrastam mendigos mais nada. E Asa Branca com os seus refugiados tem a cor da África estampada no rosto do mundo que nos vem cobrar a vida.

Essa manhã acordada de fome, todas as manhãs irrisórias, nada com ele, esse mundo tolo. Dibengo cantava: “*olha só meu azare; olha só meu azare: meu pai e minha mãe todos eles já morreram. Daqui vou no mato trabalhar o cafeeiro e a mandioqueira kala uenda...*” – oiçam-lhe na melodia, manos. São os Ndengues do Kota Duro.

Azar que puxa azar, são os parentes e amigos que partem, morrendo à toa. E os pobres morrem endividados, endividando os outros. Morreu um primo chegado do Dibengo. É visível a aflição dele. Todos dum lado para outro reunindo soluções, mas nada de jeito. Como é que gente que não tem lenha para o fogo da manhã ia arranjar madeira para o caixão, *mame?* São tantos os problemas e morre-nos mais um tipo. Mas onde pára o Lourenço Matias? Ah, subiu e não desce mais. Nós morremos e eles? Sobem. O Loló é família nossa, bem haja. Um dia, quem sabe, abrem-lhe um Ministério e tenha mais tempo para nós...

Estávamos ali no jogo de empurra, empurra, quanto a responsabilidade pela compra do caixão. Ninguém tem dinheiro, percebe-se. Mas de repente, um milagre lá, é mesmo o Dibengo. Vinha com a madeira. É que ao passar numa velha carpintaria, iludiu o pobre guarda embrulhado na sua embriaguez crónica e surrupiou-lhe as tábuas para o caixão. Dibengo dava assim um jeito solucionado um dos tremendos problemas.

Alegrou-nos a todos e foi mesmo promovido à respeitabilidade. Ouviu a tia Jinga tratá-lo por sobrinho, com afecto; outro tio chamá-lo, sem favor nenhum, por mano Luís Matias. O seu nome contentava-lhe o ego como um dedilhar de tímpanos na guitarra da vida; o seu nome é a sua verdade: Luís Matias. Dibengo é uma mentira. E viu que é bom ser útil, resolver assuntos. Naturalmente, convidaram-no a beber sua ponteira, bom kaporroto, em copos limpos com gente graúda.

– Alguém tem notícias do Loló Matias? – perguntou um cangúia qualquer, mal acabava de entrar.

– Não – lhe responderam agressivos, pesados, e zangados pelo atrevimento – . Não, mas está ali o outro primo dele, o Luís Matias. Já trouxe madeira p’ro caixão.

O recém-vindo olhou urgente para o Dibengo com um espanto que mistura desgraçado com desenrascado; mágico com o anedótico; casual com o oportuno e calou-se bem no fundo antes que o despedissem do óbito.

Mais adiante em certa hora, chamaram o Dibengo: “mano Luís, há aqui um problema. Roupa de vestir o falecido...”

Num brusco salto, estilizando o gesto, LM disse apenas: “já pensei nisto”, e saiu direccionado ao *ximbeco*, na sua cubata, rumo à solução de problemas para outro alívio da plebe. Houve mesmo quem lhe invejasse a juventude, a sagacidade, a actividade.

Na sua caixa de haveres havia uma camisa, toda dobradinha no saquinho de plástico, novinha de fábrica. Não se lembra mais como a surrupiara (aliás, o termo é agora impróprio) de uma montra, na loja de um boêlo senegalês. Apenas não a usara porque esperava ainda conseguir calça e calçados para não destoar a banga.

É essa camisa que todos viram. Bonita, sim senhor. De cor branca, com duas riscas pretas descendo do lado esquerdo, apenas interrompidas à altura do coração por um bolso vermelho. No polo superior das riscas estampava-se uma estrela amarela. Alguém já vira as três cores (preta, vermelha e amarela) hasteadas nos mastros do país; e o fundo branco do vestuário vem da nuvem como o véu dos mortos. É uma camisa desconseguida por quaisquer tostões. Custa uma nota!

– Caríssima é a amizade – falaram em unísono os admirandos, sobrevivendo a estima por tão cara qualidade.

Até a Lili Bomba, sempre achando que o Luís tinha mesmo nas mandíbulas semelhanças com Dibengo de verdade, propriamente rato, via do bolso vermelho da espantosa camisa, alguma coisa da vida das mulheres. Era como a menarca, a mais vermelha das cores sanguíneas; a mais sentida lembrança entre as cores por que viaja memória de mulher.

Deram-lhe a responsabilidade de controlar as parcas contribuições monetárias, ajudas do óbito. Nada mais justo, afinal, ele resolvia os difíceis problemas de um tambi. E revelava-se agora, muito esperto em matéria de contabilidade.

É inacreditável – assim mesmo pensava Lili Bomba, que a todo o momento se perguntava sem ousar crescer a voz. “Afim Dibengo tem nome?”. É claro, Luís Matias, de seu baptismo.

Chegava, finalmente, o repouso do guerreiro. Mais logo é o funeral. Levou seu banquinho junto à árvore frondosa que ladeava o pequeno quintal e daí uma soneca. Dormiu três horas como um justo. Sonhou milagres. Um dos sonhos desembocava num Mercedes, último modelo, que por ventura acabava de chegar. Sentiu-lhe a onda do calor irradiado do motor ainda quente. Como não percebesse, lá dentro do reduzido pátio, vibrava-se por qualquer coisa a mais, uma novidade talvez, um delirar de espectáculo, tanta agitação e alegria como se o defunto tivesse aberto um olho e outro, ressuscitando; como se estivesse sendo parabenizado.

Luís Matias despertava ainda meio dormente, não percebendo logo o que de concreto acontecia, e ainda por cima, um Mercedes (não é sonho nenhum) ali parado. Depois ouviu chamarem-no de modo tão useiro.

– Ó Dibengo, toma já a tua camisa. O primo Loló Matias já trouxe um fato completo para o defunto.

Pasmado ou frustrado, tudo se lhe explica, segurou a camisa, visivelmente perturbado, desencantado, um nada como ontem; esqueceu-se mesmo de saudar o saudado primo recém-chegado, saiu apressado e com raiva acesa, rasgou a suada camisa que vestia, pôs a novíssima, escovou a surrada calça, abrilhantou os esmagados sapatos, a resmungar disse distante: “ficam lá com o vosso óbito; o primo que faça o resto”. E surrupiando o dinheiro das contribuições, livrou-se da raiva curtindo velhas barracas, onde não faltavam mulheres da vida. Tinha apenas um propósito: festejar a vida.

MARQUITA TEM UM ROMANCE

Por qualquer lado se pode começar a breve estória de Marquita. Começo pelo nené que nos teve – não no caso de que os monas são heranças do quimbo, não é, não. O caloiro de Marquita é um múltiplo – e eu me explico mais.

Cada vez, o miúdo se parecia com todos. “Isto é possível?” – perguntou o administrador comunal, mastigando-se na pergunta. E olhava Marquita enquanto sacudia sombras no seu rosto como se fosse um homem preso; de bocadinho, um refilaço: “o gajo tem a minha cara!”.

Noutro lado (porém a estória é idêntica), dona Fatinha, mulher do Vevé Makala, puxava na chipala do marido e pelos punhos foi avisando: aquela não seja uma cara de família como lhe penso. “Tu andavas com a tipa, não foi?”.

“Bem que se parece com todos os meus filhos” – enganava-se um agente da polícia, mas não seria o único. Também o vendedor ambulante, Mateus Zunga, alarmava: “aquele petiz anda a imitar-me o semblante e vão três vezes que o aturo”. Alguns de nós escondiam suas vidas quando, cara a cara, se reviam no miúdo.

O caso nasceu de forma tão desabitual que passou a ser uma bronca. Na altura saíamos das situações aflitivas; os caminhos embora desconfiadamente, saíam das minas esquecidas no chão, por vontade própria de quem as pôs lá como se andasse a semear batatas. Abertas as vias, desminadas as mentes, o pessoal voltava: desmobilizados, irrealizados, desmotivados, regressavam com os sonhos do passado visando o futuro. Do presente só tinham é o medo. É também assim que voltou um tal do Ronaldo Paris. Este, quando partiu, nós não sabemos; se é nosso irmão nós nos esquecemos. Contou-nos que assentara praça nos comados do Uíge e de lá saía deslucado (assim mesmo de louco?).

Podia estar a nos intrujar: qual maluco conta a sua verdade? Trajava um gorro vermelho e uma guitarra: ele vestia-se de música, mas' é.

Disseram do Ronaldo que a psiquiatria esgotara recursos e o mandaram com uma daquelas guias com que despacham os atormentados, para tratamento tradicional.

Por caminhos desminados, voltava também, findo os tumultos, uma outra pessoa. Essa conhecemos melhor, é Marquita, a linda filha do nosso mais velho senhor Mbala. Ela andava de munhungar lá no Sambizanga até ao fim dos dias tumultuosos.

Alguns de nós perderam os filhos, pronto, paciência, vamos fazer mais como? Mas uns poucos rapazes voltavam e aqui se viam volteando, de um lado e doutro, sem um nada de fazer.

Nós perguntávamos o que faz uma guitarra um louco. A resposta apareceu numa sóbria madrugada com Ronaldo espalhando canções inexperientes, embriagadas, devassas, mau escárnio, perfeitos disparates de matar os bons pensamentos. Todos desgostamos essa perturbação que nos assobia de noite e madruga os tímpanos.

Somente Marquita deleitava-se dessa música imprestável e inacabada. Ela é assim toda à toa. Juntava-se ao Ronaldo Paris e um duo desavergonhado, de manhã até de noite, atentava contra a moral e contra os bons costumes. Cantavam o sexo e agitavam as pernas; ofereciam maus espectáculos, ridículos, com os seus *kuduros*. E as pessoas (digo os bons) detestavam que se dançasse um *semba* mal tratado, uma *kizomba* insaciável – apenas pensada nos contornos da mbunda. E Marquita, ainda por cima, ela própria agitava o sexo do mundo. Os rapazes não perderiam a desbunda, não tendo eles mais nada que fazer, coitaditos.

Temos de tomar medidas.

– Ché, Marquita. Volta lá nas barrocas de Luanda e cante por lá essas merdas.

Rápia como então, foi nos negando os desejos da aldeia. Rápia, foi nos chamando machistas, vejam só!

– Machista é o teu pai, velho Mbala, ouviu? – respondiam os afectados pelos insultos dela.

Pioraram a música! Mas foram tendo audiência. Naqueles rascunhos de música, deflagrava suave a voz salivante de Marquita. Não foi difícil lhe reconhecerem na voz a beleza escultural do corpo. Podia-se amar uma voz e esquecer o assassino dentro dela? Aquelas roupas curtíssimas, chamativas e transparentes têm perdão num mundo em vida?

O Ronaldo perdoa-se, aqui ninguém atira pedras sobre malucos etc., etc., etc...

Pouco tempo depois, ficamos aboamados: afinal, Marquita seduzia os homens. Ela atraía-os e os transformava em amantes. Não foram apenas os rapazes porque à calada desciam os 'barba rija' e mesmo alguns makotas. Muitos de nós tinham cruzado a cabana ao sopé da montanha onde ela vivia.

Este caso aborrecia as senhoras, boas esposas sobretudo. Pediram que expulsássemos Marquita. Alegavam que a estrangeira se aproveitava dos corpos que não são dela; destruía a estima que ainda tinham dos seus maridos. Uma situação difícil para o administrador comunal. Porque em política não se exila um nacional. Os políticos não se cansam de afirmar que o país tem lugar para todos.

– Aié, então exilem-na para dentro do vosso país. Isto não é um país. É uma sanzala e é nossa – ripostavam, mandando que atentássemos contra a liberdade individual, sem «quês» de direitos humanos nem nada.

É compreensível o choro das senhoras. A putaria é para as mulheres uma agressão aos sentimentos. Solucionou-se por isso uma deportação abreviada, mitigada, de Marquita para lá mais, além das montanhas. Mas, ó vergonha, às noites, os seus amantes iam buscá-la e devolviam-lhe a cabana! Passaram dos limites! Todos as noites uma fila de homens afundava-se na cabana. Eles pacientavam-se na bicha, revezando-se, como operários aguardando salário.

A música do Ronaldo, perdia assim, a sua voz mais sublime, a garganta de Marquita; os sons pesam agora parecidos a arranhaduras dos dedos sobre uma pedra - ninguém percebia os fios; não há viola nenhuma que imite a matéria da voz salivante duma mulher. E essa é Marquita perdida na lama, frenética, saciando-se de machos. Mais à

frente Marquita variava-se. Pensaram todos outra variante quando pediu aos amantes que lhe cedessem as madrugadas. Disse peremptória: “de madrugada abro meu *divumu* de sonhos. Dou um jeito”. “Sonhar o quê, como, e com quem?”. Respondeu: “sonho o amor; eu amo o mundo”.

Mas logo se viu a mentira, quando os vigiantes se aperceberam de uma lúgubre silhueta madrugando-lhe na cabana. Os contornos tomam um desenho masculino, portanto, um homem! Aquilo é sonho? Não, é pessoa. Marquita tinha um romance. Quem de nós e entre nós pode ser? Mesmo do pobre Ronaldo desconfiamos, mas só se fosse ele um mágico de modo a deixar sua guitarra cantar sozinha, enquanto possuía Marquita. É uma hipótese sem via, inconcebível. Só depois descobriu-se que a intriga usava uniforme: um militar! O militar chegava de madrugada, enchia-lhe o universo e fazia amor com ela. Depois deixava-a exausta numa esteira banhada de suor e lodo. De seguida é que ela sonhava achegando-se ao crepúsculo. Mas a nossa dúvida persistiu, acabando apenas quando, certo dia, o militar desceu até nós e todos vimos: um patenteado. Trazia nos ombros divisas de cor preta, amarela e vermelha. Um capitão! Palavra d’honra, um capitão.

O oficial saudou-nos, o popularíssimo; bebeu garapa connosco, fumou nosso tabaco; contou as grandes batalhas da sua vida – também vividas por nós. À tardinha perguntou: “quem é o Ronaldo Paris?”. Dissemos quem era e onde estava. “Vou até lá” – disse – e prendeu o Ronaldo Paris. Foi-se embora levando o Ronaldo consigo, para não mais voltar.

Não que Ronaldo nos faltasse tanto pela via daquela música parecida ao eco dum trovão, mas os nossos tímpanos tinham de que se ocupar, habituados já aos rebentamentos através dos tumultos. Ronaldo exprimia o seu tempo, os seus temores e toda a loucura que lhe vinha do fundo da vida; aparecera a enganar-nos os ouvidos com a música dos ateus. Para nós, mais velhos, o vazio é um silêncio desejável e só este nos equilibra. Mas para os jovens não. Foram pedir à Marquita que substituísse o músico. Ela não poderia. Marquita tinha uma voz de carne e nervos, mas nunca os fios de uma guitarra. Além disso, Ronaldo é tão só já uma ausência. E Marquita, sabemo-lo agora, estava a mudar de

corpo, pesava-lhe a voz, crescia o ventre, com mamas apeadas e as pernas encharcadas de água. A gravidez avançava contra a sanzala e contra a nossa ruralidade. Um dia achegou-se mais ao chão e lhe ouvimos, breve, o último cantar, um hino ao parto.

Veio ao mundo essa cara emprestada de todos, aliás, de quase todos. Surpreendidos, apaziguavam-se pelo facto de que Marquita tivera um amante. Pensavam que o militar fosse o pai do fedelho. Desgraçadamente era o menos parecido com o miúdo, os traços negavam-lhe a paternidade.

Também o conservador achara-o parecido à maioria dos homens que casualmente franqueavam a porta do registo. “Quem é o paterno?” – Indagava ríspido, rigoroso como fazem todos conservadores. “Não tem”. Nome? Pusera o nome do Ronaldo Paris.

Foi por gratidão que Marquita usara o nome do Ronaldo. Quanto a este, saberíamos um dia que tão mais valioso do que um mendigo, espalhava a sua música nos mercados populosos de Luanda. E mesmo uma orquestra estrangeira lhe pegou no jeito, copiou sua música.

Ronaldo encontrava uma audiência própria, talhada ao rigor das turbulências; assimilada nos rebentamentos, uma juventude de gritos. Fizeram dele o rei da música invertida.

Quanto à Marquita, pegou seu fedelho e despediu-se de todos alegando que o Ronaldo mandava lhe chamar. A intriga continuou ainda por longos meses que até o pastor protestante fez dela o seu comício predilecto. Quem era afinal o pai do gaiato? Que susto!



O CASO DO CHENJU

Estalávamos de alegre papo em nossa casa – o Bairro Académico – quando eu e o meu amigo J & J fomos interrompidos com a entrada brusca da empregada. Chegava tarde e apressada. Afinal, andamos a chegar atrasados para depois fazermos as coisas ao peso do susto. Não adianta ralhar. Mas ela não destoava esse alegre sábado, toda florida – como havia mais gente nessa manhã –, o sorriso dela quase nos beijava. De facto, não adianta ralhar.

Depois, J & J alienava a conversa, agora resumia a minha actividade de professor num exercício de sua chacota, rumo a um liceu onde, para si, eu ensinava língua alheia.

Tanto inglês para nada. Insinuava. Um povo às quinhentas, longe mesmo do português. Para ele nossas vidas estavam cheias de dialectos então, “esse povo lhe ensinam mais inglês, p’ra quê mesmo?!”

Discutíamos. Dizia-me ao torto “uma ova, meu caro amigo. “how are you “ uma lata”. E continuava J & J a estranha mania de me pôr no lugar de estrangeiro. “Andamos a comprar as vossas línguas; os vossos livros custam o preço dos olhos. São remendos para acrescentar desentendimentos” – dizia-me.

Ele não presta. Não percebe a vizinhança que nós temos com as línguas do mundo. Não aturava, por exemplo, que no meio de um kicongo aparecesse um francês qualquer; nem um kimbundo aporтуguesado; muito menos inglês p’ra umbundo ver. E assim, com todas as línguas angolanas.

Fui me defendendo: “essas línguas nacionais nasce-se com elas. Ninguém ensina um umbundo nos estudos. Como é que se pode ensinar a ser angolano? Nada menos académico” – concluía-me na própria pergunta porque, se a pergunta me pertence, eu a respondo com vida, ao menos eu.

– Você sabe umbundo, Pongu? – quis ele saber, já esfriados os ânimos. Não. Como ele apenas conhecia a minha língua materna (tratando-se, é claro, das línguas nacionais). Chegáramos ao Huambo, um pela via militar, o outro pela via escolar. Compreendia o sufoco que constituía para si o desconhecimento da língua local.

A empregada entrou – creio já tê-lo dito – espampanante, atrasadíssima, arrastando consigo o peso do susto e os seus dois filhos sobre quais me apresso a contar: o maior pesava uns dez anitos; o mais pequeno, com traços raquíuticos, flutuava entre os cinco e os sete. Acompanhados, saíram, previamente redistribuídos, para as tarefas domésticas.

A certa altura o meu amigo apreciava da varanda o mundo a partir de si mesmo. Ele tem um interior a suar beleza. O mundo é o “seu” interior. Pela manhã uma brisa e outra réstia. Das pessoas complementava o rosto, juntava-se-lhes aos neurónios palpitantes, entusiasmados, do fim de semana. Huambo nos seus dias é uma poesia tomada dos rostos. Há gente a rir demais. Vê-la hoje e sempre assim...

Diferentemente do J & J que ainda sondava a banda nos movimentos do Bairro Académico, eu perscrutava um livro ilustrado que tratava dos dilúvios. Sempre pensei que se um dia chegassem dilúvios no país, Huambo estaria perdida. É uma cidade ali posta no percurso da chuva. Vive o caminho das enxurradas. Huambo canta à chuva; Huambo dorme sob nuvens. Gesta água. E havia, por todo o planalto, minas de água – as cacimbas (poços de água) – suprindo uma população incendiada pelos tormentos.

J & J largou o “mundo”, achegava-se à minha leitura quando o mais crescido dos filhos da empregada, a quem a mãe mandara buscar água, voltava pouco depois e com toda calma gaiata, espalhou: “não vamos mais cartar água”.

– Ora porquê, menino?

– O Chenjo caiu na cacimba.

Raios, o quê, meu Deus?... onde? Vamos... como pode?

Mama‘ué... socorro... chamem os bombeiros... como pode tanta desgraça assim, aiué?...

E lá vinham os vizinhos, prestativos, partilhando o trabalho para o resgate do corpo ou, antes, do Chenjo. A mãe desgraçada afluíu ao local chorando medos e angústias: a voz feminina começava a ruir; da rouquidão passava a um chiar canino e, lambuzando-se no lodo do pátio, quis entrar na cacimba, buscar ela própria o seu filho. Desse sofrer, diziam as senhoras, a dor refaz os sentimentos do parto. Diziam que parto é uma pequena coisa que começa um mundo grande. Como todas as dores. Diziam.

Então um jovem, rápido como é a mocidade, penetrou, lá ia, descendo a cacimba, socorrendo-nos a todos. Depois, cansado e frustrado, voltava apenas com um balde! É o instrumento que busca a água do poço. Contra o nosso desespero, um balde. O rapaz disse peremptório: “lá em baixo não tem ninguém”. E depôs o balde.

Alguns começavam já a pensar em feitiço, *ai ai ai*. Corpo desaparecido?! Cacimba é água que fica aqui mesmo, não vai e não vem. Desaparecer como se fosse arrastado pela corrente de um destino? Ou será um delito?

As perguntas ficariam sem resposta, mas aconteceu o seguinte: o suposto falecido vinha de lá com sua bola de trapo, alheio a tudo. Ficamos estarecidos. A mãe do catraio reanimou-se e tão breve suspendia o passado. Rico de ver. Imprevista dedicação materna para o menino que nem suspeitava de que estivera morto. Essa mãe revivia a plenitude do pós-parto. Sentimento de mulher. Amor de mãe. As torções de antes sobre o lodo e o choro desde um abismo representam a dor, um possível sofrer de parto: ela paria de novo esse fedelho que nos fez saltar do sossego, maçando-nos a vida?

Deixemos de suores, agora expliquemo-nos. Porque tanto espectáculo? O irmão, o mais velhinho, é o responsável. Disse-nos que o Chenjo, caiu na cacimba.

– “*Kiá kiá kiá ààà, olham a cara deles... ai ai ai iiiim ui ui ui uiiii*” – eram risos automáticos, ardentes, vigorosos, entusiasmados, de todos os estilos. Risos de prata, de ouro e de cobre; risos de marfim e bocas vegetantes. Bocas repletas de uivos. Nunca vi gerações completamente

reunidas num riso. Macaqueavam-nos, riam para o resto de suas vidas. Riam os miúdos, rapazes e raparigas, senhores e senhoras, idosos e mesmo a nossa empregada. E o riso, em fluxo, foi-se transmitindo como quando os militares, em cadeia, passam a palavra. De seguida a rua inteira ria; ria o Bairro Académico e, chegado à zona escolar, os estudantes passaram o riso aos seus professores. Conheci risos engasgados e até mesmo mortais; conheci risos vitoriosos e os risos de paixão; o mundo é universal nas suas anedotas porém, nunca o riso alcançara o fim da anedota de modo que em êxtase atingisse o orgasmo. E pessoas doridas negam a própria raiva. Quando o mundo ri há uma festa. Começavam agora a rir do próprio riso quando eu e o J & J quisemos saber a razão da chacota. Qual é a festa? Em resposta, a pergunta caiu inesperada:

– Vocês são daônde, não sabem as cousas, ein? Vocês vivem à toa.

(“Certamente, os leitores ovimbundos e outros que conhecem a língua ou a região, desvendaram já a trama. Alguns devem estar ainda a rir. Agora esclareço os que ainda não se pertubaram. Passemos ao resto.”)

Chenju (ou tchenju) é o nome que se dá ao instrumento de colecta de água nas cacimbas. Não é nome de criança “kiá kiá kiá, ui ui uiii...”. Era mesmo o balde.

GEORGINA

Ora, eu simplesmente não gostava de igrejas. Assombravam-me. Meu pai também desistira delas a pensar – como repetia embriagado – a defunta minha mãe que se ajoelhara perante todos os santos, enquanto o cancro da pele reduzia-a, maltratante, matando-a por dentro e por fora.

Eu fora até à Igreja dos Espíritos em busca de Georgina, a quem chamava “meu anjo”, porque disseram-me, logo após o meu regresso, que ela andava lá num reencontro consigo mesma. Uma busca convicta, à medida que a perdera há anos.

Cultivámos amizade com a despreocupação permitida da infância, quando ainda ignorávamos os dias que começavam com a cor dos tumultos.

Serenos, brincávamos toda a infância até quando a mulata Georgina despontava, a florescer: os mamilos já a fazerem pontas ameaçando trespassar a blusa encarnada, a mbunda a peneirar os movimentos do corpo, na sua subida de idade. Eu que ainda não ejaculava sequer, sentia qualquer coisa ardente e desesperante, mas algo insensato, que só explicaria quando mais crescido desmistificasse o amor e a lascívia, naturalmente. Nesse tempo, ela devia ter treze e quanto a mim a idade que mais a convinha. Corava quando por vezes eu deslizava os olhos sobre sua meia estatura, para depois os deter na cintura. Isso deprimia-a com a vergonha de que tinha crescido.

Avante. Tínhamos realmente crescido, numa altura em que os acontecimentos exaltariam a hecatombe. A guerra arrastava um país, a esmagar a época. De tal modo, alguns anos mais tarde, vi-me numa caserna militar. Partilharia escombros, valas comuns e incomuns como são as trincheiras. Palpitavam-me os fuis e o estrondo do medo. É este o meu infortúnio.

No dia em que parti, Georgina juntara-se aos lamentos amargos de minha avó, enxugando-lhe as lágrimas.

A guerra durou o que podia, sem vitória p'ra ninguém nem derrota p'ra esquecer. Eu voltava, ao encontro de Georgina. Com ela sonhei a tranquilidade de um lar, como então o país a recobrar-se das tenebrosidades.

Marchei para aquele submundo, o bairro Mártir, da noite a crescer preenchendo vidas mercantis, rumo à Igreja dos Espíritos (o novo espaço de Georgina). Procurei-a e, cansado, deixei-me numa das praças da noite agravando a minha sede pela cerveja. Não sei por quantas doses comecei a tropeçar, exacerbando o discurso. Ébrio, dei-me a falar de amor.

É sabido, quando falamos de amor, os homens se unem a nossa volta para ouvirem as nossas experiências. Não desse amor ao próximo que as religiões instruem, não. Mas do amor erótico, adulto, que nos faz esquecer o pão e as necessidades. Engano deles porque eu falava de Georgina. Começaram a exigir-me que usasse de termos mais adultos, impróprios – “a seguir, o que se passou... anda fala lá... ou não fizeste nada, diabos?”

Nada fizera. Esses tipos não entendem o amor.

A igreja surgiu ao amanhecer. Infinita catedral! O ar lá dentro é como uma sombra, bastante visível entre centenas de candeeiros a que-rosene iluminando o enigma, invertendo a alvura das paredes. Reconheci certo clima melancólico como nos tempos em que ia com minha mãe às missas.

Os candeeiros emanavam forte odor a querosene e fuligem que estimularam a minha asma e me incitaram a tossir. Como que excitado por minha tosse, um homem gordo e desproporcional, trajando um uniforme azul escuro com feitiço de batina e touca vermelha descaindo na face, surgiu correndo, esbracejando um violento «põe-te lá fora já!». Empurrou-me brutalmente à porta numa atitude pouco cristã. Fê-lo porque sou um estranho à sua congregação. E também para proteger a irmã Georgina de um mundano.

Mundano ou mundiano não são os termos que me atormentam. Atormentam-me sim as procuras inconclusivas, as febres do pós-guerra. Assimilara que o mundo são as voltas que damos. O gordo não me confunde. Ele não é o Cristo. Na sua igreja cristo é uma figura, uma escultura de ébano!

Nunca vi igual. Por isso, tinha-O metodicamente raciocinado. Ora, o olhar de Cristo sempre me reteve como um olhar mágico. Ei-lo naquela escultura parecendo perscutar estas coisas desta vida imprestável dum mundo em vão. E um ébano fá-lo parecer negro e estranho. Bem uma escultura trabalhada com mãos difíceis. Das linhas incisivas aos mais profundos sulcos; os erros dos contornos, a tortuosidade e saliências, demonstram a imperfeição do artista que certamente esculpira com toda a arte mas, também, com a infalível fraqueza humana. Pobre pecador de mãos trémulas. Qualquer pessoa sofreria quando, de um pedaço de tronco, se afigurasse pouco a pouco o distinto rosto do Santo, e a cada golpe de escopro fosse como se ao corpo do Homem quebrassem os músculos, os tendões e os ossos. E o ressentisse entre pregos, no calvário, na cruz da nossa alforria.

Estava a contar, foi logo assim que o gordo devolveu-me à porta. Voltei à casa onde minha avó opunha-se vigorosamente contra a minha busca. Segundo ela, jamais achara amor tão descabido. Eu não lhe conferia sentidos. Aliás, que pode uma velha entender do amor nos dias e nos reboliços de hoje? Mas desaprovou-me do mesmo modo:

– Porque desejas tu, meu neto, filha de *ngueta*?

Depois aumentou:

– Nem sabes que vida levas para a dar na filha de um *ngueta*. Você pensa é fácil para quem não está habituada a esta porcaria... – dizia-me com o dedo apontando a esteira.

É chata a avó Chica. Teimava em julgar-me o amor pela cor do corpo. A descendência de Georgina punha “tartarugas” na sua velha mente. Nada de ideias porque o mundo em nada melhorara, pelo contrário, soltava “cães” de fome; soltava amiúde, sem inocência nenhuma, palavras demolidoras carregadas de uma metáfora experiente que a nós,

pequenos revolucionários (ou que o tínhamos sido), lembrava-nos ainda a réptil classificação de “serpentes” na língua. Uma língua de intolerância. Deveria – pensava – ter antes morrido para não ver certas coisas. Agora tinha de as ver todas. (“não é justo, avó, que nos veja a todos como ‘corvos’ em tuas noites. Há sol a renascer na alma; a pomba já voa.”).

Avó Chica é quantas vezes destes gestos indizíveis; persistia na sua ignorância de julgar o amor conforme as raças. Para ela eu devia ceder aos caprichos daquela lá, a Anita Martins, que ia e vinha tentando me agradar. Não nego que é uma mulher bem dotada. Não nego. Anita tem partes, andou nos livros, estudou dactilografia. Avó gostava dela e muito.

Pé ante pé ia à espreita de Georgina mas o sacerdote impedia que a visse. Da última vez reservava-se-me uma surpresa: o sacerdote chorava desamparadamente! Insólito – nunca ninguém o fez desse modo. Parecia um touro aos soluços, chorando com todo o seu tamanho. As gotas do seu desalento faziam-me dó. Uma sujeira. Sou de opinião que os homens devem inclinar suas lágrimas para dentro, assim não há o dissabor de vermos os dejectos de nossas tristes emoções caindo-nos dos olhos, sujando-nos a virilidade.

Chorava, afinal, porque também amava Georgina! Não era um amor educativo, religioso, não. Amava como qualquer homem ama uma mulher. Jamais se pronunciara – disse – para não quebrar o seu sigilo.

Não concordo. Um sentimento escondido é pior do que cadeia. É burrice aprisionar-se a si próprio. Não comungo esse tipo de sigilo.

Para o meu augúrio contou-me que passara ali um sargento e entusiasmara Georgina. E o militar prometera um tempo inteiro só para ele. Prometia a nuvem, o enlace e o lar.

Mas que tempo tem para o dar a uma tipa um sargento? Parece trecho de romance. Já vi o pior no cinema...

Disse-me ainda o gordo que quando o sargento se foi embora, ela ficou embriagada.

Embriagada?! Estremeci diante da verdade: a “embriaguez” feminina é pior do que a própria lua-de-mel.

O facto levou a que o gordo lhe ditasse oito dias a pão e água. E que se confessasse ante a estátua caquéctica da Sala-Maior que simbolizava um qualquer santo africano. Ela cumpriu mas depois foi-se embora livre de pecados e de monges rabugentos.

Discordei do castigo dado à Georgina, mas não estaria agradecido do seu comportamento, julgo, leviano. Também eu sofria com o facto.

Agora não é mais a Georgina quem busco. Busco apenas um modo frio, exigente, de a retratar no esquecimento. Tê-la presente mas esquecida; torná-la memória emudecida, um mínimo de morta e fantasma. Para já, dizer, o amor também faz vítimas!

Habitua-me ao bairro Mártir. Suas praças movimentadas distraíam-me. Ia lá para me embriagar, escutar música e dançar. Estava ébrio quando, certa vez, notei olhinhos sobre mim. Eu ria e a mulher que os possuía os deitava no meu rosto. Ela faria a noite e o dia caber em mim... abri aqui uma lacuna:

– Ouve lá, quantos anos tens?

A idade torna-se mais importante do que o nome por causa da prostituição infantil. O fenómeno *catorzinha* nos envergonhava a todos; nos sentíamos mais pobres, ultrajados no íntimo, porque são as crianças que continuam a nossa infância.

– Quantos? – repeti, curioso.

– Dezoito, moço – respondeu balançando uma perna levando com a mexida o rabo todo.

– Ainda bem. Já cá pensava se não terias dez.

Ela sorriu envergonhada com os olhos no chão. Uma fingida mas é. A culpa não é dela. A falta de tudo transtornava-nos a todos. Ela simplesmente desenrascava os dias.

Na mesma noite conheci a minha primeira prostituta – essa pequena criatura de tronco adelgado e acinturado para fazer sobressair os enormes *matakus*. Tinha um volume de seios firmes, mamudos, prestáveis, atirando-os para frente com a marcha felina. O encanto me subjogava. Bebeu cerveja comigo, fumou os meus cigarros e com a música de Kinshasa, forte e palpitante, iniciamos a viagem, a aventura, o jogo.

– Como te chamas, afinal tens de ter um nome...
– Os homens me chamam Tita – respondeu.
– Ah, os homens. O nome é uma graça, próprio para ti. Aceito o *menu*.

Perseguido pela insatisfação, então já uma vaga lembrança de Georgina, continuava à procura de Tita.

De regresso à casa, avó Xica nunca me vira – dizia – tão triste. Achou-me isolado de modo que convocou astutamente Anita Martins de quem suportava os sermões bem intencionados, tributários de uma religião do bom ser e do bem estar. Não mais a minha, tal religião. Eu ia e vinha com Anita me esperando. A pequena Tita me enfeitiçara. Concluindo, Georgina acabava na dupla Anita & Tita. Eram duas híbridas como duas gémeas na minha confusão mental. Porém, no espaço ruidoso de Tita não pode existir uma Anita Martins. Tita apenas gatafunha o seu nome enquanto Anita lê romances. Tita não lê romances; ela é um romance.

Continuava a ir ao bairro Mártir à procura de Tita até que certa vez tive a primeira das duas grandes desilusões: Tita fora com outro homem, continuava o seu munhongo. Quando avistei o Gordo que persistia em busca de Georgina, disse-me: “não se amam putas”. E disse-o com muita naturalidade.

A última desilusão foi a surpresa de ter encontrado, subitamente, uma Gerogina longínqua, possuída de maus espíritos, delirante. Estava ela com o corpo amassado, dorido, pálida, com olheiras profundas. Antes, o sargento que a desencaminhara, partira e não mais voltou.

Nunca se vira tanta água nos olhos duma mulher até ao que chamei de massacre solitário de Georgina. Loucura!

Chamamos o doutor Gamba Manuelle que estava de regresso com uma bagagem extraordinária, findo a hecatombe. Ele curava as insónias e as chagas da guerra um pouco por toda a parte. Proferia palestras sobre as feridas da vida, as escaras do espírito. Pedimos que tratasse veladamente Georgina.

O doutor alegou ser um infortúnio, uma psicopatia remota. Deu-lhe comprimidos para secar as lágrimas. – Oh!, de mal de amor ninguém faz diagnóstico – desajustou-se o Gordo.

Todos nós lhe gritámos:

– Ché, cala a boca, seu sacerdote. Este não é doutor dos musseques, ouviu?

– Doutor, é verdade que o amor também faz vítima?

Já não me ouvia, no seu carrinho já, os faróis perdiam-se embora na noite.

Em Georgina permanecia a loucura. Teimava na nudez. Tita (que no entanto regressara) cobria-a, cuidava do pudor. Os mais sensatos dos homens fechavam os olhos para que não a vissem nua e fétida. O Gordo orava, incitava-nos que orássemos com ele. Eu duvidava das rezas mas orava para pedir a Deus que recolhesse a profusa alma de Georgina.

Nesse cacimbo (ó Georgina!) casei-me com Anita Martins enquanto amantizava a bela Tita.



JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

José Eduardo Agualusa nasceu no Huambo aos 13 de Dezembro de 1960. Obras Publicadas: *A Conjura* (romance, 1989), *D. Nicolau Água-Rosada e outras estórias verdadeiras e inverosímeis* (contos, 1990), *O coração dos bosques* (poesia, 1991), *A feira dos assombrados* (novela, 1992), *Estação das Chuvas* (romance, 1996), *Nação Crioula* (romance, 1997, no qual aparece o personagem de Fradique Mendes), *Fronteiras Perdidas*, contos para viajar (contos, 1999), *Um estranho em Goa* (romance, 2000) *Estranhões e Bizarros* (literatura infantil, 2000), *A Substância do Amor e Outras Crónicas* (crónicas, 2000), *O Homem que Parecia um Domingo* (contos, 2002), *Catálogo de Sombras* (contos, 2003), *O Ano em que Zumbi Tomou o Rio* (romance, 2000) *O Vendedor de Passados* (romance, 2004), *Manual Prático de Levitação* (contos, 2005), *As Mulheres de Meu Pai* (romance, 2007), *Na rota das especiarias* (guia, 2008), *Barroco tropical* (romance, 2009). Outros: • *Chovem amores na Rua do Matador* (peça de teatro juntamente com Mia Couto) • *Aquela Mulher* (texto para monólogo teatral estrelado por Marília Gabriela e direcção de António Fagundes).



DISCURSO SOBE O FULGOR DA LÍNGUA

O Velho Firmino rondava-nos vagamente por ali, sempre absorto, extraviado, soprando no ar ensopado misteriosas ladainhas. Eu via-o descer as escadas tropeçando em aliteraões.

*“E fria, fluente, frouxa claridade
Flutua como as brumas de um letargo.”*

Uma espécie de escuridão escapava-se dele, como de um abismo, enquanto declamava Cruz e Sousa:

*“Vozes veladas, veludasas vozes,
volúpias dos violões, vozes veladas
vagam nos velhos vórtices velozes
dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.”*

A Fernando Pessoa, esse, amava-o ainda com maior fervor. A ele e a toda a sua legião de heterónimos. Rezava-os:

*“Mas em torno à tarde se entorna
A atordoar o ar que arde
Que a eterna tarde já não torna!
E em tom de atoarda todo o alarde
Do adornado ardor transtorna
No ar de torpor da tarda tarde.”*

Eu deixava-me afundar no *ar de torpor da tarda tarde*. Estendia-me numa das redes e logo caía num sonho rápido, em algum lugar ainda mais a Sul, entre torrentes de água fria, sob um céu nu e metálico,

n'alguma praia de veludo refrescada pela brisa salgada do mar. Despertava minutos mais tarde, encharcado em suor, louco de sede, sufocado por aquele ar de ácaros, saía pela porta aos tropeções, cruzava a rua, e desfalecia de bruços no balcão do bar em frente, implorando pelo amor de Deus uma cerveja estupidamente gelada.

Chegara ali como um naufrago, de mochila às costas, e logo me fascinara o improvável alfarrabista, ou sebo, nome mais comum do Brasil, ocupando por inteiro os dois andares de um fatigado casarão colonial. Se eu fosse alfarrabista teria imenso trabalho para organizar a minha loja de forma a que parecesse naturalmente desorganizada. Um alfarrabista organizado, metódico, sugere-me algo vagamente monstruoso, capaz de ofender a ordem natural das coisas, um pouco como um lagarto com duas cabeças, um advogado ingénuo, um general pacifista. A maioria das pessoas que frequentam alfarrabistas gostam de pensar que caminham entre o caos, e que em meio àquele grave e silencioso tumulto podem, de repente, tropeçar na primeira edição d'Os Lusíadas, ao preço de um romance de Paulo Coelho. Houve um tempo, romântico, em que essas coisas podiam realmente acontecer. Um tempo em que os alfarrabistas ainda respeitavam a desordem. Os novos profissionais desta área são, desgraçadamente, muito bem informados e ainda mais bem organizados. No sebo do Velho Firmino Carrapato, porém, a desordem era legítima e muito antiga. Três gerações de Carrapatos haviam contribuído com o seu demorado labor para aquele esplêndido caos. Os livros multiplicavam-se, empilhados pelo chão, ou desalinhadados por metros e metros de incertas estantes em alumínio, sem outra lógica que não fosse a da sua chegada ali. O Velho Firmino dispusera cinco ou seis redes amarradas às colunas, junto às largas portadas abertas para a rua, de forma que era possível folhear os livros com alguma comodidade, rezando para que a brisa da tarde fosse capaz de abrandar o calor, sim, mas não forte o suficiente para transformar em irremediável pó, pura poeira erudita, os papéis antigos.

Firmino gostava de mim. Estranhara ao princípio o meu sotaque – de onde vinha eu? Angola?! –, olhara-me perplexo:

“Na África?! E lá falam português?...”

Disse-lhe que sim, que falávamos português, tal como muita gente em Moçambique, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor, e, é claro, em Portugal. Não, isso não, contestou o velho, em Portugal não. Os Portugueses já mal falam português. Na verdade, acrescentou, nem sequer se pode dizer que falem, isso carece de demonstração. Ele vira, meses atrás, um filme português e não compreendera uma única palavra. Os actores emitiam uns vagos murmúrios, mantendo a boca fechada, como se fossem ventríloquos, com a diferença de que os bons ventríloquos falam pelo próprio umbigo, ou o alheio, falam pelos cotovelos, falam inclusive pela boca fechada de um português, e sempre com relativa clareza. Argumentei, já um pouco irritado, que isso tinha a ver com a deficiente qualidade técnica do som dos filmes portugueses, bem como, é certo, com a má dicção de alguns dos actores, e depois dei o braço a torcer, e concordei que sim, que os filmes portugueses deviam ser exibidos com legendas, não apenas no Brasil mas também em Portugal. Estávamos nisto quando, sereno como um milagre, entrou na loja um português. Era um homem franzino, e no entanto sólido e elegante, com o crânio rapado, uma barbicha rala, bem desenhada, uns óculos de aros redondos, em prata, que deviam ser herança de algum remoto antepassado.

“Boa tarde! Posso entrar?”

Também ele falava sem abrir a boca, mas parecia simpático, de forma que o chamei, apresentei-lhe o alfarrabista, e em breves palavras dei-lhe conta da nossa querela. Um pequeno clarão iluminou os óculos do português e ele sorriu. A questão recordava-lhe uma tese que Agostinho da Silva defendera. Talvez a tese de Agostinho nos parecesse um tanto bizarra e sem suporte científico – mas era poética. Disse isto e ficou muito sério:

“A poesia acerta mais do que a ciência. Na natureza, por exemplo, a beleza é utilitária, isto é, não existe no universo fulgor sem serventia. Se os cientistas fossem à procura da beleza ao invés da funcionalidade chegariam mais depressa à funcionalidade.”

Segundo Agostinho da Silva as línguas afeiçoam-se às geografias que colonizam. Num horizonte amplo, desafogado, o sotaque é mais aberto, e numa paisagem fechada ele tende a fechar-se. Assim, no Brasil, em Angola ou em Moçambique as pessoas falam a nossa língua abrindo mais as vogais, e nos Açores, na Madeira, em Portugal continental, mas também em Cabo-Verde, fecham-nas.

Foi assim, através da poesia, que o português conquistou o árduo coração de Firmino Carrapato. Naquela tarde fossou tranquilamente pelos salões, sem pressa, não hesitando em desfazer e refazer as pilhas poeirentas. Quando a luz já começava a declinar chamou o velho. Firmino foi estudando com vagar os livros que o português escolhera. Lia alto o título, via o estado da lombada, sopesava-os. Um deles, um grosso volume ricamente encadernado, pareceu intrigá-lo:

“*Discurso sobre o Fulgor da Língua?* Foi um doutor daqui, do Maranhão, que escreveu isso, mas nunca ninguém o leu. Tem a certeza que quer levar?”

O português assentiu com a cabeça. O velho murmurou qualquer coisa (pareceu-me reconhecer um verso de Pessoa) e depois encolheu os ombros:

“Tá bom. Esse eu ofereço...”

Uma semana depois dei com o português sentado num bar de rastafáris. Estava feliz como um rio. Antes que eu lhe perguntasse alguma coisa mostrou-me um papel:

“Quem achar este bilhete queira por favor dirigir-se ao meu advogado, em Luís do Maranhão, com o exemplar do livro onde o encontrou.” Vinha depois o nome e o endereço do advogado.

O português sorriu:

“Você não vai acreditar: herdei um casarão em Alcântara!”

O bilhete fora escrito pelo autor do grosso volume que o Velho Firmino lhe oferecera. O infeliz falecera anos atrás, desiludido com a desatenção do mundo, mas não sem antes ter redigido um testamento em que doava o palacete da família a quem quer que provasse ter comprado e lido o seu único livro. O português exultou:

“E sabe uma coisa? O livro é bom!”

A BIGGER SPLASH

Tomás não sabe fingir. Baixou os olhos, afundou os olhos nos papéis. Tirou o estetoscópio do pescoço, sem olhar para mim, e arrumou-o cuidadosamente numa gaveta. Vai dizer que lamente muito, pensei, vai dizer que lhe faltam as palavras. Lembrei-me da tarde em que nos tornámos irmãos de sangue, ferindo os pulsos com um canivete e atando-os depois um contra o outro, com um lenço, como os índios nos filmes. Eu era Apache; ele caubói. Ia perguntar-lhe se continuava a gostar de caubóis, mas então Tomás sacudiu a cabeça horrorizado:

“Lamento muito...”

Foi nesse instante que perdi o medo. Acho que alguma coisa na minha alma mudou de estado. O gelo espesso da angústia dissolveu-se de um só golpe, como chamaria uma cozinheira a isto, ponto de pérola? Ponto de rebuçado?, um duro nó de espinhos que se desatasse. Fez-se em mim um grande sossego, provavelmente até sorri; perguntei-lhe:

“Quanto tempo?”

Tomás ergueu os olhos e viu um menino com penas na cabeça. Nós, a pedalarmos junto ao rio, um Apache e um caubói, irmãos de sangue. Talvez me tenha visto a atravessar as ondas, agarrado à prancha, na tarde em que o salvei. Eu a dançar com a Júlia – “Quem é o anjo?” – e os três abraçados, poucos meses depois, no casamento deles. Fui o padrinho dos gémeos. Creio que viu tudo isto, num fulgor, como eu próprio vi, porque levou as mãos ao rosto e ficou assim por um largo momento. Achei que seria ridículo tentar consolá-lo. Deixei-me estar, calado, a olhar o céu lá fora. Finalmente ele limpou os olhos à manga da camisa, como se tivesse voltado a ser rapaz, e disse-me:

“Nove meses. Tens no máximo nove meses. Podes viver seis, sete, com algum conforto. Os últimos vão ser difíceis.”

Agora sei tudo sobre a minha morte. Saio para o sol e alegro-me porque está um dia quente de verão e o céu brilha. Esta tarde não vou à galeria. Compro a biografia de Bruce Chatwin, do Nicholas Shakespeare, e leio-a na praia. Já é noite quando entro em casa. Vera Regina acha-me um ar estranho. Palavras dela:

“Estás com um ar estranho.”

Não me pergunta nada. Tenho em casa, na parede da sala de visitas, uma cópia em tamanho real de *A Bigger Splash*, 243,8 cm por 243,8 cm, que David Hockney pintou em 1967. Pago a um jovem artista para me fazer cópias exactas das minhas obras preferidas. Os meus amigos acham isso de muito mau gosto. Tomás, por exemplo, costuma cuspir numa tela de Edward Hopper – ou melhor, no caso, do Lúcio Falaz, é esse o nome do jovem falsário –, *Rooms by the Sea*, que mandei colocar no escritório:

“Acho mais honestas as flores de plástico.”

Eu também não gosto de flores de plástico – porque não são flores. Um óleo sobre tela, porém, é um óleo sobre tela. Uma aguarela é uma aguarela. Se eu fosse muito rico comprava os originais. Se eu fosse pobre não comprava pósteres. Os pósteres, sim, são flores de plástico. Sento-me em frente de *A Bigger Splash*, a cópia, e demoro-me a vê-la. É uma composição simples. Uma casa, duas palmeiras, uma cadeira de lona, e, em primeiro plano, uma prancha e a piscina. Alguém acabou de saltar, mas não se vê corpo nenhum, apenas a água em desordem. O silêncio, um súbito *splash*, e o silêncio de novo. Eu ainda não mergulhei de vez, penso, estou suspenso no ar. Aquele é o meu retrato amanhã. Um pouco de água em convulsão e o peso puro do mistério no instante seguinte.

Bárbara liga-me para o telemóvel. Tem dormido mal. Dói-lhe a cabeça. Quer saber se eu já conversei com Vera Regina e lhe contei toda a verdade, exige uma decisão minha, mas não é sobre isso que fala. Bárbara nunca fala sobre isso. Nunca exige nada. Não pronuncia sequer o nome de Vera Regina. Queixa-se do calor, ou do frio, e da largueza das noites. Diz-me, por exemplo:

“Sou atravessada pela escuridão.”

O negrume da noite atravessa-a, explica, da mesma forma que a luz atravessa os vitrais. Bárbara ama as elipses e as metáforas. Ocorre-me, numa vertigem, que a estou a sonhar, a ela e à voz com que me diz estas coisas. Respondo que sim a tudo, como aqueles sujeitos delicados, aos quais alguém interpela em aramaico, e eles, para que o outro se não ofenda por desconhecem a língua, vão com a cabeça assentindo sempre.

Deito-me e adormeço logo. Acordo a meio da noite com uma sensação de desastre eminente. Vera Regina abraça-me pelas costas. Chora baixinho.

“Meu amor, meu amor”.

Tem sido assim nas últimas noites. Finjo que durmo. Adormeço, e continuo a ouvi-la a chorar em sonhos, «meu amor, meu amor», mas na manhã seguinte, quando acordo, encontro-a refeita, apenas uma sombra leve sob os olhos, e o forte sorriso de sempre:

“Dormiste bem?”

Penso em contar-lhe tudo. Sobre a Bárbara? Não, não isso já ela descobriu. Durante anos fui-lhe fiel (a Vera Regina) apenas por preguiça. Hoje sou-lhe infiel pela mesma razão. Penso, isso sim, em revelar-lhe a notícia da minha morte mas desisto de o fazer no mesmo instante. Não me assusta a morte; o que temo é a promiscuidade, ter de a partilhar, ter de a viver com alguém até ao fim. A minha morte é um enigma íntimo.

“Fazes-me uma torrada? E um ovo, por favor, um ovo estrelado.”

Despeço-me dela com um beijo. Contenho-me para não a abraçar. Digo-lhe que vou para a galeria, como faço todas as manhãs, e efectivamente sigo nessa direcção. Dois quarteirões adiante, porém, viro à esquerda. Em poucos segundos mergulho na desordem do trânsito. O telemóvel toca. Deixo-o tocar três vezes; depois desligo-o sem tentar saber quem fez a chamada. Lembro-me da primeira vez que saltei sozinho de asa-delta. Não senti medo. O que experimentei foi uma espécie de arrebatamento, um furor incontrolável – compreendi que estava sozinho.

Fui ver o Lúcio Falaz. Ele recebeu-me na cozinha. É um rapaz frágil, de uma palidez artificial, que se veste sempre de preto. Imagino

que vá para cama com um pijama preto. Frequenta um curso de arte, à tarde, e à noite trabalha na morgue. Não se queixa:

“É muito tranquilo. Os meus clientes são pessoas calmas.”

Quero que ele volte a pintar uma cópia de *A Bigger Splash*, idêntica em tudo ao original, mas acrescentando duas figuras:

1.^a figura – Eu próprio, ermegindo da água em convulsão;

2.^a figura – Vera Regina, sentada na cadeira de lona, do outro lado da piscina.

Dou-lhe uma fotografia minha, tipo passe, e outra de Vera Regina, vestida com um biquíni amarelo. Fiz essa imagem, há cinco anos, num hotel em Marrocos. Nessa época, creio, fomos felizes. Lúcio Falaz recebe a minha proposta com entusiasmo que me surpreende:

Cool!, suspira: “isso é pós-moderno!...”

Sou galerista. Trabalho com arte. Não sei o que é o pós-modernismo. Vou para a praia ler a biografia de Bruce Chatwin. O homem que aluga as cadeiras recebe-me como se eu fosse um cliente habitual. Arrasta uma cadeira e um guarda-sol e coloca-os a poucos metros do mar. Traz-me, sem que eu diga nada, uma garrafa de coca-cola, porque foi isso que lhe pedi ontem. Leio durante uma hora. Depois ligo o telemóvel e disco o número de Bárbara. Digo-lhe que quero terminar tudo. Pensei muito e concluí que a nossa relação é prejudicial a ambos. Sou inflexível. Ouço-a chorar, do outro lado, e isso aflige-me, mas não mais do que se estivesse comodamente sentado num cinema, a ver, no ecrã, uma actriz agonizando. Desligo o telefone. Tento desenhar num pequeno caderno, que trago sempre comigo, o rosto de Bárbara mas não consigo. Desenho facilmente o rosto de Vera Regina. Desperta-me o estríduo do telemóvel. Grita assim quando tem mensagens. Há cinco mensagens novas. Leio a primeira:

“Houve uma troca de chapas. Tu estás bem. Liga-me.”

É de Tomás. A segunda também é dele. Pede que o desculpe pelo erro. A terceira e a quarta mensagens ainda são de Tomás. “Ninguém sabe de ti, cabrão. Liga-me já ou volto a matar-te.” Não vou ligar tão cedo. Vou deixá-lo cozinhar em lume brando. A quinta mensagem é de Vera Regina:

“Amo-te.”

O céu, lá muito em cima, tem a mesma cor do mar. Brilha como uma esmeralda. Fecho os olhos, e quando os reabro é como se me debruçasse sobre um imenso abismo azul. Vacilo, quase desmaio. Caio (acho que caio). Mergulho rapidamente em direcção à luz.



FALSAS RECORDAÇÕES FELIZES

O passado de Gonçalo começou a desmoronar-se à mesa de um bar, no Bairro Alto, várias cervejas depois da meia-noite, quando ao riso sucedeu o cansaço. Tinham discutido o namoro de Penélope Cruz com Tom Cruise. A conferência sobre racismo em Durban. As vantagens e os perigos do casamento. Então, em meio ao fumo amargo que enchia a sala, alguém lançou um novo tema – o Primeiro Beijo.

“Nunca me esquecerei”, disse ele. “Foi em mil novecentos e setenta e oito, no dia em que fiz dezasseis anos. Tinha ido a concerto de Chico Buarque com alguns colegas do liceu. O Chico começou a cantar o *Eu te Amo*, que aliás não se presta muito para uma declaração de amor, é antes uma canção de despedida. Lembram-se?...”

Cantarolou com voz rouca:

“Se nós, nas travessuras das noites eternas/ já confundimos tanto as nossas pernas/ diz com que pernas eu devo seguir. /Se entornaste a nossa sorte pelo chão, /se na bagunça do teu coração/meu sangue errou de veia e se perdeu...”

Calou-se um momento, o olhar absorto, enquanto enrolava nostálgico uma madeixa do cabelo. Já não lhe restava muito cabelo de forma que aquele tique era um pouco deprimente. Suspirou.

“E então ela encostou a cabeça no meu ombro e eu beijei-a.”

“É bonito”, reconheceu um dos amigos, crítico de música, um tipo que se gabava de saber quase tudo sobre tudo, ou, em alternativa, tudo sobre quase tudo – e realmente sabia. A erudição dele incomodava os outros. “Seria ainda mais bonito se fosse verdade. Isso não pode ter acontecido em mil novecentos e setenta e oito. O Chico Buarque só criou essa canção, em parceria com o Tom Jobim, dois anos mais tarde.”

Gonçalo olhou-o perturbado:

“Disparate! Tenho a certeza que o Chico cantou essa música na noite em que fiz dezasseis anos, portanto em mil novecentos e setenta e oito. Foi nessa noite que comecei a namorar com a Marisa. Infelizmente nunca mais soube nada dela. Vocês lembram-se da Marisa, não se lembram?”

Não, ninguém se lembrava da Marisa. A Gonçalo, todavia, bastava fechar os olhos para voltar a vê-la. Era uma rapariga alta e flexível, com grandes olhos negros, melancólicos e um alheamento pelas coisas do mundo que a fazia parecer imaterial. Apetecia ao mesmo tempo protegê-la e ultrajá-la. Confrontados com a descrição de Gonçalo todos lamentaram não ter conhecido Marisa. Na mesa ninguém se lembrava dela. Pior: nem sequer se lembravam dele nessa altura.

“Só te conheci em mil novecentos e noventa», precisou o crítico de música. “Num concerto de Cesária Évora.”

Aquilo era demais. Gonçalo levantou-se indignado:

“Nunca estive num concerto de Cesária. Nunca!”

Ninguém disse nada. Toda a gente sabia que o crítico de música jamais se enganava nos factos. Menos ainda nas datas. Gonçalo tirou uma nota do bolso e colocou-a sobre a mesa.

“Eu já vou...”

Nenhum dos amigos procurou detê-lo. Gonçalo saiu aflito para a noite mansa. Qual era a sua recordação mais antiga? Esforçou-se um pouco. Recordava-se de ter assistido pela televisão à ocupação de Goa pelas tropas indianas. Devia ter uns cinco anos, seis no máximo, ainda não andava na escola. Voltou ao bar e perguntou ao crítico de música:

“Olha lá, sabes dizer-me quando é que perdemos Goa?”

O outro nem pestanejou:

“A dezoito de Dezembro de mil novecentos e sessenta e um.”

Gonçalo respirou fundo. Nessa data ainda nem era nascido. Seria possível que todas as suas memórias fossem apócrifas? Voltou a sentar-se, trémulo, e pediu mais uma cerveja. Se não podia confiar nas próprias recordações não havia nada em que pudesse confiar. O crítico de música citou Buñuel:

“Uma vida sem memória não é uma vida.”

Depois percebeu que aquilo não tinha nada de animador e tentou emendar:

“O teu caso não me parece tão grave. Tens uma vida. É falsa, sim, mas afinal de contas é uma vida.”

“Mais valem falsas recordações felizes», acrescentou um outro, «do que lembranças autênticas e desgraçadas.”

Gonçalo estava inconsolável:

“Vocês acham que eu nunca beijei a Marisa?”

Ninguém respondeu. Talvez tivessem bebido demais. Talvez fosse demasiado tarde. Talvez achassem realmente que ele nunca beijara Marisa.



JOSÉ SAMWILA KAKWEJI

José Samwila Kakweji nasceu em Caianda, Província de Moxico aos 15 de Agosto de 1943. Obras Publicadas: *Viximo* (1987), *Viximo II* (1989), *Gira-Bola na Selva* (2006).



POR QUE É QUE O CÃO ODEIA OS OUTROS ANIMAIS?

Nos tempos idos os animais viviam em perfeito contubérnio. Não havia nos tempos de antanho animais domésticos ou selvagens. Todos eram animais como tais, de pêlo, de penas, de escamas e de tudo isso. Viviam assim numa una e indissolúvel camaradagem.

Sendo assim, todos os animais estavam filiados numa única unidade social, numa espécie de associação de convívio e de solidariedade internacional.

Então, nesta conformidade, certa vez, um determinado grupo de sociáveis animais, cansados de estarem a contemplar as mesmas plantas, os mesmos rios, as mesmas montanhas, combinaram-se a idealizar, em conjunto, numa inaudita harmonia, uma tremenda e longa viagem de estudo ao Mundo.

A viagem tem o seu início num ponto da Terra e o seu término no outro extremo.

Como é de esperar, a viagem levará os aventureiros a atravessar, com inúmeras dificuldades, naturalmente, e riscos da própria vida, rios caudalosos, extensas chanas e desertos, densas florestas tropicais, savanas, estepes e demais empecilhos.

Trata-se, com efeito, de uma lendária jornada, difícilíssima de concluir, por ter que ser completada através de todas as estações do ano, semelhante àquelas realizadas nos dias de hoje pelos astronautas...

Entretanto, porém, no dia apalavrado, numa bela manhã de cacimbo lene, partem rumo à inusitada meta...

Andaram durante algumas horas e, a dado ponto do itinerário, o Bambi* pede:

– Meus companheiros! Agora vamos entrar no princípio de uma chana extensa... Vamos percorrê-la talvez por muitos dias, semanas, quem sabe, ou até meses, antes de alcançarmos os lugares maravilho-

sos... A chana foi devastada pela queimada gentia e impiedosa, que não deixou atrás de si senão um vasto e inútil restolho. Por isso, acho ajuizado pedir-vos que aguardemos aqui, alguns dias, pelo renovo, para que eu possa juntar farnel suficiente de erva para a longa caminhada!... – bmbiou.

Solidários com o Bambi, os companheiros da longa distância detêm-se ali durante o tempo que é necessário... Pela demora que a viagem leva, já a chana está toda ela inundada pelas cheias pluviosas, posto que o cacimbo há muito ficou para trás. E por este motivo, de súbito, a Raposa, outro dos companheiros, lastima-se, com os olhos deplorativos e baços de água:

– Como vós sabeis, amigos companheiros, entre os vários alimentos que a Natureza gentilmente nos lega, eu nutro-me de phawa*, que neste momento preciso está imersa. Sou uma frugívora declarada, confesso francamente. Aguardemos, pois, algumas semanas, para que o nível da água baixe, a fim de que eu possa colher os preciosos bagos para a caminhada. Peço-vos... – regougou.

– Estamos de acordo contigo, já que combinámos viajar unidos, para nos ajudarmos mutuamente ante todas as dificuldades... – anuíram os demais.

Assim é cumprida a demanda da Raposa e, seguidamente, retomada a viagem.

...Mas de repente, que maldição! Mesmo a meio da floresta, outro obstáculo se desenha: eis que uma gigantesca árvore tropical tombara e obstruíra deste jeito a passagem à aliada e bem organizada caravana!... ...Resulta dali, portanto, uma grande barafunda dos diabos: é necessário recorrer a mais tempo de parança prolongada para se sair de tal labirinto.

Em face desta nova complicação, ali na caravana, não se contém quem se não lamente. Quase à beira das lágrimas, o ancião Cágado:

– Meus netos! – cagadeou – Olhai para mim e para a minha desgraça! Como vedes, eu não tenho o privilégio de ser dotado de membros locomotores capazes de transpor nem que seja um burgãozinho solto

no chão... – calou-se o velho, até metia dó, e prosseguiu: – Por conseguinte, peço-vos uma pausa na nossa viagem, enquanto descansarmos, para darmos tempo a que o cepo da maldita árvore, que se atravessou provocadoramente no nosso caminho, acabe por apodrecer e se transformar completamente em turfa. Após isso, então eu estarei em condições de transpor o obstáculo de cinzas e locomover-me convosco... ou preferis abandonar-me ou votar-me ao isolamento?! – cagadeou, lamentando-se por fim o ápodo do miserável Cágado. No grupo ninguém contraria as pretensões do velho Cágado, e o acordo é celebrado unanimemente, lido no rosto de todos, e o felizardo está de parabéns por ver satisfeito o seu desejo. Mais adiante na caminhada, uma outra paragem obrigatória se impõe: o séquito turístico depara-se, ou melhor, dá-se conta de um extenso curso de água, de corrente impetuosa, cujo parâmetro se perde de vista, e surge chorosa e pávida a Cabra. Ante tal dificuldade, ela, a Cabra, exora com esta queixa:

– Ai! Só de olhar para a água prateada do enorme rio, sinto até as vistas magoadas... e não escondo o meu imenso temor! Por conseguinte, eu não poderei atravessá-lo, com a correnteza que tem, antes que ele resseque completamente. Isto porque, também, infelizmente, na nossa geração ninguém ensina ninguém a nadar!...

“Para tal acontecer,” – pensam os demais, sempre solidários e solícitos – “forçoso se torna que aguardemos com inata paciência pela secagem do caudal” – foi a anuência geral nesse sentido, uma vez que a sólida sociedade estava firmemente coesa, unida e indivisível.

Não obstante os inevitáveis atrasos na funesta marcha de aventura, a caravana vai retomando sempre, cheia de fé, esperança e coragem sem par, a caminhada. E, aqui e acolá, a pedido de um e outro integrante da jornada, incapaz de vencer a sua dificuldade particularmente inesperada de momento, todos os restantes membros do grupo se retêm e esperam que aquele possa transpor o obstáculo, independentemente do tempo que é necessário gastar ali.

A viagem é deveras dura, contudo tem que terminar um dia. É assim que, já a escassas léguas da meta final do certame, que desilusão!

Chega a vez do Cão. Dentro do espírito de letra que lhe assiste a combina como os demais, vai solicitar também uma ligeira parança no estafante percurso:

– Meus caros companheiros! Como vedes, a minha mulher está prestes a ter!... Rogo-vos, pois, que façamos uma paragem, como viemos fazendo, para que ela, dentro de instantes, dê à luz!...

– Não podemos parar mais, nem por um segundo! – resmungaram os sócios, sem tir-te, nem guar-te, enquanto continuam a caminhar, mesmo sem razão. – A viagem já dura há passadas muitas luas e estamos próximos do nosso destino. Não estaremos dispostos a queimar mais tempo com paragens... Fica sozinho, e seguir-nos-ás logo que o parto da tua amada passar. Pois nós sentimos cansaço e precisamos imediatamente de um repouso merecido!...

Apesar de tudo, àquelas vozes, cantantes ou musicadas, mas concludentes, o Cão não responde abertamente de imediato. Todavia, ele fica assaz magoado ante a atitude anti-social, hostil e provocadora de última hora, tomada com manifesta ingratidão pelos demais companheiros da jornada. Guarda, por este motivo, um rancor tal que se lhe lê patente nos olhos vermelhos como dois tomates:

– “Eu, Cão, durante a difícil caminhada ajudei a esperar e a ultrapassar os obstáculos... Através da longada fui sempre solícito... Por fim, vós, companheiros, acabais decididamente por me abandonar pura e simplesmente, e de mais a mais em circunstância difícilima!...” – pensou para dentro o canídeo.

Então, é por este pretexto que o Cão castiga, ou melhor, odeia os outros animais, por nata vingança e pelo lendário rancor.

A esta medida punitiva nem os outros cães, à primeira vista seus quejandos, escapam.

CONVERSA DE CÃES

No quintal do velho Xinde, pai do menino Kapalo, além da criação de galinhas, patos, perus, porcos e cabritos, vivia também um engraçado casal de cães ainda novos.

O macho chamava-se Likoji* e a fêmea, Usoko*. Certa vez, nas suas habituais brincadeiras matinais, os dois cãezinhos encetaram uma doida e estafante correria aos ziguezagues no capinzal rasteiro e depois, ora rebolando-se, ora mordendo-se amistosamente, junto da casa de seu dono.

Pelos vistos, eram coevos e naturalmente deveriam ser da mesma ninhada e viviam na amigação.

Depois destas brincadeiras todas estacaram, estafados, e acocorraram-se, ficando um defronte do outro.

– Ah! – foi a Usoko que começou com a conversa. – Achas tu boa a nossa relação com o Homem? – Eu acho que não é boa, muito menos justa, já sabes – respondeu o Likoji e continuou: – Nós guardamos a casa e toda a criação durante a noite, enquanto ele dorme. E vamos à caça com o nosso dono e matamos carne. Ao comer, zás, não roemos senão simples ossos descarnados!...

– É o que eu sempre digo! – retorquiu a Usoko. – Qualquer dia farei uma daquelas partidinhas da praxe, para ver se o Homem muda de atitude e começa a pensar a sério na nossa desgraçada geração.

– É que ele não é mau de todo, Usoko! – acudiu o Likoji. – Podes ver: ali o amigo Gato até tem o privilégio de entrar nos quartos e nenhum mal lhe é feito. Mas aí de nós!... O Homem é severo somente à hora das suas refeições e principalmente de carne ou de peixe, porque ali o repugna imenso a nossa social presença. Todavia, o mesmo não acontece quando está no meio dos seus amigos a beber a ndoka ou o lituku.

– É verdade! – corroborou a Usoko. – Os Homens quando estão a beber são santos, simpáticos: gostam de nós, estimam-nos, afagam-nos, quais gatos e elogiam-nos; enfim, mostram-se humanos connosco!...

– Não lembras as palavras da nossa saudosa mãe, que Deus tem, morta por um javardo danado numa caçada? Ela dizia que os Homens se inebriavam com comida e não com as bebidas espirituosas – rematou o Likoji num saltinho, sacudindo as orelhas espetadas.

– Pelo menos se soubessem ladrar, talvez nos entendessem!... – lastimou-se do seu lado a Usoko.

Nisto surdiu o menino Kapalo, que regressava da visita às suas armadilhas de roedores e aves, e eles pararam de conversar para irem saudar o filho do seu dono, guinchando, saltitando e agitando fortemente as caudas de contentes.

VOZES DE ANIMAIS

1-Rola: – Sou catita!... Sou catita!...

2-Rola: – A chuva findou, o cacimbo veio! O cacimbo veio, findou a chuva!

3-Noitibó: – Queria casar-me, mas não tenho dotes!... aiué!

4-Kambowa (*pequena rola, poisada num ramo sombrio, solitária, em lamentos dolentes*): – Tinha os meus filhos, mataram-mos todos: pwi-pwi-pwi!...

5-Kambowa: – Cimbamba era escravo de meu pai! Mas agora toca a molestar-me!...

6-Peneireiro (*para os que vão tarde às lavras*): – Atrasaste-te! Atrasaste-te!...

7-Milhano (*para os lavradores esbanjadores*): – Ao lavar, paulatina e insignificadamente, mas ao comer, delapidação!...

8-Noitibó: – Ó Kambowa, vamos defrontar-nos!...

9-Peneireiro (*de ramo em ramo ou de árvore em árvore, anunciando chuvisco iminente*): – Minhas lagartas! Minhas lagartas!...

10-Milhano (*anunciando a aproximação da chuva, pedindo as suas frescas gotas*): – Asperge-me! Asperge-me!...

11-Milhano (*anunciando a primeira chuva do ano*): – Bruega!... Bruega!...

12-Mungaji (*pássaro insectívoro de penas escuras*): – Com o cesto e meio (carga), pernoitarás lá p'ro Sambango (aldeia).

13-Munyamba (*espécie de toutinegra*): – Vamos comer! Vamos comer!... Comer e reservar!... Vinde: Eis aqui o restaurante!...

14-Munyamba: – Pweke! Pweke! (Perigo, salva-te!...)

15-Mocho (*tipo de ave agoirenta, é costume em noites escuras ouvir-se-lhe as seguintes perguntas e respostas, poisado no tecto de uma casa, ao morador*): – Estás aí, ok!... Estás aí, ok!...

16-Likwika (*Atador: espécie de mocho, nocturno, agoirento*): – Ata-ata: zás! zás!...

17-Rabila (*galinha d'água*): – Rã encontrada, é rã papada, papada, papada!...

18-Rabilas (*na presença do chefe do grupo*): – Na verdade é mbulumwene, mbulumwena!... (Decerto é o chefe!...)

19-Rabilas (*na ausência do chefe*): – Comê-lo! Comê-lo! Comê-lo!...

20-Thambikila (*ave chamadora, pressaga, diurna, dos bosques, que com voz semelhante à humana, chega a atrair e desviar os caçadores, perdendo-se estes na mata*): – Oh! Oh! Vinde! Vinde!...

21-Abelharuco: – Mel-mel! Mel-mel (Segue-me, segue-me.)

22-Sardão (*dominado pelo frio intenso das noites de cacimbo, projecta o trabalho a realizar pela manhã seguinte*): – Amanhã lenharei de sol a sol!... (Mas no dia seguinte, depois de sentir o calorzinho do sol, já se esqueceu de lenhar...)

23-Rã: – Golpeiam-te e levam-te à presença do rei! (bis).

Ou:

– Amarram-te e conduzem-te ao rei (residência do rei).

24-Ovelha (*Carneiro*): – Ó Kahuma, o hóspede no jango está amuado!

25-Galo: – Có-co-ro-có-co! (Já é dia!)

26-Galinha: – Kucwa-kucwa-kucwa: a galinha nunca enche o papo!

27-Jacaré: – Encontrada a pessoa, é só afogá-la: mbwi-mbwi!...

28-Mocho: – Thumba! Thumba! Vem, minha irmã, para a porta fecharmos, aiué!...

29-Poupa: – Pepetenu, pepetenu!... (Lavrai, lavrai!...)

30-Pomba (*doméstica*): – Uh! Uh! Uh! – o meu kimbo é no Puto!...

In *Viximo*

O ESPERTO E O IGNORANTE

Era uma vez dois meninos: o esperto e o ignorante, que viviam numa aldeia ribeirinha.

Certa altura, o menino esperto falou:

– Amigo, vamos àquele homem ali pedir-lhe alguns frutos para comermos, pois temos fome!

O companheiro concordou. Foram ter com o camponês e este ofereceu-lhes de bom grado uma dúzia de abacates suculentos.

No regresso, ao passarem por um cemitério, viram o guarda e pediram-lhe autorização para entrar, porque desejavam fazer uma visita. O bom do guarda autorizou-os e eles entraram no recinto.

Lá dentro, querendo já repartir e comer os preciosos frutos, penetraram, através da janelita, numa casota que lá estava, ao cantinho. No interior da casota, o menino esperto começou a dividir os abacates, contando:

– Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze...

– Não, não! – Contesta o menino ignorante ao ver aquilo.

– Não, assim não dá conta certa, porque me queres enganar. Vamos repartir assim os abacates: um para ti, um para mim, um para ti, um para mim, até ao fim.

Então, o menino esperto começou a separar os abacates e a arrumá-los em dois montinhos:

– Um para ti, um para mim, um para ti, um para mim...

O guarda foi espia-los e, ao ouvir aquilo, teve medo e pensou que Deus e Satanás estavam ali a repartir os mortos. Então chamou pelo seu colega que se encontrava mais ao fundo:

– Eh! Vem cá escutar estas vozes!

O companheiro veio a correr e os dois colocaram-se a escutar:

– ...um para ti, um para mim, um para ti, um para...

Os meninos, quando entraram pela janelita, tinham deixado escapar distraidamente para o chão dois daqueles frutos.

– ...um para ti, um para mim, um para ti, um para mim, – e terminam em coro: – ...e mais aqueles dois que ficaram lá fora... um para ti, um para mim!

E, os velhos guardas, lá de fora, ao ouvirem aquela contagem, presumiram que se lhes referia e desataram a correr em brados:

– Venham escutar! Venham escutar!...

Acorreu de facto muita gente, espantada e curiosa.

– ...um para ti, um para mim, ... e com os dois que estão lá fora: um para ti, um para mim!...

Aquela gentalha toda entrou em pânico e começou logo a fugir em debandada, magicando:

– Se Deus e Satanás estão a disputar entre si os mortos, para onde iremos, pobres de nós?!...

Anita Moisés, 14 anos

MANUEL RUI

Manuel Rui Monteiro nasceu no Huambo a 04 de Novembro de 1941. Obras Publicadas: *Poesia sem notícia* (1967) *A onda* (1973), *Regresso adiado* (1973), *11 poemas em novembro. Ano um* (1976), *Sim, camarada* (1977), *11 poemas em novembro. Ano dois* (1977), *A caixa* (1977), *11 poemas em novembro. Ano três* (1978), *Agricultura* (1978), *11 poemas em novembro. Ano quatro* (1979), *Cinco dias depois da independência* (1979), *Memória do mar* (1980), *11 Poemas em novembro. Ano sete* (1984), *Cinco vezes onze poemas em Novembro* (1985), *11 poemas em novembro. Ano oito* (1988), *Crónicas de um mujimbo* (1989), *1 morto & os vivos* (1992), *Rioseco* (1997), *Da palma da mão* (1998), *Assalto* (1998), *Saxofone e metáforas* (2001), *Nos brilhos* (2002), *Um anel na areia* (2002), *Conchas e búzios* (2003), *Maninha* (2003), *O manequim e o piano* (2005), *Ombela* (2007), *A casa do rio* (2008) e *Janela de Sónia* (2009).



601 PARES DE SAPATOS COM METÁFORA

Parece que ele havia se arranjado, só naquele assunto, numa tabeliona para lhe registrar no livro de escrituras públicas aquele testamento. Que, no fundo, era uma ordenação a todo cujo cidadão de bocas, mujimbices e parecidas falas sobre estatais. Tudo acautelando exageros que estavam na moda bandalhona. E a dos reconhecimentos, tão bem dada com gente dessa, tanto mais ainda conservadora também casadeira de famílias de bodós de sobra-lagosta e deita fora frangos e mais frangos temperados para afastar patos e por isso nem chegavam a churrascar de tanta era a comida a ocupar espaço, casórios de encomendar flores em Joanesburgo e paramenta de noiva vinda de Lisboa só as caixas dos chapéus! – sigilava uma hospedeira – essa notada notária constava que, no tempo do colo-colo, serviço dela nesse cartório era exemplar de receber as folhas e dar-lhes aquele pensamento de entalço na alavanca do selo branco e mais nada embora de ajudante e por isso lhe promoveram com a dipanda pagamento de militância de panfletos e mukandas vindas de Brazaville nos camaradas émes. Assim, por esse por isso, gostada por toda a gente, os do meio e até rondantes e fora das barbas do meio, o muadié, de gasosa no testamento, se cimou agraciando a notária com carta de conduzir e um toyota segunda-mão Matonguê zaicó de Bruxelas, carro com que ela se desconsegue sempre em manobra de estacionar com marcha-atrás na rua muito estreita dela deixando o carro num enviezamento que os miúdos estigam. Talvez se estacione assim com pemba de remorso, é outro bocado de boca. Porque um testamento nunca pode ser uma ordem do testador a proibir que boquem sobre sua vida, argumenta assim a ajudante desta notária, trintona, matriculada no segundo de direito e agora a dar alavanca no selo branco que, de argumento de autoridade, comentara, na altura de celebração do testamento, tratar-se de um verdadeiro acto legislativo e portanto

inconstitucional, ao que a tabeliona respondeu que isso não dá de comer a ninguém e se não fosse eu a fazer havia mais quem fizesse mal e com gatafunhos e que temos que nos ajudar uns aos outros como disse Cristo. E não é nada um acto legislativo mas um bafo legítimo para que se respeitem as pessoas, repreendeu ainda de cátedra a notária sobre a caloirice e petulância daquela ajudante.

Daí bocas. Falando na maneira de contar um bocado sem dizer sobre. É assim nas falas das farras quando a música é alta e se conversa por cima desse barulho. Tudo bocados com bocados, bocados contra bocados em cola descola até fazer uma estória que nunca acaba e está sempre a começar. É que o muadié deixou no testamento que ninguém lhe pode falar de como e quando completo, postos de direcções nacionais, ministérios dirigidos, se general ou coronel. Nada. Nada pode ser contado por nenhum narrador na maneira de que era uma vez e assim por diante com datas até ao fim. Por isso, com esse testamento que é uma ordem legalizada democraticamente, entre essas falas de pedaços e entre esses pedaços, fica muito por contar e nem tão pouco a notária entrelinhou, de propósito e como era aliás seu dever cumprindo a vontade do testador em estado de lucidez sem qualquer obnubilação que era a palavra aprendida com o doutor Seabra, último notário tuga naquele cartório e baseado na ponte aérea, era mesmo essa palavra obnubilação que ela gostava de dizer alto quando dava de raiva no selo que porcimamente lhe chamavam de selo branco que agora ainda lhe continua mas já sem a raiva da ajudante que subiu notária.

Porém, nesse gosto de contra-mão, de saborear a ilegalidade, tem bué de gente ainda do tempo do muadié, mesmo de escola. Que até era pobre de kiquerra e kifufutla.

Que os primeiros calçados que lhe viram com ele nos pés eram das tais sandálias de pneu maneira de padre capuchinho. Depois botas de engraxar com sebo e sola também de pneu com protectores. Que era preciso tirar as botas para jogar futebol e não canelar os outros que tinham só pés sem nada.

De estudos, sabiam-lhe da quarta kabunga com aquelas botas de sebo, pneu e protectores.

Que teria desaparecido para clandestinar maqui. Que andara em curso na União Soviética e, padecendo de dentes e instando os tavariches, beneficiou de tratamento mais duas próteses com uma capa de ouro, moda que era na Sóvias, brilhar o sorriso com dente de ouro. E apareceu depois. Homem honrado de repartir uma migalha de pão ou uma nesga de luz. Com as palavras de ordem que se gritavam e os hinos que se cantavam com o vê da vitória. Bons tempos! Dizem as pessoas que contam isto desabafando que pensavam que era a sério mas que não dá pra voltar pratrasmemente nem vale a pena, nossa como a gente se enganou!

É. Nesse bocado. Que o muadié, não passou um ano, deixou a mulher que lhe trouxera com ela do maqui. Mulher e quatro filhos. A mulher que o acompanhara naquelas horas de passar mal e fome e pólvora dos tugas. Que lhe fazia a comida e lhe cartava a água. Só por troca com uma desfrizada calú toda cheirosa de perfumes, incompleta mas frequentada em quinto ano do Liceu, brilhando de vernizes nas unhas, lábios de baton encarnado e sapato alto de pisar presença que visgou logo o coração do guerrilheiro como maneira pra pássaro puro peito-celeste.

Em outros bocados que a própria notária conta – com a seriedade que todos lhe reconhecem – e recorda bué quando chucha com alegria uma tintada a mais – que ela não é de cervejâme mesmo a estalar – o de cujus ocupou lugares e mais lugares públicos. Sempre a engrandecer. E ela, quando a vinhaça lhe sobe mais no nível do gosto, soletra mesmo ministro disto e ministro daquilo e outros postos. E, que a camundonga, nessas eras era de braza-fogo com grande sucesso nas recepções. Olhada e remirada por embaixadores e importantes locais que viam nela uma redundância de luxúria. Você é uma metáfora, tinha-lhe dito o adido cultural no Rio e ela jamais se esquecera e, uma que outra vez, dizia para o marido: eu sou uma metáfora! O que é isso? Não sei... tu é que devias saber porque esta metáfora é tua. Principalmente nos lábios e na mamalhudice que ela desperdiçava em decote mesmo para ciumar

no marido que até era um ciumento recalçado de chifres nos pés remexendo e torcendo os dedos das mãos dentro dos bolsos mas, ao mesmo tempo, a mostrar sorrisos de marfim com ouro, cheio de orgulho por ter mulher assim para todos olharem parecia era inveja mais que dos sapatos. E um dia disse-lhe: pois ficas a saber, agora passo-te a chamar Metáfora.

Sapatarias locais falam, também por bocados não violadores do testamento, que a mulher é que lhe escolhia sapatos pra ele e muitas vezes se gabando que o meu marido já tem cento e cinquenta e cinco pares de sapatos. E que um dia deixou de comprar sapatos só nos mangolé. A barona ia a sapatos a Paris, Lisboa ou Joanesburgo e aproveitava na despesa dela. Também naquela papeleta das polícias de fronteira, no item em que perguntam objectivo da viagem, ela escrevia a sapatos. Aliás, o relato é de uma vizinha que narrava o seguinte: não sabe bem em que ano é que foi mas a Metáfora, depois da compra da vivenda em Joanesburgo, terá levado para lá cento e vinte pares de sapatos, deixando por cá uns cem que a colecção já ia em duzentos e vinte. Mais tarde, após a compra do palácio em Lisboa, para as bandas de Belém, a dona se viajou com caixas e caixas de sapatos, tudo em varias malas de peso a mais mas vip. Num caso como noutro – diz a tal vizinha – sapatos reimportados ou reexportados, sei lá, quero dizer, eu vizinha que via tudo sem ser vista, sapatos comprados lá fora vindos para cá e regressados lá para fora donde tinham vindo.

Nessa hora, as colecções offshore começaram a ser mais alimentadas. Tudo porque ele fazia para a mulher a seguinte reflexão: isto não anda bom. Sabes como é o povo. Foi assim em todo o lado. Até com Jesus que lhe cavilharam numa cruz. Nunca se pode esquecer esse exemplo de colocarem um cristão daqueles numa cruz. Olha só se fosse um ateu? Na hora em que as massas ficam sem sono paga o justo pelo peccador. Já viste se há uma bagunçada? Os primeiros gajos que entrassem aqui descalços e vissem tanto sapato matavam-me. Como é que eu poderia explicar a gente inculta o que é uma colecção? E ainda se matavam uns contra os outros com sapatos uns na cabeça dos outros em vez de os porem nos pés. Aí as ilusões...

De mais, ela mandara fazer um móvel só para sapatos e, de vez em quando, timidamente, lá trazia, por vício, mais um par comprado em Joanesburgo, Lisboa, Paris ou Rio de Janeiro que os dólares era só tirar da carteira ou os travel cheques até que quando se descobriam nos cartões de crédito, aí sim! Grande sapateado e os sapatos eram mesmo de rajada.

E o muadié organizou-se. Fez listas por cores, preto, castanho, branco e incolor ou só sapatos de bico, ou só sapatos à Percy, sapatos ingleses, sapatos italianos e aqueles brancos e pretos de ponta fininha de malandro sambista. E era um prazer arrumar e desarrumar os sapatos durante os sábados, etiqueta com número.

Muita gente se admirava como é que ele, com sete carros, casas, viagens e bodós, ainda conseguia um pé-de-meia para sapatos. Outros cogitavam que se calhar era tudo mentira sobre os teres dele de corrupto e ladrão. Que talvez juntasse sapatos como maneira de salvar a velhice já que naquele país não havia reforma e assim ficava com uma reforma em sapatos que era melhor que descalço ou também menos pior que outros que não punham reforma nos pés que era aquilo de sapatos mas nas mãos em combú, isso que imaginavam naqueles bocados de bocas.

Quando lhe chegou computador em casa, a primeira coisa foi de falar na professora que queria um programa só para sapatos. Vai daí só a Metáfora quem se encontrou com a tecnologia e arrumou a colecção como uma discoteca ou biblioteca e por isso mesmo o faile sap ela passou a chamar de sapatoteca. Tudo arrumado, tão bonito que, quando abria, o marido colocava-lhe as mãos nas faces, inspirava o seu perfume e beijava-a no cabelo és a minha Metáfora!.

Depois, os contactos. Sapatos na Internet. Correio electrónico com gente importante desse mundo das sapatotecas. Compras pela net com o desenho do sapato ali, ao vivo. E a mulher a dizer: ai se tivéssemos o emeile do Clinton ou da Madonna! Quem sabe na forma como eles estão organizados em sapatos?

Ouvi dizer que o seu marido já vai em quatrocentos e um sapatos, perguntou-lhe, um dia, Chico Bambú, à saída duma lanchô na ilha,

conhecido brilhoso das Lundas que falava com o cordão, as duas pulseiras uma em cada pulso, os anéis e o isqueiro, ouro dele assim à vista era meio quilo. A próxima vez que for a Joanesburgo tem lá uma jóia para si. Fique com este endereço. Eu já vou em quinhentos sapatos, tudo dinheiro de privado que eu nunca mexi em dinheiro do estado. E o Bambú sabe como se chama? Não, o quê? Sapatoteca, ah! ah! ah! ah!

Tal Bambú toda a gente conhecia, incluso de emprestar nota verde com juro de cem por cento. Era famoso de farras, de carros, garimpo de primeira quilatagem e até de mandar prender polícias. Claro que ela só contou no marido a parte da conversa dos sapatos e mesmo assim ele enciumou. Caramba, filho, toda a gente sabe que tu és bom em sapatos e que ele também, claro, com diamantes! se fosse eu ele mandava fazer uns sapatos com diamantes e oferecia à mulher. Metafora-me, filho!

E, de repente, começaram a aparecer duas claques de sapatos. Que quem tinha mais era o estatal ou que quem tinha mais era o brilhoso. Faziam-se apostas, contavam quantos desta cor e quantos deste formato. Eram as duas figuras públicas mais importantes em sapatos, sabes mulher, estive a pensar que valeu a pena esta revolução e os anos que passei no maqui. Feitas as contas, tenho mais sapatos do que a minha família toda já teve. Isto, porque, bem vistas as coisas, tenho geração e meia de pé-calçado. Só o meu pai começou a calçar. E pouco. Eu agora, calçava muito para lá do meu avô, do tetravô do meu bisavô, calçava a família toda. Vê só o desaproveitamento do tempo pré-científico. Tantas gerações de pata no chão e eu, em pouco tempo, calçava os meus defuntos todos. E se os pobres vão para o céu bem poderia levar para lá alguns sapatos e calçar aquela gente. Alguns sapatos? ou todos... Tens razão, mulher, pois não fazia sentido deixar os sapatos aqui na mão sei lá de quem, nos pés, quero eu dizer.

E não estava a gostar muito a mulher andar sempre informada sobre a sapatoteca de Bambú. Assim, de desconfiança, pôs candengagem de bofaria, controlando passos do Bambú e da Metáfora e os candengues quatro com cem Kwanzas dia cada um adiantavam bem serviço.

Ele recebia informação chapa quinhentos e dez. Depois quando a mulher chegava ruminava que esse Bambú não me pode passar à frente nem que pise mina anti-pessoal. Em quantos é que ele irá? Acho que chapa quinhentos e dez. Como é que sabes? Sabe-se em todo o lado.

Ai é? E, nessa coincidência dos informes dos miúdos bófiás e os dela, ele começou embora a se mastigar mais maneira de lombingas já revirando estilo de pacaça que até levou as mãos à cabeça. Daí que intensificou o cerco informativo acrescido de dois paisanas da judiciária emprestados oficialmente.

E os xuis abriram mais as cortinas. Que a dona se bambunava em horas certas. E era ela mesmo quem trazia a última chapa da sapatoteca do Bambú.

Claro – pensou todo desfeito parecia matete quente o muadié – é quando ele se descalça e... cama. É de ver descalçar esse filho da caixa... da puta, porra que o pariu!

Iam os sapatos do estatal na chapa seiscentos quando ele decidiu participar nas operações de reconhecimento para confirmação reconfirmada.

E, quando a mulher chegou a casa, o muadié foi buscar o pistolaço sóvias oferta de um tavariche. Meteu bala no tambor. Apontou na mulher. O sapato que esse Bambú se descalçou, hoje mesmo, antes de pôr contigo, não fazia a chapa seiscentos e um? Sim... mas... Então toma.

Ciente de que despachara a adúltera para o outro lado, completou no seu próprio crânio as balas sobrantes.

Vieram de sirene. A figura pública estava abatida à carga e a barona sobreviva, sangue na boca, a bala passara, no canto do lábio e de raspão. Outros bocados que se relatam de maneira que não afecte a legalidade do testamento. Teria havido uma só violação, mas que não era, quando nos mídias falaram que o falecimento era licenciado em quatro coisas de que toda a gente se riu por ser mentira. Mas outros pedaços. Que a barona foi a concerto plástico na África do Sul ajudas de custo do Bambú. Já antes a família do falecido, reunido o conselho, se abotoara com a sapatoteca toda e ainda todo o recheio da casa, humilhando e ofendendo

a viúva sobreviva só com a sorte da solidariedade do Bambú. E mais. Ainda o morto ia para a medicina legal à autopsia, oposta pela família mas imposta pelas autoridades, já recebiam nas chaves das mãos da Metáfora. E uma irmã do defunto ia a sapatos à casa de Joanesburgo e outra à de Lisboa. Tudo no fito de montarem a maior sapataria da cidade, o que jamais aconteceu – isto é um bocado da boca da tabeliona que ainda pergunta: Chiça! como é que conseguiram acabar com tanto sapato?

Noutros pedaços que se remendam de cuidado, a barona, de vez em quando, tem um tic na boca para o lado de onde lhe raspou a munição e quando alguém em indiscreta estupidez lhe pergunta como foi aquele acidente? ela fala chiando na plástica xeisxentoziun, preto, de verniz, quarrentitreis.

Depois, as más bocas dão de extra que o Bambú mandou a própria mulher para Lisboa, casa posta de teúda e manteúda, motorista, pastéis de Belém e sardinhas na Feira Popular à Lagardere, S. João das Fontainhas e alho porro como preza todo o palop bem-vivido de balado na Melói. Só que noutro dia, próprios seus conterrás autênticos, marrufados num boi, lhe assaltaram na bomba de gasolina lá na Metrulha. De malandrice e desprezo, a Metáfora, quando lhe recontam nesse assalto, dá uma de quintanista de Liceu explicando que a ex-legítima do Bambú falava mal que pior quando lusofonava e teria ido a Lisboa de revisão à oficina substituir as juntas da cópula. Por causa do mau-olhado, Bambú desistiu de ultrapassar a chapa seiscentos e um e mudou-se de sapatos para coleccionar miniaturas de garrafas de uísque, segundo um pedaço da notária que também lhe fez uma escritura de joint com um judeu que lapida e ainda acrescenta a do selo branco, pouca vergonha na morgue alguém ia no sentido dos dentes mas quando levantou o lábio superior do defunto já os dentes se tinham desconfiscado e pouca vergonha maior roubarem sapatos que da maneira como o corpo de um responsável veio da medicina legal lhe vestiram fato e gravata mas assim se foi fechado no caixão em chapa zero, tudo com a maka do feitiço: sem dentes de ouro e sem sapatos.

EU TAMBÉM POSSO CANTAR

“Como é que você se chama?”

“Mestre Zé.”

“Ou Zé que é o mestre de uma coisa qualquer, arte ou ofício, será?”

“Não, Mestre Zé, o meu nome de Bilhete de Identidade.”

“Então o seu nome é Mestre Zé?”

De frente, uma escultura ou uma sombra de alguém de um lugar inexistente, kambuta, magro, a boca de lábios finos mas comprida, quase estremando a queixada só coberta de pele, a cabeça grande brilhante de rapada e raspada com enormes orelhas coladas como rodas de carroça de bois, o riso, de dentadura alva, completa, todo aberto e sonante trepidando nas veias do couro cabeludo, olhava com os olhos em expressão de segurança que ia vender, a pessoa que estava no olhar os olhos dele ainda ficava embora fraca porque Mestre Zé, já tinha segurado os assuntos, três vezes seguidas, por ficar assim, calado, a olhar sem falar, só mexia a cabeça de alto a baixo, rodava, baixava e rodava só para a outra pessoa perceber que ele fotografava a casa toda, a riqueza de quem o convidara a entrar ali e os olhos de Mestre Zé nos olhos do senhor, sentado no sofá, ele de pé, a exhibir, de estátua e pose teatral da vénia repetida, que não era gesto, rectificava o outro, devia ser mesmo uma forma nobre de estar e ser educado, os dois sacos de ráfia no chão, numa atitude de sublinhar que se subjugava com respeito ao barulho do ar condicionado e apaziguando-se no fresco que fazia ali naquela sala. Na altura em que Mestre Zé se certificava melhor da gravata, camisa, calças, sapatos e ainda um cheiro intenso a perfume, o outro tirava as medidas como será este tal Mestre Zé a conversar nos preços? se calhar tem daquela conversa tão infinita que busca compaixão e aí vou ter que comprar qualquer coisa para despachar o gajo, discussão de preços era o que me faltava como em Marrocos, não é? se um tipo não

discute é falta de educação. De repente, sentia mesmo que tinha que comprar e ele é que se apresentava de Mestre, aliás monsieur Mestre Zé, como é que você é assim Mestre é porque então você é zaicó, ça va? non je suis angolano, eu sou angolano de verdade, meu pai é que ir no Zaíre tempo colonial, refugiado, então, então o quê? Kikongo? e nem Dombele nem Dombaxi? Esses é que descendem do rei do Congo, mostra lá o material, pá. Pois, claro, vê-se bem, isto aprendeste em Joanesburgo? nunca fui em Joanesburgo eu sou o Mestre Zé, daqui, angolano, e aprendi isso numa academia do Zaíre, academia? sim, academia de artesanato, pois é e este carro? é cadillac, chefe, porra não me trates por chefe e por quanto é que vendes os carros?

Colocou-os, cuidadosamente, no chão, arrumados numa fila todos com a parte de frente virada para o dono da casa, à guisa de mostruário, obrigado por ter falado para eu entrar aqui em sua casa. O homem fixou a cara de Mestre Zé que, por um sorriso muito ténue, lhe comunicou a estranheza de ter sido convidado na rua para entrar naquela casa grande, repetiu obrigado por ter falado para eu entrar aqui em casa. O homem, sentado no sofá, ficou a majicar que, talvez, ele nunca tivesse entrado em nenhuma casa assim daquele género para fazer negócio e que todo o negócio dele deveria ser apenas na rua, falando com gente balada dos que iam dentro dos automóveis quando havia engarrafamentos ou paravam de imediato quando a sirene da polícia tocava com as motos e as pessoas na rua falavam umas para as outras na rapidez aí vem ele! devia ser só nessas ocasiões mas sempre na rua, agora, deve estar a pensar que encontrou o cliente ideal, pois, está a olhar para os carros e olha para mim, o cadillac é quase de meio metro, espantoso! o arame da grossura de um lápis, os carros são todos feitos de arame, tirando os pneus. Ele está a cocar que eu já topei o perfeccionismo, se calhar já descobriu que sou engenheiro e também artista plástico, é, fixou-se uns bons segundos no quadro maior talvez por estar na parede onde se encostava o sofá e acima da cabeça do outro ou pelos tons dominados pelo vermelho muito aberto, isto a pensar o homem sentado no sofá, depois, os olhos devassaram a transparência do vidro e quase

mediram, um por um, os pássaros que saltavam numa gaiola do fei-
to de uma casa com telhas e tudo, janelinhas imitadas e, lá dentro, onde os
pássaros se exibiam, uma pequena árvore, levantou a mão direita e pas-
sou-a pela cabeça rapada, de instante, quase que ia dizer qualquer coisa
mas não disse e juntou as palmas das mãos com os braços encostados
ao peito. Como é que este Mestre faz isto, que ferramenta usa para
tratar as formas que quis e exactamente os carros ficarem iguais aos
verdadeiros, de marca e antigos? iguais aos verdadeiros não, como é que
eu hei-de dizer? exacto, ficam mais bonitos que os verdadeiros conspi-
ram sobre a sua existência e são em arame, em arame cinzento prata e
pequenos constrastes de um arame fininho de cobre sobre o outro ara-
me de base. Sete carros. Quanto? O chefe é que vai falar e depois a gente
pode discutir. Mas eu não quero discutir. Traz aquele, o maior. Estou a
ver que você, ó Mestre, gosta de pássaros, é? está a olhar muito para ali,
sim, chefe. O Mestre desatentou-se dos pássaros, levantou o cadillac e
colocou-o numa das banquetes do mini-bar da sala. Abria as portas,
tinha volante, assentos, faróis, tudo feito naquela base de arame cin-
zento prateado com aparência de inoxidável e os debruns, simétricos,
em aramesinho de cobre daquele dos antigos fusíveis. Se calhar os pneus
você tira de brinquedos novos, não é? Não, aproveitar só dos pneus
velhos no lixo. Pneus de quê? Mesmo de carro de verdade. O homem
ficou um pedaço de tempo como que a afagar uma das rodas do cadillac,
depois rolou-a com a palma da mão, como é possível construir-se um
pneu para estes carros com restos de pneus que andam no lixo e com o
requite de alguns terem jante e outros daqueles raios antigos dos ca-
lhambeques, deve cortar a borracha com aquelas facas antigas de sapa-
teiros, sete carros. Afinal qual é o preço? Um por um, qual é o preço?
Esse, o maior? O cadillac é duzentos dólares. Duzentos dólares nem pó.
Vocês perderam a noção do dinheiro, duzentos dólares! quanto tempo é
que levas a fazer isto? Quanto tempo? Sim, quanto tempo para eu saber
quanto é que cobras à hora e ficas tu no meu serviço e eu vou para
Mestre, pá, arruma tudo e vai arranjar outro cliente. O pai não pode
falar assim, também não posso ir no serviço do pai que é só aqui não

trabalhar, eu sou artista, não posso contar assim nas horas e o pai sabe como está a vida, comprar os material, os filhos, mulher não trabalha, ainda trazer tudo andar até desde no Palanca, o pai conhece no bairro Palanca?

Tinha analisado os carros um por um, verdadeiramente deslumbrado com as obras que nem eram brinquedos mas coisas irreais por de cima de uma realidade que ele só descobria quando pensava nas marcas e ali estava um cadillac de quase meio metro, outros dois cadillac de dois palmos e um pedacinho mais pequeno dois citroen e dois wolsws, um descapotável, tudo modelos do antigamente desde os da manivela para pegar e todos naquele arame que transformavam cada um dos automóveis num magnetismo de silêncio. Esse muadiê deve ter revistas com carros antigos ou com aquelas imitações em fibra de vidro e se eu lhe falasse que queria um táxi londrino? ele deve conhecer, não, isso pode atrapalhar o negócio a favor dele, convencer-se da minha dependência mas porra, só fazes carros? Sem mais nem quê, ele foi ao fundo de um dos sacos e tirou um saxofone de pouco menos de meio metro, fez deslocar o apoio e colocou-o por cima do balcão do bar, o homem levantou-se muito de repente porque quase não tinha reparado que o outro tivesse metido a mão no saco, lembrou-se de magia e aquele vendedor até tinha era assim de uma cara própria de circo, de homens que tiram lenços e mais lenços de dentro de um chapéu, sax não, tenho um de Joanesburgo e esse é muito grande, mas posso fazer mais pequeno, não quero vamos aos preços. O pai deve ter casa em Joanesburgo. O quê? Desculpe, pai.

Ele mediu bem o Mestre e reparou que abrija de forma desmedida as abas do nariz, é porque o gajo vive esta coisa do negócio, está excitado e não esconde, o pai pode garantir quanto no carro grande então? Dou-te vinte e cinco é largar ou pegar, não, é muito pouco, pai, isso não chega no material, mais transporte sair no Palanca e voltar, trabalho, comida da mulher e dos filhos, não chega, pai.

Estamos no momento de inércia, pensava o homem de novo sentado no sofá, mas ele, de certeza vai dizer alguma coisa, é evidente, está a olhar para os outros seis carros e a mexer com a mão direita nos dedos

da mão esquerda, está a fazer contas, ele julga que vai vender tudo, sacana, mal sabe ele que eu blafei quando pedi o preço do cadillac grande, mal sabe ele que eu quero ficar com os carros todos, isto vale que chega além de ser obra de arte é inédita, mal sabe ele o quê! claro que sabe, de contrário não estaria a fazer essas contas de cabeça.

Nesse instante, ele olhou para o Mestre, depois para o carro maior e fez sinal para os outros carros serem também colocados mais alto para uma outra visão e, bastou um entendimento de cabeça, o Mestre perfilou os carros no balcão do bar, menos o cadillac grande que continuava na banqueta. Então quanto é que queres pelo grande para a gente se orientar? O pai é que sabe. Dou-te vinte cinco dólares, já falei, aqui não é negócio de miúdos de rua, é só um preço, mais nada. Dá só trinta, pai, pra descontar no candongueiro e no material, trinta. Já falei vinte cinco, arruma os carros e puxa. Melhor é o chefe comprar os sete todos.

O dono da casa acendeu um cigarro, levantou-se, distanciou-se e voltou a aproximar-se em novos planos de olhar o cadillac feito com pedaços de arame duro e da grossura de um lápis, onde é que ele arranjará aquele arame? e a minúncia daquele Mestre Zé? e ainda a ideia de que o outro que lhe parecia mesmo um outro fora de sítio, língua e lugar, fingia concentração nos pássaros mas não perdia um gesto daquele que poderia ser um bom comprador, você gosta de pássaros? gosto, e é kikongo e da Igreja do Simão Toco? não, sou católico, toda a minha família, todos os domingos com a mulher e filhos vamos na missa, pois eu sou tocoísta e não gosto de comprar artesanato a católicos, se fosses tocoísta era outra coisa, dava mais de trinta! O Mestre juntou as mãos como que orando, desculpa patrão, porra não sou patrão. E desprendia-se do olhar do Mestre uma carga imensa de súplica por ter dito aquilo, isto é, que era católico, afinal bem poderia ter dito que era tocoísta e o certo é que ele não era e era mesmo católico, ah! ah! ah! ah! aí quando o Mestre topou a brincadeira levou as mãos ao rosto e desatou a rir também.

“Senhor engenheiro dá licença?”

“Sim.”

“Posso meter comida nos pássaros?”

“Sim.”

Depois, o dono da casa percebeu a atenção do Mestre quando entrara a empregada toda de bata vestida e desfrizada com fita amarela no cabelo e ainda, a seguir, no momento em que através do vidro, alargava o sorriso de ver os pássaros saltitando para a comida. Então, Mestre? duzentos e quarenta senhor engenheiro, como é que sabes que eu sou engenheiro? ouvi na empregada, pareces da bófia, pá, queres um cigarro? sim pai, olha senta-te, vai buscar ali uma cadeira, ele foi, trouxe uma das cadeiras da mesa de jantar e ficou com ela suspensa no ar ao pé do engenheiro. Põe aqui a cadeira ao pé de mim, bebes uma cerveja? sim pai, dona Lourdes uma cerveja aqui para o Mestre Zé e para mim um uísque com muito gelo.

O vendedor bebia pela lata embora a empregada lhe tivesse colocado uma bandeja com um copo ele saboreava cada pequeno trago dando a entender que a bebida estava bem fresca no ponto e, enquanto o engenheiro mexia o copo entre as duas mãos, as personagens em arame enchiam o convívio, a perplexão, o jogo e o mistério que começava a unir aqueles dois homens, o engenheiro até desconfiado, pensando em mandar o vendedor embora e libertar-se de qualquer compromisso mesmo dando-lhe uma gratificação a dobrar para o transporte de candongueiro mas, ao mesmo tempo, sem vontade de perder aquela ocasião de conversar, disputar os preços e decantar o seu pensamento de artista plástico nos sentidos daqueles objectos, também a ideia de que o Mestre estava a descodificar, constantemente, o virtual comprador, a um tempo que, da mesma forma, o dono da casa, não queria largar aquela virtualidade, dando até a sensação de preferir ficar nela e afastando-se de qualquer acordo no preço desde que sobrasse margem para estar, ali, para estarem os dois, quase numa representação.

Já repetiam na bebida quando o Mestre quebrou o silêncio e que era melhor o senhor engenheiro comprar todos os sete carros pra não ir com eles embora. Quanto? O Mestre levantou-se com os olhos nos carros perfilados, os lábios a mexer e a contagem distante com a mão direi-

ta em cada dedo da outra mão, fica vinte e oito, e sentou-se. O quê? vinte e oito? sim, o carro grande, chefe, só a confusão para arranjar uma nota de cinco e três de um dólar cada uma, chiça! Levantou-se novamente a repetir a operação, dá a ideia de um monge ou coisa parecida que eu vi num filme, pensou o engenheiro, era melhor o pai ficar com as peças todas, também são só sete, esses carros são irmãos, o grande não vai gostar ficar sozinho e os outros não vão gostar voltar embora em casa e ainda o chefe gosta mesmo de todos eu já vi. Mas ó Mestre, todos estes carros são a gasolina, consomem muito, é uma nota. O Mestre largou uma gargalhada tão alto que ele próprio se penitenciou com desculpa pai. E o anfitrião começou a magoar-se com um sentimento de culpa, os carros afinal já eram dele, tinha-os comprado sem acertar preço e agora ficava numa postura de caloteiro sem vergonha, fingindo até que não realizara qualquer compra sobre os carros, aliás, em qualquer outra encarnação teria encomendado aqueles carros a um artista de uma civilização que nada tinha com a civilização dos carros nem com a civilização dele ou de Mestre Zé, o artista a quem ele encomendara os carros era um monge de um país assim cheio de gente que passava tempo, muito tempo a meditar. Havia qualquer ligação espiritual, muito remota entre eles os dois cada um outro e só haviam descoberto a ligação por causa daqueles carros. Boa-tarde. E o Mestre levantou-se com uma vénia, boa – tarde, mãe, entregando, num ápice, o sorriso inteiro como quem saúda a chegada de um aliado para a batalha de indecisão de uma guerra entre dois adversários que se conheciam parecia havia muito tempo mas sem nunca se terem visto até aí e o Mestre a descobrir no semblante do outro um traço de mais confiança e coragem mas também alívio pela chegada da esposa do virtual comprador. O engenheiro adiantou, Elisa que achas cem paus? Acho que não, isto é uma maravilha, só o trabalho que isto deu, caramba! O Mestre fez uma vénia, juntou os braços e, depois, timidamente, apontou para o engenheiro e começou a rir com tanta vontade que contagiou o dono da casa e a esposa recém-chegada.

Quase a chorar de me rir tanto e não sei porquê, e eu também, acrescentou a mulher. Depois de o marido lhe contar tudo em porme-

nor, ela perguntou ao Mestre você é Tocoísta? sim respondeu e ficaram todos a rir novamente. Vai mais uma cerveja, falou o engenheiro e o Mestre disse fica só duzentos. Não, disse a senhora, garanto cento e cinquenta. Cento e noventa e cinco. Não, isso é muito. Pronto, cento e oitenta e cinco, mamã, ainda na hora em que eu cheguei aqui até agora sempre a baixar, sempre a baixar. Pronto cento e oitenta. Sim, só porque é para a mãe. O engenheiro tirou duas notas de cem dólares. O vendedor não tinha troco e o engenheiro entregou-lhe uma de cem para ir trocar numa kinguila, deixar as peças, voltar com o troco, entregar vinte e receber cem e levar os dois sacos da ráfia, Mestre, tome para o candongueiro dez Kwanzas, obrigado na hora em que a mãe chegou que antes só estava sempre a baixar e a mãe é católica tenho sorte. Vai mais outra cerveja, Mestre? não, o negócio já acabou e o pai já me deu com cerveja agora vou no meu caminho, obrigado.

“Elisa, ele não levou o saxofone?”

“Acho que sim, não levou, mas aqui não está.”

Os sete carros, de diversos tamanhos e marcas, todos do mais antigamente dos museus e cinema, estavam aí estacionados no chão, em frente do móvel do televisor. O engenheiro e a mulher, misterializavam delícia nos carros, descobriam cadavez novos pormenores do requinte do artista que não esquecia nada, ainda o capon que se abria e coisinhas do motor, os pára-choques, farolins, tudo em arame que não ficava encostado um no outro parecia que o Mestre metia luz dentro dos carros na maneira como os arames de que eles se faziam ficavam embora como persianas abertas e os dois conversavam que este era muito superior àqueles de Joanesburgo nas banalidades dos instrumentos de sopro ou guitarras eléctricas. Cada visita que chegava apaixonava-se também pelos carros e, quando miúdos vizinhos mais pequenos os descobriram e quiseram brincar com eles e não se podia mexer, o engenheiro é que tomou a iniciativa e levou os sete carros para o andar superior da vivenda que era um terraço coberto.

E veio a nostalgia sobre Mestre Zé.

Até que nessa hora fim do almoço a empregada falou que era o Mestre Zé, manda entrar.

Fez a vénia e ficou espetado na porta com os dois sacos de ráfia levantados. Tanto tempo? sim. Outros modelos? sim. Estamos a almoçar. Ponha um prato para o Mestre, sirva a comida e uma cerveja.

A mulher nem acabou de comer e o marido seguiu-a e foram logo retirar dos dois sacos as novas peças, enquanto a empregada servia o Mestre. Eram outros carros, também sete e vinha um maior que não era carro antigo, este é o quê Mestre? é um quatro por quatro xeróque do chefe. Os outros, mais pequenos, quase a fazer escadinha na dimensão, eram carros de marca, este era o daquele filme, deixa ver, um gajo e uma gaja que assaltavam bancos, Bony e, dona elviras! falou a senhora. O engenheiro a pensar sete e sete catorze, o Mestre acabou de comer e fecharam o negócio por cento e setenta, ainda com um bocado resumido daquela conversa primeira sobre a montagem de um negócio conjunto que o Mestre corrigiu: atelier, papá.

Nessa hora o engenheiro quis saber pormenores de ferramenta mas o Mestre falou, falou bué mas sempre narrando da maneira como ele descobria as revistas que traziam modelos desses carros antigos que era o que ele mais gostava e ainda noutras voltas no trabalho que dava arranjar os materiais de forma que o engenheiro percebia as curvas de esconder segredo e desistia mas, como toda a gente amiga que vira os primeiros sete, outros e mais outros teciam elogios, começava agora a pairar naquela casa a ideia de colecção e a mulher fez uma lista com ferraris e tudo passando pelos primeiros fuscas e ainda carros ingleses e um jeep militar que o alemão usava nesses filmes de guerra o comandante a passar revista às tropas, de pé, em continência, em cima do jeep a andar. E se o Mestre arranjasse um espaço, como já disse outro dia, podíamos fazer um estúdio, eu entrava com os custos e o Mestre com o trabalho, que acha? Pode mesmo lá no Palanca. No Palanca não, tinha que ser aqui na cidade. Mestre Zé juntava as mãos, respirava duma maneira que se ouvia deitar o ar dos pulmões e dos olhos dele, o engenheiro e a mulher viam uma verdadeira linha de montagem daquelas miniaturas. Olha só Mestre! temos que pensar nessa ideia e depois tens que inventar uma chapinha para pôr em cada carro, uma coisa assim

Zé traço Luanda traço 2000, compreendes? da mesma forma que os pintores assinam e põem data e, outra coisa, tens que variar para além dos carros mas, para já, isso que a minha mulher te disse, conjuntos pá! cinco fuscas, um grande e os outros quatro a diminuir, estás a ver, sim, pai, da maneira como fizeste o cadillac grande e o outro, tens que fazer um a seguir ao grande e mais três cada um mais pequeno, entendes?

O parteleirão do terraço do engenheiro enchia-se mais de harmonia por contraste com uma marimba, um berimbau brasileiro e uma enorme ponta de elefante e, por entre as plantas, os formatos de arame, pareciam divindades sob a protecção do feitiço do mato. Quando vinham visitas e queriam saber quem e como produzia aquele artesanato, o engenheiro corrigia que não era artesanato, aliás, doutorava ele, tão banalizado está o artesanato com o caçador e o pensador, vocês nunca repararam que cada invasor da Unavem levou um pensador como se fosse um escalpe nosso? Isto não é artesanato, é arte, bem, o artesanato também é arte mas isto não é artesanato. Só que sobre o Mestre ele recordava as vírgulas que lhe dera, que o Mestre, muito diplomaticamente, omitira sempre da maneira como e quais de ferramentas naquelas construções de arame. E se lhe encomendasse o Palácio de Ferro? Não é por aí que se chega à torre Eiffel, ah! ah!, mas há que descobrir outras saídas que este gajo é genial!

O Mestre já era da casa e aceitava sentar no sofá com naturalidade, quase tudo tratava com a dona da casa e cumpria as encomendas com rigor de apontamento com um couro de lápis que trazia na orelha, antes não trazia lápis, reparou nisso o engenheiro e ficou a majicar nesse particularismo misturando com aquilo que acontecera naquele dia quando o saxofone surgiu como tirado de um repuxo da imaginação ou se calhar o Mestre já trazia lápis na orelha desde o primeiro dia, mentira! como é que um resto de lápis com casca amarela tipo daqueles faber com borracha de apagar na extremidade, como é que uma coisa amarela não se notava de primeira num orelhão daqueles e uma cabeça lustrosa, não, só agora é que ele vem de lápis, porquê? e era um mal-estar aquele sem-fim dos carros que já não tanto propriamente o negócio de comprar os carros que disso já cuidava a mulher e muito bem. Era,

fundamentalmente, qualquer coisa sem fundamento e que nele se impregnava como uma droga, se o Mestre estava muito tempo sem bater à porta ele sentia um apodrecimento interior e ao mesmo tempo um medo cúmplice sempre que num momento olhava para os carros e logo logo tudo melhorava quando o outro aparecia para o negócio e nos dias seguintes subia duas ou três vezes ao terraço para se deslumbrar mas depois vinha a nostalgia e a necessidade de rever o Mestre, sempre e constantemente com a imagem do saxofone a emergir do saco de rafia para cima do balcão do bar, quem sabe se o Mestre, com a diversão de se exhibir na arte daqueles automóveis de museu, no fundo, reincarnara Armstrong? quem sabe se é um espírito, quem sabe, triturava-se todo de prazer sofrido o engenheiro e ao mesmo tempo vergonha de não contar a ninguém tais pensamentos, aliás, um dia destes conto esta gaita como uma coisa inventada por mim a propósito e, de certeza, as pessoas vão achar imensa graça, uma gozação intelectual contra merdas e crendices pré-científicas, tal e qual. E que ele entrou aqui um dia, sacou do saxofone de arame e começou a tocar, quem sabe? Mas eu vi o saxofone, ele saiu com os sacos vazios, sem o saxofone, e o saxofone não ficou aqui, eu não acredito, é mais ou menos assim que falam os espanhóis mas que existe, existe, o resto são tretas e o que é existir?

Tinha quase uma periodicidade que era de oito em oito dias Mestre Zé aprontando as encomendas de família citroen desde o candengue até o maior e mais outras famílias todas de carros umas de parte só para completar, outras completamente cadavez mais o terraço feito num museu e, um dia, o engenheiro falou no Mestre que queria os jeeps verdadeiros, aqueles mesmo jeeps, uma família também e o Mestre aprontou tudo em oito dias no tempo que o engenheiro se admirou tão pontual. E depois foram os ford e o Mestre fez também tabela temporal de oito dias. Os pagamentos se diminuía assim cada série menos entre cinco ou três dólares conforme na conversa com a dona e ainda o táxi londrino saiu um esmero.

Uma hora o engenheiro perguntava mais carros mas diferentes marcas e ele ainda adiantou uma família de volvos primitivos. Depois

ficaram a olhar um para o outro com a dona fumando e concentrada numa telenovela que era preciso falar mais alto e o engenheiro chamou o Mestre para a mesa de jantar, sentaram, que agora se ó Mestre você arranja o primeiro carro do mundo? é também ford mas é aquele do nome do rico americano também Ford, conhece? Vou conseguir, uma família? pode ser. E oito dias o mestre trouxe os carros.

E nunca mais. O engenheiro sempre deleitando-se com a colecção no jeito que aqueles arames todos tocavam um som de saxofone. Como é possível! o saxofone era uma maravilha e nem dá para comparar com essa standardização que me ofereceram no Sweto, claro, o sentimento mantém-se, podia ser uma asa de borboleta ou um pedaço de osso trabalhado, mas arte era mesmo aquele saxofone que o gajo trouxe, tinha personalidade, uma escala musical desenhada no arame. Mas ele também só amava o saxofone pela ausência de Mestre Zé cujo rosto e postura o assustavam por detrás daquela aparência tão irreal como se fosse um homem desenterrado a fugir da sepultura e a rir sempre por descontente com a vida, era isso mesmo que o intimidava e o transportava a conversas consigo próprio sem um limite, sem uma dimensão, só a figura do Mestre e o saxofone a saltar do saco.

O azar que ando com ele é muito forte, não está bem um artista trabalhar e não ter dinheiro, mas tu acreditas em Deus? sim, então essa maka é de Deus, ele é que arranja as injustiças todas da vida, não é Deus, Deus está em toda a parte, senhor engenheiro, o senhor engenheiro é que não quer comprar mais no Mestre Zé. Mas tu não trazes coisas novas, eu já tenho alguns carros repetidos, pá, arranja-me coisas novas, podem não ser carros. Vinha só com um saco e, lenta e solenemente, tirou do saco um saxofone e uma estatueta. O engenheiro virou-se de costas com as mãos tapando o rosto, chega para lá o saxofone, e o mestre começou a tocar saxofone, pára! pará senão dou-te um tiro, mato-te, dou-te um tiro, pára! mete o saxofone no saco e o que é isso, o que é isso? O engenheiro estava estraçalhado, tremia, chorava e suava de terror mas ainda mirou num relance a estatueta em arame que era um pássaro resumido a um bico e, as duas asas, muito esguias, faziam

de suporte como um bipé. Guarda também esse pássaro, rápido. O senhor engenheiro não gosta de pássaros? Mete isso no saco e puxa, vá.

(discurso do Mestre) Um homem trabalha bué, não faz mal a ninguém, reza muito e ninguém lhe compra nada, nem dinheiro pra comer comida só comida com a família, não tem, isto não é bom, um homem trabalhar e não ter dinheiro, só um bocado pra comer.

(o engenheiro) Olha só Mestre que você é da católica e assim se você não tem mais dinheiro para comer, trabalha e tudo, a maka é só com Deus, já te disse daquela vez.

(o Mestre) Que a maka não é com Deus nada, padrinho.

(o engenheiro) Como é que não é com Deus se tu é que disseste que Deus está em toda a parte?

(o Mestre) É verdade até mesmo aqui onde estamos com ele Deus está, o chefe sabe, mas esse meu problema não é de Deus é mesmo daqui, o chefe não compra mais nada.

(o engenheiro) porra, Zé! já esgotaste a tua imaginação em matéria de carros, trouxeste-me um saxofone parecia cheio de feitiço e também eu já tenho um que trouxe do Sweto, diz-me muito coisa, quando me deram chorei, vê se compreendes, eu não posso comprar-te mais carros porque já tenho todos e ainda tens de compreender o espaço, a garagem, ainda bem que te ris, pá! Portanto isto é maka de Deus.

(o Mestre) Nada, pai, o pai está a olhar para mim e está a olhar para os pássaros?

(o engenheiro) Quais pássaros? não entendo.

(o Mestre) Esses pássaros do senhor engenheiro.

(o engenheiro) E então?

(o Mestre) Então é que os pássaros não dão encontro com problema, não trabalham e comida não falta., comem bué e o Mestre Zé não vende nada, não tem dinheiro e não come.

(o engenheiro) Que raio de estória é essa? Os pássaros não trabalham e comem? Olha que os outros pássaros que não estão nas gaiolas, essa passarada toda que anda por aí, ali nas margens do Kwanzas, piriquitagem e viuvinhas, papagaios do Mayombe em Cabinda ou aves-

truzes faz de conta são pássaros grandes do Namibe, tudo ecologicamente come, como tu podes comer fora duma gaiola, a comparação está mal feita porque tu não estás preso. Toma conta no que dizes. Se tu te quizeres comparar com pássaros é com os que andam à solta, come como eles comem, caralho!

(o Mestre) Desculpa só chefe, se eu comer como comem os pássaros que o chefe falou, comer nas lavras, nas árvores, vou embora preso porque não estou a comer no meu trabalho, não posso comer só atoamente igual nos pássaros, comer sem trabalhar, exacto como esses pássaros que estão aí, desculpa só, pai.

(o engenheiro) Vai-te foder, nem pareces um artista, se eu fosse um daqueles carros que estão lá em cima no terraço até tinha vergonha de ti, pá. Como é que os meus pássaros não trabalham? Estás a ouvir? Então os pássaros não cantam?

(fim do discurso do Mestre) Senhor engenheiro estou a ir apanhar o candongueiro no Palanca mas se o chefe quiser eu também canto. Mestre Zé também sabe cantar.

MARTA SANTOS

Marta Santos nasceu em Luanda aos 7 de julho de 1963. Obras publicadas: *Gita e Outros Contos* (2006) e *O Luar do Saber* (2008).



CARTA PARA SUA DEZ

2001-02-04

Corria o ano de 1957.

Numa daquelas tardes em que se pode assistir ao namoro do sol com a terra, onde este com seus raios acaricia a terra, e esta, dengosa, responde às carícias com a sua brisa, ajudada airosamente pelas palmeiras da marginal de Luanda...

...Mário Kindomba seguia garboso, naquele andar estiloso, calças vincadas, sapatos com biqueira que brilham mais do que o astro rei, cabelo esticado com brilhantina, risca no lado ao estilo da época. Era o *ai Jesus* das garotas, o herói de muitos rapazes da zona, na sua maior parte analfabetos. Kindomba tinha sido bafejado pela sorte, frequentara o seminário, era mesmo considerado por alguns um poliglota. Homem de muita lábia e bom ouvido, aprendia só de ouvir qualquer dialecto local. Kindomba caminhava pensativo, sem nem escutar o som do merengue que saía de dentro de um carro parado ali perto.

Dias antes o primo Zé conhecera uma garota muito bonita que lhe tirou os olhos das órbitas... mas como declarar-lhe o seu amor? Foi então que Zé o procurou. Era costume servir de ajuda aos conhecidos, lendo ou escrevendo cartas. Mas aquela carta que carregava no bolso da camisa pesava-lhe duplamente na consciência. Recordou o sucedido...

Batera-lhe à porta, tarde na noite, o primo Zé.

– Mário, tens de me ajudar! Não sei traçar linhas bonitas nem falar bom português. Tu és estudado, pá!

– Mas, homem, acalma-te e conta-me tudo desde o princípio. O que se puder fazer faz-se, homem!

– Sabes a *Testangue*?

– O quê, a fábrica de tecidos? Sei, diz lá!

– Conheci uma rapariga bonita! Eh pá, é catita p'ra caramba! A cintura dela até faz lembrar a tua viola! Ai, como é bonita! Quero casar

com ela, formar família, mas não sei escrever, como sabes! Tu tens o dom da palavra...

– Deixa-te! Também não é tanto assim...

– Q’ é isso, Kindomba, vás-te agora armar em santo?! Tu és o rei das garotas, és o Mário das moças!

– Tá bem, vá, vá... Fazemos o seguinte: mostra-me a garota! Tenho de conhecer a musa para poder escrever sobre ela. Sabes como é...

Dito e feito. Lá foram os dois esgueirar-se numa esquina para conhecer a mulher que roubara o coração ao primo Zé.

– Olha, primo, é aquela de vestido às bolinhas... a do meio. *Tas cego*, meu? Olha bem. Nem é preciso. Vê-se logo que é ela!

– Ena pá, primo! Ela é mesmo bonita!

E pensando p’ra ele: “Deus criou a mulher!” e “Eu sou um homem perdido!”

Neste instante, como que respondendo ao seu pensamento, ela lhe lançou aquele olhar. “Olhos nos olhos! Ai, meu Deus!” – sussurrou baixinho.

Não dormiu nada nessa noite. Tinha de conhecê-la pessoalmente. E saiu-se bem. Ficaram mais ou menos amigos. Mas existia o dilema:

– Como é que vou perdê-la para o meu primo? Bem, seja o que Deus quiser. O primo é analfabeto, nem notará!

Escreveu a missiva como nunca escrevera antes, pondo nela toda a sua alma e lábia em cada linha que traçava. No dia seguinte teria de entregar a carta ao primo Zé, lá para os lados da marginal.

– Hei, Kindomba, estás a sonhar ou quê?

Sobressaltou-se. Era o Zé que chegava.

– Bem, aqui tens a carta. Leva! E boa sorte! Não te esqueças, vou ser padrinho da boda, ok?

– Isso nem se põe em causa primo. Tu és um tipo porreiro!

Pesou-lhe na consciência a mentira. É que a missiva ia em seu próprio nome. “Bem, está feito!” – desculpou-se consigo próprio – “No amor fecha-se os olhos às armas que se usam para vencer o inimigo.”

No outro dia, às cinco da tarde, foi Kindomba esperar a garota do vestido às bolinhas à saída da fábrica. Ela, que já estava à espera, aproximou-se, tímida mas decidida.

– Olha, eu não vou na tua lábia! Não gosto de homens mulhengen-gos. E da tua fama já eu sei!

– Mas o que é isso? A menina não vê que abri o meu coração? Gosto de ti. Tarde ou cedo casarás comigo... como te chamas?

– P'ra quê?

– Ora para quê? Se tiveres dez letras do alfabeto no teu nome serás a minha *dez* para toda vida!

– Tua *dez*? Já tiveste nove mulheres?

– Não! O dez é o meu número da sorte e estou cá para mim que és a minha sorte grande!

– Essa é boa! Nunca ouvi nada igual! – disse, mas lá no fundo agradava-lhe a lábia do Kindomba.

– Teremos dez filhos, seremos felizes! – sussurrava-lhe Kindomba.

– Dez filhos? Eu nem te conheço!

– Tu lá sabes! Só tens até logo à noite para me dares a resposta!

“Logo?” – pensou. E disse: – Onde? Eu vivo em casa dos meus primos, não posso sair à noite!

– Bem... amanhã, então. Se não aceitares, eu roubo-te! Falo a sério!

Zefa, formosa como as acácias, majestosa como um coqueiro, seguiu pensativa. Não é que o malandro tinha lábia? Como é que adivinhara que o nome dela tinha dez letras do alfabeto? “Bem, ele não mandou a carta pelo primo? Está feito! Vou mandar a resposta pelo primo esta mesma noite!...”

O primo Zé lá apareceu, todo afoito, com a bendita carta.

– Primo! Ela Respondeu. Lê, logo, lê, anda! O que foi? Anda, lê. Não vês que está aí a minha vida?

“Ai, Deus...” – pensou para si – “Agora é que vão ser elas”.

– Primo, deixa aí. Depois leio e digo-te qual foi a resposta!

– Nada disso! Lê agora, anda! O que foi, primo? Estou te estranhando!

– Está bem. Dá cá!

Kimdomba leu a missiva, mal podendo disfarçar o seu contentamento. No final fez um ar sério e disse:

– Primo, sinto muito, a garota gosta é de mim. Ela pede-te desculpa, mas não pode aceitar o teu pedido porque está apaixonada por mim.

Zé olhou muito magoado para o primo e exclamou:

– Eu sabia! Era de mais p'ró meu bico, não é? Mas tu, primo... Eu não sou parvo, viu? Posso ser analfabeto, não ter estudo nem nada, mas só sei uma coisa: não vou te perdoar nunca!

Mário Kimdomba sentiu fundo esse desabafo. Gostava do primo Zé, mas que fazer? Fora flechado pelo cupido.

A dez é minha sorte grande. Deus já me perdoou!

Como prometeu, Mário Kimdomba roubou sua dez, tiveram seis filhos – não dez como queria – três meninas e três meninos. Hoje, aos sessenta e um anos, descansa o sono dos justos. Na sua lápide lê-se: “Aqui descansa Dr. Mário Kimdomba que vive para sempre no coração dos seus amores.”

ANO 2001

– Esse meu avô era bárbaro, não é, mamã?

– Era não meu filho, é! Pois, cá para nós, cada vez que os coqueiros da ilha de Luanda abanam suavemente, dizemos: “Lá vem Kimdomba, beijar sua *dez!*”

JOANA MALUCA

– Joana Maluca!...

– Joana Maluca!...

– Joana Maluca!...

Ouvia-se como um ribombar. Eram vozes dos inocentes, miúdos que falam com uma inocência própria da idade, mas que ao mesmo tempo ferem como adulto algum, no mais perfeito dos juízos, o poderia fazer.

Era a voz da inocência mesclada com o sol morno, a aragem do embondeiro e aquela mistura de cores e raças como só Deus sabe criar.

Joana sentada debaixo daquele que é considerado o rei das árvores nessa terra de Angola, encolhida entre uma fenda do grosso tronco, apertava nos seus braços uma criaturinha tenra.

Joana Maluca, como era conhecida, apertava – para alguns mirantes ela apertava – mas apenas no seu subconsciente, naquele mundo só seu. Ela guardava, não apertava nem machucava o seu filho. Este era bem real e, se maluca era, ou doida, como os adultos a costumavam chamar, Joana era a mais sã das criaturas naquele mundo só seu. Um mundo do qual todos temos um pouco, mas nem todos podemos alcançar.

Nesse momento, como num filme, passavam em câmara lenta pela cabeça de Joana imagens muito suas, muito belas, de um amor tão grande, como muitos almejam e só os escolhidos sabem viver. As imagens levam-na para sempre a esse mundo só seu onde vive.

– Ai, meu Deus! Tivesse eu duas pernas boas que me permitissem correr atrás de si, seria a mais feliz das criaturas!

– Olha o atrevido! Essa é boa! Imaginem o Fernandinho Perna d’Alicate a correr atrás de mim! Tem piada!

– Perna d’Alicate, sim, Perna d’Alicate. Mas o coração, Joaninha, esse, é de ouro e seria só teu, se quisesses! Sabes os aleijados também amam!

– Eu sei, mas... Ora deixa-me em paz! Tu és um atrevido!

Joana olhou para ele e pensou lá para si: “até que o garino não é mau!” seguiu em passos lentos, abanando as cadeiras, tal qual um balaio nas mãos de uma mestra. Mais adiante cruzou-se com um grupo de rapazes que, de olhos esbugalhados, assobiaram e perderam-se em piropos.

– Ui ui, garota, não há defunto que resista a esse balançar de cadeiras!

– Estou no céu, meu, morri e não dei conta!

– E eu, então? Ai mãe, que bicho raro, que palanca preta!

Joaninha não deixou de sorrir a esse último comentário, e pensou: “Atrevidos...”

Nos dias que se seguiram, Fernandinho não deixou de seguir a sua musa inspiradora, ora dizendo piadas que a faziam rir, ora citando poemas de amor. Foi aos poucos conquistando o coração de Joaninha. Ela deixava-se conquistar aos poucos. Sem perceber ia ficando cada vez mais próxima de Fernandinho.

Um belo dia, parados à sombra do embondeiro, Fernandinho baixando-se com muita dificuldade, apanhou uma flor.

– Pega, Joaninha. É assim que te vejo: uma flor de candura! Livre e solta à sombra do embondeiro!

Gritando, juntou as mãos e pediu:

– Embondeiro, guarda para a eternidade o nosso amor. Juiz das minhas promessas, aqui, perante ti, juro amar essa mulher para toda a vida, para além da morte!

Uma lágrima correu silenciosa pelo canto do olho de Joaninha. Ela descobrira: amava Fernandinho, aquele ser maravilhoso capaz de enternecer até os corações mais endurecidos.

Dali para o casamento foi um instante.

Fernandinho era engraxador de sapato, mas quando criança tinha aprendido a arte de sapateiro, e agora que ia casar com mulher da sua vida regressou à antiga arte. Joaninha, moça poupada, tinha algumas economias. E a vida corria alegre e bela para estes dois seres que aos olhos de terceiros pareciam tão desajustados. Tudo era luz, harmonia, amor.

Mas algo viria quebrar aquele encanto.

– Fernandinho estendido na asfalto...

Joaninha enlouqueceu. Refugiou-se no seu mundo de fantasia. Nele o seu amado a protegia. Estavam sempre juntos à sombra do embondeiro.

Mas a maldade não tem fim! Vagando pelas ruas Joaninha carrega no ventre um filho, fruto mais uma vez da maldade dos homens.

– Joaninha olha para mim! Sou eu, o Fernandinho. Vim buscar-te! Anda, vem trás o nosso filho!

Joaninha estica os braços e na sua imaginação aperta com carinho o filho, segue o seu amor.

– Eu não te dizia que os nossos filhos seriam lindos? Olha como parece um anjo. Sai à mãe!

Na sombra do embondeiro a multidão rodeia o frágil corpo de Joaninha, que agarrada ao filho sorri feliz. Descansa finalmente, junto do seu Fernandinho.

Conta-se naquele lugar que até hoje, em certas tardes quentes, se ouvem as vozes dos namorados fazendo juras de amor eterno e a gargalhada de uma criança. Mas não se conta por que razão ninguém mostrou coragem e olhou para atrás, porque decerto veria que o velho embondeiro, guardião do amor, piscava o olho cúmplice.

Nota da autora:

Acreditem se quiserem...

E para os incrédulos: em menina tive a honra de conhecer Joana Maluca e Fernandinho Perna d’Alicate.

No meio daquelas vozes inocentes, próprias da idade, mas tão cruéis, estava eu.



ONDJAKI

Ndalo de Almeida, pseudónimo literário Ondjaki, nasceu em Luanda, Angola em 1977. Obras Publicadas: foi galardoado com vários prémios nacionais: a obra *E Se Amanhã O Medo* em 2005 com o Prémio Literário Sagrada Esperança. Foi também laureado pelo Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco, pelo seu livro *Os Da Minha Rua* em 2007. Em 2000, *Acto Sanguíneo*, recebeu menção honrosa no Prémio António Jacinto, (poesia), em 2001 *Momentos de Aqui*, obteve o primeiro lugar na classificação nacional do Prémio PALOP de literatura, promovido pelo Fundo Bibliográfico Europeu; em 2001 *Bom Dia Camarada*; em 2002 *O Assobiador*, (romance); 2002 – *Há prendisagens com o xão*, (poesia); 2003 – *Ynari: A Menina das Cinco Tranças*, (infanto-juvenil); 2004 – *Quantas Madrugadas Tem a Noite*; 2004 – *E Se Amanhã o Medo*; 2008 – *Avó Dezanove e o Segredo do Soviético*, (romance). Antologias: 2000/2001 – *Jovens Criadores*, 2000 – *Água En El Tercer Milénio*.



“PÁSSARA RITITA, A NUVEM”

O que sinto mesmo é incompletude:
Essa falta de explicação para o sentido da vida.

Manoel de Barros

Esta é uma estória muito vaporosa, em tom de névoa. Nem lhe procurem nexos: eu própria lhes proibi de aqui estarem, irritantes. Trata-se da minha filhada, única e sonhadora: queria ser nuvem! Na maioria dos momentos tentei lhe desconvencer; *essa seria uma existência pouco nítida*, lhe dizia. Mas nada: ninguém sabe combater um sonho; nem ninguém pode lhe matar.

Desde muito cedo ela se manifestava muito aérea, vias do céu. Mas sempre pensava-me: essa é uma natural reacção; a moça afinal também é pássara, quer só voar! Mas minha filhada se esvoaçava demasiadamente, sempre no ar. Ainda lhe dizia: *num está ficar cansada, falta de ar em tanto ar?* Nem nada, nem resposta. Seu voo era mesmo constante, imparado, ocupador dos todos momentos.

Cresceu assim: sem conhecer chão nem terra. Suas pegadas – houve? – eram muito leves, já novamente esvoaçadas. Parece os rios lhe metiam nojo, a terra lhe causava náuseas terrenas. Assim como? Pois, muito aereamente, como sempre. Se alimentava através de entregas aéreas: esperava os passantes insectos, distraídos. Água, buscava nas chuvas, raras porém. No entanto, fui observando seu crescimento: inerte às nuvens, imitante a elas.

Um dia acreditei-me de sua paixão tendencial: lhe vi poisar numa nuvem. Foi a primeira vez: afinal é possível sentar na nuvem? Tentei caínte. Nem nada! Só ela sabia. Essa minha filhada ganhara altas intimidades com a nuvem, sua segunda madrinha. Eu já me ciuava: *estou ser substituída pelos brancos vapores, espécies de águas voadoras?*, lhe perguntava. *Nem é isso madrinha, você é muito insubstituível. Só estou aprender com essa nuvem a ser nuvem também. Ela me ensinou as poucas lições:*

quem muito quer, o tudo consegue! Estou aprender ser nuvem... Ainda ri. Afinal?

Já tinha visto lagarto com duas patas morar no rio, longe do seu deserto indigenal. Conhecia estória dum pato que se autopromovera: patonauta, ido na luta. Ouvira uma colorida estória do sol armadilhado por combinação animalesca... Mas bicho virar nuvem? Isso era como? Logo descobri. Pássara Ritita, minha filhada se despediu-se muito cedo. Anunciou-se verdadeira:

– Madrinha, estou seguir meu sonho: ser nuvem. Já me ensinaram as tantas coisas, estou pronta. Me visaram só uma coisa: em candidatando-se à transmutação, tem de despedir-se com vários consentimento; eu, entantamente, só preciso seu! Está-me autorizar mudar de existência?

Comovi-me com a sua sinceridade. Mais que suas palavras, seus olhos eram já de nuvem imensa, branca, ventosa voante. Eu lhe podia dizer mais quê? Recusar-lhe o justo destino? Ser a mancha dos prazeres? Respondi-lhe, madrinhalmente: *estou-lhe bençoar! Vá lá onde é esse seu lugar, no canto de um céu. Só lhe recomendo: não esqueça seus antigos seus. Na chuva me mande seus recados; no vento, grite sua sípida voz. Lhe escutarei, muito atenta. Em caso disso, lhe ajudarei. Bênção!*

Então vi(vi). O amor e permissão dos nossos nos libertam efectivamente, dando lugar nos sonhos. Com o empurrão do próximo é que vamos lá mais longe, sítio onde somos finalmente nós. O destino tem duas caras: a que queremos e a que nos deixam querer. Na colectiva e familiar força, o impossível morre, fénixando o possível.

Ritita sorriu. Quem já viu chuva ao contrário, de terra para céu? Eu!

Se bicho vira nuvem? Vira tudo, sonhacreditantemente. Meus olhos, (in)crédulos, tudo registaram, com minha boca berta: Ritita, expássara, se esvoava, semi-humida, nebulosa.

Bênção!

PEPETELA

Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos nasceu em Benguela aos 29 de Outubro de 1941. Obras Publicadas: *As aventuras de Ngunga* (1973), *Muana puo* (1978), *A Revolta da casa dos ídolos* (1979), *Mayombe* (1980), *Yaka* (1985), *O cão e os calús* (1985), *Lueji* (1989), *Luandando* (1990), *A geração da utopia* (1992), *O desejo da kianda* (1995), *Parábola do cágado velho* (1996), *A gloriosa família* (1997), *A montanha da água lilás* (2000), *Jaime Bunda, agente secreto* (2002), *Jaime Bunda e a morte do americano* (2003), *Predadores* (2007), *O quase fim do mundo* (2008), *Contos de morte* (2008) e *O Planalto e a Estepe* (2009).



ESTRANHOS PÁSSAROS DE ASAS ABERTAS

NAMUTU VIU OS GRANDES PÁSSAROS de asas abertas passarem o cabo que abrigava a baía. Como no sonho de Manikava, o sábio, que via o futuro nas labaredas do fogo e nos intestinos do cabrito.

E Manikava tinha contado, num sonho ele viu mesmo, iam chegar grandes pássaros de asas brancas e dentro deles saía gente estranha, como filhos – formigas, brotando de ave morta. Contou no chefe, depois contou no povo reunido na praça da aldeia. O chefe perguntou, isso é um bom sinal dos antepassados? Manikava disse não sabia, mas o peito estava apertado, coração a bater com força. Talvez os antepassados estavam a mandar aviso, cuidado, muito cuidado. Foi na outra lua, Namutu recordou logo.

Agora via os pássaros passarem o cabo, voando por cima da água do mar, como no sonho acordado de Manikava. Pensou em Luimbi, seu único filho, ido com Samutu, o pai, apanhar mel. Correu para junto deles, mas já não estavam no sítio onde tinham ficado. A mulher não daria importância em tempo normal, mas deixara de ser tempo normal. Os pássaros voando em cima da água, tão monstruosos, não podiam ser aves como as que conheciam, podiam trazer perigo a Luimbi, seu único filho. E desconseguia ter outros filhos depois da doença, Manikava lhe dissera ao consultar os búzios. Procurou nas pequenas matas do mel, depois voltou à aldeia, saber se Samutu já tinha voltado com Luimbi.

O gigante suspirava na sua solidão, consumindo-se de amores por Tétis, a ninfa feita deusa na sua imaginação. Tétis a outro pertencia, se as ninfas podem ter dono. Sobretudo, gostava de perturbar os machos, fingindo interesse até os pôr fora de si, para depois se subtrair aos compromissos não assumidos mas subtilmente sugeridos. Quando via o colosso perto, penteava os compridos cabelos da cor das algas com pentes de coral brilhante, virando-lhe as costas nuas. Se o sentia mais próxi-

mo, rodava levemente o corpo, de modo que o halo de um seio se pronunciasse em promessas. E o gigante suspirava, cada vez mais exangue.

A criança estava lá, chupando um favo. Disseram, o marido dela voltou nas matas de mel, pouco tinha encontrado antes, veio à aldeia só mesmo para trazer Luimbi, cansado. Tranquilizada, Namutu pegou no filho ao colo. Depois contou, chegaram os pássaros do sonho de Manikava, estão passar lá na baía. As mulheres espalharam a notícia, grande confusão se estabeleceu, todos querendo ir logo ver. Mas lembraram o aviso de Manikava, cuidado, muito cuidado.

Sem cuidado estava Samutu, todo entretido a retirar um bom favo de um pau já seco. Três seres estranhos se apoderaram dele, lhe agarraram pelos braços, e lhe arrastaram para a praia. Um grande medo entrou no peito de Samutu, com o cheiro pestilento deles e o seu aspecto desgrenhado de bandidos. Tremia todo e falava, me deixem, só podiam ser espíritos injustiçados vindo se vingar. Ele não tinha feito mal nenhum, homem pacífico, como vinham agora lhe punir? Mas os seres estranhos falavam entre si com gritos e puxavam por ele, os gritos eram numa língua desconhecida. E em breve outros gritos se juntavam aos deles e ele viu, na sua confusão, um barco na praia, como um dongo mas diferente, e os pássaros no meio da água, de asas brancas. Desorientado, não lembrou a profecia de Manikava, só sentia o seu medo batendo no peito e o mau cheiro dos espíritos lhe entrando no nariz. Os que o puxavam pararam junto de outros caras de cazumbi e lhe soltaram. Samutu ficou esfregando os braços sem perceber o que lhe diziam, a cabeça já atordoada. Então, um de barbas lhe mostrou umas coisas que tinha na mão, pedras brilhando um pouco. E depois apresentou o que parecia pequenos frutos secos e depois pó bem cheiroso, que tapava o cheiro deles.

Parecia os espíritos não gostaram do seu silêncio, mostravam as coisas, pressionavam, olhos ávidos, queriam respostas, isso adivinhava Samutu, mas que respostas e a quê, se nem a língua deles conhecia? Depois eles mostraram uma coisa vermelha e lhe puseram na cabeça. Isso Samutu compreendia, era como um barrete, mas comprido e ver-

melho, bom para o frio húmido da noite e para o sol quente do dia. E lhe puseram na mão umas missangas coloridas, e ele sorriu, já mais calmo. Se os espíritos lhe davam coisas, então é porque não vinham para se vingar de faltas não expiadas. Eles também riram ao sorriso dele. E todos riam agora uns para os outros, batendo nos ombros deles e nos dele também, em gestos de amizade. A roda à volta de Samutu se abriu e ele compreendeu, os espíritos lhe deixavam partir.

Não hesitou, não olhou para trás. Com o barrete na cabeça e as missangas bem apertadas na mão, andou na direcção da aldeia, esquecido o medo, mas apressado pela vontade de estar entre os seus. Os quais vinham ao encontro, com grandes gestos e gritos de aflição. Estava o dia a declinar.

Se Samutu percebesse a língua dos espíritos, teria entendido o que o chefe de barbas e que lhe mostrava as pedras brilhantes queria, saber se aqueles metais preciosos, ouro, prata, existiam ali, e saber também se ele conhecia especiarias do Oriente. Mas não entendeu também a fala final, deixem-no ir, este não sabe qual é o caminho para a Índia, nem se estamos perto ou longe de o achar.

Vendo as coisas trazidas por Samutu, os outros queriam ir ter com os espíritos, mas a noite caía e a prudência aconselhava distância. Com o escuro da noite, os cazumbis se transformam, ganham ferocidade, e embora não lhe tivessem feito mal, podiam mudar de atitude, agitados pelos medos nocturnos. Voltaram para o kimbo, as mulheres querendo todas usar o barrete vermelho de Samutu e correndo umas atrás das outras, em grandes risadas. Foi uma noite alegre, pois muito raramente se é visitado por espíritos aparentemente benignos. Só Manikava se mantinha afastado do rebuliço, a fronte enrugada, cismando os seus mambos de adivinho. Tentaria Manikava descobrir quais as intenções de Nzambi, Suku, Kalunga, ou qualquer outro deus, ao lhes mandar seres tão estranhos como os descritos por Samutu?

No dia seguinte, ainda o sol começava a lambear as suaves curvas das colinas sem árvores, já um grupo numeroso tinha avançado para a baía, levando mel, carne seca e cerveja de massango. Ao chegarem perto

da praia, viram os pássaros parados em cima da água. E logo os espíritos estranhos lançaram um dongo à água e vieram alguns para a praia. Espantoso, aqueles pássaros até dongs tinham dentro deles e muitos espíritos. Isso comentavam as pessoas na praia. Viram como vinham vestidos os cazumbis, morrendo de calor debaixo de grossas roupagens todas empapadas de suor. Estranhos mesmo esses cazumbis, como devem afinal ser os espíritos dos defuntos, que nunca tinham antes visto assim tão claramente. Não fugiram quando o batel acostou e os espíritos saíram lá de dentro, expondo na areia panos e barretes e missangas coloridas. Cada um dos da terra apanhou qualquer coisa, com grandes gargalhadas e gestos de alegria, as mulheres chegando mesmo a ensaiar passos de dança. Os espíritos recolheram o mel, a carne seca e a cerveja de massango, embora alguns se mostrassem desconfiados em relação à bebida. Os da terra fizeram o gesto de beber e esfregavam a barriga, sorrindo.

Os espíritos do mar mostraram de novo as pedras brilhantes e as especiarias, mas os da terra não reagiram a elas, não as conheciam. Os do mar falavam na sua língua de espíritos, os da terra falavam as suas línguas de pastores de bois, mas ninguém se entendia. Pouco importava, havia sorrisos em muitas faces.

Entre as nuvens, o colosso Adamastor avistou Tétis esvoaçando por cima das águas da baía, sozinha, nua como deve voar uma ninfa que sabe ser desejada. Mergulhou para ela, se não o queria a bem seria a mal, uma ninfa não pode resistir eternamente a um colosso. Mas Neptuno viu, lá do fundo dos mares. E mandou ondas de três rebentações prevenirem Tétis. Ela percebeu o aviso e mergulhou mesmo a tempo de escapar às garras cegas de paixão que o colosso para ela estendia. As vagas de três arrebentações continuaram o seu percurso e provocaram uma calema. Kianda ficou com raiva, ali, naquelas águas só Kianda podia agitar as profundezas e criar calemas. Quem era esse Neptuno para vir ali, no seu reino, provocar o caos? Fez recurso a Nzambi, o senhor de todos os deuses, o que bocejou depois de criar o mundo e os homens. Nzambi não gostou da intromissão de deuses estrangeiros no seu sítio. E saiu da sua milenar letargia, por uma vez intervindo no mundo

que criara e esquecera. Assoprou as ondas para o largo do oceano, brandando contra Neptuno, o usurpador. Este respondeu com nova tripla arrebenção e fez apelo a outros deuses do seu Olimpo. Veio Marte furioso e o rude Vulcano. E Vénus, mas esta tentando com sorrisos e meneios provocantes apaziguar os deuses em desavença.

Eram tais as turbulências na água, tal agitação sem causa aparente, com os pássaros de asas brancas a baloiçarem por cima de ondas que não chagavam à praia, voltando estranhamente para trás, que os da terra disseram entre si, Kianda está com fúria, regressemos para o kimbo. Se afastaram levando as ofertas dos espíritos do mar. E um destes, o mais sorridente, avançou também, encorajado pelos da terra. Os outros espíritos chamaram o nome dele, Velôje, Velôje, mas não ligou, fez só um gesto para trás. Se afastavam da praia, os da terra todos satisfeitos, o espírito no meio deles, camarada, rindo e gritando sons só entendidos por ele.

Vénus viu o grupo se afastando da praia e voou para ele, por curiosidade ou malandrice, roçando inadvertidamente em Veloso um gesto de saudação. Mas um contacto de deusa, proibido aos homens, embora não percebido, tem sempre consequências imprevisíveis.

O espírito Velôje, de repente, mudou de atitude. Se abraçou à mulher que caminhava a seu lado, tentou abraçar a da frente. Os da terra riram, esse cazumbi é malandro, parece gosta de mulher. As mulheres fugiram, rindo, esse espírito cheira mal, mas não pode ser um espírito porque nos abraçou com um corpo igual ao vosso, só que tem muitos pêlos, sua muito e cheira como os mortos. Ninguém se ofendeu com o abuso do Velôje, mas este continuou. E a marcha virou um pandemónio, com o espírito correndo para todas as mulheres e estas fugindo. Até que ele conseguiu derrubar uma e caiu por cima dela; e começou violentamente afastar os panos de ráfia e ela gritou, já sem rir. O marido puxou pelo espírito e tirou-o rudemente de cima da mulher. O espírito não gostou e puxou por uma faca grande que tinha presa na cintura, uma faca grande, muito grande, olhos arregalados, demente. Os da terra compreenderam então, esse espírito tinha perdido a cabeça e era perigoso. Lhe rodearam, lhes mostraram os porrinhos que traziam

e as azagaias, em ameaça. Então o espírito pareceu cair em si e correu para os seus, na praia. Os da terra, no entanto, açulados pelas mulheres agora indignadas, correram atrás dele.

Tétis escapou do gigante mas mandou recado, serei tua mais tarde. O colosso acalmou. Neptuno também reflectiu que pouco adiantava a guerra provocada por Tétis e o seu apaixonado e retirou para as profundezas, mandando Marte e Vulcano para os seus ares respectivos. Nzambi encolheu os ombros, essa acalmia era mesmo o que queria para poder desinteressar-se novamente do mundo.

Só que o seu mundo estava agora agitado pelo roçar da túnica de Vénus num espírito barbudo. Os da terra corriam atrás dele e os seus companheiros no batel e num outro que saiu de outro pássaro, apontaram às caras uns paus que cuspiam fogo e dois da terra caíram feridos. Os companheiros pegaram neles e abandonaram os espíritos nos dongos, voltaram para o kimbo, onde Manikava talvez pudesse curar os feridos daquela inesperada doença trazida pelos paus que cuspiam fogo e faziam estrondo. Apesar dos esforços de Manikava, um dos feridos morreu no dia seguinte.

Eu bem dizia, cuidado, muito cuidado, ralhou Manikava. A estória podia ter tido outro fim, melhor ou pior, dizia a si próprio Namutu, olhando melancolicamente as contas de vidro que obtivera dos espíritos. Faria uma pequena pulseira com elas. Mas valem mesmo o que brilham?

Outro fim poderia também ter tido Adamastor, que, finalmente vendo Tétis deitada na praia em entrega, ao convite gulosamente acedeu e a ela se abraçou. E ao perceber que num rochedo ela se transfigurava, nele próprio sentiu também as carnes e os ossos virarem pedra. E passaram atrevidamente ao lado dele, imparáveis, os barcos daqueles espíritos indómitos que tiveram o valor de vergar as vontades de deuses. Mas que outros deuses e valores irremediavelmente ofenderam.

Junhode 2003

(In: *Lusíadas*, edição do semanário *Expresso*, Lisboa)

RODERICK NEHONE

Frederico Manuel dos Santos e Silva Cardoso nasceu em Luanda aos 26 de Março de 1965. Obras Publicadas: *Génese*, Prémio António Jacinto de Literatura (1996), *Estórias dispersas da vida de um reino*, Prémio Sonangol de Literatura (1996), *O ano do cão*, Prémio Sonangol de Literatura (1998), *Peugadas de musa* (2001), *Tempos sem véu* (2003) e *Uma bóia na tormenta* (2007).



CATRAPUS!

No princípio, andávamos só a pé. Não tínhamos topado com a roda e, então, a carroça não apareceu. Anos depois, mais escravo aqui menos ali, mais criado aqui menos acolá, vingou a tipóia. Dois troncos rectos sobre os ombros de quatro homens, dois atrás e dois à frente, em cima dos quais assentava um estrado feito cadeira para quem mandasse. E assim, o manda-chuva fazia-se deslocar longos quilómetros sobre tracção humana, quatro homens-força, pelas matas e aldeias do país. Veio o motor a combustão, mas não chegou sequer para um décimo dos necessitados. Pois o homem, irrequieto como sempre, procurou a sua precária solução. E a vida não parou. Apenas a maioria não sabia o sentido certo do seu avanço.

O nosso rapaz começou com um cangulo. Lá no Roque de todas as coisas, de todas as estórias, de todos os dias. Ele era fisicamente bem fornido, grosso mesmo. Meio baixo ou, quase alto. Bem quadrado de tanta estabilidade à venda. Atrevido e brigão. Provavelmente, a luta pela sobrevivência lhe ajudara a desenvolver estas características, ou ali se encontrava levado, subconscientemente, pelas suas bem dotadas adaptações físicas, para lutar e sobreviver num mundo extremamente competitivo.

Zazalí, era este o seu cognome, começou com um pequeno carrinho de madeira para o transporte das mercadorias do pessoal que ia de compras ao Roque Santeiro. Acompanhava geralmente a compradora, de um lado para o outro, pelos diversos corredores, labirintos e secções do grande mercado e acabava o seu frete junto ao porta-bagagem ou à carroçaria do carro da própria, ou à porta da Hiace que a levaria para o lugar de destino.

De tantas vezes fazer estes fretes, o jovem foi juntando dinheiro para comprar o segundo cangulo, até que conseguiu. Com o segundo cangulo veio o primeiro empregado. Cangula aqui, cangula ali.

Exigência com o empregado: rapidez e pontualidade. Intransigência com os atrevidos concorrentes que pretendessem interferir na sua abordagem aos compradores recém-chegados. Com todo esse rigor, dez meses depois já tinha sete cangulos e sete empregados.

Ao adquirir o sétimo carrinho de mão decidiu duas coisas:

– Um patrão como eu já não deve mais conduzir. Agora os meus braços vão descansar e darão lugar à acção da mente. Não conduzo mais. Contrato um novo canuco para conduzir e eu só vou ficar a controlar. Controlar e expandir o negócio. Vou controlar os meus cangulos e vou fazer marcação cerrada na área das bebidas. Aqui na área das bebidas só vão poder circular os meus cangulos. Quem tentar andar por aqui, sem a minha autorização vai ser chinado. Quem circular é porque eu lhe autorizei e terá que me pagar uma comissão.

Dito e feito.

Ninguém mais podia cangular na área das bebidas. Três meses depois, já tinha vinte cangulos. Escusado é dizer que tinha vinte, mais dois empregados. Vinte canguleiros e dois cobradores, controladores, lutadores e recolhedores das receitas produzidas pelos canguleiros. Agora, controlava também as áreas das carnes e das frutas, legumes e hortaliças.

Quando chegou aos trinta cangulos já controlava adicionalmente toda a área do carvão. Aos cinquenta, tomou conta da zona dos electrodomésticos (arcas, geleiras, fogões, aparelhagens, ventoinhas, etc) e dos fofandôs. Quando conseguiu controlar toda a praça, tinha cerca de quinhentos trabalhadores. Se autoproclamara o Rei dos Cangulos e, como tal, era respeitado, idolatrado por uns e odiado por outros.

Tinha um esquadrão de guarda-costas que o protegiam e várias equipas de patrulha em todo o mercado, que mantinham a sua ordem canguleira em toda a sua extensão. Quase todos os cangulos que circulavam no Roque eram seus. Os que não fossem seus e circulassem, pagavam-lhe uma taxa, o que ele apenas permitia para dar resposta à procura de carros, que não parava de crescer. O seu dinheiro era guardado em três bancos do Roque que eram protegidos pela sua própria segurança. Num belo dia, acordou com uma ideia genial para aumentar a procura de cangulos e, por conseguinte, a sua frota:

– A partir de agora, também os compradores e compradoras têm de andar de cangulo. Todo o mundo tem de ser carregado. As coisas e os donos das coisas, todos, têm de andar de cangulo. Aqui no Roque, a pé, só andarão os canguleiros, os protectores, os cobradores e os vendedores. Todo o resto, em cima do cangulo! – sentenciou o chefão dos cangulos.

Deu um período de tolerância de dois meses, enquanto montava, no próprio Roque, uma carpintaria, para fabricar centenas de cangulos. Ordenara que fizessem cangulos de carga e cangulos de passageiros para duas pessoas sentadas, marido e mulher.

Começaram a sair da fábrica do Rei Zazalí cangulos de todos os tipos e para múltiplas funções. Os de carga podiam acomodar especificamente carne ou carvão, batata ou leitão, gasosa ou fogão, qualquer coisa da bancada ou do chão. Os de passageiros estavam especialmente adaptados para levar casais, magros ou gordos, hetero ou homossexuais, de todas as idades e profissões.

O Roque foi tomado por cangulos num ir e vir estonteante. As pessoas canguladas pagavam o dobro do preço da carga. Os canguleiros, enquanto não se cansassem ou quando já estavam meio bêbedos, imitavam com a boca os diversos ruídos dos carros, cada um segundo o eco da sua própria goela.

Enquanto isso acontecia dentro do mercado, lá fora, no emaranhado de estradas da cidade, os longos e chatos engarrafamentos asfixiavam o curso da vida das pessoas. A cidade fora tomada de assalto por Hiaces que não respeitavam nada, nem ninguém. Entre os condutores, travava-se uma luta de salve-se quem puder. Cada um procurava pôr o focinho e o corpo da sua viatura no lugar que melhor lhe permitisse seguir a marcha, no sentido desejado. Palavras e palavrões eram cuspidos, por todos os cantos, para fora das janelas, tentando expulsar a ira causada pela falta de cortesia e pelo desrespeito ostensivo das mais elementares regras de trânsito. Nas horas de ponta ou nos dias em que houvesse copiosas chuvadas, o caos era pior. Havia momentos em que o tráfego parava por demorados minutos, que perfaziam verdadeiras horas de tédio e aborrecimento.

Batidos pelo intenso calor tropical, polvilhados nos rostos pela poeira da cidade quase desarborizada e encafuados nos carros sem ar condicionado, o natural seria que as pessoas saíssem das viaturas e se sentassem, enquanto aguardavam pelo preguiçoso reinício da marcha. Nessas circunstâncias, a pontualidade já era. A assiduidade era mandada para as urtigas. A produtividade laboral se tornara um vocábulo anacrónico e a cidade vivia muito graças à viscosidade do óleo e ao brilho dos diamantes que eram produzidos noutros contextos extremamente mais produtivos, e ao calor de culturas laborais totalmente diferentes.

Depois de notar, por várias vezes, os engarrafamentos intermináveis na cidade, Zazalí decidiu expandir o seu negócio e tomar a capital com os seus cómodos cangulos de passageiros. Como não havia capacidade para dar resposta a toda a procura, principalmente nos dias de muita lama, decidira então pôr a rolar, em fase experimental, alguns cangulos de passageiros.

Quando as Hiaces e todos os demais carros ficassem num beco sem saída em plena estrada, com ou sem sinaleiro que ajudasse a complicar mais as coisas, com ou sem semáforo a piscar, Zazalí mandava as suas divisões de cangulos de passageiros tomarem de assalto as ruas da cidade.

Era, então, aí que, de repente, surgia nas ruas um caricato show de retrocesso. As pessoas, cansadas de esperarem pelo progresso dos carros em que se encontravam atascadas nos engarrafamentos e que se espalhavam pela cidade, abandonavam as viaturas e corriam para disputar um lugar alugado nos cangulos que desciam ou saíam da baixa.

Homens elegantes de fato e gravata. Mulheres cheirosas com vestidos vistosos, crianças em brancas batas a caminho das escolas, jovens de jeans com cabelos tingidos e olhos desvairados, todos esses seres necessitados, sem distinção de estatutos, podiam ser encontrados sobre o dorso de um cangulo, empurrado pelos braços fortes de um jovem de rosto contorcido pelo cansaço.

Quanto mais carros saíssem dos portos para a rua, sem estradas novas para circularem nem zonas habitacionais e de serviços fora da cidade para os dispersar, mais cangulos entravam em circulação, para

descongestionarem o tráfego das pessoas, diante da impossibilidade das viaturas fazerem-no.

A cidade fora tomada pelas viaturas, tal como um corpo empanurrado e com prisão de ventre. Ninguém podia andar com o seu carro para frente, nem para trás. Ninguém conseguia chegar a tempo no trabalho, nem mesmo os que viviam no Nova Vida e acordavam às três da manhã. Ninguém tinha moral para exigir pontualidade a ninguém, nem mesmo os chefes, porque estes também atrasavam.

O engarrafamento não dava prioridade a ninguém para se desenvencilhar, nem aos chefes nem aos cabolas. Como ninguém se sentia culpado pelo que estava a acontecer, ninguém justificava nada a ninguém. Como todos se sentiam prejudicados, não aparecia nenhum culpado. Era a total paralisia, enquanto a cidade definhava, porque deixara de produzir.

Porque todos estavam atrasados, tudo ficara atrasado. Toda a vida das pessoas era, agora, refém do engarrafamento. O pão do mata-bicho só ficava pronto na padaria às dez. As pessoas acabavam por ir trabalhar com fome; os salários eram pagos com atraso; o homem das turbinas da ENE também atrasara e, com ele, a electricidade da cidade; o técnico da água da Epal não conseguia sair da Samba; a empregada doméstica estava “presa” em frente do Grafanil; a secretária fora “apanhada” na rotunda do Gamek; o cangalheiro não conseguia sair do Kikolo; o porteiro xixilava no Zango; o director esbracejava na Corimba e o lavrador não passava de Viana; a noiva continuava em frente ao salão de cabeleireiro, enquanto o noivo se desesperava na igreja; enfim, os convocados adormeciam à volta da mesa de reuniões, aguardando pelo boss que tentava chegar sem batedores.

Alguém tentara trazer alguns helicópteros para facturar com a desgraça alheia e, ao mesmo tempo, desenrascar a vida de quem estivesse mesmo obrigado a chegar a tempo aos seus compromissos. Porém, a sua tentativa fracassara, porque não encontrara lugares seguros para construir os heliportos com estacionamento de viaturas. Enquanto a modernidade não chegava, os cangulos, tal como ratazanas fugindo de

um barco que afundava, invadiam a cidade, tentando reduzir a falta de pontualidade do pessoal.

Circulavam entre os carros, subiam para os passeios, desciam novamente para a estrada, deixavam os passageiros nos lugares acertados e prosseguiam com a nova carga. De tão estreitos que eram, e movidos à tracção humana, não necessitavam de espaços largos para passarem, nem de gasolina para se moverem.

Nesse entretanto, da fábrica do Rei Zazalí, no Roque Santeiro, saíam, todos os dias, centenas de cangulos. Ao tornar-se poderoso, deixou de ser visto. Apenas um núcleo restrito e privilegiado de pessoas tinha acesso a Zazalí. Ele, agora, controlava à distância o tráfego das pessoas na urbe e facturava com a cidade. Tinha a gente da cidade sob seus pés, porque todo o mundo necessitava de locomover-se sem se cansar muito e, como solução, apenas restavam os seus cangulos. A lentidão do transporte de cangulo era tal que, na verdade, a velocidade era mesmo a do passo humano. A única diferença era a de que o cangulado chegava menos cansado que o canguleiro. Mas, tudo a passo de homem.

Quem cedo se apercebeu da futilidade em que se convertera o tempo para os cidadãos foi o próprio Zazalí. Deu-se conta de que com aquele passo, pelo menos enquanto durasse o sufoco dos engarrafamentos, o tempo deixara de ter sentido nas fábricas, gabinetes, escritórios, enfim, na vida das pessoas. Estas cumpriam com as suas obrigações na medida das suas possibilidades de deslocação. Faziam o que desse. O que não desse, ficava para o dia seguinte. Chegavam onde pudessem. Onde não pudessem, ficava para depois.

Usando o seu apurado faro para o negócio e sentindo que descobrira um bom investimento em activos futuros, Zazalí utilizou os seus canguleiros, cobradores e protectores para passarem a seguinte mensagem:

– Zazalí compra todo o tipo de relógios. Se, agora, há todo o tempo para tudo, de que vale, então, andarem por aí com relógios, se vão chegar, na mesma, sempre atrasados. Quando a situação normalizar, poderão comprar novos relógios. Agora, relógio no pulso é só pura banga.

O Rei Zazalí paga bem pelo seu relógio. Não perca tempo com o tempo que não lhe serve para nada. Venda-nos o seu relógio. Nós pagamos bem!

Rapidamente, como fogo em floresta seca, a mensagem espalhou-se pela cidade e milhares de relógios foram parar, em poucos dias, nos baús de Zazalí. Eram relógios de todos os tipos e cores, tamanhos e feitios, marcas e procedências. As pessoas foram desfazendo-se dos seus relógios. Não contentes com os de pulso, também venderam os que andavam, inutilmente, pendurados nas paredes das suas casas, lojas e gabinetes, obrigando Zazalí a construir uma grande nave para armazenar todos os relógios da cidade. Sabia que, mais tarde, poderia facturar com a venda de relógios em segunda mão, comprados, agora, a preço de chuva.

Sem transporte moderno que andasse, sem sentido do tempo, amordaçada pelas dificuldades daí decorrentes e submissa à omnipresença de toscos monociclos de madeira à tracção humana nas suas ruas entupidas, a cidade deu-nos o fatídico sinal de que, em pouco tempo, sucumbiria.

Não querendo ser cúmplice, preferi abandonar o trágico sonho e pôr fim, aqui e agora, a este conto.



O MALEFÍCIO

Naquele dia o Doutor Nautilus estava irrequieto, como nunca antes. Depois de longos anos de pesquisa científica, havia, por fim, conseguido dar pé com bola no sonho obsessivo que norteava a sua vida desde que se interessara pela bioquímica.

Muitos anos dedicados a vários mestrados, pesquisas e ao doutoramento haviam transcorrido, para que, agora, pudesse, finalmente, encontrar a maior satisfação da sua vida: a descoberta do mt-sc, nome de código que dera ao vírus resultante dos vários cruzamentos de bichinhos microscópicos e demoníacos que lhe levaram todos estes anos de investigação.

Nautilus queria partilhar este sucesso, em primeira mão, com alguém que fosse da sua mais absoluta confiança e, para tal, convidara, nesse fim de tarde, um ex-colega seu, com quem sempre mantivera uma regular correspondência sobre o desenvolvimento da ciência nas suas respectivas áreas do saber, e que viera, também, a tornar-se um eminente matemático: o Doutor Pitamat.

– Sabes, amigo Pitamat, – disse Nautilus, tão pronto conseguiram acomodar-se numa discreta mesinha para dois, situada no extremo direito da requintada explanada debruçada sobre o lago – não há dúvidas de que Deus premia quem persevera, enquanto o Diabo se encarrega de quem se verga ao chicote da preguiça. Quem, como nós, vive do que conquista no mundo da investigação, valoriza esta verdade melhor do que ninguém – sentenciou Nautilus.

– Trata-se, como sabes, de uma verdade demasiado óbvia, – retorquiu Pitamat – muito embora não sejam raras as vezes em que certas pessoas dedicam a vida toda atrás de algo, sem nunca encontrarem quaisquer impressões frescas da sua proximidade. A vida, tal como sabes, – sublinhou Pitamat com ar de convencido – não é linear e qual-

quer relação de causa-efeito sobre fenómenos em que intervenha a vontade humana, está sempre sujeita a uma margem demasiado arriscada de erro. O próprio processo de pesquisa é passível de abruptas soluções de continuidade, alheias à vontade de quem investiga. Mas, a que se deve todo este enigma, amado Nautilus?

Nesse entretanto, um breve silêncio é involuntariamente imposto pela garçonete que chega à mesa para deixar as duas cervejas, por certo bem geladinhas, que Nautilus pedira mesmo antes de se terem sentado. O dia estava quente e húmido, apesar da brisa que teimava em aparecer com uma intermitência que lhe dava a caricata aparência de uma interminável sequência de soluços de vento.

– Enigma que é apenas um ponto de partida – prosseguiu Nautilus, logo depois da empregada se ter afastado. O nosso papel na ciência e em prol da ciência é descodificar os enigmas. *Fiat lux!* (faça-se luz!) Já dizia o filósofo. Ao longo de todos estes anos, andamos nós, numa luta sem tréguas contra as trevas, num batalhar incansável por levantar, bem alto, a tocha do saber, contra o obscurantismo que, como ópio secular, anestesia mais de metade da humanidade, tornando-a um grande fardo para o pequeno terço que consegue conservar certa lucidez. Malthus morreu há bastante tempo, mas a sua visão prevalece, a sua premonição se imortalizou, porque é objectiva, independente dos sonhos e das fantasias dos homens inferiores. Continuará a humanidade a crescer nos seus extremos em progressão geométrica, enquanto a sua capacidade de se sustentar permanece aritmética. Esta é a grande verdade, amigo Pitamat.

– Neste caso, permita-me que te interrompa, amigo Nautilus. Felizmente, já não estamos exactamente em presença de um crescimento aritmético dessa capacidade. Todos nós sabemos da grandeza do salto da produtividade induzido pela tecnologia nos últimos cinquenta anos. Estamos, sim, em presença de uma verdadeira “arritmia” – que me perdoem os médicos, por este empréstimo vocabular – na distribuição e redistribuição, em virtude das amarras dos direitos de propriedade associados ao lucro. Quer isto dizer, caro Nautilus, – e não te esqueças do que

estavas a dizer que o grande handicap não está na capacidade do homem em produzir mais, para mais gente. O calcanhar de Aquiles está no facto de que a distribuição do que se pode produzir não é feita de modo equitativo, para satisfazer a quem mais necessita, ainda que não produza, ou não tenha capital para adquirir o que necessita, mas não produz.

A lógica do raciocínio de Pitamat foi aqui subitamente interrompida por uma estridente gargalhada de Nautilus, espantado com a, até então, desconhecida contrariedade da visão do amigo sobre o mesmo assunto. Desde os tempos da Universidade que não falavam destas questões que reboavam nos interstícios da economia pura e do complexo problema da justiça social.

– Admira-me, amigo Pitamat, esta súbita involução tua para uma espécie de igualitarismo jurássico. A ideia de uma distribuição gratuita de alimentos para preguiçosos e incapazes, contrariando, até mesmo, o mais primário darwinismo social, é, sim, uma irracionalidade destruturante. Quem não estiver apto para sobreviver, deve sucumbir – afirmou. As leis da natureza não se subordinam às fraquezas das emoções do espírito. Nisso, eu sempre fui categórico! Se viver não foi uma escolha de quem vive, não deve igualmente assistir-lhe o direito de poder escolher entre viver e deixar de viver, caso não se tenha adaptado à vida que lhe coube viver. O dilema da existência é tão simples como isso. Tudo o resto é complicação fútil de políticos e filósofos que, desde o Renascimento, têm embarcado a humanidade nas mais aberrantes teorias, que proclamam a igualdade de seres a quem a natureza dotou de capacidades, cujas gritantes diferenças os tornam claramente desiguais. Mas, não estamos aqui para navegar na dúvida destas utopias fracassadas. O meu suor é derramado no terreno das certezas. E é para celebrar mais uma que aqui estamos, amigo Pitamat.

– Seja feita a tua vontade, caro Nautilus. Apesar de estarmos em lugar neutro, não ousa disputar a tua qualidade de anfitrião. Qual é, então, a boa nova que, hoje, nos traz o nosso grande pesquisador?

– Quero falar-te em primeira mão sobre o meu mt-sc! O mt-sc é a minha mais nova descoberta.

– E, o que é o mt-sc?

– É simplesmente o nome de código que dei àquele vírus que criei, com muita paciência, ao longo de mais de uma década de trabalho, suor e muitas noites em vigília no meu laboratório. Acredita que – e fez uma pausa filosofal – criei o bicho do progresso! O animal catalizador da decantação social. O justiceiro social! É assim que o chamo. O silencioso justiceiro social – proferiu Nautilus, pausadamente.

– Mas, justiceiro social, porque? Acaso, queres fazer da bioquímica uma arma política, ou queres interferir comodamente na política sem saíres da bioquímica?

– A bioquímica, por ser a minha ocupação, é apenas um meio. Aqui está o meu pragmatismo. A justiça é o fim. Justiça social é o que falta ao mundo, amigo Pitamat. A natureza por si só não consegue fazer justiça social. Ela não consegue ler o quanto a sociedade transformou a própria matriz humana. É necessária a intervenção da mão do homem, tal como quando se faz a guerra e se constrói a paz. Este é o papel do mt-sc, de nome próprio: “morte-silenciosa”. Se a humanidade quiser se tornar cada vez mais produtiva e proficiente, será preciso que o homem dê uma mãozinha e cubra as lacunas da selecção natural. Biologicamente, parece que os homens somos todos iguais, ainda que me seja difícil aceitar essa constatação assaz repetida nos últimos cem anos. Mas, tudo parece indicar que é mesmo a sociedade quem desempenha um papel insubstituível e decisivo na distinção entre os homens. Os seus hábitos e costumes tornam-nos diferentes. Se inevitavelmente, pelos seus hábitos e costumes, os homens se distinguem cada vez mais, na medida em que se afastam dos seus respectivos berços, então, o momento certo para interferirmos, ao nosso bel-prazer, nessa diferenciação, radica exactamente na colocação do nosso vector de diferenciação no pivot em que assentam os seus hábitos, as suas convictas práticas reiteradas. Vamos atacá-los pelos seus costumes e não pela cor da sua pele – sentenciou Nautilus, sem dar ao seu interlocutor qualquer folga para comentários. O homem é um ser cultural que se encarna numa base bioquímica que lhe dá forma, essência e potência. Se depois da

entrada em acção do mt-sc, como resultado dos bons ou maus hábitos dos homens, acabarem por ficar sobre a superfície da Terra apenas alguns e, casualmente, de uma só cor, então, a culpa não poderá ser atribuída a mim. No fim de tudo, eu poderei dizer para mim mesmo que quem não ficou, foi pelos seus maus hábitos e não porque eu detestasse o tom da sua pele.

– Fico com a sensação de que estamos eventualmente no início de mais uma guerra, ainda que sem agressores visíveis. Uma guerra à partida covarde, permita-me que lhe seja franco, amigo Nautilus, e cruel, porque as suas vítimas serão pessoas que, ao não verem mãos humanas do outro lado empunhando armas contra si, tenderão a atribuir os males, de que venham a padecer, à acção de inexplicáveis forças da natureza ou às ancestrais forças ocultas do além. É uma guerra que jamais deveria começar, porque, uma vez iniciada pode ser que, quem ateie o fogo, perca o controlo da fogueira. Mas, sem ambiguidades, a quem pretende o meu amigo atacar?

Um repentino, mas prolongado silêncio, tomou conta do pequeno espaço frontal que os separava. Lá longe, cada vez mais distante, o ruído do motor de um pequeno barco de recreio se afogava, deixando-se apagar pela monstruosidade ribombante das quedas de água que, a poucos quilómetros de distância, emprestavam uma extraordinária beleza ao local. Depois de se terem olhado fixamente, numa linguagem muda que sublinhava a delicadeza do assunto que tratavam, uma questão que, para lá daquele dia, assumiria dimensões que extravasariam os minúsculos contextos em que se circunscreviam as suas respectivas existências, o Doutor Nautilus decidiu quebrar o gelo.

– A quem pretendo eliminar?! É isso mesmo, eliminar, amigo Pitamat, para fim de ambiguidades, tal como me pedes. Exactamente, a quem menos ou quase nada tenha a perder, caro Pitamat. A essa maioria silenciosa, que apenas acorda, come, fofoca e se multiplica. Essa maioria não inventa nada, apenas consome. Não decide, só cumpre. Não cogita, contempla. Tal como os rebanhos, são conduzidos cegamente para o pasto ou para o cadafalso. Estou cansado dessa hipocrisia

misericordiosa – e ao dizer isso, Nautilus bateu desajeitadamente com a base da caneca de vidro sobre o tampo da mesa e virou o rosto para o infinito do céu que se perdia atrás das cataratas. Estou igualmente cansado do fardo que a mesma significa, – disse, ao retomar a postura – num mundo em que as matérias-primas estão cada vez mais escassas e não descobrimos fontes alternativas viáveis com a mesma rapidez com que as esgotamos. Numa encruzilhada como esta, tal como já acontecera noutras épocas, a humanidade iluminada clama por heróis que, em vez de mais problemas, tragam soluções, desbravem o caminho e conquistem novas alamedas para a continuação da sua marcha até agora triunfal. Este é o meu papel, ilustríssimo Pitamat – disse Nautilus com os olhos bem esbugalhados, enquanto batia com a mão no peito, repetidas vezes. E a solução está no despacho selectivo, não pela cor da pele, porque chamar-me-iam de racista, mas pela lenta e irreversível exclusão daqueles que não consigam libertar-se de certos hábitos e costumes incompatíveis com o progresso e com a racionalidade, cada vez maior, da existência humana.

– Queres me dizer, então, que criaste um vírus que discrimina culturalmente – indagou Pitamat, acentuando a sua curiosidade sobre aquela descoberta do amigo, que, agora, supunha monstruosa e maquiavélica.

– Mais alguma coisa, meus senhores – interrompeu a empregada.

– Não, não! – respondeu Nautilus. Fique descansada. Em caso de necessidade eu lhe chamo.

– Obrigada! – reagiu a garçonete, algo atrapalhada. Desculpem-me, se causei algum incómodo – acrescentou, enquanto se afastava em marcha-ré.

– Retomando – continuou Nautilus. Não é bem verdade que o mt-sc discrimine alguém. Ele não discrimina ninguém. Ele é eficaz e mortal contra qualquer ser humano que entre em contacto com ele. Agora, só entrarão em contacto com ele, aqueles que não se libertarem de certos hábitos e costumes. Aqueles que não acreditarem na verdade da ciência. A longo prazo, sucumbirão lentamente, graças à sua acção

perseverante, todas as sociedades que não estiveram organizadas, que não dispuserem de recursos financeiros e tecnológicos e que não conseguirem uma ampla e profunda mudança na atitude da generalidade dos seus cidadãos, que conduza a uma gradual redução no número de novos casos de pessoas contaminadas com o vírus.

– Hummmmmmm! – vociferou Pitamat, estarrecido com o que acabava de ouvir.

– Caro Pitamat! Estamos em presença de um verdadeiro big-bang científico – jactou-se Nautilus. Pela primeira vez, o homem dá ao próprio homem a liberdade de depender apenas de si mesmo, de ficar próximo ou distante do mal, com ele dentro ou fora de si. O seu único sacrifício está na sua capacidade de ser grande o suficiente para abandonar certos hábitos e costumes.

– Mas, a que hábitos e costumes te referes?

– À poligamia, por exemplo. Fazer vida sexual regular com mais de uma mulher. Esta exagerada pujança sexual, que retira a energia necessária para iluminar os aposentos do pensamento, é um péssimo hábito, contrário ao progresso da humanidade. A descrença na ciência é outro mau hábito arreigado em certas pessoas. Andamos nós, aqui, a pesquisar, a descobrir e a inventar, para melhorar a vida de todos, dos que produzem e dos que apenas se servem, enquanto outra gente, totalmente ignorante, desdenha todo este nosso empenho. É importante demonstrar que é verdade que, desde a revolução industrial iniciada na Inglaterra, a ciência só vem somando pontos sobre o obscurantismo, ainda que isto signifique que os descrentes paguem a sua ignorância com as próprias vidas. Será um preço apenas simbólico para a humanidade!

– E que outros pecados mais, ilustre Nautilus, os teus visados cometeram?

– O atraso tecnológico. Têm que aprender a andar pelos seus próprios pés. Têm que, pelo menos, estar o suficientemente atentos para saberem copiar o que nós há muito inventamos e sabemos fazer. Agora. Se perdem o tempo a fornicar e, ainda por cima, não acreditam na ciência, que porra vão aprender?! Diga lá, descrente Pitamat!? Que porra apren-

derão, para saírem do obscurantismo, se o tempo que têm, enquanto não dormem, usam-no para fornicar, beber, dançar, ou para se enfeitiçarem uns aos outros? O resultado é o atraso tecnológico e, por conseguinte, a incapacidade de enfrentarem sós grandes catástrofes ou calamidades causadas pela natureza ou pelo próprio homem. E esta, a que estamos a preparar, será uma grande catástrofe que, certamente, eles não conseguirão, uma vez mais, enfrentar sozinhos. Vão necessitar da nossa ajuda, porque quem domina o saber somos nós. Até na ajuda, podemos enganá-los, sem pôr em causa os nossos principais fins.

– Muito bem! Então, está tudo muito bem pensado, não?! – disse Pitamat. Este plano está já numa fase bem avançada, amigo Nautilus – acrescentou.

– Não poderia ser de outra forma, irmão Pitamat. O bicho está descoberto e os caminhos por onde circulará também. Se não tivéssemos absoluta certeza do sucesso que faremos, já teríamos desviado tempo e dinheiro para outros projectos. O certo é que, depois do bicho ir para a rua, quem não conseguir mudar de hábitos e costumes, o país que não tiver uma estrutura de saúde e assistência médica organizada para fazer face às exigências dessa mudança, terá implicitamente optado por morrer e pouca falta fará a humanidade. A Terra continuará a sua órbita no espaço, “rezando” a cada setenta e cinco anos para ter o cometa Halley cada vez mais distante da sua rota. E nós?! Devemos, como bons cristãos que somos, tornar cada vez mais cómoda a vida na Terra, promovendo a qualidade da vida dos seus habitantes, através da assumpção de atitudes superiores, sem fazer concessões sentimentais à quantidade, ou à equidade e proporcionalidade da sua distribuição territorial. Depois da Terra ter sido feita e o homem colocado nela, apenas faltava a este conquistá-la com o seu saber. Uma vez imposto o saber, não há canto da Terra que não pertença, por igual, a qualquer homem, não importa o ponto geográfico em que este tenha nascido. A Terra é, por inteiro, de todos os homens e nada, e nem ninguém, poderá impedir o acesso a qualquer pedaço da Terra, daqueles que dominem o saber, para colocarem a matéria bruta ao serviço do homem. O desenvolvimento

do mundo exige que se ponha definitivamente fim à observância de acordos tão antiquados como os da famosa Conferência de Berlim, que no século XIX, esquadrinhou a África, tornando-a numa coutada de caça das potências europeias da época. Hoje chegamos, amigo Pitamat, ao exacto ponto em que as histórias e as soberanias se diluem e desaparecem, em prol da vitória do homem cosmopolita sobre todas as coisas que existem na Terra e, amanhã, no Universo. *Ecce homo*, dotado de saber, tecnologia e dinheiro, está chamado a triunfar sobre as trevas e as utopias, ainda que todas estas se juntem e peçam socorro a todos os demónios que vagueiam nas catacumbas do inferno. Esta é a minha profecia, amigo Pitamat!

– E com quem contas para a realização desse sonho, amigo Nautilus?

– É óbvio que não estou só, caro Pitamat. Muito antes de mim, muito mais gente vem acreditando nesta verdade. Uma legião de homens pragmáticos, que há muito atravessaram o limbo das utopias e almejam um mundo melhor e mais são, quando já não para si, pelo menos para os seus filhos, netos e toda a linhagem que lhes secunde. Atrás de mim, sustentando todo este projecto, está a Irmandade, amigo Pitamat. E tu sabes que a Irmandade é invisível, intocável e onnisciente também.

– Agora tudo fica muito mais claro. Bem sabia que a tua obsessão tinha que estar bem amparada. Uma marcha tão séria e por tão longo tempo não podias fazê-la só, apesar de que sempre reconheci a tua genialidade e persistência.

– As grandes causas podem começar singulares, mas acabam sempre arrastando multidões. Causas, como esta, exigem profunda crença, muita perseverança e absoluto sigilo, prezado Pitamat. Creio que, apesar de não te ter convencido, posso acreditar que, tal como no passado, estou a falar com uma múmia – sentenciou Nautilus, descarregando o seu imperturbável olhar sobre o do seu interlocutor.

– Sabes que sim. A responsabilidade humana é individual. Aqui continuarás a ter a múmia que sempre tiveste, muito embora saibas

que discordo radicalmente desta tua visão do mundo. Sabes que aprendi muito cedo a gerir silêncios e convenci-me, também cedo demais, de que o mundo não gira à volta do meu umbigo. Talvez, por esta razão nunca expressa nas nossas conversas, tenhamos sabido coexistir e permanecer, longas horas charlando, como agora, apesar das muitas e, às vezes, profundas divergências nas nossas cosmovisões. É a tal unidade e luta de contrários.

– Tal como a vida mesmo, amigo Pitamat.

– Como a vida mesmo, amado Nautilus. *Alea jacta est!*, tinham razão os romanos.

– É verdade!

– Falta apenas adivinhar de que lado estará a sorte desta vez.

– Assim será. Mas, creio que ela não trairá aqueles que não contam apenas com ela. Assim será. Mas... podemos partir, não?!

– À vontade. Por mim, nada mais.

– Ok! Menina... menina, por favor, traga a conta – disse Nautilus, dirigindo-se para a garçonete.

Vários anos depois daquela conversa entre aqueles dois homens, ao lado daquele lago, onde outros entregavam ingenuamente a vida, começaram a ser sentidos, em todo o mundo, os efeitos do bicho que fora solto do laboratório de Nautilus.

O malefício, como passou a ser chamado, atacava as defesas naturais do organismo humano, desencadeando várias doenças oportunistas, cujos agentes causadores já se encontravam no próprio homem ou no meio ambiente, levando a pessoa à morte. O bicho chegava ao homem através do acto sexual normal e natural, da transfusão de sangue já contaminado, do uso de seringas, lâminas e objectos cortantes ou perfurantes não esterilizados, encontrando terreno de fácil propagação nos lugares onde houvesse muita promiscuidade sexual, fracos cuidados sanitários e hospitalares e pouca crença nos conselhos médicos relativamente à existência do próprio bicho e às formas de contaminação do homem.

Muito embora todos os seres humanos estivessem expostos à contracção do malefício, logo que ele se deu a conhecer no planeta, uma vez identificadas as medidas de prevenção do mesmo, o número de

casos iria reduzir-se gradualmente lá, onde houvesse desenvolvimento científico e tecnológico, muito dinheiro para investir em programas de saúde preventivos e em campanhas de educação da população, na promoção de comportamentos sexuais monogâmicos e na redução da crença na superstição. Nos lugares ou nos países onde a capacidade das instituições e as atitudes das pessoas fossem diferentes e contrárias às anteriores, o número de casos deste malefício tenderia a crescer e, em consequência, a quantidade de óbitos.

E foi assim mesmo que aconteceu, segundo o calculismo maquiavélico do Doutor Nautilus!

O malefício foi se espalhando lenta, mas irreversivelmente, pelas paragens previstas por Nautilus. A sua progressão era geométrica. Apesar dos conselhos médicos que recomendavam a colocação de um “mbilauzinho no pimpolho” quando se tratasse de relações sexuais ocasionais, muitos homens não acreditavam no risco, dizendo que preferiam fazer carne-carne, porque, com aquela borracha, não sentiam prazer nenhum.

Uma pessoa contaminada passava a três outras; as três, a nove; as nove, a vinte e sete; as 27, a 81; as 81, a 243; as 243, a 729; as 729, a 2187, e assim sucessivamente, numa fúnebre espiral infinita, que levou, primeiro, um terço da população e, depois, dois, até que chegou ao último descrente na ciência. Apenas sobrou quem mudou de hábitos, quem ouviu a voz da ciência.

Os pais morriam e deixavam, órfãos, os filhos. Os menores contaminados acabavam por morrer também. Os demais abandonados, morriam igualmente pela incapacidade de se sustentarem ou pela surdez aos apelos da ciência. Aos poucos, devido aos diversos factores antes apontados, países inteiros foram ficando sem recursos humanos, qualificados ou não. Aldeias vazias, com uns poucos velhos apenas que já não tinham a quem contar estórias. Escolas sem professores, teatros sem actores, fábricas sem operários, exércitos sem soldados, entroncamentos sem sinais, laboratórios sem cientistas, ministérios sem ministros, empresas sem patrões, enfim, muitas terras ricas ficaram sem nativos.

Quantas gerações se passaram para que o curso silencioso da tragédia chegasse ao último homem, ninguém me soube dizer. O certo é que, no fim desta hecatombe, tais terras ficaram sem os seus nativos, mas as suas riquezas minerais, o seu clima, a sua água abundante, lá continuaram, à espera de novos donos. Segundo o Doutor Nautilus, a Terra deveria ser apropriada na sua totalidade pelo homem que detivesse mais saber, tecnologia e dinheiro. Tudo aparentava agora, na verdade, que o mundo caminhava no sentido da realização da sua profecia.

Pouco tempo passou para que as pessoas que sobraram se apercebessem de que afinal já havia iniciado um processo também lento, mas irreversível, de repovoamento daquelas paragens órfãs com novos habitantes, com hábitos, costumes, capacidades e atitudes, totalmente diferentes dos antigos nativos.

Um século ou dois, não sei precisamente quanto tempo depois, aquelas terras foram repovoadas por aqueles seres tecnologicamente superiores. Uma vez mais a ciência havia vencido a superstição, o saber havia superado a ignorância, a força das armas não fora necessária, porque o homem havia inventado outros artificios para exprimir que, apesar da sua igualdade formal, era a profundidade do domínio da própria natureza que encarregar-se-ia de, realmente, estabelecer a escala em que cada um se encontrava.

Afinal de contas, a história da humanidade tinha os seus próprios degraus. Era uma escada na qual alguns homens, desde há algum tempo, já andavam a galgar; enquanto, outros, apenas se esforçavam em colocar o pé no primeiro degrau.

Curiosamente, esta reviravolta já havia acontecido há muitos séculos atrás, noutras paragens, com outros povos, por outros meios. O homem continuava igual a si mesmo!

BONDOMÍNIO

Condomínio pode ser várias coisas. Condomínio imobiliário tem significado único e certo. Mas condomínio, o deliberado, pode ser também ter domínio. Pode ser ainda domínio de muitos ao mesmo tempo sobre algo.

Colocada no placar sito logo à entrada do edifício, resistia uma folha datada 1/1/1973. Era uma convenção dos condomínios. O papel fazia parte de um texto de vários Capítulos, do qual apenas ele sobrara. Apanhara chuva, vento e calor. Sofrera também sobre o seu frágil corpo os riscos azuis e vermelhos da ingenuidade destruidora das crianças, de regresso das escolas. Dos adultos, recebera o desprezo total. A indiferença. Ninguém sabia explicar porquê que aquela A4, quase duas décadas depois, ainda estava lá. Olhando firme para eles. Que entravam e saíam todos os dias, sem lhe darem pelo menos um piscar de olhos. Certamente lá estava porque ninguém lhe ligava mesmo. Do que ainda era visível naquele papel, podia ler-se, entre outras coisas, o seguinte:

Capítulo I

DAS PARTES COMUNS E EXCLUSIVAS DO EDIFÍCIO

Art. 1. – São partes comuns do Edifício, inalienáveis e indivisíveis:

- a) – o solo em que se acha o mesmo construído;
- b) – a calçada e o calçamento da rua, as fundações, as vigas, os montantes e as lajes de concreto armado, as paredes perimetrais, as paredes mestras, mesmo sendo internas, as colunas de sustentação, a fachada e seus ornamentos, com exclusão das sacadas ou balcões, as janelas e as venezianas e, ainda, a marquise; a ossatura dos tectos e dos

assoalhos; as áreas de luz e ventilação comuns; o telhado; o portão e a porta de entrada; as escadas, os vestíbulos e os corredores de cada pavimento; o comprimento dos medidores de luz e força e de água;

c) – os reservatórios de água e a correspondente canalização, os fios troncos de luz, bem como de telefone, até aos registos, os fusíveis automáticos, ou pontos de saída, com exclusão dos mesmos, dentro de cada economia; a caixa-correio, o cabo-tronco telefónico e caixa distribuidora;

d) – as calhas, os condutos e canalização das águas pluviais; as canalizações hidráulicas, dos esgotos sanitários até ao ponto da sua ligação com as instalações de propriedade de cada economia;

e) – o corredor de entrada para o Edifício que, em simultâneo, serve de acesso ao quintal;

f) – enfim, tudo o que for de uso comum pela sua própria natureza, bem como os que vierem a ser exigidos pelas autoridades e tudo o mais que se destine a servir, indistintamente, a todas as economias.

Parágrafos único – São considerados recintos de uso exclusivo da administração do Edifício o sótão e o compartimento dos medidores de luz e materiais para a limpeza e manutenção e caixas-reservatórios de água.

Art. 2. – São partes de propriedades exclusiva de cada condómino os respectivos apartamentos, com todas as suas instalações internas, inclusive os ramais de canalização de água, esgoto, luz, telefone, canais de renovação de ar, até linhas de tronco.

Parágrafo único – A cada apartamento corresponderá uma quota ideal no terreno, sobre e ao redor do qual acha-se erigido o Edifício e das coisas comuns referidas no artigo anterior.

Para ele que sobrevivera a muitas batalhas, condomínio não significava mais do que espaços de ninguém lá no prédio. Estes deviam ser ocupados por alguém. A ocupação colectiva não vale – murmurava. Esse alguém não devia ser uma pessoa qualquer. E ele não se considerava uma pessoa qualquer. Não se inscrevia nessa desprezível lista. Ele gostava de dizer, de propósito: Bondomínio.

Este é o meu cubico. Aquele é o cubico do vizinho. O passeio é de ninguém. As escadas também. E o elevador? É do prédio. E o prédio, de quem é? Foi do colono. É de ninguém, porque o colono fugiu. O Estado apenas dá a papelada. Aqui, só os apartamentos têm dono.

Já estava no sótão vazio, sujo de poeira. O terraço é de ninguém. Não! Eu cheguei primeiro. Este terraço agora é meu. E a cave? A cave também é de ninguém. Isto está escuro. Há alguém aí? – atirou pràs trevas. O silêncio fez-se resposta. Há tão só uns tambores vazios, um balde, pano-do-chão e vassoura, que os colonos deixaram. Esta cave é minha. O quintal?! Porra, o meu apartamento é pequeno. Vou fazer anexos lá em baixo, no quintal, criar umas galinhas, mais um espaço prá garagem, um bocadinho mais pró gerador e puxo mais ali prá electrobomba e ainda sobrará para um pequeno canteiro. Aqui o que vale é quem chegou primeiro, para exercer de facto o bondomínio.

Bem! Não há makas. Mãos à obra! A SÔBARES vai me construir já um restaurante no terraço. A TELHEIRA retocará a cave p'ra virar discoteca. Até já tenho um nome para ela: "Abre o olho". A TUNGANGÔ bumbará nos anexos, lá no quintal. A JACTÁGUAS instalará a electrobomba. A JARDINAS n'duzirá o canteiro. Porra! Toda esta empreitada vai necessitar de guardas. Muitos guardas para cuidar dos mambos e intimidar os vizinhos reguilas como o Ti-Manel, famoso advogado de sanzala. O muadiê tem buê de clientes! Pensei na TRUMUNO para me enviar os seguras e fica a coisa arrumada. Cada um na sua casa com a sua mulher. Ninguém se mete! Eu tomo conta dos espaços vazios. Está no meu direito. Cheguei primeiro. Tenho cumbú e fiz. Montei o meu bondomínio. Que se lixem os vizinhos!



ESTÓRIAS À VOLTA DE BANDIDOS

I

Era um dos homens mais temidos no bairro. O controlo da Lei e a imposição da Ordem escorregavam das mãos do Estado. Da Polícia. Dos tribunais. Da sociedade, em última instância. Por isso, havia homens que aterrorizavam os bairros. Por algum tempo. Que às vezes durava muito. Mas nunca para sempre. Sendo efémeras as benesses, também não eram eternos os males. Lei natural da compensação. Contudo, eram incontáveis os estragos durante o consulado do Mal. Dissabores. Insegurança. Terror.

Estava no “Quintalão” a varrer o seu kapuka, tal como outros vizinhos religiosamente faziam-no. Convívio domingueiro. Num movimento involuntário do seu cotovelo deixou cair uma caneca de tão raro líquido. O recipiente pertencia a um mais velho, que desde o mata-bicho vinha liquidando os seus duplos. À essa idade e com o tédio e a ausência de perspectivas que preencheram a sua vida depois da reforma, constituía um ritual para o kota, visitar o lugar nesse dia santo. O velho sentava-se sempre no mesmo sítio. Lá no canto direito, bem ao fundo do quintalão. Onde estava, não lhe chegava a sombra da mulembeira. Era sombreado pelo pára-quedas que fazia de tecto.

Ninguém sabia quem fora o último utente daquele amortecedor de quedas. O Homem não parava de criar. Que necessidade tinha um animal terrestre de inventar artefactos que suavizassem os seus lançamentos de lá do alto? Precisava mesmo de subir de avião para as alturas e depois atirar-se em queda livre? Puxar a cavilha e libertar a lona que se fazia oco cogumelo colorido no ar, reduzindo a velocidade de aproximação do corpo à terra. Dedilhando as cordas esticadas que o rodeavam, o homem tomava as rédeas do seu destino. Brandamente poisava os pés na terra. Apenas a guerra poderia levar o génio do Homem a parir o pára-quedas. O controlo de posições estratégicas. Desembarque de

tropas na retaguarda do inimigo. Acções-relâmpago. Uma vez mais a força geradora da guerra! Agora, a lona oscilava ao sabor do vento em jeito de telhado. Em parelha com a mulembeira, dava sombra aos homens que afogavam as suas angústias no produto do alambique.

O líquido do velho evaporava-se de tão espalhado na mesa. *Ôh canuco, como é agora?! Você não vê onde põe o braço? Quem lhe mandou mesmo vir aqui?... se há muito lugar ali para você sentar. A solução é você pagar o duplo. E não falemos mais sobre o mambo!*

Olhou de esguelha pró ancião, com desdém e continuou a conversar com os amigos. Como é, canuco! Ainda por cima me dás as costas?! Falta de respeito, hem!... Ou pagas o duplo ou haverá sarilhos aqui. Você é que veio me encontrar onde estou...

Épa – exclamou prós amigos. *Esse velho já está a me enervar demais. Vou lhe dar um tungo pró gajo calar essa boca. Porra! Não fiz de propósito!* E levantou-se. Atirou a cadeira pró lado, de qualqueira maneira e... zás. Chumbou um borno bem no peito do kota. O mais velho foi disparado para trás pela inércia do murro. Bateu com as costas no muro. Ganhou impulso com as mãos e avançou atirando-se ao corpo do brigão. Engalfinhou-o fortemente para impedir um novo soco. Sentindo a proximidade e a dificuldade de fulminar de novo o velho com os seus potentes punhos, quiçá por instinto qual bebé ao seio, recordou-se de que o kota ainda tinha orelhas. E... hão. Mordeu com fortidão e gume de alicate um dos pavilhões do maior, que gritou até não mais poder. A luta acabou com o miúdo abocanhando-se de metade da orelha do outro. Cuspiu-a para cima da mesa. Sobre o móvel, a bebida quase já não existia. Fora enxugada pela toalha a porção que não se evaporara. Dois dos assistentes, mais ou menos embriagados, recolheram o velho e levaram-no para casa.

Dias passaram-se até que, depois de toda a estória bem contada, o neto mais velho surpreendeu o “canibal”, já embalado pelo álcool. O bandido volta sempre ao lugar do crime. É o íman do pecado. Ali mesmo, em plena Terça, foi capturado. Finalizava assim um cerco que começara tão pronto a família da vítima tomara conhecimento da ocor-

rência. Ajudado pelos primos, sovaram o bandido desprevenido e arrastaram-no bem amarrado até a casa do avô. *Aqui está vovô! Já tungamos o gajo mas isso só não basta.* O velho não sabia o que dizer. Ainda que soubesse, aos miúdos já não sobrava pachorra para ouvi-lo. Enquanto os outros rodeavam a presa, o maior dos pequenos descendentes foi à caixa das ferramentas e trouxe um portento formão. O silêncio que se seguiu construiu o consenso. Assim mesmo. Tal como se estivesse a cortar as barbatanas de um cachucho, separou as orelhas da cabeça do capturado. O sangue caiu sobre os ombros fazendo vermelhas “divisas” na sua camisa. Muita dor. Uma cirurgia sem assepsia nem anestesia. Mas os seus gritos, qual leitão sentindo o sovaco perfurar-se, não vergaram a indiferença da vizinha. Não podia ser o pior dos infortúnios que assolavam o bairro. Soltaram-no. Ainda teve forças para sair correndo. Desapareceu na primeira esquina do labirinto que suburbanizava o bairro.

A ferida secou com uns molhos de álcool e mercúrio. Mais um pózinho de penicilina procaínica. Sarou uns dias depois. Agora ouvia pouco e sentia muito vento nos parietais. Parecia um “fusquinha” sem guarda-lamas. Zumbidos. Sentia a cabeça indefesa, à mercê da aragem. A orientação espacial, o sentido de equilíbrio quando caminhasse, alterou-se. Era outra pessoa. Já não podia mover-se com a destreza que lhe era característica e continuar a fazer as habituais “visitas” nocturnas às casas alheias. Este handicap limitou as suas saídas. Tinha vergonha do seu novo visual. Mas ir à rua era uma necessidade. Vital, para quem já não tinha pais e era o mais velho dos irmãos. E quando saísse?! Nesse caso fazia-se acompanhar de um gargalo de garrafa encafuado no bolso. Andava sempre com as mãos bem afundadas nas aberturas laterais do seu calção. Os amigos já sabiam do seu truque, desde que viram-no rasgar a bochecha do Pituca quando este desatara a rir da figura patética do homem sem “abanos”. Na sua frente, ninguém podia fazer troça dele. As pessoas tinham que engolir a graça. Reprimi-la mesmo. Porque se ele se apercebesse de que a sua caricatura era motivo de chacota, sacava do gargalo e ... zás, direitinho prá cara do atrevido sorridente.

O resto dos seus dias passou-os na solidão. Com menos perspec-

tivas do que o velho, sem orelhas e com poucos amigos. O gargalo da Tubiakanga fixou residência perpétua na algibeira de um calção esfarapado, mas que ainda podia cobrir a intimidade de uma vida estropiada. A vibração das rajadas de vento atrapalhava a ginástica da sua fraca memória... *filho da pu...*, *filho da pu...* – blasfemava em alta voz, sempre que se recordasse do gajo que lhe roubara as orelhas.

II

Ted Jones era um escocês empregado numa companhia mineira lá no leste do Reino. O mais popular de todos os expatriados que naquele longínquo lugar cumpriam o seu contrato. Cedo sairá da Scotland para England e se fixara em Londres. Vivia há dez anos em Brixton, quando conseguiu o contrato para ir trabalhar no Reino.

Brixton era um bairro onde habitava maioritariamente gente de cor. Negros oriundos da Jamaica, Barbados, Granada e doutras antigas possessões britânicas nas Caraíbas. Aí, habituou-se a conviver com os morenos. Muitos eram seus vizinhos. Outros, empregados ou donos dos serviços a que, dia-a-dia, recorria. Por isso era popular, sociável, para os reinanos. Juntava-se a eles. Tentava assimilar os seus hábitos alimentares e de convivência. Bebiam os seus whiskies. Participava nas suas folias. Tudo o que constituía razão para que os seus homólogos de cor na Companhia o excomungassem. Viam-no como um branco de segunda. Além disso, Ted gostava de usar como cinto um cabo eléctrico, que enrolava à volta da cintura e fechava com um laço espalhafatoso bem encima do umbingo.

Uma noite, das tantas vezes que o fizera, convidou três colegas para uns “drinkes” em sua casa. No acampamento cada técnico tinha o seu modesto lar. Moradias baratas mas cómodas. Onde se refugiavam à noite, com contenção e nos fins de semana, com expansão. Ted era whiskófilo, whiskómano mesmo. Tratava o scotch por tu. Chegava mesmo a dormir sentado, com intervalos súbitos de lucidez em que abria os olhos apenas para levar o copo com líquido à boca, caindo depois na letargia.

Avançada já era a noite quando os convidados aperceberam-se de que alguém tentava abrir a porta da sala onde conviviam. Não esperavam por mais ninguém. O intruso insistia. Enquanto ajeitava perseverantemente o pé-de-cabra, dois dos hóspedes saíram em bicos de pés pela porta da cozinha, que ficava nas traseiras, deram a volta e apanharam-no em flagrante. Fizeram-no entrar à força e acordaram o inquilino. *Ôh Ted... ôh Ted... cangamos este bandido. O gajo estava a tentar forçar a porta com essa merda* – e apontou pró utensílio do ladrão, atirado pró lado da garrafa de Grant's. *Isto era já para roubar!*

O gatuno estava refém do susto e do medo. Os outros, esperavam que Ted, ébrio e ensonado, desse alguma ordem. Sensata, para a lógica da terra. Batê-lo, espancá-lo, queimá-lo mesmo. Estavam acostumados à vindicta. A vestir a toga em causa própria. Mais ainda, naquele mato onde faziam prospecção geológica. Ali eram a Lei e a Ordem. Um palmadinhas mais fortes nos ombros de Ted e este começa a enxergar. *O que é* – perguntou o escocês. *Bandido Ted. Bandido. Este gajo queria entrar em tua casa para roubar* – afirmou um dos colegas. *Deixem lá o homem. Até está descalço. Você quer?* – e gesticula descalçar a sua própria bota direita. *O que este homem tem é fome. Ele não queria roubar. Ele quer comer...* Os outros testemunhavam com espanto a reacção do estrangeiro. *Deixem o homem em paz* – continuou. *Senta-te aí. Você quer beber* – perguntou ao ladrão. Este sentia-se agora aliviado. Estava mais surpreendido do que os visitantes. Até parecia que fora roubar a Cristo. Assentiu com a cabeça. *Já agora* – exclamou no seu foro. Os amigos de Ted não queriam acreditar no “filme” que viam. *Este “pula” vai oferecer o nosso whisky ao bandido, em vez de porrada?!* – cochichavam-se. *Quer beber whisky?* – repetiu Ted. *Toma!* E estendeu torpemente o seu copo ao bandido. *Serve-te!* – Apontou prá garrafa que estava em cima da mesa. O larápio, agora desinibido, pegou no vasilhame e despejou o álcool no copo. Encheu-o mesmo. Mandou lixar os reinanos. Que não sabiam se riam, choravam ou batiam. Com receio de que algum arrependimento tivesse ainda tempo de chegar à mente do branco, em dois turnos engoliu o que se servira e “abriu”. Não olhou para trás, não agradeceu, nem

despediu. Deixou na sala um mar de gargalhadas.

Ted Jones continuou entorpecido, sentado, com whisky-breaks esporádicos, servindo-se do mesmo copo com que atendera o intruso noctívago.

SÓNIA GOMES

Antónia Sónia Ilunga Gomes nasceu no Luena Província do Moxico aos 26 de Junho de 1977. Obras Publicadas: *Encontro com o passado* (2005), *Por pena morreu mulemba e outros contos* (2006), *E das faltas cometidas resultaram consequências graves* (2006), *Erros que matam* (2007) e *Apenas entre mulheres e outros contos* (2008).



APENAS ENTRE MULHERES

I

A Sala de Parto ocupava um piso inteiro no enorme edifício que albergava a Maternidade Pública. Um corredor largo e longo estabelecia a comunicação entre os vários compartimentos do andar: o gabinete da chefe de Sala, o camarote, a sala de esterilização do material, as salas pré e pós-parto, a sala de parto propriamente dita e o berçário.

Eram já quase vinte horas e, depois de algum tempo preenchido por uma agitação intensa decorrentes da mudança de turnos, o sossego imperava em todo o piso. Os gemidos espaçados, escapando-se pelas frestas das portas das salas pré e parto, flutuavam por algum tempo no corredor deserto e mal iluminado para por fim serem tragados pelo silêncio que se agigantava ali.

A enfermeira chefe, uma mulher gorda e baixa, caminhava a arrastar os pés pesados ao longo do corredor, a cata de algum vestígio de sujidade nos azulejos, no chão de mosaico e nas portas. Porém, o asseio era quase impecável em todos os espaços. E, ela sentiu-se mais uma vez recompensada da hostilidade de que era alvo por parte dos funcionários da Sala de Parto que não suportavam tanta exigência de zelo no serviço.

Ao se aproximar da porta do berçário, o ruído de uma discussão atraiu a sua atenção. Abriu a porta com brusquidão e as enfermeiras ali reunidas ficaram a olhar para ela como se tivessem sido surpreendidas por um fantasma.

– O que é que se passa? Inquiriu a chefe ainda parada no limiar da porta.

As três enfermeiras, uma do berçário e duas parteiras continuaram a olhar para ela, mudas.

– Enfermeira Teresa, temos um problema. Atreveu-se finalmente uma das parteiras, apertando, como que para esconder, contra a sua bata branca um pano do congo roçado e manchado de sangue.

A enfermeira avançou dois passos e fechou a porta atrás de si.

– Que problema? E o que tem o pano que tens nas mãos a ver com o problema?

Atrapalhada, a enfermeira olhou para as colegas, baixou o olhar para o pano que tinha nas mãos, depois erguendo timidamente o rosto para a chefe, contou:

– Quando fazíamos a entrega dos bebés às mães, constatamos em um determinado momento que havia apenas um bebé e duas mães na sala pós-parto a espera dos respectivos bebés.

Calou-se e aguardou atemorizada a reacção da chefe. O medo permaneceu entre as parteiras até a dona Teresa exclamar com exasperação.

– Um bebé desaparecido!

– Não!

– A parteira balançou a cabeça e disse: houve um nado morto. E é precisamente aí onde está o problema, senhora, pois não sabemos de quem é o nado morto e o bebé que sobrou no berçário. Parou temerosa, porque nenhum dos dois tinha identificação.

Num esforço de conter a fúria, a enfermeira mordeu o lábio inferior e concluiu:

– Mas isto é fácil de solucionar. Examinem os partogramas das senhoras. Lá deverão estar registadas as condições em que nasceu cada bebé. Notando que o seu conselho não animara as enfermeiras, inquiriu.

– E então?...

– Dona Teresa, os dois partos ocorreram num momento de muita agitação, quando se fazia a troca dos turnos... Vacilou por um instante para em seguida confessar.

– Na verdade, não sabemos se estes partos foram feitos pelas enfermeiras do turno da véspera ou do nosso.

– Eu quero ver os partogramas... Explodiu a voz da enfermeira chefe e a parteira teve um instintivo movimento de recuo.

– Os partogramas também estão... não foram preenchidos!

– O que é?!

– Havia muita agitação, dona Teresa. Agora, era a enfermeira do berçário que tentava ajudar a colega.

– E éramos poucas, porque algumas colegas do turno passado tinham ido embora antes do nosso estar completo.

– Parem! Parem! Nenhuma destas razões que vocês apontam, justificam tanta irresponsabilidade. Depositou um olhar severo no rosto da parteira à sua frente. – E este pano que tens aí?...

A enfermeira voltou o olhar para as colegas atrás de si, como para se certificar da presença de uma forte retaguarda no caso da mulher gorda atacá-la.

– Quando demos conta da falha que havíamos cometido, achamos que a solução seria levar o pano que cobria o bebé que sobrou no berçário à presença das duas senhoras e perguntar a quem pertencia a peça, para daí descobrirmos a verdadeira mãe! Tornou a hesitar. – Só que...

– Só que? Impacientou-se a enfermeira chefe.

– Só que a Júlia... E dirigiu o olhar para o canto onde a colega se refugiara, permanecendo de cabeça baixa e a tremer... Cometeu um novo erro. Antes de procurar saber a quem pertencia o pano, ela contou sobre o ocorrido... Então as duas mulheres ergueram as mãos, todas elas afirmando que o pano era seu.

A senhora abanou a cabeça e, de súbito, sentiu a sua raiva e indignação transferirem-se das parteiras para as parturientes.

– Isto quer dizer que há uma senhora que sabe que o seu bebé está morto e... Sacudiu novamente a cabeça, incrédula.

– Eu quero ver essas mulheres. Dizendo isto, dirigiu-se para a sala-pós-parto, seguida por uma das parteiras.

A sala-pós-parto era um espaço pequeno, assim como os demais compartimentos da Sala de Parto. Oito mulheres estavam amontoadas nas três camas. Tremiam, algumas de dores, mas a maioria por causa do frio, pois as janelas eram mantidas abertas durante à noite para evitar que o ar se acumulasse ali, insalubre. Da porta, a parteira indicou as mães que disputavam os bebés. A enfermeira chefe avançou mais alguns passos.

Uma das mulheres indicadas pela enfermeira parecia ter mais de 35 anos e pertencer a um nível social alto. A senhora, sentada na cama

do meio, tapava sem êxito a cara com as mãos abertas e chorava em silêncio com o corpo sacudido por fortes soluços. Ocupando a cama junto às janelas, a outra, uma mulher bastante jovem e com aspecto humilde, mantinha ao contrário da primeira o rosto inchado de choro levantado como a expôr para o mundo o seu sofrimento.

A enfermeira Teresa deixou-se estar por ali algum tempo a olhar para aquelas mulheres que pareciam não dar pela sua presença. Qual daquelas mães sabia ter o seu bebé morto e ainda assim tentava ficar com o filho alheio? Correu o olhar para as demais senhoras: algumas estavam deitadas junto dos seus bebés, outras encontravam-se sentadas com os bebés deitados no colo. Teve de súbito um pensamento inesperado: Poderia se dar o caso de os bebés daquelas mulheres chorosas estarem vivos e o nado morto que se pretendia atribuir a uma delas pertencer a uma terceira? Mas a atrapalhação das enfermeiras poderia chegar a desencadear uma situação tão complicada? Abanando a cabeça, retirou-se dali para a sua sala.

II

Recolhida num cantinho da cama que dividia com mais duas senhoras, as mãos entrelaçadas em volta dos joelhos dobrados, Maria Hossi não parava de chorar. De tempos em tempos, vinha-lhe a lembrança, como uma tortura, a ameaça que o marido lhe fizera nos primeiros meses da última gravidez: “se desta vez me trouxeres mais uma menina, pegarei em ti e nas tuas filhas e mandar-vos-ei para o Huambo”. Na altura, ela não pôde acreditar nas palavras do marido. Mas o marido tanto as repetiu que passado algum tempo, ela compreendeu que o homem falava sério. E foi em sobressalto que aguardou o fim da gravidez. Voltar para a terra natal significava ir ao encontro do desamparo, do sofrimento... Saíra do Huambo para Luanda ainda pequena e órfã, adoptada pelo casal Helena e Miguel Almeida, então, funcionários da Delegação Provincial do Ministério de Assistência e Reinserção Social. No lar do casal Almeida, os seus dias tinham-se reduzido nos trabalhos

de casa: limpar, lavar, engomar, cozinhar e cuidar das crianças que durante muitos anos não pararam de nascer, não lhe sobrando tempo para ir à escola. Aos 20 anos engravidara do segurança de casa, também ele oriundo do Huambo e sem parentes.

Os dois tinham sido corridos de casa. Mas as coisas não correram tão mal... no começo. Sem demora, ele conseguira novo emprego e, com a indenização recebida dos antigos patrões, comprara uma casa humilde na zona do Grafanil, em Viana. A vida a dois tinha começado feliz, até nascer a filha. É que na tradição do marido, o primeiro filho deve ser sempre varão. Para a profunda infelicidade da moça e a ira crescente do marido as três gestações que se seguiram trouxeram apenas meninas. Na manhã daquele dia, quando lhe vieram as dores e na companhia das vizinhas ela ia abandonar a casa em direcção ao hospital, a ameaça do marido voltara a se fazer: “Se me trouxeres mais uma menina, voltas para o Huambo!”. Era verdade que a vida que levava com o marido não era grande coisa, se principalmente comparada com aquela que tivera em casa dos padrinhos.

Os cinquenta dólares americanos que o marido lhe dava mensalmente era suficiente apenas para adquirir um saco de arroz, meio de feijão e outro de fuba de milho, não sobrando dinheiro nem para comprar a água dos camiões cisternas que era distribuída pelo bairro. Sendo, por isso, obrigada a empreender quase todos os dias longas caminhadas até ao chafariz, situado a uma distância de trezentos metros da sua casa, para carregar água. A comida que ela comprava acabava muitas vezes antes de terminar o mês. Era surpreendente, mas as suas filhas mesmo sendo tão pequenas comiam como um exército.

– “Isso acontece porque elas alimentam-se pouco”. Respondera a dona Helena ao desabafo da rapariga, quando em determinada ocasião, sem comida em casa, ela fora a antiga casa pedir ajuda.

Confusa, a rapariga retrucara:

– Mas madrinha, é o que estou a lhe dizer, elas acabam com um saco de arroz num mês, cozinho um bocado de manhã, ao almoço dou-lhes feijão com pirão, outro bocado de arroz ao jantar...

– É isso mesmo, Maria Hossi, as tuas filhas comem muito porque alimentam-se pouco. O arroz simples que tu lhes dás de manhã, de tarde e à noite, enche-lhes a barriga, mas... Parara, procurando termos mais simples para que a afilhada lhe compreendesse:

– Mas elas precisam igualmente de alimentos com vitaminas, como fruta, leite...

Maria calara-se. E inclinara o rosto. A mesada que recebia do marido mal chegava para comprar as coisas que ela considerava essenciais e a madrinha estava a sugerir que a esticasse para a banana, o leite e o queijo? A mulher mais velha lera-lhe o pensamento e retomara:

– Tens de ajudar o teu marido, fazendo um negócio qualquer. Hoje em dia, quase todos os lares são sustentados por mulheres... Maria continuara ouvindo a tia, de cabeça baixa... Trabalhando como kinguilas, zungueiras...

A lista prolongara-se, mas Maria optara pelo negócio da zunga. Com o dinheiro emprestado pela dona Helena, adquiriu os produtos (roupa de baixa qualidade e de origem nigeriana e chinesa, mas identificada como brasileira) nos armazéns das Gajajeiras, no Bairro São Paulo. A cadeia de lojas defronte do antigo mercado de São Paulo, na rua Ngola Kiluanje – onde se registava um fervilhar de pessoas, entre zungueiras, compradores, pedintes, assaltantes e carregadores de mercadorias (bagageiros) – até ao cruzamento para a Rua da Brigada constituiu o primeiro trecho da caminhada de Maria Hossi.

Numa voz desprovida de convicção, ela anunciava as roupas que levava penduradas nos braços abertos em forma de cabide, cruzando a rua da Brigada, foi aparecer na Avenida Brasil. Sob o sol ardente e poeirento das 10 horas, Maria Hossi subiu até uma vez mais curvar para a direita. Na rua Lino Amezaga, vendeu apenas uma peça. Estava distante alguns metros do mercado dos Congolese e já percebia a agitação e o murmúrio de vozes misturadas com o ruído das viaturas, característicos dos mercados de Luanda. Maria Hossi encontrava-se parada no passeio cheio de areia e lixo, e olhava as senhoras que tendo abandonado o mercado vinham ao encontro dos clientes, fazer as suas quitandas à

beira da estrada e, de repente, uma algazarra se ergueu lá a frente. No primeiro instante, ela ficou pregada no chão, olhando, através da poeira que se levantara e volteava no ar, para as quitandeiras que se tinham lançado numa corrida, seguindo para todas as direcções, empurrando, atropelando umas as outras e aos clientes. No caminho, deixavam o rasto de mercadorias que elas tentavam salvar. Só quando ela divisou a carrinha cor azul parada mais adiante e a cuspir homens de uniforme azul, que empunhavam armas e cassetetes, é que ela percebeu o que se passava. Pôs-se de imediato a correr na direcção donde procedera. Ainda corria como louca, o coração aos pulos, quando ouviu dum táxi, que procedia do mercado, uma voz a tranquilizá-la:

– Moça, podes voltar, os polícias já se foram.

Maria Hossi ficou parada e, assustada, voltava a cabeça para todos os lados. A sós ou em grupos de duas ou três, as quitandeiras, há bocado corridas, faziam o regresso teimoso ao posto, gritando censuras e insultos aos polícias. Outras lamentavam pelos produtos perdidos. Cautelosa, Maria Hossi veio atrás.

Do troço que tem início no desvio da Avenida Deolinda Rodrigues para a rua Lino Amezaga até alcançar a área da Fábrica de Tabacos (FTU), cruzou com muitos outros vendedores, sendo a maioria mulheres. Grávidas ou com bebés às costas, carregando sobre a cabeça uma diversidade de produtos, as zungueiras apressavam-se para todos os lados. Seguiu pela Avenida Deolinda Rodrigues, movendo-se ora num lado da estrada, ora no outro, até alcançar o desvio para a estrada que leva ao Golf sem ter vendido uma única peça. No troço que começara agora, partindo do Supermercado Shoprite, a maior parte dos transeuntes, raros naquela zona, estavam apressados sob o sol que queimava com força. A quem ela venderia os seus produtos? Desanimada e cansada, decidiu apanhar um táxi. Parou na areia à beira da estrada alcatroada; um espaço livre estendia-se do outro lado da estrada até um pouco longe dali ao edifício da FILDA. O edifício enorme e solitário atrás era um armazém de material de construção. Então, de súbito, a solidão atacou-a. Voltou-se para todos os lados. O transeunte mais próximo dela estava

a uns cinquenta metros. Fez sinal ao primeiro táxi que passou por ela, mas estando lotado, não parou. O segundo táxi também estava apinhado de gente. Andaria mais um pouco, resignou-se. Quem sabe naquela zona, onde os transeuntes se viam pouco, mas onde não circulava nenhuma outra zungueira ela conseguisse vender algo. Com os pés a reclamarem descanso, a barriga a estoirar de fome e a garganta a queimar de sede, foi se arrastando, progredindo pouco a pouco em direcção a casa. Havia penado três horas na cumprida estrada dos Congolenses até ao Grafanil, quando avistou de longe o “Quartel General da Polícia Militar”. Lançou um olhar para trás, para o caminho que a trouxera, e não compreendeu como conseguira fazer tamanho percurso a pé. Voltou-se, e ela quase já não sentia as pernas inflamadas ao fazer o último trecho da sua caminhada.

Chegada a casa, atirou-se num banquinho. As filhas chegaram da casa da vizinha – local onde ficavam na sua ausência – e se sentaram no chão perto dela. O ar faminto das pequenas alertou a senhora de que era tempo de começar a mexer nas panelas, mas estava de tal maneira extenuada que foi incapaz de se mover, permanecendo ali até escurecer. O marido chegou do serviço mais cedo nesse dia e premiou a rapariga com uma enorme surra por não encontrar o jantar pronto.

Encolhida naquela sala fria da maternidade, Maria Hossi considerou todo o sofrimento que passava ao lado do marido menor do que aquele que deveria encontrar no Huambo caso fosse obrigada a voltar para casa sem o tão esperado filho... Atirou o olhar para o outro lado do quarto, onde se encontrava a senhora que disputava o seu bebé.

A mulher, sentada com as costas apoiadas na cama, percebeu o olhar da outra, franziu o cenho e virou-se para o outro lado. “Meu Deus! Por quê?” Questionava-se mentalmente. Estava casada há mais de dez anos e aquela tinha sido a sua primeira gravidez. O marido, um engenheiro de petróleo, originário do norte de Angola, mesmo tendo passado grande parte da sua vida na Europa, onde fizera a sua formação, o seu pensamento em relação à procriação continuava a ser bastante africano: um homem sem filhos é um homem incompleto. Por isso, vivera aqueles dez anos com Delfina inconformado.

Delfina Vemba tentara de tudo para poder engravidar, ao cabo dos dez anos não conseguira. O marido advertira então: “É com muita pena que o digo, mas se dentro de mais algum tempo não engravidares, ver-me-ei forçado a arranjar uma segunda esposa.” O desespero da mulher beirara a loucura.

Depois de muitos dias de angústia, reunindo coragem, ela conta o seu problema à sua melhor amiga. O conselho desta fora imediato: Só a frequência à Igreja do Calumbo poderia resolver aquela situação. Delfina reagira com cepticismo, falara das coisas más que se comentavam acerca daquela Igreja, mas que a amiga negara. Acabara afinal por ceder. Tivesse sido ou não fruto das rezas no Calumbo, a verdade é que ela engravidara pouco tempo depois e recuperara a confiança de si mesma, do marido, a consideração da sogra e a respeitabilidade das cunhadas. Tinha vivido o melhor tempo da sua vida durante a gravidez. É assim que terminariam aqueles nove meses de alegria e de euforia? Sem o seu filho? Não, ela não podia voltar para a casa com os braços vazios, sem a sua vitória depois de dez anos de luta e sofrimento.

A enfermeira Teresa estava sentada diante da sua mesa no minúsculo Gabinete. Ela tinha o cotovelo apoiado na mesa, o queixo na mão e batia um lápis na mesa com a ponta virada para cima. A maternidade já fora palco de muitos escândalos relacionados com desaparecimentos e trocas de bebés. Mas isso aconteceu em outros tempos, quando o governo da Sala de Parto estava a cargo de uma outra senhora. Desde que assumira a chefia da Sala que as aclamações em relação ao seu trabalho faziam ecos em toda a Maternidade. Não, ela não podia permitir que aquele infeliz incidente manchasse o seu tão reputado trabalho. Não! Iria tentar encontrar uma solução sem que a questão chegasse ao conhecimento das autoridades superiores. Fechou os olhos cansados e uma ideia iluminou de repente a sua mente como numa providencia. Pousando o lápis, ergueu-se, mas uma dúvida tentou travar o seu avanço quando ia se aproximando da porta: Daria certo? Era uma questão de tentar. E com determinação abandonou a sua sala, pondo-se a caminhar em direcção ao berçário.

Constatou que na pequena sala tinha chegado mais quatro bebés. Feliz pelo facto, a dona Teresa deu algumas instruções as enfermeiras e,

depois de cumpridas, pediu as mulheres que trouxessem a senhora Josefina Vemba ao Berçário. A parturiente chegou caminhando alguns minutos depois, ela vinha vergada mais pela tristeza do que pelas dores. A enfermeira chefe – sentada com as costas apoiadas na parede, um braço nas costas da cadeira e o outro estendido sobre a mesa – olhou a mulher a sua frente e verificou que o seu aspecto denunciava a agitação que lhe ia na alma.

– Dona Delfina, a senhora seria capaz de reconhecer o seu bebé dentre os vários bebés deitados ali?

Ela voltou-se para a enfermeira, pousando sobre a mulher gorda um olhar onde imperava uma expressão vencida. Permaneceu muda por algum tempo para em seguida murmurar:

– Não sei, eu estive com ele apenas por alguns segundos...

– Mas faça um esforço. Um desses bebés aí é seu? Aproxime-se e veja se consegue reconhecê-lo. Ela hesitou por alguns instantes. Sentia-se fraca e confusa.

Ela caminhou até o primeiro berço, porém se controlou e adoptou ali uma postura digna. Atirou um olhar de relance aos bebés que pareciam iguais em função da forma como estavam embrulhados. Deteve-se então no primeiro. Depois andando de lado, passou para o segundo berço. Demorou o mesmo tempo na inspecção da criança. Ao passar do segundo para o terceiro berço, tropeçou em algo, inclinou o rosto e viu um pano enrolado e abandonado entre os dois berços, porém estava encostado ao segundo berço.

A enfermeira vigiava ansiosa os movimentos da senhora do lugar onde se encontrava, isto é, junto à mesa pequena. Daria certo o seu plano? Delfina ficou parada alguns segundos, como que presa por uma indecisão qualquer. O seu olhar quase passou de raspão no terceiro berço. No quarto o seu exame foi também breve. Andando sempre de lado, fez o caminho de volta. Suspirando fundo, voltou-se em direção às mulheres para proclamar: O meu bebé é este. E indicava o do segundo berço.

A enfermeira chefe olhou para as suas colegas e fixando a parturiente, inquiriu:

– Tem certeza?

Ela balançou a cabeça de modo afirmativo.

Chegou então a vez de Maria Hossi. Ela aparentava calma, mas no íntimo sofria bastante. Quando a enfermeira inquiriu se seria capaz de reconhecer dentre os quatro bebês o seu, ela simplesmente desabou num choro convulsivo.

– Quer sentar-se um pouco? A enfermeira chefe ergueu-se, deixando-lhe o assento. Ela recusou e levantou uma ponta do pano que envolvia o corpo até o rosto e limpou as lágrimas aproximando-se da fileira de berços. Deteve-se no primeiro e de seguida abanou a cabeça. Passou para o segundo berço e examinou o bebê. Voltou a abanar a cabeça com violência. A reacção foi a mesma diante dos outros dois bebês: um violento movimento de cabeça.

Então, voltando-se para as mulheres esgotadas que a olhavam com expectativa, ela gritou:

– Para onde levaram o meu bebê? O que fizeram com ele?

A gritaria da mulher desencadeou um coro de choros miúdos. As enfermeiras apressaram-se em direção aos berços para fazer calar os pequenos. A enfermeira chefe ante o choro da mulher insinuou um sorriso. Tinha obtido o resultado desejado, ela descobrira a usurpadora.

III

Dona Teresa encontrava-se de pé, olhando a cidade do seu minúsculo Gabinete através da janela aberta. Uma brisa matinal de Agosto acariciava-lhe o rosto, aliviando-a do cansaço resultante de uma longa e agitada noite. Virou-se ao ouvir a porta abrir-se.

Dona Delfina estava parada no limiar da porta. Ao sinal da enfermeira Teresa, avançou alguns passos, mas estacou. As duas mulheres olharam-se como que para adivinhar o que se passava no íntimo uma da outra. Os passos da enfermeira que conduzira a Delfina até ali, ouviram-se agora distantes.

– Sente-se. Convidou a enfermeira, contornando a secretária para tomar também o assento.

Devagar, Delfina obedeceu, sentando-se numa cadeira diante da enfermeira de lado, é claro, por causa das dores da sutura. Registou-se um pequeno e angustiante instante de silêncio durante o qual a enfer-

meira entreteve-se a organizar a papelada sobre a sua mesa e a paciente ficou simplesmente a olhar para o chão.

– Então, dona Delfina. Começou a enfermeira, mas parou esperando que ela erguesse o rosto. A paciente não o fez e a senhora prosseguiu: Porque fez aquilo?

O vento começou a soprar mais forte e fez rumorejar as janelas. A sala ficou mais fria, fazendo Delfina sentir-se mais fragilizada. Não se achava mais com coragem para argumentar, nem para se defender, por isso, continuou muda.

– Porque quis ficar com o bebé alheio? Repisou a enfermeira Teresa.

Ela não respondeu, e juntando as mãos no colo, dirigiu o olhar para a janela. O céu estava cinzento e melancólico como a sua alma naquele momento.

– O que vai acontecer comigo? Vão me prender?

A enfermeira ergueu a mão gorducha, esboçou em vão um gesto para apanhar um mosquito. Voltou a pousar o membro pesado na mesa:

– Eu perguntei primeiro: Porquê quis ficar com o bebé alheio?

A boca de Delfina insinuou um sorriso com uma expressão de ironia impotente e resignada para em seguida olhar para a enfermeira e interrogá-la:

– A senhora sabe o que é viver dez anos com um homem sem poder ter filhos? – Hesitou por algum tempo para retomar numa voz embargada por enorme tristeza. – E como se não bastassem as suas cobranças silenciosas, suportar a chacota das cunhadas, os olhares jocosos da sogra e os cochichos das vizinhas?

A enfermeira calou-se e ficou pensativa. O vento continuava a uivar ao roçar os vidros da janela.

– Mas este argumento não pode servir de desculpas para o mal que esteve quase a cometer... Ela fez uma pausa como para sublinhar o seu discurso.

– A senhora perguntou-me se a iríamos prender? É exactamente assim que se deve proceder nestes casos: a senhora roubou durante horas a tranquilidade a uma mãe. E parou esperando novamente a

reacção de dona Delfina. Ela curvou a cabeça, subitamente consciente da monstruosidade do acto que pretendia praticar. O seu desejo de ser mãe suplantara a sua consciência, os seus princípios. O medo da rejeição pelo marido roubara-lhe o discernimento. Por alguns instantes, manteve-se quieta, mas as suas defesas cederam alguns segundos depois e o choro que reprimira durante tanto tempo acabou por explodir. Em seguida expôs tudo que estava reprimido:

– Que lhe prendesse, estariam a lhe fazer um grande favor! Pois era preferível enfrentar um juiz e a prisão do que voltar para casa para encarar o marido com a percepção de que havia falhado mais uma vez.

A enfermeira, apoiando as mãos na mesa, ergueu o corpo pesado e, aproximando-se da infeliz, pousou-lhe as mãos nos ombros:

– Não chore. A senhora já mostrou que é capaz. Calou-se porque não achava as palavras. Não se sentia à vontade na pele de consoladora. Era mais chegada às ralhes e às ordens. – Volte para sua casa, para junto de seu marido que no próximo ano eu estarei aqui a sua espera... e serei eu mesma a lhe fazer o parto.

Ela ergueu o rosto coberto de angústia e de lágrimas à mulher a sua frente:

– E a prisão...?

A senhora olhou-a. E pela primeira vez desde que chegara ali, Delfina testemunhou ternura no rosto de alguém.

– O assunto está enterrado. As minhas colegas estão instruídas a manter segredo sobre o sucedido.

Diante desta fala, Delfina ficou quieta a olhar para a enfermeira e surpresa com tamanha demonstração de bondade.

– Não sou tão má quanto a minha imagem exterior pretende mostrar. Defendeu-se a senhora.

Limpando as lágrimas com as costas da mão, Delfina esboçou um sorriso envergonhado. Na verdade, esta era a ideia que o seu aspecto e atitudes tinham passado à paciente.

Vendo que a senhora estava mais calma, a enfermeira voltou para o seu lugar.

E dona Delfina resolveu interrogá-la:

– Como descobriu... como percebeu que?... – Não foi capaz de completar a frase, mas a enfermeira percebeu a pergunta.

– O primeiro aspecto que chamou a minha atenção foi o pano. Dona Delfina, o pano em que foi embrulhado o bebé identificava-se mais com a condição social de Maria Hossi do que com a sua. A enfermeira recostou-se para trás, tamborilando com os dedos sobre a mesa. Mas eu não podia simplesmente me basear nesse pormenor para afirmar que o bebé era da pobre mulher. Veio-me então a ideia de vos submeter ao teste, usando de novo o pano como isca. Olhando para dentro dos olhos vermelhos de choro da mulher, declarou: Foi de propósito que eu deixei o pano ao lado do segundo berço. Sabia que a senhora iria ao apontar um bebé se guiar por ele. Fez-se um momento de silêncio. Então, a senhora prosseguiu: Nenhum daqueles pequenos que se encontravam ali era o bebé em causa. E foi justamente isso que a Maria Hossi percebeu.

Duma sala vizinha chegou o grito lancinante duma mulher em trabalho de parto, cortando por instantes o silêncio que se impusera ali. Delfina estremeceu:

– Eu queria fazer algo por essa mulher, como uma forma de compensar o sofrimento que a obriguei a passar... Porém uma forte emoção impediu-a de completar a sentença.

– Sim?

A voz vibrante de tristeza, fez-se ouvir novamente:

– Se ela aceitar, quero lhe oferecer um enxoval de bebé completo.

– A enfermeira fixou-a e ela compreendeu o seu olhar. Prosseguiu:

– Eu tenho possibilidade de fazer um novo enxoval ainda que volte a engravidar logo.

A enfermeira riu-se:

– Acho que a Maria Hossi vai ficar muito agradecida.

UMA COINCIDÊNCIA EXTRAORDINÁRIA

I

Uma viatura de marca Toyota Kumute, azul e branca, corria velozmente no trânsito sem engarrafamento de sábado, na estrada alcatroado do Bairro Benfica para o do Gamek, fazendo paragens ocasionais para deixar um passageiro ou levar outro. Entre os quinze ocupantes que se comprimiam numa viatura concebida para transportar onze pessoas, estava uma senhora grávida. Acometida por fortes e desconhecidas dores, Ermelinda ocupava com mais três indivíduos o banco do meio. Tinha a cabeça encostada ao vidro da janela e o rosto voltado para a rua. Diante dos olhos embaciados da mulher desfilavam como num concurso as novas vivendas erguidas em espaços irregulares cuja beleza e riqueza arquitectónicas contrastavam com a simplicidade das primeiras construções do Bairro Morro Bento. A dor agudizava e a mulher soltava gemidos cada vez mais altos nos saltos, paragens e arranques bruscos do táxi, porém tudo isso era abafado pela música ruidosa do carro e pelo rumor das conversas entre os seus companheiros de viagem. Quando o táxi começou a se aproximar da Clínica “Santa Catarina”, ela esforçou-se por elevar a voz acima do ruído da música, gritando:

– Eu fico aqui!

O táxi parou em frente à Clínica e com a ajuda do cobrador, Ermelinda saiu do veículo. Sentiu o sol do meio-dia bastante forte sobre a cabeça. O mês era Março. O guarda do estabelecimento estava parado junto aos portões e foi na direção de Ermelinda quando viu que ela caminhava cambaleante com o tronco inclinado para frente e as mãos agarradas ao ventre. Ajudou-a a atravessar o portão para o pátio apinhado de mangueiras e cajueiros. Amparada pelo guarda, ela caminhava ao longo da curta estrada de alcatrão, marginada de um relvado bem cuidado e que conduzia a entrada principal da clínica. O edifício era

uma estrutura de metal, comprida e com um único piso. O homem de uniforme verde fez entrar a moça numa sala larga e climatizada, com cadeirões confortáveis em que se sentavam umas quinze pessoas. Na extremidade da sala sobressaía um balcão, atrás do qual se encontrava uma rapariga de uniforme e touca brancos. Foi para lá que o segurança conduziu a mulher cada vez mais fraca, deixando-a apoiada no balcão depois de uma troca de palavras com a enfermeira-recepcionista.

– O que é que a senhora pretende?

A voz da enfermeira soou aos ouvidos de Ermelinda como se vinda de muito longe. Continuou com o rosto afundado nos braços cruzados sobre o balcão.

– Eu acho que ela pretende ter o bebé! – Ironizou um cliente acabado de chegar. – E a senhora enfermeira, em vez de ficar aí parada, deveria dar volta ao balcão e acomodar a doente num sítio qualquer.

A enfermeira ergueu o rosto para o recém-chegado. Era um homem alto e de meia-idade, um empresário bem sucedido, que ajudava constantemente instituições de caridade, hospitais e amparava outros necessitados, o que fazia dele uma pessoa conhecida entre os luandenses.

Ignorando o tom sarcástico do homem, a enfermeira voltou-se novamente para a Ermelinda:

– Se é um parto que a senhora vai fazer, são 900 dólares americanos!

As dores pareceram afrouxar e os seus sentidos intensificaram-se novamente, despertando-a para a sua crítica situação. Estava numa clínica que lhe pedia um valor exorbitante para realizar um parto e ela trazia apenas 300 Kwanzas na carteira. Era o necessário para realizar o objectivo a que se propusera quando saíra de casa: visitar uma tia no Bairro Cassenda. Mas o filho anunciara a sua chegada em lugar e momento impróprios: quando ela se encontrava dentro de um táxi. As dores eram tantas que não tendo mais dúvida sobre o que estava para acontecer, ela decidira abandonar a viatura ao ver a primeira maternidade.

Ermelinda deixou-se cair no chão. O homem a seu lado baixou-se para a moça que atacada por fortes dores fazia grandes esforços para respirar...

– Minha senhora, como se sente? Foi a única coisa que lhe ocorreu dizer.

Mas ela só conseguiu murmurar:

– Eu não trouxe dinheiro.

– Menina enfermeira, esta senhora precisa de assistência. Observou alto e zangado. Nessa altura, a situação já despertara a atenção das pessoas espalhadas na sala que iam se aproximando pouco a pouco.

Para se defender dos olhares de acusação que pousavam nela, a enfermeira gritou:

– Mas ela não tem dinheiro. Isto é uma clínica privada e não um hospital do governo!

– O empresário ergueu-se e soltou um suspiro de exasperação:

– Mas até quando seremos obrigados a assistir impotentes a cenas tão tristes?

E ao protesto do empresário juntaram-se murmúrios de indignação das pessoas reunidas em torno de Ermelinda. Uma voz sombria ergueu-se da multidão, quebrando o grande silêncio que caíra sobre a sala.

– Há dias presenciei a um espectáculo semelhante:

– Uma rapariga que havia sofrido um choque eléctrico, chegou a uma clínica privada em coma. Os vizinhos a socorreram porque os pais estavam ausentes, mas foram à clínica sem dinheiro, chegando lá os funcionários da clínica limitaram-se a ver a rapariga morrer...

O rumor de indignação e de descrédito cresceu como uma onda agitada pelo vento. A enfermeira baixou a cabeça e entreteve-se a organizar uma série de papéis sobre a sua mesa como a esquivar da tensão que se fazia sentir em torno da sala. Por fim, ela ergueu o rosto, evitando cruzar no entanto o seu olhar com os de acusação que pousavam sobre ela.

– Eu estou aqui para cumprir ordens.

A rapariga quase gritara, mas medrosa baixou a cabeça enquanto terminava:

– A clínica não é minha.

– Está bem! Decidiu o empresário, levando a mão ao bolso.

– Eu assumo as despesas.

O burburinho de vozes foi se extinguindo à medida que as pessoas se afastavam para os seus lugares e o empresário entregava algumas notas verdes a recepcionista.

O grito agudo de Ermelinda, que se pusera de costa com os joelhos flectidos, varreu a sala e a moça agarrou-se instintivamente na perna do empresário. A cabeça do bebé desprendeuse. Agitada, a enfermeira pegou no telefone e o homem baixou-se para a moça, pegando-lhe as mãos. Instalou-se um alvoroço, enquanto alguns pacientes atraídos pelo espectáculo tentavam aproximar-se e a recepcionista esforçava-se para afastá-los dali. Duas parteiras carregando uma maca, uma outra trazendo uma manta pequena e um jogo de trabalho de parto chegaram apenas em tempo de retirar o resto do bebé das entranhas da mãe. Após o corte do cordão umbilical, a enfermeira mostrou o bebé que envolvera na manta castanha à mãe ainda deitada no chão:

– Olhe, é um rapaz.

Quase esquecida das dores, Ermelinda sorriu e ao ver a enfermeira retirar-se, ela suplicou:

– Deixe-me ver uma vez mais.

A enfermeira obedeceu. Ela fixou novamente o bebé, bastante impressionada. E sem dar por tal, as lágrimas começaram a cair por suas faces. A enfermeira retirou-se com o bebé. O seu benfeitor baixou pela terceira vez para ela e sorriu-lhe:

– Sente-se feliz?

Ela olhou-o também, sorridente.

– Obrigada!

– Por favor! As duas maqueiras pediram licença para levar a parturiente.

O empresário afastou-se e elas colocaram com muito cuidado a mulher na maca.

O berçário era um quarto pequeno e rectangular. Uma das paredes compridas era abarcada por uma fileira de berços, o lado oposto era ocupado por um armário longo sobre o qual pousavam diferentes má-

quinas. Na parede estreita do lado da porta estava uma mesa com um banquinho. A enfermeira encontrava-se sentada junto à mesa com o corpo voltado para o lado das janelas e os olhos cansados postos nos berços vazios, como se esperasse o momento em que fossem receber um bebé. Pois numa clínica em que os partos eram raros, essas ocasiões eram igualmente escassas.

De repente como se em resposta ao seu anseio, a porta abriu-se e uma colega entrou com um bebé embrulhado num cobertor castanho.

– Trouxe-te um filho para cuidares!

– Oh, temos uma visita! Exclamou, levantando-se e pegando num par de luvas para calçar.

– Parece ter um bom apegar! Comentou a colega, colocando o recém-nascido sobre a balança e atirando o partograma sobre a mesa.

O bebé tinha um bom apegar, constatou a enfermeira do bercário ao proceder aos exames necessários. Preencheu o partograma e depois de acomodar o bebé num dos berços, sentou-se de novo junto a mesinha. Inclinando-se sobre a mesa, pegou na caneta e começou a fazer a pulseira (manilha) num minúsculo pedaço de papel com a identificação da mãe para ser acoplada ao pulso do bebé.

A porta voltou a abrir, mas com brusquidão. Sobressaltada, a mulher voltou-se para a nova colega que entrara a correr, com um bebé ao colo e depois de o colocar num dos berços, ia sair do mesmo modo.

– Tens aí mais um bebé para cuidares. Anunciou a parteira já à porta.

– Espera! Pediu a enfermeira do bercário agarrando-a pelo braço.

– Para que essa pressa toda? Onde está o partograma?

Limpendo com o braço livre o suor que lhe escorria no rosto, ela explicou:

– Este bebé nasceu na recepção. A senhora chegou com o trabalho de parto já bastante adiantado e... Libertou o outro braço e fez um gesto de quem espalha algo com as mãos manchadas de sangue.

– Foi mesmo ali no chão, diante de todos.

– Ah, ah, ah. Riu-se a mulher.

– Com todos os homens ali?
– Sim. Agora tenho de ir limpar a recepção. A senhora transformou aquilo num poço de sangue. Chau. Saiu em disparada.
– Manda-me logo os dados da mãe para eu poder fazer a manilha do bebé.
– Sim. Respondeu a outra já na esquina do corredor.
Ela voltou para o seu lugar, pegou na pulseira onde constava a identificação do primeiro bebé e ao se aproximar dos berços, estacou. Olhou para um e para outro bebé e de repente achou-os bastante parecidos.

II

Juntamente com o médico, entrou no pequeno quarto ocupado pela Ermelinda uma enfermeira com o bebé no colo. Ermelinda e a tia, que se sentara numa cadeira ao lado da cama da sobrinha, trocaram olhares cheios de expectativa e virando-se novamente para a porta contiveram a respiração. A enfermeira atravessou a sala e entregou o bebé a mãe. O Dr. Moisés que parara a uma certa distância, perguntou:

– Está feliz, minha senhora?

Ermelinda ficou calada, examinando o bebé. Apenas a dona Aurora debruçada sobre a sobrinha, exclamava:

– Meu neto, é tão lindo!

– Então, minha senhora, está feliz? Insistiu o médico.

– O semblante de Ermelinda se transtornou. Fixou a tia, depois o médico com os olhos contraídos pela inquietação:

– Este bebé não é meu!

A tia agitou-se, endireitou o corpo gordo e continuou a olhar a sobrinha, muda.

O médico e a enfermeira entreolharam-se com os olhos cheios de admiração e surpresa, mas não souberam o que dizer. Do corredor chegou o rangido das rodas de uma maca no mosaico.

E fazendo o gesto de entregar o bebé que começara a chorar a enfermeira, repetiu:

– Este bebé não é meu!

– Filha, espera! Adiantou a dona Aurora recebendo o bebé. Há sete meses que as duas mulheres viviam juntas e no decorrer deste tempo a sobrinha tinha-se revelado uma pessoa bastante estranha. A tia que observava com preocupação os modos reservados da menina, os seus freqüentes estados de angústia e de apatia, atribuía esse comportamento ao facto da rapariga estar a viver um momento tão delicado como a gravidez sem o amparo do companheiro. Mas isto não podia levá-la ao ponto de recusar o próprio filho.

– Se me dão licença, gostaria de ter um minuto com a minha sobrinha! Rogou.

– Não! Ela quase gritara e amainando a voz, declarou:

– Tia, este bebé não é meu!

Aquela sonoridade era nova na voz da sobrinha e a senhora emudeceu.

– Deixa-me ficar um instante com o Dr. Moisés.

O médico fez sinal para que as duas mulheres se retirassem. Quando a dona Aurora e a enfermeira saíram do quarto, o homem aproximou-se dela e puxando o banco, sentou-se para ouvi-la.

– Doutor, aquele bebé não é meu. Enquanto falava, pegou nas mãos do médico e reteve-as entre as suas.

– Não é o bebé que a enfermeira me mostrou, depois do corte do cordão umbilical. Parou para começar mais agitada:

– Aquele não é o meu filho!

– Acalme-se, minha senhora. Aconselhou o obstetra.

– Como pode ter tanta certeza? A senhora viu-o apenas por alguns instantes e ainda sobre o efeito do parto... Como uma criança mimada, ela abanou a cabeça diversas vezes.

– Doutor, aquele não é o meu filho! Tente averiguar. Não estou a colocar em causa a idoneidade da clínica, mas as suas enfermeiras podem ter se enganado. Olhou-o nos olhos.

– É normal isso acontecer.

A quem ela ensinava aquilo? Ele sabia que na agitação dos partos, desaparecimentos e trocas de bebés podiam acontecer, mas em mater-

nidades públicas onde ocorrem muitos partos ao mesmo tempo, não numa clínica onde eles se registam vez ou outra e a responsabilidade dos profissionais envolvidos deve ser redobrada. Encarou a paciente, esta susteve o olhar e nessa fracção de tempo, o médico percebeu a sua determinação em levar aquela história até as últimas conseqüências.

– Está bem. Suspirou, erguendo-se.

– Vamos averiguar o que terá se passado.

– Doutor, por favor!...

Perturbado, ele reiterou a promessa:

– Prometo fazer o que estiver ao meu alcance para esclarecer a situação.

Ainda com a mão do médico presa nas suas fixou-lhe com gratidão:

– Faça-me esse favor, peço-lhe encarecidamente!

Cinco minutos depois, o médico encontrava-se na sua sala, pensativo. Teria mesmo ocorrido uma troca? Os únicos partos nas últimas vinte e quatro horas tinham acontecido na mesma altura, um na sala de parto e o outro na sala de espera, os bebés encaminhados ao berçário, quase em simultâneo. A troca só poderia ter se dado naquele momento. Ocorreu-lhe falar com a enfermeira do berçário em serviço na ocasião, mas desistiu. Para salvaguardar o seu emprego, ela juraria que procedera com atenção. Depois, falar com ela, tornava o caso bastante público e isso não seria bom para a clínica. Trocas de bebés não eram, de facto, boa publicidade para uma maternidade. Então, o melhor seria mesmo restringir aquela informação à enfermeira que testemunhara a recusa da criança pela mãe e a uns poucos colegas que iriam colaborar nas investigações que ele pretendia levar a cabo.

Caminhou até à janela e ficou a olhar para a rua. Às dez horas, o movimento tanto de peões como o de viaturas era raro. Um homem de uniforme azul, à beira da estrada, mandou parar uma viatura. O automobilista desceu com os documentos na mão e dirigiu-se a ele. Enquanto o agente da ordem pública, que não se movera do seu lugar, se demorava na inspecção dos documentos que lhe entregara o condutor, os poucos passageiros impacientes abandonaram o Hiace e meteram-se num outro táxi

que parara mais adiante. O médico desviou a sua atenção daquela cena caricata e comum nas estradas de Luanda para o seu problema.

E se a recusa da senhora em levar a criança consigo resultasse de um capricho? Veio-lhe a questão. Não, havia muita firmeza na moça em dizer que o bebé não era seu!

Cansado de fazer especulações, decidiu chamar o pai, cuja criança teria provavelmente sido trocada pela a da senhora. Era um cliente antigo da casa. Tinha desenvolvido certa simpatia pelo rapaz durante o tempo em que a esposa esteve a ser seguida pela clínica. Poderia entender... e colaborar.

O Dr. suspirou e começou a explicar o que se estava a passar. O jovem sentado numa cadeira em frente da secretária simplesmente riu quando o médico terminou a história:

– Não, não! Riu novamente.

– Tem de haver algum engano. O bebé desta mulher pode ter sido trocado por qualquer outro bebé, menos pelo meu! Afirmou peremptoriamente. Nunca antes tivera tanta certeza de qualquer coisa.

O Dr. fincou os cotovelos na mesa e pousando o queixo sobre os dedos entrelaçados, fixou o homem a sua frente.

– Acontece que anteontem, a nossa clínica registou apenas dois nascimentos.

Houve um angustiante instante de silêncio. O homem remexeu-se inquieto na sua cadeira e respondeu à pergunta silenciosa do médico:

– Basta um único olhar para aquele menino e qualquer um tem certeza de que ele é meu filho. Ele é extraordinariamente parecido comigo!

– Não se pode concluir que uma determinada criança seja filho de alguém alegando a evidência da parecença entre os dois.

Luís Pedro inclinou a cabeça, vencido. O silêncio pesou na sala, oprimindo os homens.

– Tudo isso pode passar de um engano. Voltou o médico:

– Pode ter acontecido a troca de bebés, assim como não. Mas para que uma ou outra hipótese seja comprovada temos de recorrer a um teste de paternidade por exame de DNA.

– DNA? Exclamou sem conseguir esconder a sua perplexidade. Exame de DNA era algo que ouvira falar em nível de filmes e novelas. Nunca lhe ocorrera que aquilo viesse alguma vez acontecer na vida real e pior ainda na sua própria vida!

Do lugar onde se encontrava sentado, ele olhou pela janela e para além do muro observou um caminhão que passava diante da clínica, a carroçaria repleta de produtos do campo.

– Se o senhor permitir... Assim acabaríamos com todas as dúvidas. Criará muitos embaraços para a clínica se essa conversa ultrapassar as suas fronteiras. – O médico interrompeu a conversa e pegou no telefone.

– Josefina, traga-me dois cafés, por favor! E virando-se para o cliente, começou a explicação:

– O exame de DNA é o mais confiável teste de paternidade existente.

– Mas então. Cortou Luís Pedro como se não tivesse prestado atenção a uma única palavra do médico.

– Preterimos os hospitais públicos a favor das clínicas privadas e veja o que nos sucede...

O médico apoiou as mãos na margem da mesa e recostou-se contra a cadeira:

– Perdoa-nos esses constrangimentos. Mas entenda a nossa situação...

Luís Pedro guardou silêncio. Parecia ordenar os pensamentos antes de se esforçar para perguntar:

– E como seria feito isso?

– O exame de DNA consiste em comparar o material genético do descendente com o dos alegados pais. Aguardando a saída da enfermeira que trouxera o café, ele calou-se.

– Neste caso teríamos de fazer colecta de um pequeno volume de sangue do senhor, da sua esposa, o da criança e também da outra senhora e do bebé que ela rejeita para serem enviados à África do Sul. Parou e encolheu os ombros. Infelizmente, em Angola ainda não se faz exames destes. No rosto de Luís ainda persistia um ar de hesitação, enquanto exigia:

– Quero que tudo isso se faça de modo que a minha esposa não se aperceba. No meio da euforia que tinha tomado conta dos seus irmãos e pais pela chegada do novo membro à família e muito mais ainda por este se parecer extraordinariamente com Luís Pedro, o obstinado silêncio da esposa e a sua estranha atitude, permanecendo durante todo o tempo isolada tinham-no chocado e perturbado a toda família.

– Ela não tem andado bem!

O médico esvaziou a sua chávena de café:

– E porquê ainda não a trouxeram cá?

Luís atirou um olhar ausente para o seu café ainda intacto.

– Um amigo da família diz que ela pode estar a passar por uma depressão pós parto, necessitando para ultrapassar isso de tempo e atenção dos parentes.

O médico abanou a cabeça num gesto de concordância. E Luís ficou a pensar em como se fariam os exames sem que a mulher tomasse conhecimento.

III

O anexo ainda em construção na extremidade do quintal, a bacia cheia de loiça por lavar pousada ao lado da porta de trás da casa grande, o tanque numa esquina cheio de água usada e a gotejar, o banco de madeira corrido inclinado contra o tronco da mangueira na parte dianteira do quintal, conferiam um ar sombrio, de abandono ao espaço. Por toda a casa emanava um silêncio recolhido, perturbado de tempos em tempos pelo cacarejar de uma galinha e do ladrar insistente de um cão vindos do quintal vizinho.

Ermelinda estava deitada de costas numa esteira à sombra da modesta casa da tia Aurora ao lado da porta que dava para a sala. De quando em quando, pegava com gestos impacientes no telefone móvel pousado ao seu lado e lançava olhares ansiosos para o aparelho. O Dr. Moisés prometera ligar-lhe naquele dia para lhe informar sobre o resultado dos exames de DNA. A certa altura, espreitou para dentro, para a

alcofa abandonada num cantinho da sala aonde jazia o bebé que o médico a obrigara levar consigo. Há três semanas que ela vivia com o menino, mas nem a sua beleza, nem a sua tranquilidade conseguiram fazer Ermelinda se afeiçoar ao pequeno, talvez ele pressentisse a sua presença indesejada. A tia que testemunhara a recusa do bebé pela sobrinha ficara muito chocada e notando a forma indiferente como ela cuidava do menino, resolveu cuidar dele.

Ermelinda sentiu uma culpa pesando-lhe no peito. Mas logo encolheu os ombros. Aquele não era o seu filho, seu e do... O ruído de passos vindo de dentro interrompeu os seus pensamentos. A tia assomou a porta e ficou a olhar para a sobrinha que ía mirrando de preocupação por uma causa que a sua alma simples considerava incompreensível. Que loucura, rejeitar o próprio filho. Continuou a cogitar a senhora. Coitada da menina, devia tê-la perturbado muito o abandono do namorado.

– É um menino tão bem comportado. Até parece um adulto. Comentou com um sorriso a aflorar-lhe no rosto gordo.

Ermelinda não reagiu ao comentário da tia. A senhora tentava fazer de todas as formas com que a sobrinha gostasse do bebé, que ela acreditava ser seu neto. Uma das tentativas consistira em repetir durante dias que o menino se parecia com o seu irmão, o pai da Ermelinda.

Era já fim do dia quando Luís Pedro muito ansioso conseguiu chegar à Clínica “Santa Catarina”, depois de enfrentar um infernal engarrafamento. Os resultados dos exames de teste de DNA, que ele e o filho foram submetidos, já tinham chegado da África do Sul.

– Senta-te! Convidou o médico que fechara a porta e caminhando atrás de Luís contornou a secretária, tomando o seu lugar.

– Então como tem passado a tua esposa?

A esposa continuava deprimida, porém Pedro não estava muito animado a dar explicações acerca do estado dela naquele momento. A verdade é que começava a se sentir saturado daquilo.

– Ela não tem passado bem. Fez um gesto de negligência com a mão.

– Mas os entendidos na matéria dizem que é uma questão de tem-

po. Logo, logo as coisas se resolverão! Cruzou as mãos no colo e olhou para o médico.

– Então?

– As notícias não são animadoras, pelo menos do meu lado. Os exames mostraram que o bebé que está em tua posse é teu filho...

Luís Pedro recostou-se para trás e deixou escapar um suspiro de alívio. Apesar da sua convicção de que o menino era seu filho, fora muitas vezes perturbado pelo pensamento de estar com uma criança alheia.

– Doutor, essa mulher não deverá estar a passar igualmente a minha esposa por uma depressão pós parto? A minha esposa não rejeita o nosso filho, mas é como se o fizesse, não lhe dá a mínima atenção.

– É, resolveu-se um problema e sobrou-nos outro, os exames mostraram igualmente que o...

O médico foi interrompido pelo ruído dos telefones móvel do cliente e do fixo pousado na sua secretária que começaram a retinir ao mesmo tempo.

– Aló. Disseram em unísono.

– A dona Ermelinda já chegou? Questionou o médico com a pessoa do outro lado da linha. Ao ouvir a menção do nome, o coração de Luís disparou, mas concentrou-se para ouvir a pessoa que lhe falava a partir de um outro telemóvel.

– Josefina, mantenha aí a senhora. Continuou o médico.

– Diga a ela que espere um bocadinho enquanto atendo o Sr. Luís Pedro. Pousou o telefone e notando a transformação operada no semblante do jovem, inquiriu:

– O que se passa?

– Falava com o meu irmão. Ele e a minha esposa estão neste momento a caminho da clínica. Baixou o olhar para o telefone abandonado nas mãos.

– O meu irmão diz que a minha esposa teve uma crise e a meia hora que tentavam ligar para mim, sem êxito. Penso que era devido a distância. Graças a Deus, teve o bom senso de encaminhá-la para aqui. Devem estar já a entrar.

O médico ergueu novamente o auscultador do telefone pousado na sua mesa.

– Josefina, peça desculpas a senhora que está aí a minha espera e diga-lhe que volte amanhã, à mesma hora. Desligou e fitou o jovem que cansado se afundara na cadeira.

– Não sei se conseguirei suportar por mais tempo esta situação. A minha esposa... O ruído do telefone veio interrompê-los novamente.

– Ok. Eu vou já aí. O médico pousou o auscultador e ergueu-se:

– A tua esposa acaba de chegar e está a ser encaminhada para o banco de urgência. Contornou a secretária e pondo as mãos nos ombros do jovem, aconselhou:

– Eu vou para lá e tu mantenha-te aqui, por favor. Ainda temos muito para falar.

Ermelinda e a prima caminhavam uma a frente da outra na estrada curta e alcatroada da Clínica “Santa Catarina” para o portão de saída. Antes de transporem os portões que davam para a rua, Ermelinda parou abruptamente e virou-se para o hospital. A prima que quase embatera nela, olhou-a mais preocupada e cruzando os braços no peito imitou-lhe o gesto.

– O que foi, Ermelinda?

– Não vou sair daqui, antes de falar com o doutor Moisés! Determinou sem desfitar os olhos da clínica.

– Ermelinda...! A prima tentou contrapor, mas calou-se.

– Está bem.

– Vamos esperar. Não podia abandonar a prima depois de todas as recomendações que lhe fizera a mãe antes de saírem de casa, para não a deixar em nenhum momento só. O seu comportamento estranho desde que tivera o bebé, ou melhor, desde que engravidara já começava a pôr toda a família em pânico.

Depois que o médico saiu, Luís Pedro ficou durante algum tempo a esperá-lo acordado. Mas, começou a bocejar logo e vencido pelo cansaço caiu num sono profundo. Há meia hora que ele se encontrava assim: com a cabeça tombada sobre os braços cruzados na secretária do

Dr. Moisés, quando este entrou.

Andando de mansinho o médico aproximou-se do jovem, e sacudindo-o levemente pelo ombro, chamou:

– Luís Pedro!

Emergindo do sono, ele sorriu constrangido.

– Sim, Doutor. Com os olhos postos no chão, balbuciou:

– Não consegui resistir ao sono. Sinto-me deveras cansado.

– Eu entendo.

– Então...! Perguntou o jovem, ansioso.

– A tua esposa chegou muito agitada à clínica. Tentamos acalmá-la com alguns sedativos, mas não obtivemos grandes êxitos. Ela quer ver-te.

Olharam-se novamente silenciosos.

Pouco tempo depois, Luís Pedro estava à cabeceira da esposa, terrivelmente impressionado. Parecia que até então nunca reparara direito nas transformações ocorridas na esposa desde o parto: sentada com as costas encostadas ao espaldar da cama, tinha o rosto muito abatido e pálido. O corpo extremamente magro.

– Rosa...! Sentara-se na cama.

– Luís, perdoas-me? Nem sequer o olhava e a sua voz soava baixinho:

– Perdoas-me, Luís?

– Mas perdoar-te de que, amor? Replicou confuso e cheio de pena.

Ela segurou-lhe pelos braços, e com um pouco de coragem ergueu os olhos e fixando-os nos dele, confessou:

– Tudo o que fiz foi por amor. Amei-te desde o primeiro momento em que te vi. Desviou o rosto e o seu olhar vagueou perdido pelo aposento pequeno. Mas parecias ainda preso à tua antiga namorada. Uma espécie de embaraço perpassou pelo rosto do homem. Ele ainda era sensível a antiga namorada e mesmo quando tentava dominar esse sentimento, era-lhe impossível disfarçá-lo totalmente. A voz da moça soou mais triste ao retomar:

– Então, achei que poderia te prender a mim através de uma gravidez. Os olhos fundos, cheios de sofrimento, fixaram-se a muito custo no rosto do marido:

– Mas tu eras tão astuto! Correu novamente os olhos em redor, como se suspeitasse da presença de alguém que pudesse ouvir a confissão.

– Então decidi engravidar... Nova pausa.

– De outra pessoa!

Ele estancou, mas depois abanou a cabeça.

– Rosa, tu estás a delirar. Libertou um dos braços, passando carinhosamente a mão pelo rosto febril da esposa.

– Não, não estou, Luís. Durante a gravidez vivi sobressaltada pela terrível possibilidade de o bebé nascer diferente e tu te aperceberes que ele não era teu.

Luís Pedro observou o rosto desfigurado pelo sofrimento.

– Rosa, aquele menino é a minha réplica...

Rosa largou o braço dele e tapou os ouvidos com as mãos, não querendo ouvir mais aquilo.

– Pára! Pára, Pedro! Gritou ela, agoniada.

– Tu não vês que é justamente isso que me faz mal? Essa mania tua e da tua mãe de estarem constantemente a repetir que o menino é parecido contigo?

– Mas ele é de facto parecido comigo!

– Ele não é teu filho. No auge da agonia, baixou o olhar.

– O fato de ele ter saído parecido contigo é castigo de Deus, por eu ter-te enganado! Calou-se dilacerada e um silêncio cheio de tensão planou sobre eles. Luís pálido de surpresa, abanou de novo a cabeça, proferindo:

– Rosa, sei que estás a passar por um período difícil...

– Luís Pedro...! Tentou interrompê-lo, mas ele juntou a mão dela entre as suas e beijando-a, aconselhou:

– Acalma-te, eu vou chamar o médico.

E saiu a correr como a fugir daquela situação terrivelmente constrangedora: a única pessoa com autoridade para tal, jurava que o filho que ele acreditava ser seu era de outro indivíduo e ele pateticamente se esforçava por desmentir.

Estavam sentados novamente no consultório. O médico ficou sem palavra quando Luís Pedro acabou de contar a confissão surpreendente da esposa. O jovem inclinou a cabeça e ficou a olhar para as próprias mãos.

– O Sr. disse-me há bocado que os exames de DNA provaram que o menino é meu filho!

– Sim, eles confirmam a tua paternidade. Ele começou a bater com a esferográfica sobre a mesa.

– Mas disse-te também que... Interrompeu-se e abanou a cabeça.

– Não, isso eu não lhe disse. Depois foi como se um certo pensamento te tivesse atravessado a mente. Mas seria possível? Voltou a abanar a cabeça.

– O que é que não me disse, Doutor?

Ele pousou a esferográfica na secretária e juntando as mãos sobre a mesa, inclinou o tronco para frente:

– Luís, tu conheces uma senhora chamada Ermelinda Pascoal?

– Não, respondeu de imediato. O coração começou a bater descompassado. Humedeceu os lábios e engoliu em seco antes de retrucar:

– Mas o que é que esta história toda tem a ver com ela?

O médico fitou o rapaz com intensidade.

– Então, a conheces?

Luís Pedro ficou mudo. Devagar, ergueu-se e foi à janela. Lá fora, o crepúsculo tomava de assalto o espaço. Virado de costas para o médico, pôs as mãos no bolso. Os seus pensamentos voltaram aos seus tempos de solteiro. Depois de cinco anos de um namoro marcado por fortes pressões e incidentes tristes, Ermelinda e ele haviam decidido dar tempo um ao outro. Nesse espaço, ele conhecera Rosa, e sem que ele apercebesse vira-se de repente envolvido nas malhas da moça. Separado de uma mulher com quem namorara durante anos e acreditava amar, sentia-se fragilizado, deixando as coisas se desenrolarem fora do seu controle. Tão logo iniciara o namoro, ele já era conhecido por toda a família da moça. Confrontara-se com diversas situações que o convenceram da sinceridade e intensidade dos sentimentos de Rosa em relação à sua pessoa. Pouco a pouco, tudo o que pudesse haver sentido por Ermelinda aparentava ter-se extinguido.

Alguns meses depois encontrara-se com Ermelinda. O amor que tinha por ela reacendera. Reatarem, mas ele se viu incapaz de se desligar da Rosa. Chegou uma altura em que as duas se aperceberam da existência de uma e da outra. Rosa considerou Ermelinda uma rejeitada inconformada. Ermelinda, por sua vez, considerou Rosa uma oportunista que se aproveitara dum momento de fraqueza do seu namoro para usurpar o seu lugar. E cada uma prosseguiu a sua luta.

Quando as circunstâncias assim o exigiram, Luís Pedro decidiu separar-se definitivamente da antiga namorada.

Era um dia cinzento de Julho e fazia muito frio. Pedro estava sozinho em casa. Triste como o dia lá fora. Sentira-se perturbado durante todo o dia em função do que iria dizer a Ermelinda dali a pouco, quando ela estivesse ali. Ela fora sua namorada durante mais de cinco anos.

Tocaram a campainha. Pedro sentia o coração bater descompassadamente enquanto atravessava a sala para abrir a porta. Ao chegar junto à porta, hesitou, depois abriu-a com determinação. Era ela. Olhou para a Ermelinda toda radiante enquanto entrava na pequena sala escassa de mobiliário. Começou a tagarelar e, como era seu hábito, a organizar, recolocando no seu lugar os objectos e móveis que encontrava dispersos.

– Luís, não consegues manter as coisas organizadas!

– E tu não deixas escapar nada. Quase gritara, numa tentativa frustrada para atenuar o nervosismo.

A moça estacou e olhou-o. O namorado parecia muito nervoso parado no meio da sala com as mãos pousadas na cintura.

– Luís Pedro, o que se passa? Ermelinda murmurou, chegando-se para mais perto dele.

Ele ficou em silêncio, a pensar em como diria aquilo... Tinha passado o dia a pensar na melhor maneira de o fazer, sem magoá-la, mas naquele momento...

– Ermelinda, sabes que a nossa relação não tem caminhado bem nos últimos tempos. Sentou-se na ponta do sofá e ficando os cotovelos nas coxas, levou as mãos à cara num gesto de cansaço.

– Acho uma estupidez insistirmos num namoro que parece não ter futuro! Era isso que se passava na realidade? Preferiu ignorar esse súbito pensamento e a percepção do facto de que não era aquele discurso que ele ensaiara.

– Por isso... Interrompeu-se apenas um momento para respirar fundo antes de, por fim, atirar:

– Temos de acabar com esta relação.

– O quê? Murmurou, não acreditando no que estava a ouvir.

– Pedro, que é que estás a dizer?!

Ele ergueu-se e olhou para ela e sob a luz fraca da lâmpada, reparou que os seus lábios tremiam. Não conseguiu responder.

O silêncio inundou a sala, agitado.

– Luís, mas e eu, como fico? Perguntou abalada, mas tomando um ar severo, acrescentou:

– É por causa dessa moça que tu arranjaste, não é? Ele continuou mudo e ela agarrou-o pelos ombros, começando a sacudi-lo.

– É por causa dela?

– É sim. Falou acima da voz dela.

– Ela está grávida.

O silêncio abateu-se novamente sobre eles, carregado de angústia. Ela largou-o e num movimento instintivo levou a mão ao ventre como se com aquele gesto pudesse se certificar da existência da gravidez da outra.

– Grávida! Recuou alguns passos e ficou a olhar para o chão.

Do corredor, veio a voz duma criança que gritava: “Agarra a bola! Agarra a bola.” Nenhum dos dois a ouviu, permaneceram em silêncio.

Luís Pedro esperara que ela fosse levantar a voz, que o destratasse, que chorasse, mas não o fez. Ficou a olhar obstinadamente para o chão como se descobrisse nele novos motivos de interesse. Ele sabia que ela sofria muito mais assim, calada. Mas tinha de seguir em frente. Escolher entre os dois bens, o maior. E o maior bem seria acolher a mulher que esperava o seu filho. Já havia feito muitos pecados. Não podia abandonar a mãe do próprio filho.

Ermelinda ergueu o olhar para ele por um instante antes de finalmente, começar a dirigir-se para a porta. E assim tinham-se separado.

Depois daquele encontro, ele tentara em vão com ajuda de alguns amigos estabelecer um contacto de paz, uma amizade. Para aumentar a distância entre eles, ela mudara-se para casa de uma tia, no Bairro Benfica.

Só quando terminou o relato é que ele se virou para o médico. Como um relâmpago, este soube imediatamente o que acontecera.

– Então, está tudo esclarecido! Proclamou o homem com espanto.

– Como assim, Doutor? E como entra a Ermelinda nesta história toda?

– Pedro, senta-te. Convidou e retomou calmamente.

– Eu disse-te há pouco que havia um dado em relação aos testes feitos na África do Sul sobre o qual eu não me pronunciara. Inclinando o tronco para diante, prosseguiu:

– Pois eu não disse que o teste feito a senhora em relação ao bebé que ela tem, mostrou que aquele não é de facto o seu filho.

Luís Pedro soltou uma risada nervosa.

– Sim e o outro mostrou que o menino que está comigo é de facto meu filho!

– Teu e da Ermelinda Pascoal. É assim que se chama a senhora que disputa o bebé que está contigo. – Sem dar tempo ao rapaz para organizar e digerir as informações, o médico continuou a bombardeá-lo:

– Na altura em que te separaste dela ela já esperava o bebé. O menino que está com ela e que com razão, ela rejeita é filho da tua esposa e do indivíduo que só ela deve conhecer!

QUANDO FALTA OXIGÊNIO NO BERÇÁRIO

I

O número de internadas na Sala Pré-Parto estava agora reduzido a três senhoras. No pequeno espaço, ouvia-se apenas o som dos gemidos emitidos por duas parturientes:

Contínuo e monótono. Sentada na primeira cama com os pés suspensos a balouçar, Elisa olhava triste para as mulheres que se debatiavam com as dores, consciente de que as novas companheiras de quarto também se despachariam primeiro e ela seria deixada ali mais uma vez.

Estavam sob cuidados do pessoal de um novo turno. Era tão diferente o tratamento que recebiam destes profissionais que a menina sentia-se como se tivesse sido transportada do inferno para o paraíso. Até a própria atmosfera da sala parecia aliviada a despeito dos gritos de dores das companheiras.

Por algum tempo, além dos gemidos ouviu-se um ruído leve de passos que cessou com a chegada à sala da Doutora. A mulher corpulenta e alta parou entretanto à porta. Percorreu a sala com o olhar. A sua presença não inquietava as parturientes, pelo contrário reforçava a sensação de segurança.

Devagar, dirigiu-se ao leito em que estava Elisa.

– Então, menina já te decidiste? Falava num tom carinhoso e o seu olhar estava repleto de ternura.

– O bebê não pode permanecer muito tempo na barriga depois da bolsa de água rasgar-se, ele entra em sofrimento.

Vinte e quatro horas depois do começo do trabalho de parto caracterizado por dores lentas e leves, a doutora informara-lhe de que algo corria mal. E por isso o parto deveria ser de cesariana. Depois de

vencer o pânico causado pela notícia, Elisa tentara protelar a decisão da médica:

– Doutora, vamos esperar mais um bocado?

Naquele momento a moça rodeou a barriga com os braços e arquejante, perguntou:

– Doutora Carla, porque demora tanto o meu parto?

A obstetra aproximou-se mais da parturiente. Permaneceu calada, fitando-a. Pensava em como responderia aquela pergunta.

– Isso acontece quando as contracções do útero apresentam-se com uma frequência e intensidade insuficientes para produzir alterações do colo uterino, atrasando a dilatação... Um grito agudo varreu a sala interrompendo a explicação da médica. A Doutora adiantou-se para a mulher da cama número três. Uma enfermeira chegou ali a correr. Médica e enfermeira acercaram-se da parturiente, desvelando-se em cuidados perante ela. Mas logo, as dores largaram-na e o corpo da mulher tombou na cama, pesado.

– Vigiem-na. Ordenou a médica.

– Está bem, Doutora. Vou já preparar o jogo de trabalho de parto.

A enfermeira retirou-se e a obstetra encaminhou-se novamente para junto de Elisa.

– Olha, Elisa, se dentro de mais alguns minutos este menino não nascer só nos restará apenas a cesariana. A moça que apoiara o cotovelo no ventre volumoso, o queixo na mão, ficou a olhar a médica aniquilada. Não queria a cesariana. Não queria limitar a sua maternidade a quatro partos.

A médica olhou-a com compaixão. Pousara-lhe a mão no ombro:

– Não digo isso para te alarmar, mas apenas para o teu bem e principalmente para o do bebé! A indução falhou e a bolsa de água já rebentou há algum tempo...

Elisa baixou o olhar para a própria barriga, depois olhou para a obstetra e uma vez mais verificou que aquelas mulheres tinham, em relação às do turno da véspera, uma maneira diferente de falar e tratar as pacientes: sempre com delicadeza e diligência.

O silêncio acariciado pelos gemidos de uma das parturientes estendeu-se por algum tempo.

– Doutora Carla, eu sei que o meu bebé vai nascer sem necessidade de cesariana. Parou por causa de uma dor leve e respirou fundo.

– Vamos aguardar mais um bocadinho. As dores estão a aumentar.

– Então, que Deus seja louvado!

II

O Berçário era uma unidade da Maternidade especializada para prestar assistência aos bebés prematuros com problemas graves, e outros com outras dificuldades. Era uma sala organizada com equipamento próprio: as incubadoras, cuja função é manter crianças prematuras em condições ideais de temperatura, oxigenação e humidade.

Lá fora, o sol das dez horas queimava e no Berçário o ar era abafado. O turno que começara às oito horas contava apenas com a presença de uma enfermeira. Dona Elisabeth, debruçada à janela, avistava o pátio da maternidade repleto de mulheres, a maioria grávidas. Era geralmente o que faziam as enfermeiras quando não tinham trabalho. O sol quente lá fora, a ausência de colegas na sala e a falta de actividade, tudo isso provocava um aborrecimento sem limites. O ruído da porta se abrindo, sobressaltou-a. Sem virar o corpo, olhou por sobre o ombro a colega que irrompia pela sala com um bebé no colo.

– Elisabeth, este bebé precisa ser imediatamente colocado numa incubadora. A colega explicava precipitadamente:

– O parto foi demorado e ele entrou em sofrimento. Já fizemos algum trabalho de reanimação lá em baixo, mas ele está com uma forte apnéia.

– Deixa-lhe aí, Marisa. Ela voltara novamente o rosto para a rua. Marisa falou com a respiração ainda agitada:

– Elisabeth, este bebé pode morrer!...

Suspirando, Elisabeth virou-se então para a colega, estendeu o braço, apontando na direcção das incubadoras.

– Nenhuma delas está a funcionar. Há vários dias que o Berçário não é abastecido de oxigénio. Era falsa a sua afirmação. Havia uma a funcionar. Mas como sempre quando ela notava esgotar-se o oxigénio, ela fazia uma reserva para o caso de surgir a necessidade de usá-lo com o bebé de um parente, ou de alguém que pudesse lhe valer com algum dinheiro.

Marisa percorreu a sala com o olhar, baixou os olhos para o rosto arroxeadado do bebé, depois ergueu-os novamente para a Elisabeth:

– Mas então o que vai acontecer com o bebé?

Houve um novo silêncio. De costas para a janela, Elisabeth apoiou ambas as mãos no parapeito. Sentenciou, então:

– O mesmo que tem acontecido com os outros... morrer!

Marisa fitou-a, chocada.

– Mas, Elisabeth!...

– Isso é um problema que me ultrapassa! Não sou eu a responsável. Aproximou-se da colega e arrancou dos seus braços o bebé. Olhou durante um momento a criança em sofrimento, sem a expressão do seu rosto se perturbar o mínimo que fosse e em seguida afirmou:

– Vai morrer este e morrerão muitos outros enquanto não se fizer o abastecimento. Não é nosso problema. Colocou o bebé numa incubadora desligada, deixando a caixa aberta.

– É um problema conjuntural, não é essa a palavra que agora se usa para justificar todos os males? Vês. Ela afastou os braços, acrescentando:

– Já são dez horas e apenas estou cá eu. As minhas colegas, quase todas elas vivem em Viana e no Morro Bento, devem estar retidas no trânsito engarrafado. E os médicos? Onde estão, Marisa? Este bebé precisa é de assistência de um pediatra.

Deu as costas à colega e tomou novamente a sua posição à janela. A colega foi até à incubadora, sentindo-se cheia de piedade para com o bebé cuja respiração quase já não se fazia sentir. Deu alguns passos em direcção à porta, mas parou. Tornou a olhar para a colega. Sentindo que Marisa a observava, a enfermeira volveu a cabeça:

– Colega, já te disse, não precisas me olhar dessa maneira!

Marisa moveu os lábios, mas não conseguiu falar. Vacilante, começou a afastar-se.

A enfermeira Elisabeth ficou a vê-la arrastar-se para fora do berçário, triste. Encolheu os ombros e, de novo, ficou a olhar pela janela. Mas sentiu que não conseguia ficar quieta. Levada por um súbito sentimento aproximou-se da incubadora onde jazia o único bebé da sala. Observou longamente o bebé. Guiada pela mesma força estranha, ergueu o pulso fino do menino, examinando a manilha. Sentiu o coração a bater com mais força. Com a mão que começara a tremer rebuscou o telefone do bolso da longa bata. Ainda com movimentos frenéticos discou um número. Logo depois ouviu a voz que respondeu aliviada do outro lado:

– Mana Elisabeth!

Não conseguiu conter a excitação:

– Paulo, a tua mulher?...

– A mana está de serviço? Quis saber a outra voz.

Elisabeth quase gritou ao repetir a pergunta:

– Paulo, a tua mulher?

O rapaz como a se refazer do susto, fez uma pausa antes de responder, agravando deste modo o tormento da irmã.

– Mana, ela está na Maternidade desde ontem.

– E o bebé já nasceu?

Ouviu a porta do corredor abrir-se e ser atirada com violência. Os passos ruidosos dificultaram-lhe por alguns segundos a audição:

– Paulo, não percebi o que disseste!

– A Elisa já teve, mas dizem que o bebé está muito doente e...

A porta do berçário abriu-se bruscamente e uma colega introduziu a cabeça pela fresta, anunciando apressadamente:

– Elisabeth já cheguei, vou só num instante ao camarote mudar de roupa. E retirou-se.

Elisabeth olhara-a sem a ouvir.

– Porque não me ligaste, Paulo? Porquê?

Paulo observou mais uma pausa antes de esclarecer:

– Eu liguei, ou melhor, tentei...

O silêncio voltava à sala à medida que os passos da colega enfraqueciam.

– Tentaste, Paulo? Eu não vi chamada nenhuma tua no meu móvel?

– O meu telemóvel não tinha saldo, por isso tentei ligar do telefone do meu amigo que nos trouxe à maternidade, mas a mana não atendia...

Claro! Ela nunca atendia às chamadas de números estranhos. A mão da senhora começou a convulsionar. O ruído do telefone estatelado no chão de mosaico ecoou sala fora. Reunindo forças, ela precipitou-se para o bebé, o terror manteve-a petrificada por alguns instantes. Depois pegou no sobrinho que parecia já morto e colocou-o na única incubadora a funcionar. Recuperou o telefone que apesar da violenta queda retinia.

– Aló.

O irmão, do outro lado da linha, não reconheceu a voz sufocada de medo.

– Quem fala? Eu quero falar com a dona do telefone!

Dona Elisabeth fez um enorme esforço para se controlar:

– Paulo, sou eu...

– Mas o que se passa, mana?

– Paulo, meu irmão, eu ia mata... Começou num ímpeto, mas interrompeu-se.

– O que é, mana?

– Tenho de desligar. E sem mais explicações, a senhora desligou o telefone na cara do irmão. Tinha as palmas das mãos inundadas de suor enquanto discava um outro número. “O telemóvel está desligado ou numa área sem cobertura”. Ela ouviu a mensagem e premiu o botão do “end” com irritação. Andando de cá para lá na pequena sala, discou o número da outra operadora. Alguns segundos depois, ela suspirou aliviada:

– Aló, Doutor! É a enfermeira Elisabeth... do Berçário. Fez uma pausa como para dar tempo ao homem para processar a informação:

– Doutor Rafael, tenho um sobrinho muito doente aqui no Berçário... preciso da sua ajuda! Chorava.

III

A recuperação do bebé tinha sido difícil. Só um mês depois do seu internamento é que os pais receberam licença para levá-lo do hospital. Quando Elisa e o marido se apresentaram felizes ao Berçário para levar o filho, o médico que o assistira chamou a enfermeira Elisabeth à parte.

Estavam de pé no fundo do corredor calados. Elisabeth deduziu que o médico pretendia que ela lhe fizesse naquele momento a retribuição pelos favores prestados. Ficou a olhar para ele, embaraçada. Esperava que fosse ele a começar. Depois de largo espaço de silêncio, o médico sacudiu-se como se só agora se lembrasse da razão que o levava a fazer aquele encontro.

– Elisabeth. Colocou as mãos nos bolsos da longa bata, adoptando a atitude de quem vai dizer algo difícil:

– Você devia ter posto o bebé na incubadora logo que chegou ao Berçário...

Ela inclinou a cabeça:

– Dr., eu não sabia que o menino era meu sobrinho!

– Oh! Fez o homem, indignado e retirando as mãos do bolso, pôs-as na cintura.

– Afinal... O médico teve ímpetos de gritar censuras, de dizer certas verdades àquela mulher, mas contendo-se, ecoou:

– Não sabias que o menino era teu sobrinho!

Porém, retomando o ânimo, a senhora juntou as mãos no peito:

– Mas graças a Deus e ao senhor ele está salvo!

O médico olhou para a outra extremidade do corredor. Os pais do menino aguardavam pela Elisabeth e não despregavam os olhos deles. E uma vez mais o pediatra sentiu que devia dizer aquilo:

– Elisabeth. O médico cruzou os braços nas costas e baixou o olhar para os próprios pés e disse:

– Aqueles minutos, privado da respiração... foram suficientes para o menino perder o oxigénio que lhe afectou o cérebro. Encarou-a então resolutamente:

– O rapaz terá um desenvolvimento retardado.

Elisabeth ficou diante dele, estática, de braços caídos, os olhos escancarados postos no rosto do médico. Calou-se.

– Elisabeth! Chamou-a o homem ao cabo de algum tempo de silêncio.

Arrancada de terríveis pensamentos, ela teve um sobressalto e olhou o pediatra, sem coragem:

– Dr. Rafael, como é que eu faço para contar uma coisa dessas ao meu irmão? É o seu primeiro filho! Não houve resposta. E ela terminou com uma voz enfraquecida, dizendo:

– E a minha cunhada?

O médico limitou-se a uma leve sacudidela de ombros. Do outro lado do corredor, Elisa e Paulo aguardavam alegres pela irmã.



